

# Defesa Nacional

---

DE JULHO  
9 4 1

NÚMERO  
3 2 6

Diretores responsáveis:

Gen. Heitor Borges  
Maj. Djalma Dias Ribeiro  
Maj. Batista Gonçalves

# A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXVIII

Brasil — Rio de Janeiro, 10 de Julho de 1941

N.º 326

## SUMÁRIO

	Pág.
Editorial .....	3
Exercícios Noturnos — Pelo Ten.-Cel. Floriano de Lima Brayner .....	9
Pedagogia — Pelo Ten.-Cel. Alcindo Nunes Pereira .....	17
Missões especiais na Cavalaria — Pelo 1.º Ten. Moacir Potiguara .....	23
A Cavalaria na guerra moderna .....	41
A Moto-mecanização na cobertura — Pelo Cap. Luiz França Oliveira .....	47
Princípios gerais de reconhecimento da Artilharia anti-aérea — Pelo Ten. L. F. S. Wiedmann .....	51
Serenidade — Major S. L. O. ....	62
O Destacamento de descoberta mixto — Pelo Cap. A. C. Monteiro Aragão .....	63
Notas de Tática Aérea — Pelo Major Nilo Guerreiro .....	83
Paraquedistas — Pelo Major Olympio Mourão Filho .....	99
Elementos de apoio nos engenhos blindados — Pelo 1.º Ten. Asaão Benchimol .....	107
O esboço Perspectivo — 2.º Ten. Ferdinando de Carvalho .....	113
Tração dianteira ou trazeira para os veículos sobre lagartas? — 1.º Ten. Glimedes Rego Barros .....	123
Motorização e guerra — Ten.-Cel. von Oheimb — Trad. Jen. Klinger .....	129
O cinema a serviço da instrução e da história — Trad. do Jen. Klinger .....	135
O exército do trabalho — Pelo Major Xavier Leal .....	139
A promoção por merecimento no Exército — Pelo Major Ivano Gomes .....	143
Guerra de Sucessão — Pelo Major Arthur Carnauba .....	147
Retirada da Laguna — Pelo 2.º Ten. José Carlos Moreira .....	165
A Criptografia e a arte do Decriptólogo — Pelo Major K .....	181
Um tabú: O 2.º período — Pelo Major F. D. Ferreira Portugal .....	199
Custo de vida — Padrão de vida — Organização social .....	119
"Documentos..." — Pelo Cap. José H. Garcia .....	223
O engajamento — Pelo Major Carlos Coelho Cintra .....	227
Livros do Exército — 1.º Ten. Umberto Peregrino .....	231
Noticiário & Legislação .....	243

Comp

Brasil

DO SU

DA PI

PARA

Soc.

SANT

S. PA

Agente

**A**

**DEFESA**

**NACIONAL**

**Revista de assuntos militares**

**Ano XXVIII**

**Tomo 2**

**1941**

## Editorial

Nas grandes linhas do seu programa, "A Defesa Nacional" evolue, adaptando-se às transformações que o decorrer dos tempos impõe, conservando-se entretanto diante dos problemas essenciais com a tenacidade que a sua solução hoje, mais do que nunca, exige.

Assim, voltando agora à questão da permanência dos oficiais nas funções, fazemo-lo recordando que já em 1917 este assunto era nessa mesma página ventilado.

E hoje, que a solução dos problemas referentes à defesa nacional são de inadiável urgência, achamos oportuno insistir neste delicado assunto, já pela maioria dos exércitos modernos resolvido em definitivo.

A Lei de Movimento dos Quadros, era uma necessidade; impunha-se em país de território como o nosso, excepcionalmente extenso, compartimentado em regiões geograficamente dissemelhantes, militarmente distintas. Além disso, aspectos políticos, que bem conhecemos, dão ao exército brasileiro, além das suas normais, a elevada missão de elemento homogeneizador do pensamento e unificador das aspirações de todos os núcleos demográficos semeados pela vastidão do Brasil. E, em consequência temos, além dos nossos deveres profissionais de instrutor e comandante, o dever social de cooperar na solução de todos os problemas nacionais.

Porisso, tanto o Exército quanto o Brasil necessitam de que o oficial conhecesse várias regiões, pelo trato direto com elas, sentindo a realidade dos aspectos geográfico, militar e humano de cada uma. Para o oficial, o rodízio que a lei lhe impõe se traduz praticamente num aumento de possibilidades e no aprimoramento da sua eficiência no exercício profissional, no

nosso caso particular, embora com o sacrifício de uma estabilidade que lhe traria vantagens materiais. . . .

O problema, porem, é complexo. E isso nos não surpreende, a nós que sabemos quanto, de dia para dia, crescem em complexidade os problemas militares.

Porque se por um lado o oficial até certa "categoria" funcional carece da movimentação a que a lei o submete, por outro lado o problema nacional da manutenção permanente do país em condições de enfrentar sem traumatismos a eventualidade da guerra, traz imposições contrárias: exige que haja nos quadros dos órgãos que superintendem o preparo do país para a guerra uma certa estabilidade que lhes permita trabalho homogêneo, equilibrado e sobretudo contínuo.

Na guerra moderna só pode haver "relâmpago" no que concerne a execução. Em contraste, para que a execução se desencadeie como um lampejo, a preparação tem de ser ponto de meditação e de montagem cada vez mais completa, minuciosa e perfeita. Para isso, assim como os quadros executantes se especializam à medida que o material se avoluma, também os órgãos superiores se desdobram para permitir a especialização à medida que a preparação deva ser mais pormenorizada e precisa.

São, pois, dois aspectos diversos do mesmo problema a resolver.

Ora, em regra, todo o indivíduo que assume uma função qualquer passa sucessivamente por três fases:

- a de ambientação, em que se entra em contacto com o novo meio e se faz a ligação indispensável com o trabalho do antecessor;
- a em que, ambientado e inteirado dos problemas a atacar, o indivíduo se orienta para soluções e começa a produzir;

do in  
do fir  
todo c  
a terç  
tação

N  
oficial  
servin

N  
reduzi  
ções d  
gião, a  
jor que  
esquad  
de algu

pelos re  
ser tran  
produzi

Ou  
fase é l  
os indiv  
po larg  
complex  
tes em s  
se se ex  
permanê  
zer ao ó

— finalmente, a que podemos chamar de aproveitamento do êxito: impregnado dos problemas, senhor do seu conjunto, interessado neles com um quadro de trabalho perfeitamente elaborado, o individuo colhe o fruto da experiência adquirida e aprimora “em qualidade” a sua produção.

Cargos há em que se pode reduzir a permanência do individuo, sem prejuizo para a função até o limite do fim da segunda fase; outros há, porem, em que há todo o interesse em que a permanência vá a fundo sôbre a terceira, em particular porque neles a fase de ambientação é demorada.

No primeiro caso podemos considerar as funções do oficial no corpo de tropa; no segundo caso as do oficial servindo nas funções de estado maior.

Nos corpos de tropa, a fase de ambientação é de reduzida duração, pois consideradas as pequenas variações determinadas por circunstâncias de tempo e de região, as cousas se repetem de forma semelhante: o major que comanda seu grupo, o capitão que comanda seu esquadrão, o tenente que comanda seu pelotão, depois de algum tempo de tirocínio é de tal modo favorecido pelos reflexos anteriores, que, quasi sem adaptação pode ser transferido de um para outro, passando de logo a produzir.

Outros há, porem, em que, ao contrário, a primeira fase é larga e demorada, variando particularmente com os individuos e o momento; a função se exerce em campo largo, abrange aspectos diversos, investe problemas complexos e sempre novos, lida com elementos resistentes em setores distintos e distantes. Então é necessário, se se exige eficiência, que selecionado o individuo, sua permanência seja demorada, a-fim de que possa êle trazer ao órgão respectivo as vantagens decorrentes de um

perfeito conhecimento dos problemas a resolver, com descortino sôbre todos os seus aspectos e uma nítida noção de conjunto.

Neste caso as funções de estado maior.

E ainda aqui necessário se torna fazermos uma seriação no tempo, uma vez que existe a seriação no espaço.

A função num estado maior regional é mais restrita do que a no Estado Maior do Exército. Lá são abordados problemas que podemos dizer regionais; e cada Região representa no caso um compartimento, um campo limitado, onde o oficial em menos tempo apreende as condições do ambiente da sua atividade e breve entra a produzir. Cremos não haver exagero o supormos que o limite mínimo de permanência de 2 a 3 anos nos estados maiores regionais seja razoável para o ponto de vista que defendemos.

No Estado Maior do Exército, porem, êste prazo seria insuficiente. Todos sabemos da complexidade dêsse órgão que hoje se equipara e por vezes mesmo se sobre põe aos mais elevados órgãos governamentais nas nações modernas. Com a aceitação universal do princípio da nação armada agora tão ampliado pela guerra total, a defesa nacional é o problema básico sôbre que assentam todos os demais problemas nacionais; e como a defesa nacional é o problema supremo do Estado Maior do Exército, a importância dêsse órgão, já de si relevante, hipertrofiou-se nos tempos que vivemos.

Destarte, o problema que, em cada compartimento ou setor vinha sendo abordado por partes de per si, ou observado por ângulos especiais, no Estado Maior do Exército terá de ser compreendido, interpretado e resolvido no seu conjunto próprio, bem assim nas suas ligações e correlações com os demais. Deixa de ser pro-

biema de  
flexível, c  
variados c  
ficas, poli  
qualquer p

Feita  
saltamos c  
rada perm  
maior do  
rar-se e c  
em plano t  
frequentem  
ria chegar  
luções exp  
dia, já na p  
para que p  
lhor sentid  
a paz.

Não se  
do nosso pa  
mos o valô  
na solução  
Brasil, em  
zer e mal c  
nacional, c  
necessários  
atividades;  
as atribuiç  
vá ser o fat  
tos problem  
ciosos, dand  
e as soluçõe

Em esf  
sas, nada po

problema de solução única, para ser problema de solução flexível, comportando por vezes uma gama de aspectos variados quantas as circunstâncias particulares, geográficas, políticas ou militares de cada teatro, perturbando qualquer pretensão de solução rígida.

Feitas essas rápidas considerações, parece que ressaltamos com mais clareza a necessidade de uma demorada permanência dos oficiais nas funções de estado maior do Estado Maior do Exército. Tendo que inteirar-se e colaborar na solução dos problemas nacionais em plano tão elevado, certo que não será com conjuntos frequentemente renovados que esse magno órgão poderia chegar a conclusões cabais e completas, traçando soluções expressas em planos que possam ser mantidos em dia, já na previsão da guerra, já (e muito especialmente) para que possa, como órgão consultivo, orientar no melhor sentido a solução dos problemas nacionais durante a paz.

Não será demais lembrar aqui que a situação atual do nosso país convida a certas considerações, ao lembrarmos o valor da cooperação do Estado Maior do Exército na solução dos problemas nacionais durante a paz. O Brasil, em pleno limiar do seu futuro, com tudo por fazer e mal começando a organizar a produção e a defesa nacional, carece por completo de elites técnicas com os necessários efetivos, em quasi todos os campos das suas atividades; então mais esta sobrecarga nas já numerosas atribuições desse órgão, porque pelo menos ele poderá ser o fator moderador das soluções apressadas de certos problemas em que entram em jogo interesses tendenciosos, dando tempo a que o nosso nível técnico se eleve e as soluções acertadas venham a seu tempo.

Em esfera tão elevada, nada pode ser visto às pressas, nada pode ser resolvido de oitiva. E' indispensável

o conhecimento da evolução anterior de cada problema, da ou das suas condições atuais, das forças tendenciosas que sôbre êle atuam, das suas dependências relativamente a outros e conhecimento dêsses outros; finalmente a visão pura da solução nacional em tôdas as suas modalidades.

Ora, os indivíduos normais, mesmo os mais bem dotados e os mais capazes de trabalho objetivo e contínuo, necessitam de tempo e de estabilidade para em boas condições exercerem funções de tal natureza e de tal amplitude. E não será num trato a curto prazo com tais questões que êles se porão em estado de produzir trabalho como o que é de desejar.

Mas... dirão, assim passarão muito poucos oficiais pelas funções de estado maior, em detrimento da grande maioria que delas ficaria privada!...

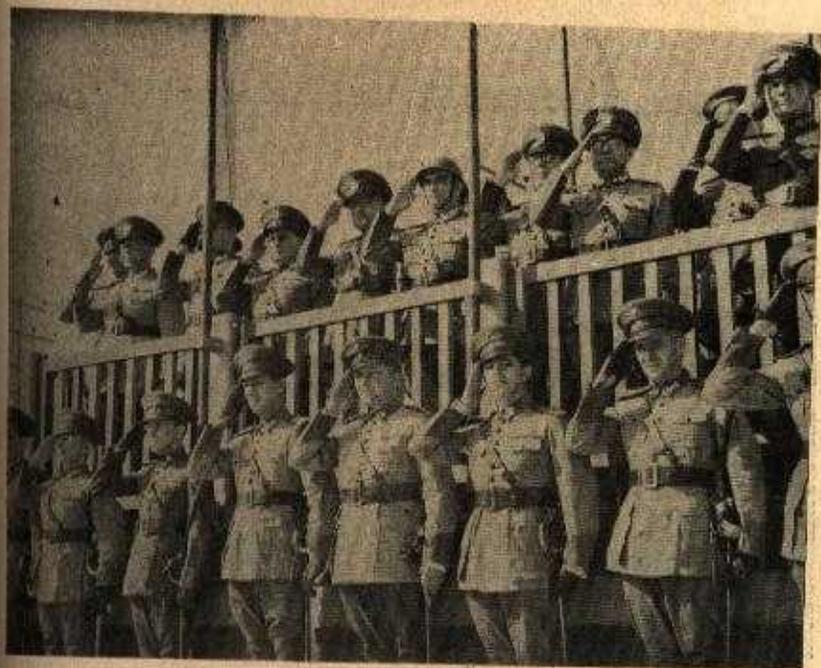
— Não, responderemos; porque ao lado do ocupante efetivo de cada cargo ficariam estagiários que se iriam revezando de ano em ano, de molde que todos os oficiais do quadro fossem sendo iniciados no exercício das diversas funções e em condições de participarem no futuro dos trabalhos das secções; além disso, seria possível uma seleção criteriosa para a distribuição das especialidades, levando em conta a observação das aptidões e possibilidades de cada um durante os respectivos estágios.

Este é um só dos argumentos, — a complexidade das funções; — outros há, não menos interessantes em favôr da regulação rigorosa da permanência do oficial nos cargos.

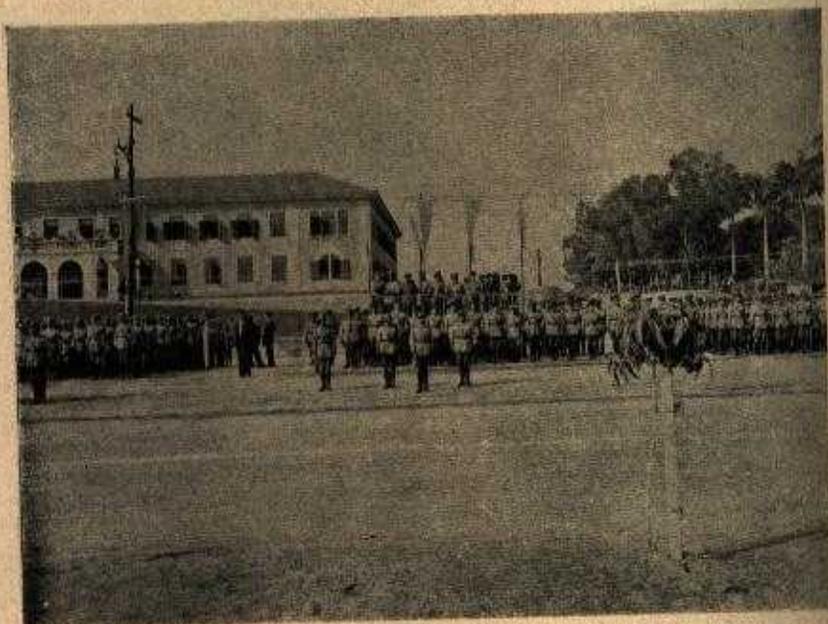
Mas ficamos por aqui, certos de que colocamos o leitor na base de partida para atacar o problema...



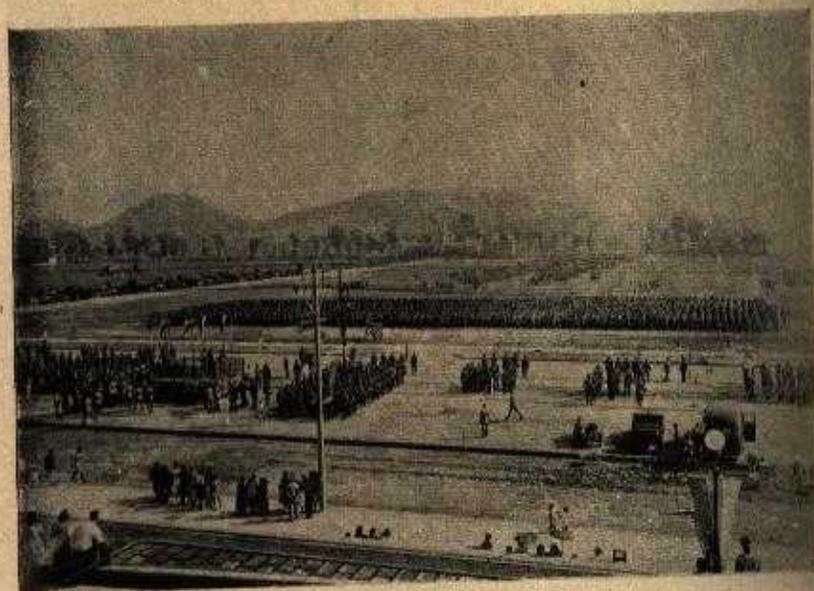
O Exmo. Snr. General Silva Junior, Comandante da 1.ª R. M. e 1.ª D. I., recebe cumprimentos dos Exmos. Snrs. Generais Heitor Borges, Cmt. da I.D. 1 e Lobato, Cmt. da A.D. 1 e dos Comandantes de Corpos da 1.ª R. M. pela passagem do 2.º aniversário de exercício naquelas altas funções.



O Exmo. Snr. Ministro da Guerra e os generais que exercem funções na Capital da Republica, assistem o juramento da Bandeira pelos conscriptos



O Exmo. Snr. General Cmt. da Guarnição da Vila Militar, na frente do palanque em que S. Excis. o Ministro da Guerra, assiste o desfile dos conscritos, depois do juramento à Bandeira.



A tropa da Guarnição da Vila Militar.

EXE

1 — Um re

As aç  
de mais in  
incessante  
tam restrig  
de noite.

Todos  
canhões ou  
assegurar u  
terrestres, o  
altitude.

Nessas  
liminares d  
a se realiza  
(golpes de m

A ativ  
helamente a  
mente nas m  
centrações  
de insegura  
daquela ope  
damente as  
com uma D

De qua  
tor da noite  
visa, princip  
teriais, além

# EXERCÍCIOS NOTURNOS

PELO TEN. CEL.

FLORIANO DE LIMA BRAYNER

## — Um ramo de instrução difícil.

As ações à noite continuam sendo na guerra moderna, o mais intenso uso, mórmente diante do desenvolvimento incessante da arma aérea, cujas atividades já não comportam restrições nas suas modalidades de emprêgo de dia ou de noite.

Todos os engenhos consagrados à Defesa Anti-Aérea, canhões ou metralhadoras, têm-se revelado impotentes para assegurar uma proteção ao menos razoável, aos objetivos terrestres, que tem sido destruídos, ou metralhados à baixa altitude.

Nessas condições, uma grande parte das operações preliminares da batalha, assim como as subsequentes, passaram a se realizar à noite, além das ações tipicamente noturnas (golpes de mão, ataques parciais, ocupação de posições, etc.).

A atividade aérea, entretanto, tem desenvolvido paralelamente as suas possibilidades de ação noturna, particularmente nas missões de bombardeio de objetivos fixos ou concentrações prèviamente reconhecidas, criando um ambiente de insegurança permanente, desde que, em proveito desta ou daquela operação, diurna ou noturna, não se tenha antecipadamente assegurado uma superioridade aérea, conjugada com uma D. C. A. eficiente.

De qualquer modo, porém, é ainda sob o manto protetor da noite, que se processam operações, cujo transcurso é, principalmente, a preservação dos efetivos e dos materiais, além das ações individuais peculiares ao serviço de

Segurança, em marcha ou no estacionamento, as ligações e transmissões, etc. . . .

Assim, é obvio que a preparação dos quadros e da tropa para as ações noturnas, deve constituir uma preocupação constante de todos os chefes responsáveis pela instrução, qualquer que seja o escalão de comando. Não é demais reiterar que essa instrução, mais do que outra qualquer, tem que ser rigorosamente objetiva e, por isso mesmo, meticolosamente preparada.

Evidentemente, sendo a noite destinada ao repouso, desde que se tome a decisão de sacrificar-lhe uma parcela de tempo em proveito da instrução, êsse tempo tem que ser muito bem aproveitado, para a exploração de um limitado quadro de ensinamentos muito precisos, em cada sessão de instrução.

E' forçoso reconhecer que, apesar de muito marteladas essas verdades, os exercícios à noite, de um modo geral, se resumem às **marchas mais ou menos extensas**, por estradas conhecidas e iluminadas, para verificação do rendimento individual e, exercício dos preceitos e precauções especiais.

Ninguém ignora que, realmente, os exercícios à noite são muito onerosos, pelo desgaste que acarretam à tropa e, principalmente, pelo sacrifício que impõem aos quadros, já fisicamente trabalhados no curso da jornada. Mas, ninguém pratica a instrução por espírito esportivo, nem para encher o tempo; fácil ou difícil, penosa ou deleitante, simples ou complexa, ela constitui a própria essência da profissão das armas: a **preparação para a guerra**.

## II — Como repartir os exercícios noturnos ?

A instrução da tropa, desde a fase **individual** até o adestramento da **unidade de emprêgo** é, como tudo mais, de complicação crescente, em todos os seus ramos, de acôrdo com a diretriz básica do nosso método regulamentar: **criar reflexos simples e duradouros**. Ora, o exercício noturno, qualquer que seja êle, pela falta de visibilidade, tende para incutir no

combatent  
mesmo, de  
de si mesm  
operação,

A obs  
aquele con  
enorme es  
em detrim  
recebida.  
cepcional  
a facultad  
obscuridad

Eviden  
precisam f  
tos oriunde  
locarem pe  
cibilidade em  
tumados à  
imprescind  
impossibili

A exp  
categoria,  
curso de u  
furtarem à  
mente nos

III —

a

A inst  
difíceis, pe  
dros. Não  
sendo pecu  
seus coman

Os qu  
dêsses exer

combatente, a sensação do isolamento individual, e, por isso mesmo, deve visar, de início, o desenvolvimento do **domínio de si mesmo**, para que se possa consolidar o espírito de co-operação, em meio a êsse aparente isolamento.

A obscuridade desfigura completamente o meio, mesmo aquele com que estejamos mais identificados, exigindo um enorme esforço mental de reconstituição, a cada momento, em detrimento das preocupações preponderantes da missão recebida. Há, mesmo, a atribuição de um verdadeiro e excepcional sentido, aos indivíduos que tem mais desenvolvida a faculdade de se locomoverem e identificarem em plena obscuridade.

Evidentemente, porém, os que não o tem nesse grau, precisam fazer o seu desenvolvimento gradativo. Os conscritos oriundos dos campos, pelo hábito de trabalharem e se deslocarem pelos caminhos, sem iluminação, encontram mais facilidade em assimilar êsses ensinamentos; os da cidade, acostumados à luz artificial, custam a adquirir êsse auto-contrôle imprescindível na obscuridade, pela dificuldade, quando não impossibilidade, da ação de comando direta.

A experiência tem demonstrado que os indivíduos dessa categoria, chegam ao extremo de se despersonalizarem no curso de um exercício noturno, pela impossibilidade de se furtarem às consequências da sensação de isolamento, mórmente nos períodos de silêncio e expectativa.

### III — Quem deve ministrar a instrução? — Dificuldades a vencer.

A instrução noturna é, por todos êsses motivos, das mais difíceis, penosas e de maior responsabilidade, para os quadros. Não deve ser ministrada por "especialistas", pois, sendo peculiar a todo combatente, os instrutores devem ser os seus comandantes normais.

Os quadros precisam, em todos os escalões, participar d'êsses exercícios, acostumando-se a trabalhar e a comandar:

- ao cair da noite (transição da tarde para a noite);
- em plena noite, de meia obscuridade;
- em noites de luar (terrenos conhecidos e desconhecidos);
- em noites brumosas (terrenos conhecidos e desconhecidos).

Nenhum exercício deve ser iniciado, pela primeira vez, em plena obscuridade; o início deve ser com a aproximação da noite, de maneira a se tornar perceptível, o desaparecimento gradativo da luz natural e a transfiguração do meio, trazendo como consequências: perda da noção de dimensão, aumento de expansão e repercussão dos ruídos, visibilidade crescente dos pontos de luz artificial, modificação aparente das formas do terreno, etc..

Trata-se, portanto, de uma preparação que tem por base, sem restrições, uma instrução individual muito atenta, e que é sempre, oportuna e constantemente retomada, mesmo a título de treinamento.

#### IV — Como orientar metódicamente a instrução noturna?

Há por aí afóra uma infinidade de programas para os exercícios à noite, bem elaborados alguns, outros francamente teóricos, outros sem um encadeamento racional dos assuntos e, por isso mesmo, pouco objetivos; outros finalmente inexequíveis. De qualquer modo, porém, o exercício que mais se pratica, por ser mesmo parte das exigências dos exames do 1.º período de instrução, são as **marchas noturnas**. Executada às vezes, sob forma aleatória e com a única preocupação de cumprir o programa e treinar para os exames do fim do período, é muito comum verem-se sub-unidades completas, sob o controle de um único oficial subalterno a cavalo, desfilar por estradas iluminadas e fartamente conhecidas, sem outra prescrição que não seja ir até um determinado ponto e regressar à Caserna, depois de tantos ou quantos altos horários...

Há, entretanto, muitas outras cousas a fazer, com certa premência, dada a limitação do tempo destinado a essa instrução.

Não basta, porém, criticar. Muitos êrros são praticados com as melhores intenções, ao passo que muita gente peca por omissão, por não ter recebido uma orientação segura. A título, pois, de colaboração, tentaremos fixar os traços principais de um programa de exercícios à noite, que os executantes procurarão adaptar às suas condições particulares.

Tal como está escrito abaixo, já foi executado e alcançou resultados compensadores.

## V — PROGRAMA DE EXERCÍCIOS NOTURNOS.

### A) Instrução individual e do Grupo de Combate:

- 1.º — Orientar-se à noite, agindo isoladamente;
- 2.º — Reconhecer-se de noite, primeiro ao longo de um itinerário que já foi percorrido; depois, segundo simples direções ou indicações;
- 3.º — Observar, de noite, os movimentos de outros grupos. Contar as passagens e assinalar as direções. Redigir relatório sôbre o que concluiu.
- 4.º — Ir, de noite, reconhecer alguma cousa que seja muito visível: bosque, fazenda, aldeia, etc.. Regressar e relatar em seguida.
- 5.º — Ir, de noite, reconhecer pessoas muito visíveis; fazer o mesmo com outras menos visíveis; agir do mesmo modo, finalmente quando apenas assinaladas em tal região. Relatório.
- 6.º — Dirigir, à noite, um grupo. Referências, direções, etc... Indícios, luzes, etc...
- 7.º — Tendo examinado de dia duas sentinelas, tentar passar entre elas desapercibido, na obscuridade;
- 8.º — Exercícios de conduta silenciosa, de Grupo e de Pelotão, à noite.
- 9.º — Uso dos artificios eliminativos. Passar desapercibido sob a luz.

**B) — Instrução das unidades elementares — Operações que se fazem ao cair da noite.**

- 1.º — Remuniciamento; substituição de um sistema defensivo em posição, em zona vista pelo inimigo;
- 2.º — Ocupação e organização de um ponto do qual foi possível se aproximar de dia.
- 3.º — Retomada de contacto, à noite, com as unidades vizinhas e com as autoridades hierárquicas dos quais se esteve separado durante o dia, pela impossibilidade de circular a descoberto.
- 4.º — Verificar se um posto inimigo, assinalado de dia, a binóculo, ainda se encontra no mesmo ponto, de noite.
- 5.º — Montar e realizar um golpe de mão, à noite, depois da necessária verificação, sobre uma localidade em que estejam acantonados engenhos inimigos.

**VI — Operações que se fazem a qualquer hora.**

- 1.º — Marcha de aproximação em terreno desconhecido, na direcção de uma frente mal definida; emprêgo do azimuth de marcha; lances sucessivos; acção das vanguardas atrás das patrulhas de ponta (esc. de reconhecimento); organização do balizamento e da sinalização das estradas, pistas ou localidades. Emprêgo de sinais luminosos orientadores.
- 2.º — Ocupação de uma base de partida, na segunda parte de uma noite de luar e numa noite trevosa; realização de um dispositivo de ataque.
- 3.º — Marcha de aproximação coberta. Nas proximidades do "front" presumido: escolha de uma posição de alto guardado, simples e segura. Envio de patrulhas destinadas a reconhecer a realidade

Es  
conhec  
conta  
dem se  
que se  
inimigo

O  
gradaç  
E' muit  
unidade  
nos out  
outro, a  
vidual,  
mentar,  
são, e d  
combate  
que o le  
gioso.

Adq  
zando, s  
das, as  
tantemen  
se assegu  
elite.

Deix  
como inst  
chas notu

Há, p  
operações  
quando a  
trabalhos

da frente amiga. Em seguida, balisamento, substituição.

---

Esses exercícios devem ser executados em terrenos desconhecidos, e de dificuldade crescente. Deve-se levar em conta que a procura e identificação das tropas amigas, podem se tornar muito delicadas à noite; há casos mesmo, em que se pode, com a mesma facilidade, cair sobre elementos inimigos ou amigos.

O simples exame dêsse programa dá logo uma idéia da gradação dos assuntos e do vulto dos elementos a instruir. E' muito comum se fazer na tropa, a instrução à noite, já em unidades constituídas. E' um êrro, talvez mais grave do que nos outros ramos de instrução. Mais do que em qualquer outro, a instrução à noite, deve se iniciar pela instrução individual, pois, mesmo trabalhando no âmbito da unidade elementar, sob a pressão da obscuridade que lhe impede a visão, e do silêncio que lhe é imposto pelas circunstâncias, o combatente se deixa assaltar pela sensação de isolamento que o leva à hesitação e ao medo desmoralizante e contagioso.

Adquirido o hábito de raciocinar e agir à noite, utilizando, se necessário, e em condições rigorosamente indicadas, as armas de combate, essa capacidade deve ser constantemente aperfeiçoada ou, pelo menos, mantida, para que se assegure um rendimento certo para determinada tropa de elite.

Deixemos, de uma vez por tôdas, o mau vêzo de dar como instruída, a tropa que executou tantas ou quantas marchas noturnas, sem maiores preocupações. Sejamos objetivos.

Há, por exemplo, na Infantaria particularmente, certas operações que os seus soldados só podem executar à noite e, quando a atividade aérea inimiga o permite. E' o caso dos trabalhos de organização do terreno numa situação defen-

siva, sob a influência da maior ou menor proximidade do inimigo. O rendimento do trabalho, o manuseio silencioso e rápido das diversas ferramentas, o acionamento, enfim, da mão de obra, que tem igualmente a missão de defender a faixa do terreno que lhe foi confiada, são encargos pesados e de alta responsabilidade que só podem ser plenamente satisfeitos, se tiverem constituido, no tempo de paz, uma ocupação constante de todos os órgãos de comando.

Temos, pois, razões de sobra para encarecer o sentido altamente objetivo da Instrução Noturna e solicitar para essa circunstância, a atenção de todos os responsáveis pela sua realização.

## SALITRE NATURAL DO CHILE

Para agricultura e para a indústria

REPRESENTANTES

ARTUR VIANNA & CIA. LTDA.

FORNECEDORES DO MINISTERIO DA GUERRA

Firma estabelecida desde 1900

FILIAL:

RUA FLORENCIO DE ARYEU, 491  
S. PAULO

MATRIZ:

AVENIDA SANTOS DOMONT, 227  
BELO HORIZONTE

FILIAL:

AVENIDA GRAÇA ARANHA, 26 3.<sup>o</sup>  
RIO DE JANEIRO

TINTAS PARA ESCREVER - TINTAS PARA CANETA AUTOMÁTICA - LÍQUIDO  
PARA LUSTRAR MOVEIS - TINTAS PARA CARIMBO - GOMA ARÁBICA LÍQUIDA  
PRODUTOS «DESARTS» PARA PINTURA ARTÍSTICA

### Usina Nacional Industrias Químicas Ltda.

RUA BARÃO DE ITAIPÓ, 66 -- Rio de Janeiro -- Brasil

TELEFONE 38-0947 - End. Teleg. UNIC - RIO - Caixa Postal 1377

TINTA NANKIN - ESMALTES - LACRES - VERNIZES - TINTAS A ÓLEO - LÍQUIDO E PASTA PARA POLIR METAIS - ÓLEOS

# PEDAGOGIA

Ten. Cel. ALCINDO NUNES PEREIRA  
INT. CHEFE DE TÁTICA GERAL DA E. E. M.

## 1 — INTRODUÇÃO

Analisámos, na palestra anterior, diversos fatores psicológicos que condicionam o entendimento e a aplicação das DIRETRIZES DO MÉTODO DE INSTRUÇÃO.

Examinaremos, agora, as modalidades principais que comporta êsse método, em virtude da variedade dos ensinamentos a ministrar; modalidades essas que constituem propriamente métodos diversos.

\*  
\*   \*  
\*

A instrução visa proporcionar ao indivíduo possibilidades que se podem grupar em duas categorias:

— possibilidades puramente intelectuais e possibilidades de ação.

A aquisição de tais possibilidades fazem-se de modo diferente: na das primeiras prevalece a atuação sobre as **capacidades mentais** e na das últimas predomina a atuação sobre os **reflexos**.

Com efeito, não se aprendem as quatro operações da mesma forma pela qual se aprende a saltar; naturalmente diferentes são as maneiras de transmitir um e outro ensinamento.

Para uns conhecimentos, o instrutor terá de dar aulas e fazer interrogatórios, e para outros, que no nosso caso são os mais numerosos, terá de efetuar exercícios que habilitem à execução correta de atos ou movimentos.

No primeiro caso, a principal condição a satisfazer pelo instruendo é "**SABER**" e no último é "**SABER FAZER**".

Há nisso evidente e essencial diferença, que é frequentemente ignorada.

O "**SABER**" pode ser adquirido lendo ou ouvindo, mas o "**SABER FAZER**" só se aprende executando; daí o provérbio que diz: "**SÓ FORJANDO, CONSEGUIR-SE-Á SER FERREIRO**".

A palavra é um meio maravilhoso, sem ela certamente nada se pode fazer, mas não nos iludamos com as **suas virtudes educacionais**, nem façamos confusão com certos aspectos particulares de sua eficácia. Se lhe pedirmos mais do que **ela** pode proporcionar, as decepções serão inevitáveis.

E' um erro comum ao instrutor pouco experiente imaginar que simplesmente **EXPÔR E' ENSINAR**.

O instruendo só aproveita o fruto de sua própria atividade.

A eficiência da instrução é proporcional ao trabalho ou esforços desenvolvidos pelos próprios instruendos.

O ensinamento puramente verbal, se nem sempre pode ser dispensado na instrução do soldado, deve, no entanto, ser restrita aos casos que não permitam processos práticos, aplicativos.

Assim p. ex.: como não teremos a veleidade de ensinar a uma criança a andar, descrevendo-lhe as leis do equilíbrio, não devemos pretender num alojamento ensinar o homem a aproveitar o terreno ou a manter-se em cima do cavalo, enunciando-lhe as regras correspondentes.

Não resta dúvida de que "**EXPÔR**" é quasi sempre uma parte necessária da instrução, mas deve ser utilizada de modo que o instruendo, antes mesmo de ter aprendido alguma coisa, fique sabendo **COMO** e **EM QUE** tem de utilizar o ensinamento exposto; é indispensável que êle aprenda à aplicá-lo realmente, ou que pelo menos em pensamento compreenda sua aplicação.

Se por exemplo, tivermos de ensinar ao homem a orientação pelo sol ou pelas estrelas e o fizermos apenas descrevendo o processo teoricamente, poderemos conseguir que o instruendo o decôre; mas **decorar não é aprender**. Se não

pudermos fazer concomitantemente a aplicação, por não esarmos em situação que a permita, ao menos devemos fazer compreender claramente as aplicações visadas.

Tal é o que exige o R.E.C.I. quando prescreve: item 4, n.º 78):

“Limitar ao essencial os ensinamentos puramente teóricos, porque o melhor meio de instruir o homem é **FAZÊ-LO AGIR**; evitar explicações longas, que abranjam várias idéias ao mesmo tempo”.

Sempre que possível exigir que o instruendo demonstre praticamente que entendeu de fato o que lhe foi ensinado. Não se contentar com a simples repetição oral, imediata, porque o homem muitas vezes reproduz com exatidão o que lhe foi dito, sem, no entanto, ser capaz de executá-lo ou aplicá-lo.

O responder com desembaraço, o falar bem, pode ser apenas a utilização de uma boa memória, de uma habilidade particular, sem constituir indício seguro de que o recruta compreendeu exatamente o assunto e de que é capaz de aplicá-lo.

E' comum ao instrutor pouco experimentado perguntar ao instruendo se entendeu e conformar-se com a resposta afirmativa de um “sim”, concluindo daí que a instrução foi bem dada. Uns respondem “sim” por comodidade, para não se livrar mais depressa do trabalho; outros dizem “sim” com o intuito de se colocar bem perante os olhos da turma ou do instrutor e, no entanto, podem não ter aprendido a essência do ensinamento.

O melhor processo é exigir que a resposta seja logo a execução ou a demonstração, na qual o homem provará imediatamente se aprendeu ou não. E' o que estatua o R.E.C.I. (item 6, n.º 78).

**“EXIGIR QUE RESPONDAM PRONTAMENTE, SE POSSIVEL POR ATOS”.**

Na impossibilidade de realizá-los, no momento, exigir exemplos, interrogar habilmente, utilizar meios que permitam verificar se a questão foi compreendida.

## MÉTODOS

Para apresentar um assunto aos instruendos, para transmitir-lhes conhecimentos, o instrutor pode agir de três formas principais: — **demonstrando, ilustrando ou simplesmente expondo**. A tais maneiras de instruir denominam-se, geralmente: — **MÉTODOS DE DEMONSTRAÇÃO, DE ILUSTRAÇÃO e DE EXPOSIÇÃO**.

## MÉTODO DE DEMONSTRAÇÃO

Pode mostrar-lhes determinado trabalho, **fazendo-o realmente, com os recursos na realidade utilizados**.

E' o **MÉTODO DE DEMONSTRAÇÃO**, o mais eficaz, na grande maioria dos casos. Seu valor reside especialmente em: —

- atrair e manter a atenção e o interêsse dos instruendos;
- tornar evidente a aplicação prática da noção teórica ministrada.

O R. E. C. I. diz (item 1.º, n.º 78) que ao instrutor: "cabe fazer com que o ensino de qualquer noção, **SEJA SEMPRE PRECEDIDA OU SEGUIDA DA DEMONSTRAÇÃO** prática de sua utilidade em campanha".

E de fato, nada fixa tão claramente no espírito uma noção nova, como uma demonstração de sua aplicação, ou melhor ainda, como a própria aplicação pelo instruendo.

Conforme essa regra, a demonstração pode **preceder ou seguir imediatamente** a explicação verbal.

A demonstração preliminar torna mais compreensível a exposição.

## MÉTODO DE ILUSTRAÇÃO

Nem sempre porém é possível fazer demonstração. Neste caso é aconselhável utilizar o **MÉTODO DE ILUSTRAÇÃO**.

ÇÃO, o qual consiste, essencialmente, em apresentar aos instruídos: figuras, desenhos, modelos, fotografias, etc. que pela imagem concorrem para tornar mais concreto o ensino, facilitando a compreensão.

O cinema é um meio excelente de ilustração. A percepção visual é mais acentuada do que auditiva; 90 % dos homens aprendem melhor vendo do que ouvindo.

### MÉTODO DE EXPOSIÇÃO

A EXPOSIÇÃO puramente verbal é o terceiro método citado, e o menos eficiente de todos.

E não obstante ser o menos favorável, não é possível excluí-lo em absoluto. Ele é inevitavelmente uma das etapas sucessivas do ensino, mesmo nos sistemas essencialmente práticos.

Este método consiste em o instrutor FALAR, explicar um assunto, uma situação, descrever as condições de uma ação, relatar acontecimentos, fatos vividos, etc. . . .

O uso desse método é feito sob a forma de "conferência" ou "palestra", o instrutor limita-se a expôr o assunto, sem verificar se os ouvintes o compreenderam.

Ele fala, sem saber os resultados obtidos, que embora não sejam nulos, são imprecisos e aleatórios.

Se são mínimos os resultados de uma "palestra" para ouvintes de fraca cultura, já o mesmo não se dá com os de desenvolvimento intelectual mais pronunciado. Ela é mesmo o único recurso na instrução dos quadros, para tratar de assuntos de natureza especial, como sejam: fabricações de guerra, organização dos exércitos, economia política, geografia, etc. . . .

E por essas razões é que o R.E.C.I (n.º 8) diz que:

"... elas devem ser frequentes na formação dos quadros para o comando; contribuem para elevar a cultura geral dos oficiais e para difundir os ensinamentos contidos nos regulamentos".

A "lição" ou "aula" distingue-se da "conferência" ou "palestra" pela verificação dos resultados que o instrutor faz por meio de interrogatórios oportunos.

Dêsse modo, êle se assegura de que os ouvintes o entendem e seguem o desenvolvimento de suas idéias.

Se à "lição" faltarem tais verificações, ela não passará de simples "palestra" ou "conferência".

O valor destas o aprecia muito claramente o Gen. BRALLION, o qual analisando a definição (já citada) que deu de instrução, encontra nela três condições a satisfazer:

- a) "introduzir o instruendo no domínio novo para êle";
- b) "ajudá-lo a ai adquirir possibilidades além das suas";
- c) "torná-lo apto a desenvolvê-las".

"Ora, a conferência conduz o instruendo à entrada do domínio a explorar e do limiar desta porta ou faz um giro de horizonte ou estuda os pormenores de pequena região particular; depois o abandona a si próprio".

"Ela não satisfaz senão parcialmente à primeira condição e com as outras não se preocupa".

### APLICAÇÃO (EXERCÍCIOS)

Tal é, em leves traços, o valor relativo dos três métodos principais para transmitir ensinamentos, nos quais de qualquer modo intervêm a EXPOSIÇÃO, em maior ou menor grau.

Mesmo com o mais eficiente dêles — o de DEMONSTRAÇÃO — não ficamos seguros de que o instruendo tenha aprendido, porque **êle se manteve em atitude passiva**; ouviu, observou e procurou aprender a instrução que lhe é dada, **MAS, NÃO AGIU**. E nós devemos exercitar-lhe a ação por isso que nos cumpre torná-los "**APTOS PARA AGIR**".

E' pela **APLICAÇÃO** que o faremos **UM AGENTE ATIVO**; ela **EXERCITAR-LHE-Á A INTELIGENCIA E A HABILIDADE NO EMPREGO PRÁTICO DOS CONHECIMENTOS QUE ADQUIRIU**.

O **exercício aplicativo** deve ser realizado, em circunstâncias tão aproximadas quanto possível das que condicionarão a **aplicação real**, por êle visada. Assim, p. ex., a progressão de abrigo em abrigo não pode deixar de ser exercitada em terreno variado; a entrada em posição de uma Sec. Mtr. não deve ser praticada em praça de exercício, etc..

Nos cursos de formação de graduados pode ser utilizado vantajosamente o desenho simples (esbôços, gráficos, quadros, etc....) como exercício aplicativo de certas noções teóricas.

Os desenhos a exigir, são por certo de grande simplicidade. E' suficiente que dêem uma idéia clara e inteligível das **relações e proporções** dos dados e dos movimentos que representam.

\*  
\*   \*  
\*

## INSTRUÇÃO TÉCNICA

Examinados em suas linhas gerais êsses diferentes métodos, vejamos como compreender as duas grandes partes, em que se divide a instrução:

— a **TÉCNICA** e a **TÁTICA**, às quais teremos de aplicar o método que se harmonize com as respectivas características.

A **INSTRUÇÃO TÉCNICA** tem por fim dar ao homem o conhecimento dos diversos materiais utilizados na guerra, das suas possibilidades e condições de emprego; exercitá-lo na prática dos movimentos individuais e coletivos indispensáveis ao desenvolvimento dos hábitos de ordem, precisão e disciplina, em suma, habilitá-lo a receber eficientemente a instrução tática.

A idéia de **PRECISÃO** deve dominar em tôda a instrução técnica.

O preparo técnico do soldado é considerado completo quando êle está apto para empregar os materiais individuais, agindo isoladamente e para servir os materiais coletivos atuando em turmas; em qualquer dos casos operando com **ordem e precisão**.

Para o soldado ela é de **CARATER ESSENCIALMENTE PRÁTICO**.

Ele precisa saber para que serve o material que lhe foi confiado, como deve utilizá-lo, como deve conservá-lo, como sanar os pequenos incidentes de funcionamento. **São ensinamentos concretos e simples**.

Para os graduados e oficiais a instrução estende-se mais; abrange ensinamentos técnicos relativos aos princípios de emprêgo, generalidades sôbre a potência dos diversos materiais e rendimento dos mesmos no tempo e no espaço, tudo em grau adequado às atribuições de cada posto.

O preparo técnico do soldado é obtido sobretudo pela **INSTRUÇÃO INDIVIDUAL**, a qual é a base da **instrução em conjunto**, da "**instrução das unidades constituídas**", por isso que a "**ação destas unidades resulta sempre do modo de proceder dos elementos individuais que as compõem**".

"A instrução individual técnica recebe a designação particular de **ESCOLA DO SOLDADO**".  
(R. E. C. I., n.º 53).

Nela estão compreendidas os seguintes ramos de instrução: — ordem unida, armamento, tiro, organização do terreno, transmissões e maneabilidade.

**A ESCOLA DO SOLDADO**, em qualquer dessas partes, é **FUNDAMENTAL**.

Não devemos, em absoluto, submeter um homem a uma **ação de conjunto**, sem que o tenhamos tornado capaz de executar com precisão a **ação ou ações individuais correspondentes**.

Assim, sem que os aproveitar momentos de praticados

A técnica, por combate, so

E' a ra

la  
A  
no  
fa

A INS  
ropa para  
Aqui t  
da papel

Diz o

po  
M  
que essa ins

"  
D  
R

A-fim  
cessário da

"  
o  
bs

Assim, não é admissível ensinar a infiltração com o G. C. sem que os homens tenham aprendido individualmente a aproveitar o terreno; mandar executar, em conjunto, movimentos de ordem unida, sem que os mesmos tenham sido praticados pelos recrutas individualmente, etc. . . .

A técnica do armamento e do tiro, é de máxima importância, porque a eficácia dos fogos, fator preponderante no combate, só é obtida pela tropa que possuir **bons atiradores**.

É a razão pela qual:

“O R. E. C. I. se esforça por salientar, em relação às unidades pequenas, a **NECESSIDADE ABSOLUTA DE APURADO ADESTRAMENTO** no emprêgo dos meios de fogo, pertencentes à infantaria”. (Prefácio, pag. 8).

### INSTRUÇÃO TÁTICA

A INSTRUÇÃO TÁTICA tem por objeto preparar a tropa para o combate e para o serviço em campanha.

Aqui também a INSTRUÇÃO INDIVIDUAL desempenha papel **ESSENCIAL, FUNDAMENTAL**.

Diz o R. E. C. I. (n.º 312) que:

“A instrução do soldado para o combate tem por objetivo ensiná-lo a **OBRAR INDIVIDUALMENTE** em proveito da coletividade”;

que essa instrução deve ser dada

“no **QUADRO DO GRUPO DE COMBATE**” e “no **DECORRER DOS EXERCÍCIOS PREPARATÓRIOS DE COMBATE**”.

A fim de facilitar o trabalho do soldado no C. C., é necessário dar-lhe:

“o ensino prévio de **AÇÕES ELEMENTARES** que o homem deve executar constantemente no combate” (n.º 113).

"Essas ações tem por objeto o CONHECIMENTO E O APROVEITAMENTO DO TERRENO, E O EMPREGO DAS ARMAS NO COMBATE".

Tal instrução preliminar será dada paralelamente ao preparo técnico do soldado, desde o início do período.

Completam-se êsses ensinamentos com o seu "preparo para AS MISSÕES INDIVIDUAIS" de VIGIA, ESCLARECEDOR, MENSAGEIRO E HOMEM DE LIGAÇÃO, e com "o conhecimento dos DEVERES DO SOLDADO NO COMBATE".

Não se espera o acabamento dessa instrução individual para passar aos exercícios do grupo de combate; ela se completa no decurso dêstes.

"Diz-se que a instrução do G. C. chegou a seu termo, quando cada homem conhece perfeitamente tôdas as funções dos combatentes do grupo e sabe desempenhá-las em íntima colaboração com os seu camaradas" (n.º 358).

Assim como o adestramento individual é básico na ação do G. C. em combate, a atuação dêste é da maior importância no quadro das unidades superiores.

São as razões por que o R. E. C. I prescreve que:

— "a instrução individual deve ser ministrada durante todo o ano de instrução" (n. 87).

e que

"em vista de sua importância, os exercícios de combate do grupo enquadrado são continuados e repetidos frequentemente durante todo o ano de instrução" (n.º 386).

No desenvolvimento dessa instrução não se deve perder de vista a última das Diretrizes do R. E. C. I já referidas (n.º 76) que diz:

E  
bate  
E  
DESS  
D  
mordid

E  
guirem  
instru  
veimer  
infanta  
D  
reção,  
ladame  
obtenç

“O caráter técnico adquirido pela Infantaria não deve prejudicar as suas aptidões para o movimento; ao contrário **É APROXIMANDO CADA VEZ MAIS DO INIMIGO OS MEIOS DE FOGO, A-FIM DE DESTRUI-LO COM CERTEZA E DE MODO MAIS COMPLETO, QUE O INFANTE CONSEGUIRÁ IMPOR-LHES A SUA VONTADE E DOMINA-LO NA ABORDAGEM**”.

“Por isso é de grande importância **DESENVOLVER NA INSTRUÇÃO a MOBILIDADE DOS HOMENS E DAS UNIDADES e treiná-los no MOVIMENTO PARA A FRENTE**”.

Em síntese, o que se necessita principalmente no combate é de **FOGOS DE EFEITOS MÁXIMOS.**

**E SÓ A MANOBRA ASSEGURA AS POSSIBILIDADES DESSE MAXIMUM DE EFICÁCIA.**

Destas duas condições resultam como preocupações primordiais de instrução:

- **ADESTRAR O HOMEM NA TÉCNICA DO ARMAMENTO E DO TIRO;**
- **DESENVOLVER-LHE A APTIDÃO PARA O MOVIMENTO.**

Esse adestramento, insistimos ainda uma vez, o conseguiremos concentrando a maior parte de nossos esforços na **instrução individual e na do grupo de combate**, que indiscutivelmente constituem o pedestal da eficácia de uma tropa de infantaria.

Desde que os homens saibam agir com presteza e coragem, concientes do papel que lhes cabe desempenhar isoladamente e no grupo, tudo o mais torna-se simples, de fácil obtenção.

\*

\* \* \*

## ORGANIZAÇÃO DE UM PROGRAMA

Essas idéias fundamentais devem orientar-nos na organização de um PROGRAMA DE INSTRUÇÃO.

Este "é estabelecido dentro do quadro traçado pelo da unidade superior, no qual estão fixados os resultados que se pretendem obter e os meios que se tem de empregar". (n.º 137).

Na sua elaboração devemos seguir umas tantas regras, para as quais desejo chamar-vos a atenção. Umas dizem respeito aos programas em geral e outras são peculiares à instrução do soldado.

Conhecida a finalidade da instrução, a primeira coisa a fazer é RELACIONAR TUDO QUANTO DEVE SER ENSINADO AO INSTRUENDO, a-fim de se ter um conhecimento completo da matéria a dar.

Essa relação tem de ser feita, distinguindo o que deve "ser conhecido" do que deve "ser aplicado" e estabelecendo a mais lógica sequência dos assuntos, das "unidades de ensino".

Ter-se-á em vista que:

"A instrução deve ser DADA PROGRESSIVAMENTE, sem se esperar o esgotamento de um assunto para passar a outro, AVANÇANDO DO SIMPLES PARA O COMPOSTO" (n.º 77).

Não é fácil estabelecer a seriação lógica dos assuntos por simples exame teórico. A melhor ordem de progressividade para as "unidades de ensino" só pode ser determinada pela experiência.

Quando não possuímos observações de experiência própria, ou as possuímos poucas ou incompletas, não devemos trepidar em recorrer, tanto quanto possível, à experiência de outros instrutores que houverem demonstrado conhecimento prático do assunto.

E' fóra de dúvida, que um só homem raramente será capaz de abranger com suas observações todos os pontos essenciais da instrução, por mais competente e hábil que seja.

Não quer isto significar, todavia, que devemos adotar sem maior exame, o que encontrarmos nos livros ou em outras obras, convencendo-nos de que "por estar escrito" seja "o verdadeiro ou o melhor". Convem confrontar opiniões, compará-las com as observações próprias, analisá-las detidamente, para só depois tirar conclusões.

Não perder de vista a diversidade que possa existir entre as condições (ambiente, recursos, mentalidades, etc...) em que se processaram as experiências originais e as condições a que vão ficar subordinadas na adaptação.

Um programa elaborado para determinada unidade, raramente poderá servir a outra, porque entre elas é difícil haver igualdade de condições, e ainda mais, numa mesma unidade, um mesmo programa não será totalmente aplicável em épocas diferentes — anos de instrução sucessivos — por isso que as condições já não são exatamente as mesmas.

Com efeito, na elaboração de um verdadeiro programa devem ser balançados certos dados que imporão em cada caso uma solução particular. Tais são:

- diretrizes ou programas de unidade superior;
- condições de quadro de instrutores;
- capacidade média e grau de instrução do contingente;
- disponibilidades materiais;
- condições dos locais de instrução: — estandes estádios, terrenos variados, salas, etc...
- tempo, prazos, clima, etc...

Por aí se vê o quanto podem variar dum ano para outro essas condições e ás diferenças profundas que inevitavelmente existem entre corpos de regiões diversas.

Deixar de atender, ao organizar um programa, os dados acima é arriscar-se a quasi certo mau êxito.

Um programa só tem valor quando pode ser **INTEGRAL E ÚTILMENTE EXECUTADO**, e por conseguinte não deve conter senão o que fôr **PRATICAMENTE EXEQUIVEL** e **NADA EXIGIR DE SUPÉRFLUO**.

Não se conclua daí, porém, que se deve suprimir as partes da instrução para cuja execução tenhamos dificuldades a vencer.

Não. É nosso dever empenhar todos os esforços e todo o nosso engenho para remediar as deficiências perturbadoras da realização regular da instrução. Deixar-se-á de lado apenas o que não houver possibilidade alguma de executar.

Na distribuição horária do trabalho e na fixação dos locais de execução, deve-se ter sempre a preocupação de máximo aproveitamento do tempo, reduzindo ao mínimo os deslocamentos evitáveis.

### CONSELHOS AOS INSTRUTORES

Para encerrarmos estas considerações sobre o método de instrução, vamos enumerar alguns CONSELHOS úteis a todos os instrutores:

- TRACE de antemão a diretriz do trabalho a executar, destacando claramente as partes de maior importância.
- EVITE a improvisação, preparando convenientemente o exercício ou a lição.
- DISTRIBUA o tempo disponível de modo que as partes essenciais do trabalho, possam ser suficientemente desenvolvidas. Não perca tempo com questões secundárias, em detrimento das principais.
- NÃO ENSINE OU NÃO QUEIRA FAZER SENÃO UMA COUSA DE CADA VEZ.
- MEDITE no modo pelo qual conseguirá despertar o interesse dos homens pelo assunto.
- INICIE sempre que possível uma lição ou um trabalho por uma rápida revisão do assunto tratado na sessão anterior.
- INDIQUE, antes de iniciar o ensino de qualquer assunto, novo, a ligação ou correlação com outro já conhecido, quando houver.

- ANUNCIE no fim da sessão, o assunto que será objeto do trabalho seguinte.
- SIGA a rigor o horário estabelecido para execução do exercício, olhando frequentemente o relógio, e assim evitará atropêlo no fim da sessão.
- NÃO SE DESVIE do assunto fixado para a sessão; EVITE as digressões.
- Verifique sempre, no decurso de uma aula ou lição, com interrogatórios, se os instruendos estão compreendendo; caso negativo não prossiga, explique de outra maneira a questão não aprendida.
- VERIFIQUE o número de operações que deve abranger uma **demonstração** ou **aplicação**.
- RESSALTE, em tôdas oportunidades, a **POTÊNCIA DAS ARMAS** em uso e a **necessidade** e a **importância do esforço coletivo**.
- REPITA UM EXERCÍCIO ou MOVIMENTO mal executado, no todo ou em parte, nas mesmas condições ou em condições diferentes.
- INCUTA no espírito dos homens, desde o início a **IDÉIA DE COMBATE**. Todos devem ficar convencidos que a **finalidade do serviço militar é a preparação para a guerra**.
- EXIJA sempre **ordem** e **precisão** nos trabalhos de instrução e nos atos de serviços, por mais simples que sejam; A **DISCIPLINA É INERENTE A TÔDAS AS ATITUDES MILITARES**.
- “**SEDE EXIGENTES E DUROS**, sem brutalidades” e sem demasias, habitando os homens a suportar a fadiga e os sofrimentos físicos de campanha.
- EVITE os excessos de zêlo e de benignidade que debilitam a moral do soldado.
- MANTENHA-SE pela atitude, pela precisão, pela justeza das ações e pelo preparo próprio em condições de ser um **EXEMPLO** para os instruendos.

# A DEFESA NACIONAL

PUBLICARÁ A SEGUIR:

- OS COMBATES DE UMA DIVISÃO BLINDADA —  
Major Armano Vilanova Pereira de Vasconcelos.
- A INFANTARIA NO COMBATE À NOITE (conclusão)  
Major Jair Dantas Ribeiro
- CONTROVERSÍAS — 1.º Ten. Olieno Lacerda Alvares
- A BUSCA E A INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES  
— Cap. A. C. Muniz de Aragão
- A ARTILHARIA DE CAMPANHA NO EXTREMO  
ORIENTE — Gen. Borges Fortes — Trad.
- O GENERAL PAES DE ANDRADE — Geraldo de An-  
drade — Transcrição.
- SELEÇÃO DAS OBSERVAÇÕES DE D. C. A.
- SABOTAGEM — Cap. Vieira Rosa
- FLORIANO PEIXOTO — Ten. Newton Corrêa de An-  
drade Mélo
- A ARTILHARIA NO ATAQUE — Major Armando Vila-  
nova Pereira de Vasconcelos
- CUSTO DE VIDA — PADRÃO DE VIDA — ORGANI-  
ZAÇÃO SOCIAL — Redação
- LIMITES DA OBSERVAÇÃO AXIAL — Cap. João Ma-  
nuel Lebrão.
- MARCHA PARA O OESTE E A NOVA CARTA POLÍ-  
TICA DO BRASIL — Major J. Almeida Freitas
- ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO INTELECTUAL (Con-  
clusão) — Ten. F. Ruas Santos
- DIRETRIZES DE INSTRUÇÃO DA 1ª D. C. — Cel. Bap-  
tista Magalhães
- INSTRUÇÃO DOS GRADUADOS NAS CIAS. DE MTR.  
— Ten. Julio Cezar Cerqueira de Carvalho
- MISSÕES DE ARTILHARIA — 2.º Ten. Ferdinando de  
Carvalho

# Missões especiais na Cavalaria

1.º Ten. MOACIR POTIGUARA

Há certas missões que podem ser confiadas a qualquer oficial de Cavalaria, e para as quais pouca é a divulgação dos processos de execução.

Pensando no que acima está dito, resolvi rever notas da E.M. (Ten. Aragão) e Regs., coligindo então, o que abaixo se segue, sobre:

- a) DESTRUIÇÃO.
- b) REQUISIÇÃO
- c) ESCOLTA DE COMBOIO.

## DESTRUIÇÃO

A uma tropa de Cavalaria, pode caber uma missão de Destruição, quer de material, instalações, obras de arte, vias de comunicação etc. . . . , que vise prejudicar o andamento das operações por parte do inimigo.

Em princípio, dois casos se podem apresentar:

1.º — A Destruição a ser efetuada é relativamente longe do inimigo e por tanto, proporciona à tropa, que a vai realizar, alguma segurança.

2.º — A Destruição a realizar, será nas proximidades imediatas do inimigo, quando não, no interior de suas próprias linhas.

Trataremos aqui do 2.º caso, que, além de mais interessante, acarretará um trabalho mais complexo, onde, a par da técnica exigida para o 1.º caso, teremos que entrar com uma dose de audácia aliada ao bom senso.

Assim sendo, ao oficial encarregado de uma operação dessa natureza, compete:

Antes da partida — I — Estudar minuciosamente o terreno onde vai operar. Esse estudo deverá ser orientado, no sentido:

da escolha do itinerário que o levará, com maior segurança, ao ponto onde se executará a Destruição.

Do local onde efetuará a operação, tendo em vista a segurança da mesma (Facilidade de defesa).

Do retraimento após a execução da missão.

II — Preparação material perfeita; escolha de homens, cavalos, armamento que será conduzido, ferramentas, n.º de petardos, artifícios necessários, etc....

III — Divisão da tropa — A tropa que opera deverá ser dividida em duas frações, que chamaremos: Grupo de Proteção e Grupo de Execução. O primeiro dêstes, deverá ser sensivelmente maior do que o segundo, porquanto terá que garantir, até pelo fogo, se necessário, a execução da missão.

O Grupo de Execução deverá ser selecionado pelo seu preparo técnico em operações idênticas e será, como o nome o indica, o executor da Destruição.

Durante a marcha — O oficial velará para que o itinerário por êle escolhido, seja seguido pela tropa. Manterá ligação constante com o Grupo de Proteção, que deverá informar a tempo, sôbre todo movimento suspeito, a-fim de que possa haver até uma mudança de itinerário, se necessário.

Chegando ao local — O Grupo de Proteção será disposto de forma a atender a qualquer ameaça de perturbação da operação, agindo até mesmo pelo fogo, para que não haja fracasso da missão. Em regra, êsse grupo age no local, como se fosse instalar um Posto.

O oficial examina o que tem a destruir, decide o meio. (Confirma ou modifica a decisão tomada previamente), a carga a empregar e ordena a execução.

No caso do meio a empregar, ser o explosivo, o pessoal do Grupo de Execução, prepara a carga comandada, dispõe segundo a indicação feita pelo oficial, e o homem (graduado) encarregado de pôr fogo ao estopim, aguarda a ordem de execução. O Gr. de Execução, deverá se desempenhar

com ra  
cargo, c

Ap  
tos e d  
Proteça  
gresso.

Da  
que disp  
meios sã  
linite).  
explosiv  
nite nec

Bre  
mento d  
a 50 cm  
postos.

Pos  
de diâm  
etc....)  
dos é su  
mentada

Bôc  
dos na a  
Linh

so longo  
Caix  
paredes

Os  
quadros  
DEFESA

Mais  
arma, é  
casos, en

com rapidez e desembaraço de tôdas as operações a seu cargo, o que só obterá com a prática constante.

**Após a Destruição** — O oficial deverá constatar os efeitos e dará em seguida a ordem de retraimento. O Gr. de Proteção assegura a retirada e protege a tropa no seu regresso.

Damos a seguir algumas indicações a respeito dos meios que dispomos, na Cavalaria, para efetuar destruições. Esses meios são: as Ferramentas e os Explosivos (petardos de melinite). Sobre as ferramentas, nada há a falar; e quanto aos explosivos, citaremos apenas a carga de petardos de melinite necessária para efetuar algumas destruições:

**Brecha nos muros** — "Uma carga alongada do comprimento da brecha a abrir. Se a espessura do muro fôr de 30 a 50 cm., a carga terá de ser de 3 filas de petardos justapostos.

**Postes telegráficos ou árvores** — Com menos de 30 cm. de diâmetro emprega-se a ferramenta (serra, machadinha, etc....). Com "30 cm. de diâmetro, uma carga de 7 petardos é suficiente; e daí até 50 cm., essa carga deverá ser aumentada de 3 petardos para cada 5 cm. a mais.

**Bôcas de fogo** — Uma carga de 4 a 5 petardos colocados na alma e próximo à bôca, inutiliza a arma.

**Linha férrea** — Uma carga de 2 petardos superpostos, ao longo de um trilho, abrem uma brecha de 20 a 40 cm."

**Caixa d'água metálica** — Uma carga de 2 petardos nas paredes laterais.

Os dados acima foram extraídos do R.O.T. e duns quadros do então Cap. Lima Figueiredo, publicados em A DEFESA NACIONAL.

## REQUISIÇÃO

Mais rara talvez de ser realizada por oficial de nossa arma, é esta uma missão que exigirá também, em alguns casos, energia, habilidade e bom senso.

Trataremos aqui, sòmente, da Requisição em território hostil, porquanto a em país amigo, se bem que obedecendo aos mesmos princípios de execução técnica, não apresenta as mesmas dificuldades.

Para a execução de uma missão dessa natureza, o mesmo estudo do terreno, com consequente escolha de itinerário, facilidades de defesa e retraimento, deverá ser feito. Além disso deverá ser escolhido um ponto de reunião no eixo de retirada, que será ao mesmo tempo o P.I. para a constituição do comboio.

A preparação material, nesse caso, comportará além da escolha do pessoal, etc. uma previsão dos meios de transporte (cargueiros, viaturas) para o material a requisitar.

A unidade que opera também é dividida em dois grupos: o de Proteção, com missão análoga ao que vimos para a Destruição, e o de Execução. A marcha para o local, se processa segundo os mesmos princípios citados para a Destruição.

Ao chegar à localidade onde se deve efetuar a operação o Gr. de Proteção, deverá estabelecer postos de vigilância nas diversas saídas da mesma, a-fim de impedir o afastamento de qualquer elemento antes de terminada a Requisição.

O Gr. de Execução, ao chegar à localidade, se subdividirá em pequenos grupos, com missões já bem definidas e estudadas previamente, o que acarretará economia de tempo e disciplina da operação.

Para o Gr. de Execução, deverão ser previstas, além da Requisição propriamente dita, a interdição das comunicações (telégrafos, telefones, etc. . . .) da localidade com as vizinhas, e, em certos casos, o aprisionamento de personagens influentes (prefeito, delegado, agentes. . .) que servirão de refens.

A medida que o Gr. de Execução vai efetuando seu trabalho, já se deve ir constituindo o comboio sob a direção do substituto imediato do oficial.

Julho-1941

A-fim  
quisitados  
as viaturas  
tantes, de

Termin  
a vigilância  
abilitar ou  
à Requisição  
postos em l

Vimos  
idades apor  
realizada, p  
ção de fren  
nicações, e  
diversas ne

Diz o  
estiver gara  
ndes, receb

No caso  
a uma simp  
comboio.

A nece  
frente de op  
mento, escar

Os com  
que acarreta  
porém que o

O coma  
mbuído de  
e dentro do  
teção. Des  
execução do  
e consequent

A fim de economizar tempo e trabalho, os objetos requisitados poderão ser transportados para P. I. utilizando-se as viaturas da localidade e com o próprio auxílio dos habitantes, de motu próprio ou não.

Terminada a operação, constitue-se o comboio, que sob vigilância do Gr. de Proteção, regressa. A fim de impossibilitar ou dificultar as comunicações imediatamente após a Requisição, é conveniente levar os refens que poderão ser postos em liberdade, mais tarde.

Vimos que uma operação dessa natureza requer as condições apontadas no início e se bem que mais rara de ser realizada, poderá ocorrer em uma campanha onde a extensão de frentes aliada a um pobre sistema de vias de comunicações, exija Requisições frequentes a fim de atender às diversas necessidades da tropa.

### ESCOLTA DE COMBOIO

Diz o R.S.C.: "Todo o comboio cuja segurança não estiver garantida pela presença de tropas em suas proximidades, recebe uma escolta..."

No caso da proximidade de tropas, a escolta se limitará a uma simples guarda de polícia, que velará pela ordem do comboio.

A necessidade da Escolta aumenta no caso em que a frente de operações seja extensa e os centros de reabastecimento, escassos e afastados.

Os comboios podem ser: automóveis ou hipomóveis, o que acarretará, para a Escolta, um modo de ação diverso, porém que obedecerá aos mesmos princípios citados a seguir.

O comandante de uma Escolta de Comboio, deve estar imbuido de que a sua tarefa primordial é **conduzir a destino** dentro do tempo previsto, o comboio que está sob sua proteção. Dessa idéia, que presidirá, de maneira capital, a execução do serviço, decorre o modo de ação do comando e consequentemente, da Escolta.

Antes da partida, se impõe o estudo do itinerário a seguir com o comboio, visando, principalmente, os pontos de passagem difícil (Pontes, desfiladeiros, etc...) os prováveis locais de estacionamento, e as possibilidades de mudança de itinerário e defesa.

O efetivo de uma Escolta de Comboio varia de acôrdo com a importância do mesmo, com o itinerário e a distância a ser percorrida. Para a execução do serviço o cmt. dividirá a Escolta em duas partes, uma (menor) que se encarregará da polícia, proteção e ajuda imediatas aos elementos do comboio; e outra (maior) que será o Grupo de Proteção, propriamente dito, e responsável pela segurança do comboio.

A-fim de que o Gr. de Proteção possa: prover a segurança do comboio e o cmt. da Escolta, tomar suas decisões a coberto de qualquer surpresa, êste, determina àquele, quais as linhas sucessivas a atingir, dos quais deseja ser informado, quando e onde, tais informações deverão chegar. Procedendo dêsse modo, as possibilidades de surpresa se restringem, pois ao abordar determinada linha do terreno, o cmt. da Escolta já estará informado sôbre a vindoura.

Quando um comboio é atacado, o cmt. procurará retirar com o mesmo, contando para tal, com a ação do grupo de proteção que agirá no sentido de facilitar êsse retraimento. Se, apesar das medidas de segurança previstas, o comboio, fôr surpreendido, deve-se fazê-lo tomar a formação em parque ou a em coluna dupla (se aquela não fôr possível) e, então, a defesa será feita pela gr. de polícia e demais componentes do comboio.

Quando a defesa do comboio não houver sido suficiente e na iminência dêste cair em mãos do inimigo, o cmt. da escolta deverá ordenar a destruição do mesmo, a-fim de que nada possa ser útil posteriormente.

A defesa anti-aérea de um comboio deverá ser prevista pelo cmt. da Escolta, que, designará observadores do ar, comandará um dispositivo que torne menos vulnerável o comboio e o acionamento de armas anti-aéreas (caso o comboio

seja provi  
inimiga.

Vimos  
comboio,  
natureza,  
operação f  
boio pudes  
de chegar

A gui  
citadas aci  
execução e  
interessant  
nesso, o R  
tural que  
Destruições

CASTI

Caixotaria



NOA GENÉR  
Rio d

seja provido de tais meios), quando do ataque pela aviação inimiga.

Vimos que a responsabilidade de um cmt. de Escolta de comboio, é grande e, que da execução de uma missão dessa natureza, poderá muita vez, depender o êxito de qualquer operação futura baseada no reabastecimento que um comboio pudesse trazer e, que por um motivo ou outro, deixou de chegar a destino.

\*  
\*  
\*

A guisa de conclusão, devo declarar, que das missões citadas acima, somente a Requisição me parece de difícil execução em exercícios; quanto às duas outras, talvez fosse interessante a sua realização, tanto mais quanto, para gáudio nosso, o R.E.C.C. em sua 3.<sup>a</sup> parte chega a prever o material que cada unidade deve possuir para a instrução de Destruições.

CASTRO, 18-IV-1941.

**Caixotaria Brasil Ltda.**



RUA GENERAL CAMARA, 313  
Rio de Janeiro

Srs. Oficiais! Ide viajar?  
Procurai a "Caixotaria Brasil"  
Trabalha 90 % para militares  
Cartas de atestados.  
Engradamento de moveis, cristais, louças etc.  
Encarrega-se de embarque e despacho  
Orçamento sem compromisso

Rua General Camara, 313  
Fone 43-4339



Chamas que rompem e destroem, chamas irresistíveis...



(Da revista "Signal")

# A Moto-mecanização na cobertura

(Transposição de um curso d'água)

Pelo Cap. LUIZ DE FRANÇA OLIVEIRA  
Do C. I. M. M.

O assunto que serve de título a êste trabalho, é amplo de tal forma, que não permite, mesmo sob aspecto sintético, o seu estudo em poucas palavras; daí, particularizarmos na cobertura, a transposição de um curso d'água.

Objetivando o caso brasileiro, (1) e tirando ensinamentos de situações nossas, procuramos orientar as conclusões finais dentro dos caracteres fisionômicos do combate moderno: Potência de fogo, Proteção e Mobilidade.

O problema, dispondo de elementos constantes, não deixa de estar subordinado às variáveis de cada região fluvial interessada. Como exemplo, lembramos o Uruguai e o Amazonas, que impõem pelos seus aspectos topográficos diferentes, processos adequados para as suas transposições.

A posse de certos cursos d'água no início e desenvolvimento da batalha, é necessidade de valor incontestado, cuja realização precisa ser feita, impondo ao inimigo, — por um fogo potente — a vontade do comando, assegurando-se posteriormente o êxito obtido em tempo e espaço exigidos pelas operações.

Os processos conhecidos e empregados até antes da guerra atual, já não são capazes de resolver o problema que nos apresenta com fatores novos. A procura de "passos", a transposição em veículos improvisados, — não se coadunam com uma operação que exige surpresa, velocidade e violência na — execução. A cabeça de ponte que surgirá em consequência, precisará ser suficientemente forte, possuindo

(1) Quando cita "caso brasileiro", o autor quer, seguramente, fazer referência à atual situação dos nossos "meios". É necessário não firmarmos, entre nós, O COMPLEXO de "caso brasileiro", e combatê-lo com toda energia.

meios abundantes para viver com relativa independência, por um prazo adequado.

Supondo-se sempre o inimigo sólidamente escalonado; os meios necessários à vida da organização devem ser conduzidos mesmo debaixo de fogo, com o mínimo de desgaste em homens e material. Isto sugere uma execução protegida — blindagem, — um fogo potente e rápido deslocamento — carros de combate, lanchas armadas e velozes.

As nossas campanhas internas são férteis em ensinamentos — Itararé, Paranapanema, etc. — que apontam conclusões úteis e merecedoras de estudo. Parece-nos não constituir fantasia carecer a existência de unidades de transposição capazes de agir onde queira o comando, eximindo-o das limitações impostas pelos acidentes topográficos.

A mecanização contribuindo de modo eficaz, traz soluções consentâneas com o progresso dos prováveis meios da defesa, paralisando-a a expectativa de uma surpresa.

Passemos das considerações gerais, ao estudo do caso em seus detalhes:

**o que se deseja?** Transpôr um curso d'água com mínimo de perdas, mesmo sob o fogo do inimigo, abatendo suas resistências, ocupando e consolidando as posições:

A) A transposição na forma prevista só é possível fazendo-se uso de engenhos fluviais com pequeno calado, grande velocidade e suficiente blindagem.

B) Abater a resistência inimiga implica em neutralizar ou mesmo destruir seus órgãos de fogo; daí ser imprescindível:

- 1.º armamento próprio para as barcaças que cooperarão, e, em certos casos, constituirão uma base de fogos;
- 2.º o transporte de A. M. embarcados até a margem oposta, donde tomarão sob seu fogo as resistências adversárias;

C) A ocupação e consolidação das posições, constituem um atributo indiscutível da Infantaria o que, logicamente induz a necessidade de transportá-la bem protegida, até uma base de partida.

A título de curiosidade, expomos a organização — dentro das idéias acima expostas — de uma unidade de transposição:

- a) um Pelotão de infantaria transportada;
- b) um Pelotão de A. M. sobre lagartas;
- c) uma seção de comando;
- d) uma seção de material de transporte constituída de barcaças de fôrma especial, com equipagem própria, e devidamente armadas, inclusive para o tiro contra avião.

#### Execução da transposição:

Recebida a missão, a unidade correspondente a coberto da observação adversária, escalona-se numa base de partida conveniente, donde ao amanhecer, as barcaças conduzindo os A. M., desembocarão com o máximo de velocidade, sobre pontos prefixados do terreno, procurando neutralizar o adversário. Em segundo escalão, as barcaças conduzindo a infantaria, farão inicialmente a segurança dos flancos dos primeiros elementos. Atingida a margem os A. M. desembarcados, avançando sobre as resistências adversárias, procurarão desarticular o seu dispositivo, neutralizando-as com o seu fogo, e destruindo-as com o seu péso. As barcaças que conduziram os A. M. terão como missão a segurança dos transportes de infantaria, permitindo o seu desembarque, e conseqüente progressão. Instalada a cabeça de ponte, algumas das barcaças farão a vigilância do curso d'água, enquanto que as outras, assegurarão o reabastecimento dos meios moto-mecanizados empenhados. A unidade empregada será facilmente recuperada para ação posterior, de modo idêntico, ou, com variantes possíveis de prever.

A regulamentação minuciosa do assunto, e uma discriminação judiciosa das características mecânicas e militares — dos engenhos previstos, são consequências imprescindíveis.

A organização de unidades superiores — possuindo meios devidamente dosados e decorrentes da missão que se lhes atribuir no cenário da batalha — é possível conseguir-se mediante um agrupamento adequado de unidades subalternas.

**NÃO BASTA  
A  
LEMBRANÇA  
AFFECTUOSA**

*para custear a  
educação dos  
seus filhos...*



**S**i quer garantir para seu filho todas as possibilidades de êxito na vida — mesmo na sua ausência, estude as facilidades e vantagens do "Seguro de Educação". Não permita que a Fatalidade entrave o futuro de seu filho. Assegure-lhe, desde já, os recursos que elle vai precisar para estudar e fazer-se um homem culto e capaz.



**SUL AMERICA**

Companhia Nacional de Seguros de Vida  
Caixa Postal, 971 - Rio de Janeiro



DESINFETANTE



DESODORANTE

cada BLOCO 68000

Distribuidores geraes

**CASA LOPES**

Av. S. João n.º 569 S. Paulo

---

Princípios  
da **A**RTILHARIA ANTI-AÉREA

---

Pelo Ten. L. F. S. Wiedmann

1/3.º R. A. A. Aê.

*A Guerra aérea, de conseqüências tão alarmantes nos dias que correm, trouxe a necessidade de um antídoto eficaz à sua ação espantosa. Entre os remédios opostos aos grandes males por ela causada figura a Artilharia Anti-Aérea, arma nova anteposta ao rigor dos ataques, tirando à aviação a liberdade de agir com as facilidades que lhe permitem suas imensas possibilidades.*

*Como as ações de aviação se caracterizam pela sua inconcebível velocidade, temos necessidade de entrar em ação, com as nossas baterias, dentro de um espaço de tempo mínimo. Para assim agirmos, um grande conhecimento se faz mister dos nossos canhões e de suas possibilidades de rapidez de acionamento. Só uma instrução cuidadosamente aprimorada poderá dar a certeza de se poder excluir todo tempo morto de manobra, eliminando perdas nocivas à sua rápida entrada em ação.*

*Querendo emprestar esclarecimento aos camaradas do Exército em geral e aos artilheiros que se especializam em D.C.A., em particular, é que nos animamos a apresentar a presente colaboração. Ela é produto de estudos colhidos em fontes autorizadas, em ensinamentos auferidos pela meditação e pela experiência que colhemos no pequeno decurso de tempo em que a temos vivido.*

*Estamos crentes de que procuramos, neste modesto ensaio, apresentar dados que não fogem às realidades. Sua concatenação nos parece ser a mais razoável e consentânea com a simplicidade que a manobra exige, para eliminar esforços sem prejudicar a rapidez da ação.*

*Servindo este pequeno trabalho de colaboração aos que se dedicam à defesa dos nossos ceus, dar-nos-emos por felizes, se éle atingir o "desideratum" que a nossa vontade lhe empresta. — Do autor*

1 — Os reconhecimentos preparam a entrada em ação, da Art.. Tõda ocupação deve ser precedida de um reconhecimento tendo por fim estudar:

- a) Tõdas as possibilidades do terreno (P.C.). Vigilância, canhões, etc..

- b) Todos os detalhes do acesso do material no tempo e no espaço.

2 — O reconhecimento é conduzido com o fim de permitir a abertura do fogo no prazo determinado.

3 — O reconhecimento é conduzido de forma a escapar às vistas aéreas e terrestres do adversário.

4 — O reconhecimento não termina nunca.

5 — Para que um reconhecimento seja tão completo e tão rápido quanto possível é necessário que as tarefas sejam nitidamente repartidas entre os executantes.

6 — Nas situações delicadas e arriscadas o reconhecimento deve estar à coberto das surpresas aéreas e terrestres.

### PREPARO DO RECONHECIMENTO:

- a) **Estudo detalhado da carta e das condições de emprêgo.**

1 — Equipar a carta (zona de ação normal, tiros e informações, elementos vizinhos, elementos que trabalham em seu proveito, etc. . . .).

2 — Estudar as condições técnicas e táticas de emprêgo:

— missão e emprêgo,

— local do P. C.

— posições das baterias

— local da C. R.

— eixos de transmissões

— reconhecimentos

— movimento do grupo

— segurança do grupo em movimentos (aérea e terrestre).

— serviços diversos.

3 — Subordinar-se sempre ao tempo disponível, na obtenção das informações e na entrada em posição dos diversos materiais e aparelhos.

- b) **Repartir a tarefa entre executantes:**

— comando do grupo

- adjunto e oficiais
- comandantes de unidades e seus adjuntos.

- c) **Dar as ordens particulares para o reconhecimento e o engajamento do grupo:**

### EXECUÇÃO DO RECONHECIMENTO

- A) **Composição do reconhecimento:**

1 — Grupo não engajado:

- Fazer participar do reconhecimento todo o pessoal tendo em vista acelerar o engajamento do grupo.
- Deixar unicamente no grupo, quer acantonado quer em marcha, o pessoal indispensável ao enquadramento do pessoal.

2 — Grupo em posição: (n.º 2).

- Continuar a cumprir a missão.
- Reduzir, assim, o pessoal do reconhecimento e o material de modo a não prejudicar o item acima.

- B) **Reconhecimento dos diferentes oficiais do grupo e graduados:**

- I) **Estado Maior do Grupo:**

- a) **Comandante do Grupo (major):**

1 — Tomar contacto com o comando superior, as Unidades vizinhas, as Unidades que trabalham e ligação com o grupo (-toma conhecimento das zonas de desdobramento disponíveis).

2 — Reconhecer as zonas de desdobramento possíveis: P.C. do grupo. Vigilância, postos de altimetria e de escuta, posições de baterias e escalões.

3 — Encontra em pontos anteriormente fixados, seus adjuntos e seus Cmts. de bias..

4 — Recebe os relatórios do reconhecimento.

- Estabelece o plano de engajamento.

Se o cap. adjunto participa do reconhecimento êle se ocupa especialmente das alíneas 2, 3 e 4.

- b) **O tenente adjunto:**
- Estuda a colocação do P.C. e sua organização.
  - Faz instalar:
    - O P.C. para tiro com avião escutado.
    - A metereologia.
    - A mesa de cálculo (bureau).
  - Estuda a organização do terreno e a proteção contra os gases.
  - Estuda a colocação dos escalões.
- c) **O oficial orientador,** deve realizar o mais rapidamente possível a organização topográfica do tiro e melhorá-la no futuro e a medida que a ocupação se prolonga.
- Reconhece ou instala uma estação de declinação.
  - Determina as R.P. necessárias.
- Ocupa-se eventualmente da segurança do grupo em posição e eventualmente da ligação com as tropas amigas.
- d) **O Oficial de informações,** deve organizar o serviço de vigilância do ar no grupo (vigilância, alerta, informação) e participar eventualmente do serviço de vigilância terrestre.
- Definir as zonas mais importantes e repartir o trabalho entre as equipes de vigilância.
  - Instalar a vigilância central e a C. I.
  - Instalar os P.V. afastados (inclusive a vigilância terrestre).
- e) **O oficial das transmissões,** deve assegurar as transmissões necessárias ao grupo no tempo mínimo.
- Reconhece o local da central telefônica.
  - Encarrega um graduado da instalação da central.
  - Reconhece o local do posto de rádio e o faz instalar.
  - Estuda os itinerários os mais importantes e os mais delicados.
  - Determina a ordem de utilização dos meios.
  - Dá as ordens de execuções.

## II — Baterias.

a) Conforme as diretrizes recebidas do seu comandante de grupo, o capitão deve procurar, numa zona determinada, várias posições de bateria que permitam cumprir a missão:

- dirige-se para a região indicada pelo major,
- percorre rapidamente a zona fixada para precisar nas grandes linhas,
- o valor das soluções possíveis,
- estuda em detalhes cada posição.
- Chegando numa posição provável:
  - êle se orienta (norte, objetivos a cobrir, linhas inimigas e amigas eventualmente, meios de D.C.A. vizinhos, balões inimigos),
  - procura o local do P.C.T, a posição das peças,
  - o local do P.C.E.,
  - o local da central telefônica e do rádio, depois,
  - a colocação dos postos de escuta,
  - a colocação do poste d' H afastado, (perto de altimetria), enfim
  - a organização da defesa aproximada (aviões baixos, engenhos blindados, tropas terrestres)
  - a colocação dos escalões.
- Todas estas questões são estudadas sob o ponto de vista:
  - acesso,
  - possibilidades técnicas dos aparelhos e dos materiais,
  - condições táticas,
  - segurança terrestre e aérea,
  - conforto.

O capitão tendo escolhido uma determinada posição aprovada pelo comandante do grupo:

- dá as ordens em detalhe ao tenente da seção de comando, (ao ajudante) aos Cmts. de seção, ao graduado das transmissões,

- faz vir o Cmt. da L.F., e os chefes de peça para reconhecerem detalhadamente o local e os itinerários,
  - dá as ordens necessárias para começar os trabalhos de instalação e de camouflagem da bateria,
  - faz instalar seu instrumento diretor e prepara a colocação em direção,
  - instala os postos de escuta.
- b) **O tenente da seção de comando:**
- Reconhece o local do aparelho de procura e de identificação das aeronaves e, lhe define suas regiões de vigilância (1.º e 2.º urgências),
  - reconhece o local dos P.C.T (P.C.E.) e P.C.I. eventualmente,
  - procede as operações topográficas preliminares.
- c) **O ajudante da seção de comando** — (Possivelmente Sgt. de tiro)
- Faz instalar em detalhe as P. C. T. e P. C. E.,
  - a base d' H bistática, eventualmente.
- d) **O sargento observador:**
- Faz instalar o posto ótico,
  - faz balizar as direções interessantes: N.S.E., 0 e
  - direções a vigiar,
  - faz instalar as mesas do P.C.I. de bateria.
- e) **O Sgt. das transmissões:**
- Reconhece posições para a central telefônica e para o rádio e as ocupa.
  - Estuda em primeira urgência os circuitos da rede de tiro.
  - E em segunda urgência os circuitos da rede de comando e de informações, com o grupo.
- f) **Os Cmts de seção:**
- Piquetam o local das peças.
  - Procuram posições para o abrigo de munições.
  - Estudam os itinerários para a ocupação da posição.

- Fazem executar, eventualmente, os primeiros trabalhos de organização, camouflagem, etc. . . .
- g) No caso de ocupação da posição por peça, que é o caso normal, (Cmt. da linha de fogo) e os chefes de peça, partem em reconhecimento e
  - Reconhecem o local escolhido.
  - Reconhecem os itinerários de acesso.
  - Executam os trabalhos de organização.
  - Executam os trabalhos de organização que se fazem necessários inicialmente.

**C) Condições que devem satisfazer as posições:**

**1 — E. M. do Grupo:**

**a) P. C. do Grupo:**

- Se possível escolher para o grupo um conjunto de (3 ou 4 locais próximos permitindo que sejam reunidos):
  - O bureau do Cmt. do grupo.
  - O C. I. (3 mesas).
  - O P. C. T. avião escutado (3 ou 4 mesas).
  - A central telefônica.

**b) Vigilância:**

Os P. V. devem ser bem desembaraçados, possuir vistas extensas em tôdas as direções e encontrar-se ao abrigo de ruídos que venham perturbar a escuta.

O telémetro e o traçador de rotas devem ter o menor desenfiamento possível, a-fim de lhes permitir perceberem aviões a grandes distâncias (25 a 30 Km.); o que implica um desenfiamento de 10 a 12" (H = 300), 16 a 20" (H = 500). Seu estacionamento deve se acertar a regulação do telémetro, permitindo dêste modo a colocação de mira na distância prevista:

**2 — Baterias:**

**a) P. C. da bateria.**

A bía deve, se possível, dispôr de uma zona onde possam ser grupados:

- a central telefônica
- um pequeno centro inf. (P.C.I.)
- um P. C. avião escutado (P. C. E.).

E' preciso, ainda, no caso do tiro sôbre avião visto (de dia ou iluminado) um local para a instalação de uma mesa de informações nas proximidades do P.O.

**b) P.C. 32 e P.O. (Estabelecer para o Wikog 115 — h).**

- Necessitam o menor desenfiamento possível, para uma melhor utilização das zonas de ação. Para  $M = 100$  ms/Kg e se deseja começar a observação a 16 km, necessitaremos um desenfiamento no máximo igual a 25" para  $h = 400$  ou 32 " para  $H = 500$  ms. Para velocidades maiores necessitamos desenfiamentos mais fracos.
- E' preciso prever a instalação de mira a uma distância de 60 a 70 ms. Sítio mínimo do telêmetro — 3 a — 4 gr.; posto ótico 0 gr.
- A distância do P.O. ao P.C. deve estar compreendida entre 10 a 30 ms.
- O P.C. 32 não deve ser instalada a mais de 300 ms, do centro da bia.

**c) Bases da altimetria bistática:**

- Postos tendo vistas desembaraçadas, se possível permitindo a visada recíproca.
- Bases compreendidas entre 1.500 a 5.000 ms. determinadas com uma precisão 1/100.
- Declive máximo admitido para a base = 50".
- Erro de declive para uma base de 4 Km. Paralelismo das charneiras. 5". Perpendicularismo das charneiras a 50" aproximadamente.
- Alcance útil max: 10 a 15 Kms.
- Locar as bases formando um ângulo de 120° tendo o P.C. como vértice e com a bissetriz na direção da chegada provável dos aviões ou pelo menos desdo-

brá-las perpendicularmente à rota provável das aeronaves inimigas.

d) **Escuta**

**Evitar**

- estar próximo de fontes de ruído (usinas, moinhos, cachorros, carneiros, mar, etc...).
- as estradas de trânsito intenso, desconfiando-se não somente de estradas aproximadas, como das afastadas
- os vales sujeitos à écos.
- os arredores de granjas
- os terrenos cobertos de espinhais, árvores baixas, relva alta, etc...
- as posições batidas pelos ventos.

Quando existe ruído nas vizinhanças, interpôr sempre um anteparo: casa, bosque, etc... A topografia do solo nos arredores sendo considerada como possível de refletir e canalizar as ondas, é preciso procurar:

- as partes altas dos vales de fracos declives (sobretudo se êles são cobertos na direção provável de acesso).
- as entradas descampadas dos bosques.
- evitar as escarpas que produzam turbilhões.

Desejando-se a proteção contra o vento, abrigar igualmente as 4 células.

A escuta deve ser possível de 0° a 100°.

O corretor instalado a menos de 100 ms., se possível sob um sítio positivo, no leito do vento, quando se possa.

Para bem escutar, evitar todo ruído e qualquer esforço dos escutadores, de modo que êles conservem seu equilíbrio fisiológico e seu estado de ventividade. Em particular, lubrificar os aparelhos, telefonar em voz baixa e calçar os escutadores em fones apropriados.

e) **Canhões:**

Poderemos separar o desenfiamento a obter no canhão em: desenfiamento de pontaria e desenfiamento de segurança.

O tiro indireto permite grandes facilidades na instalação das peças.

Nas zonas da retaguarda, longe do inimigo, não procurar desenfiamento de pontaria. Nas proximidades do inimigo, porém, tomar um desenfiamento de 180" que permite o tiro sobre aviões de  $H = 500$  ms.

— O desenfiamento de segurança compreende o desenfiamento aos clarões e o desenfiamento à fumaça. Devido às grandes inclinações dos materiais da D. C. A., o desenfiamento de segurança é difícil de se obter: necessitamos colocar as peças com 10 ms. (clarões) e 14 ms. (fumaça) abaixo do plano de desenfiamento.

- Levam em conta na escolha de posição:
- O canhão tem o campo vertical de
- Em bateria pesa.
- Não pode ser feita a horizontalização com declives superiores a 5° (da coluna pivot).
- A distância do P. C. à bia, não pode exceder de 500 ms.
- O intervalo entre as peças deve ser de 30 a 50 ms.

f) **Defesa aproximada:**

A defesa contra aviões em vôo baixo é assegurada:

- evitando-se a colocação em um mesmo alinhamento os aparelhos de preparação do tiro e o material.
- pela colocação conveniente de seção de metralhadoras.

Esta colocação depende do processo usado no ataque (vôo horizontal, vasante, pique, etc...).

- Procurar, em princípio, para estas armas posições dominantes, distantes aproximadamente 500 ms. da bia. Mó na frente e retaguarda, permitindo vêr a

g) Es

1 —  
2 —

chegada dos aviões à uma distância de 2.500 ms., ou então colocá-la perto da bia., na direção perigosa e a uma distância de 50 ms. da bia.

- Admitindo-se a possibilidade do ataque a altitudes muito baixas, é preferível colocá-la a 50 ms. da bia. na rota de acesso provável.

Balisar as direções mais perigosas à vigiar, particularmente: frente da bia., cobertas atrás das quais o avião pode surgir inopinadamente.

Prever um dispositivo à vista, permitindo a alerta da unidade e a abertura do fogo pelo Cmt. da linha de fogo.

- A defesa contra tropas terrestres é obtida colocando as metralhadoras nos flancos da bia., condicionadas ao terreno, cruzando fogos na direção à bater, a uma distância de 5 a 600 ms. de cada grupo de armas e a 400 ms. na frente da bia. (flexa de 600 ms.: 1m43), construindo trincheiras e obstáculos (redes de arame, abatizes, etc.) em torno da posição. Prever uma posição eventual que permite o tiro sobre a bateria.

#### 7) Escalões (linha de viaturas):

- As diferentes viaturas devem ficar ao abrigo não somente das vistas, como dos fogos. As posições devem permitir circulação fácil.

Constitúe-se dois escalões: uma na frente e outra à retaguarda.

Este escalão da frente é constituído se se quer manter nas proximidades da posição, veículos em condições de:

- 1 — Partir rapidamente em reconhecimento.
- 2 — Retirar rapidamente o material em caso de perigo.

# SERENIDADE

---

Assistimos comovidos ao duelo de morte em que se agita o Velho Continente.

Em um espontâneo sentimento de humanidade lamentamos profundamente que tanto esforço, dedicação e sacrifícios a serviço de modelares organizações, sejam empenhados na destruição recíproca de milenar civilização.

E mais doloroso é meditar-se que no século de conquistas industriais vertiginosas, reafirma-se com mais pujança o conhecido "si vis pacem para bellum".

Nestas cogitações poderíamos alongar-nos indefinidamente, ainda sem conhecer os dramas pungentes de cada dia e cada hora que se representam entre os bastidores da Velha Europa.

O Novo Continente, como o indica seu nome, sente os reflexos da luta que se trava distante, conhecidos os múltiplos interesses que o prendem ao cenário em sangue.

Para o Brasil que começa a despertar, pondo em atividade seu potencial até então latente, esses reflexos tornam-se mais concretos, já pela dificuldade material que criam ao nosso desenvolvimento, já pelos efeitos com que poderemos ser atingidos no desenrolar dos acontecimentos.

Verdade seja dita que apesar de tais reflexos, aqueles que respondem pelos destinos do país, mantem a Nação em acentuado espírito de neutralidade, graças ao qual não temos a lamentar maiores males além dos que vão acima apontados; e isso sem permitir que seja arranhada nossa soberania por qualquer dos beligerantes.

E' natural e humano porém, que cada um de nós, como brasileiro e isoladamente, tenha simpatias pela facção A ou B.

Felizmente, até agora, os testemunhos de tal fenômeno não passam de simples simpatias externadas em palestras cordeais. Esse fato é sumamente encorajante porque mostra que nos encontramos protegidos pela couraça da serenidade contra toda a exploração sedutora quer venha do lado A ou do lado B.

Para nós militares é grato assinalar tal fenômeno porque o valor da nossa força reside na unidade de vistas, na harmonia de sentimentos, na sinceridade de atitudes, que vale dizer na coesão.

E' preciso entretanto que esse estado de ânimo perdure em nosso meio, é preciso que continuemos a trabalhar confiantes na orientação seguida pelos chefes sejam quais forem as atitudes a que os acontecimentos possam conduzi-los, porque não nos devemos esquecer nunca de demonstrar, perante o mundo e perante a própria nacionalidade, que como força armada do país, somos serenos e que, no atual conflito, somos unicamente brasileiros.

MAJOR S. L. O.



# A Cavalaria

NA GUERRA MODERNA

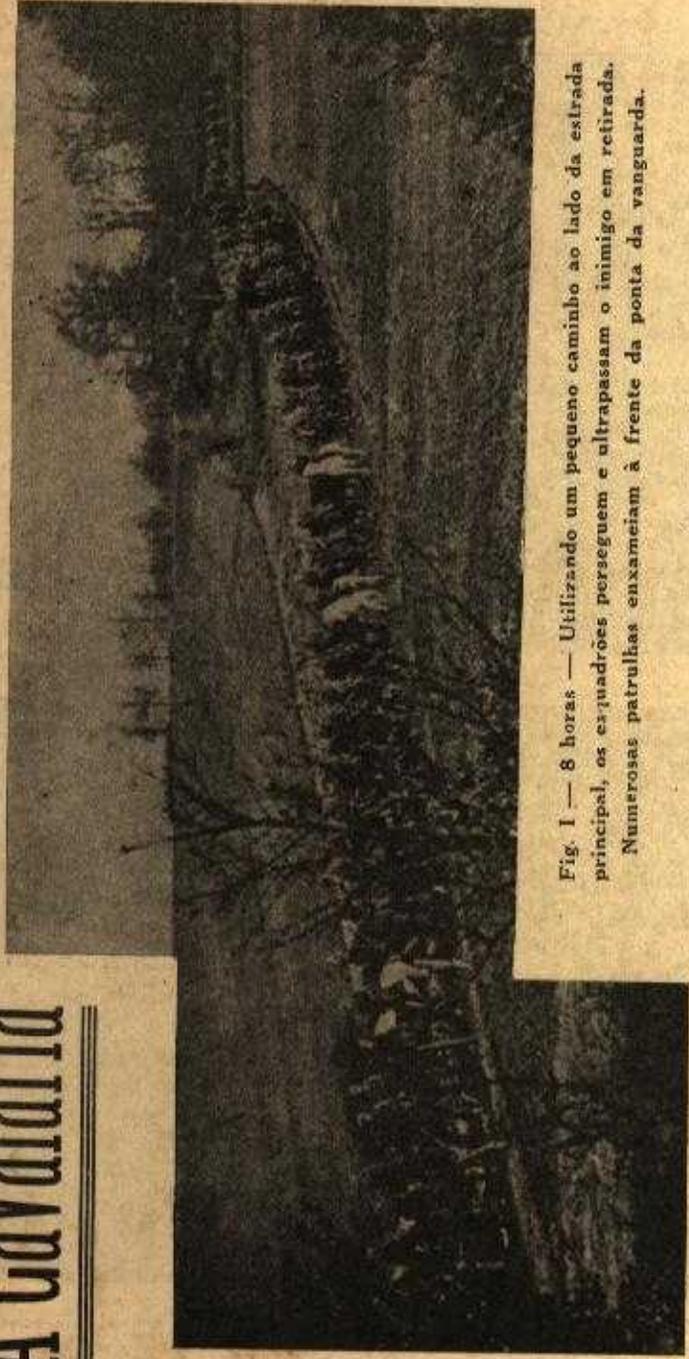


Fig. 1 — 8 horas — Utilizando um pequeno caminho ao lado da estrada principal, os esquadrões perseguem e ultrapassam o inimigo em retirada. Numerosas patrulhas enxameiam à frente da ponta da vanguarda.

(Tradução da revista "Die Wehrmacht")



Fig. II — 9 h. 30  
— A trote, aproximaram-se os esquadrões mais avançados, através terreno boscoso, até as imediações da aldeia de X, onde apearam.



Fig. III — Os cavalos de mão constituem a parte mais vulnerável dos esquadrões montados. Enquanto tais cavalos são conduzidos ao abrigo, entra em posição o canhão anti-carro, para fazer face a um eventual ataque de surpresa do inimigo.

Fig. IV —  
— Durante tempo, entre posição a artilharia a cavalo. Os canhões são geralmente a seu serviço. O cavalo, com sua artilharia, vencer terrenos planos ou declives em que a artilharia montada não poderia ser movida com segurança.

Fig. V — 10 h. — O ataque e a fuga do inimigo, realizado em que se garantiu a segurança das posições oferecidas pelo terreno. Os canhões, montados com segurança, podem ser movidos com facilidade.

Fig. VI — O canhão anti-carro, montado em um cavalo, é uma arma muito eficaz. Seu uso é muito simples e os cavalos conseguem fazer com facilidade a manobra necessária para a observação e o ataque. Um canhão anti-carro montado em um cavalo é uma arma muito eficaz.

Fig. IV — 10 hs.  
 — Durante esse tempo, entrou em ação a artilharia a cavalo. Com os canhões particularmente leves, os serventes a cavalo, consegue a artilharia fazer terrenos atreçados ou alagados em que a artilharia montada motorizada se vê detida.

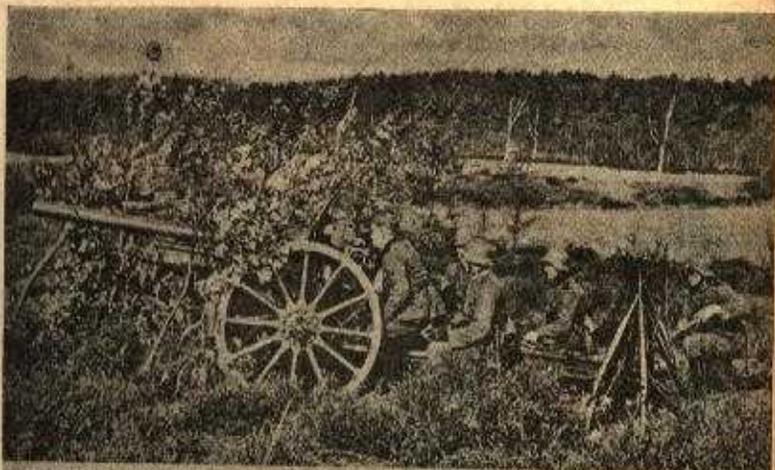


Fig. V — 10 h. 30  
 — O ataque parte avançando o flanco direito, região em que ele se julgava garantido devido às dificuldades oferecidas pelo terreno. Em certos pontos, exatamente como a infantaria, progrediu os cavaleiros.



Fig. VI — Cavaleiros de espírito ativo. Serventes de um cavaleiro a sela como meio de tração, conseguem fazer passar, através de uma pradaria alagada, que estava sob observação, um contra-carro.





Fig. VII — 10 h. 45 — “Avante, avante!” Ordena o Comandante do Esquadrão aos cavaleiros mais avançados. Não lhes dá nenhum descanso, nem para tomar fôlego: é preciso explorar a surpresa. Não se deve deixar ao inimigo nenhuma pausa para trazer novos meios.

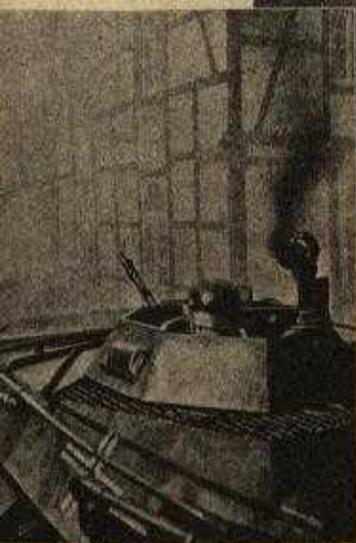


Fig. VIII — Um auto-metralhadora leve do esquadrão de descoberta alcançou a entrada da aldeia. Com marmitas fumígenas mascarará (oculta) aos ninhos de metralhadoras inimigas, que ainda não tenham sido destruídos, a aproximação dos cavaleiros atacantes.



Fig. IX — primeiros removi



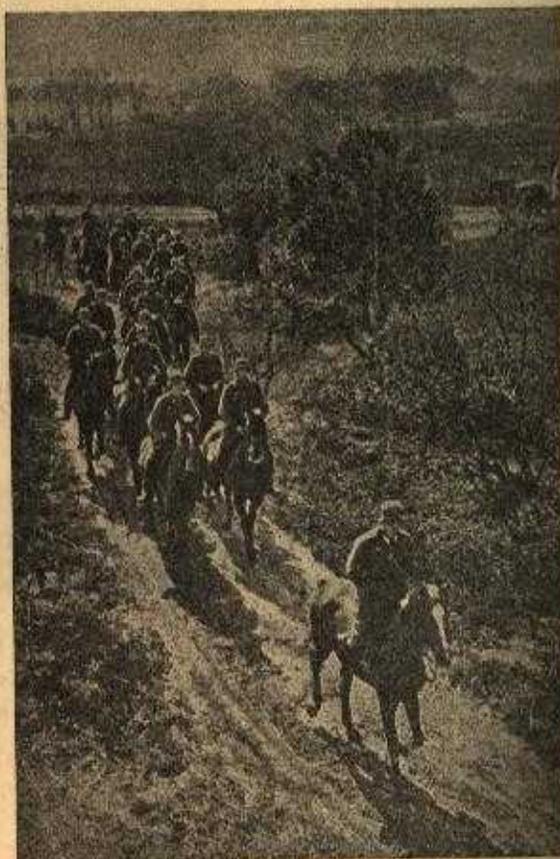
Fig. IX — 11 h. 15 — Cobertos pela cortina de fumaça, puderam os primeiros cavaleiros atingir a aldeia. Por meio de esforços combinados são removidas as barricadas. E' assim frustrada a tentativa inimiga de novamente se aferrar na aldeia X.



Fig. X — 11 h. 30  
— "Cavalos de  
mão para a fren-  
te". Em pequenos  
grupos, desembo-  
cam, das cobertas  
em que se acha-  
vam, para a plani-  
cie descoberta, em  
que meia hora  
mais cedo se de-  
senrolava o ataque.



Fig. XI — 11 h. 45  
— Novamente a  
cavalo, prossegue  
a perseguição. Em  
um calmo trote,  
são percorridos  
quilômetros e mais  
quilômetros. Das  
tropas inimigas  
dispersas, não sô-  
mente os elemen-  
tos a pé, mas tam-  
bem os auto cami-  
nhões parados por  
falta de gasolina,  
caem nas mãos dos  
infatigáveis cava-  
leiros persegui-  
dores.



CART

I -  
MELH  
DE MA  
II  
Está in  
DÔ-MI  
III  
a)

b)  
c)

Na  
em ITA  
dem ver

a)  
tantes fô

# O DESTACAMENTO DE DESCOBERTA MIXTO

## ESTUDO DE UM CASO CONCRETO

*Pelo Cap. A. C. Moniz de Aragão*

- Croqui do Estado do Rio, 1/100.000  
CARTAS: — Carta do Distrito Federal, 1/50.000  
— Carta da Vila Militar, 1/20.000.

### PRIMEIRA PARTE

#### A — SITUAÇÃO GERAL

I — Dois países em luta. UM AZUL de W. e outro VERMELHO DE L. Uma batalha se desenvolve ao N. da SERRA DE MADUREIRA.

II — A 1.<sup>a</sup> D.C. cobre o flanco S. do EXÉRCITO AZUL. Está instalada sôbre o corte dos rios ITAGUAHY e GUANDÚ-MIRIM.

III — Informações diversas:

- a) O DISTRITO FEDERAL é território AZUL, a partir de ANCHIETA — DEODORO — PORTUGAL PEQUENO para W.
- b) Choveu torrencialmente até D-1.
- c) Amanhece às 6 horas. Anoitece às 18.

#### B — SITUAÇÃO PARTICULAR

Na tarde do dia D-1, compareço ao P.C. da 1.<sup>a</sup> D.C. em ITAGUAHY. Às 20 (vinte) horas recebo a seguinte ordem verbal:

#### I — INFORMAÇÕES SOBRE O INIMIGO:

- a) A Aviação assinalou, hoje, desembarque de importantes forças inimigas na BAÍA DA GUANABARA.

b) Elementos de cobertura estão instalados na linha: COTA 81 (L. de COSTA BARROS) — MORRO DO SAPE — MORRO DO JURAMENTO — MORRO DO IGNACIO DIAS.

c) Nenhum movimento inimigo foi observado, até às 18 horas, a W. desta linha.

## II — MISSÃO DA D. C.

a) Reconhecer os elementos inimigos, que realizam a cobertura dos desembarques.

b) Procurar romper essa cobertura, a-fim de perturbar os desembarques do adversário.

c) Caso o inimigo tenha ultimado o desembarque e marche para W., executar uma ação retardadora, segundo o eixo da ESTRADA RIO — SÃO PAULO.

d) Manter, em qualquer caso, até às 11 horas do dia D+2 a linha: MORRO DA BOA VISTA — MORRO DO PEDREGOSO — MORRO DO LUIZ BOM — alturas ao S. de CAMPO GRANDE.

## III — INTENÇÃO DO COMANDANTE DA D. C.

a) Alcançar, na primeira parte da jornada de D, o córte do ARROIO SARAPUHY.

b) Marchar com a D. C. em duas colunas, cujo limite comum será: FAZ. GOULART — MORRO DO PAPAGAIO — MORRO DO LUIZ BOM — MORRO DAS PAINÉIRAS; MORRO DOS COQUEIROS — MORRO DO RETIRO — MORRO DE SÃO BENTO — MONTE ALEGRE — MORRO DO JACQUES — MORRO DO CAPIM — MORRO DA ESTAÇÃO — MORRO DA CRUZ.

## IV — DESCOBERTA

a) AÉREA:

### 1 — Afastada:

Missão: Informar às 7 horas e 30 minutos:

- Continuam os desembarques inimigos?
- Chegaram novos comboios?
- Executa o adversário movimentos na direção do Norte?
- Na direção de Oeste?
- Está o adversário em condições de resistir na linha ANCHIETA — DEODORO — PORTUGAL PEQUENO?
- Pode o inimigo oferecer resistência na linha : MORRO DO SAPE' — MORRO DO JURAMENTO — MORRO DO IGNACIO DIAS?

**2 — Aproximada:**

**Missão:** Cooperar, em íntima ligação, com a descoberta terrestre.

**B — TERRESTRE:**

**1 — Comando:** Cap. ARAGÃO.

**2 — Composição:**

— I/40. R.C.I.,

— 1 Pel. Mtrs./40. R.C.I.,

— 2 Pels. A.M.D.R.,

— 2 Pels. T. Q. T.,

— 1 Posto rádio M. 5.

**3 — Eixo de Marcha:**

— ESTRADA S. PAULO — RIO — ESTRADA DE SANT'ANA — ESTRADA DA POSSE — ESTRADA DO BOQUEIRÃO — MORRO DE S. BENTO — ORLAS S. DE VILA NOVA — ESTRADA PEDRO DE ALCANTARA.

**4 — Zona de Ação:**

**Limite Norte:** SERRA DO MENDANHA — MORRO DO CAPIM MELADO — RIO PAVUNA.

**Limite Sul:** MORRO DA JOAQUINA — MORRO DA SANTA EUGENIA — MORRO DO LUIZ BARATA — MORRO DO SANDA' — MORRO DO SILVEIRA — MORRO DO IGNACIO DIAS.

### 5 — Missão:

Informar às 6 horas e 30 minutos:

— Mantem o inimigo os desfiladeiros a W. e N. W. de BANGÚ?

— Está BANGÚ ocupada?

Informar às 7 horas e 30 minutos:

— Estão VILA NOVA, REALENGO e VILA MILITAR em poder do adversário?

Identificar a linha em que os VERMELHOS oferecem um resistência contínua.

### 6 — Conduta:

Em presença de fôrças superiores:

— Retardar a sua progressão para W.;

— Esforçar-se por manter, até às 12 horas de D, as entradas dos desfiladeiros a W. e N.W. de BANGÚ.

### 7 — Fim de Missão:

Quando fôr alcançado pelas Vanguardas.

## V — TRANSMISSÕES E INFORMAÇÕES

a) DESLOCAMENTO DO P.C. da D.C.:

A partir de 9 horas de D, estará em condições de funcionar em CAMPO GRANDE.

b) EIXO DE TRANSMISSÕES:

CAMPO GRANDE — BANGÚ — REALENGO — DEODORO.

c) Centro de TRANSMISSÕES DE DESCOBERTA:

Em CAMPO GRANDE, a partir de 7 horas.

## VI — LIGAÇÃO

O Destacamento de Descoberta tomará ligação com o avião de acompanhamento, (descoberta aérea aproximada):

- às 6 horas e 30 minutos na linha: MORRO DE S. BENTO — COL. DA TORRE — COL. DO TREM.
- às 7 horas e 30 minutos na linha: MORRO DOS AFONSOS — COL. DO ACAMPAMENTO — MORRO DO CAPIM.

O Comandante do D.D. deverá ter um entendimento pessoal com o Comandante da Aeronáutica.

## VII — CÓDIGO ESPECIAL DE TRANSMISSÕES

Distribuído em anexo

### SEGUNDA PARTE

#### ESTUDO DO PROBLEMA

Anoto rapidamente na carta a ordem. Volto ao meu P.C. em FAZ. DO JUCA, (4 Kms. a N.W. do PICO DA MARAPICÚ). Chamo o Tenente mais antigo. Dou-lhe conhecimento do ocorrido. Determino-lhe que realize a preparação material do Destacamento.

Passo, então, ao estudo detalhado dos fatores da decisão.

#### A — MISSÃO

I — Qual a missão que recebi?

a) INFORMAR:

1 — às 6 horas e 30 minutos:

— Elementos inimigos mantêm os desfiladeiros a W. e N.W. de BANGÛ?

— BANGÛ está ocupada?

2 — às 7 horas e 30 minutos:

— Estão ocupadas as localidades de REALENGO, VILA NOVA e VILA MILITAR?

3 — Em que linha do terreno o inimigo oferece resistência contínua?

### B — TOMAR LIGAÇÃO COM A DESCOBERTA AÉREA

1 — às 6 horas e 30 minutos na linha: MORRO DE S. BENTO — COL. DA TORRE — COL. DO TREM.

2 — às 7 horas e 30 minutos na linha: MORRO DOS AFONSOS — COL. DO ACAMPAMENTO — MORRO DO CAPIM.

### C — EM PRESENÇA DE FORÇAS SUPERIORES

1 — Retardar a sua progressão para W., segundo o eixo da ESTRADA RIO-S. PAULO;

2 — Esforçar-me por manter, até às 12 horas do dia D, as entradas dos desfiladeiros a W. e N. W. de BANGÚ.

d) DESLOCAR-ME, com o grosso do Destacamento segundo o eixo: ESTRADA S. PAULO — RIO — ESTRADA DA POSSE — ESTRADA DO BOQUEIRÃO — ORLAS S. DE VILA NOVA — ESTRADA PEDRO DE ALCANTARA, tendo por zona de ação a faixa do terreno compreendida:

— ao norte pela SERRA DO MENDANHA — MORRO DO CAPIM MELADO — RIO PAVUNA.

— ao sul pelas alturas imediatamente ao S. da ESTRADA REAL DE SANTA CRUZ.

### II — Análise Detalhada

Passo, a seguir, ao estudo minucioso. Parte por parte:

a) INFORMAR:

1 — às 6 horas e 30 minutos:

— elementos inimigos mantêm os desfiladeiros a W. e N. W. de BANGÚ?

— BANGÚ está ocupada?

2 — às 7 horas e 30 minutos:

— Estão ocupadas as localidades de REALENGO — VILA NOVA e VILA MILITAR?

Estes pedidos estão amarrados no tempo e no espaço. Preciso levar o D. D., sucessivamente, para as proximidades dos pontos de onde quero as informações. A tempo de realizar a busca dos dados, que me interessam, e de transmiti-los.

Colherei as informações por meio de reconhecimentos. Serão lançados a frente do D. D., sôbre os pontos interessantes. A uma distância, que me permita reforçá-los, acolhê-los ou explorar as suas informações.

**1.<sup>a</sup> Conclusão** — Necessito:

1 — Atingir às 6 horas as saídas L. dos desfiladeiros a W. e N. W. de BANGÚ, de onde farei reconhecer esta localidade.

2 — Obter informações de REALENGO, VILA NOVA e VILA MILITAR antes das 7 horas e 15 minutos.

b) EM QUE LINHA DO TERRENO O INIMIGO OFERECE RESISTÊNCIA CONTÍNUA ?

Como determiná-la? Fazendo reconhecer os diferentes cortes do terreno, dentro de zona de ação da D. C., que apresentem características favoráveis à manutenção do terreno pelo inimigo.

Como reconhecer esta linha sem empregar grandes efetivos? Jogando sôbre os pontos notáveis que os contrários devem ter todo o interesse em conservar, reconhecimentos. Um conjunto de pontos interessantes define uma linha interessante.

Esta linha deve ser procurada com vigor. Ser-me-á talvez necessário desbordar resistências isoladas ou forçar a passagem em alguma parte. Na segunda hipótese terei necessidade de conservar uma passagem para o escoamento das transmissões.

**2.<sup>a</sup> Conclusão:** Quando estudar o terreno, devo verificar as linhas em que o inimigo, de acôrdo com as suas possibilidades, terá interesse em manter.

**3.<sup>a</sup> Conclusão:** Devo repelir ou tornêar as resistências isoladas, a-fim de ir ao encontro dos elementos de segurança

aproximada do adversário e de identificar a linha, onde oferece resistência contínua.

c) **TOMAR LIGAÇÃO COM A DESCOBERTA AÉREA APROXIMADA;**

— às 6 horas e 30 minutos na linha: ORLAS L. de BANGÚ — MORRO DE S. BENTO — COL. DA TORRE — COL. DO TREM.

— às 7 horas e 30 minutos na linha: MORRO DOS AFONSOS — COL. DO ACAMPAMENTO — MORRO DO CAPIM.

Preciso, portanto, alcançar as linhas acima a tempo de realizar as medidas de ordem técnica e as precauções de ordem tática, que a operação exige. São necessários 15 minutos.

4.<sup>a</sup> **Conclusão** — Tenho necessidade de atingir:

— às 6 horas e 15 minutos: MORRO DE S. BENTO — COL. DA TORRE — COL. DO TREM.

— às 7 horas e 15 minutos: MORRO DOS AFONSOS — COL. DO ACAMPAMENTO — MORRO DO CAPIM.

d) **EM PRESENÇA DE FORÇAS SUPERIORES:**

1 — Retardar a progressão do adversário para W., segundo o eixo do D.D.;

2 — Esforçar-se por manter, até às 12 horas do dia D, as entradas L. dos desfiladeiros a W. e N.W. de BANGÚ.

Retardar a progressão do inimigo. Escolha de pontos e cortes do terreno, onde pequenos efetivos bastem para deter momentaneamente o adversário, que tem necessidade de se reajustar para atacar ou manobrar.

Esforçar-me em manter... Para manter, é necessário estar de posse do que se quer conservar. Preciso chegar antes do inimigo nos desfiladeiros de BANGÚ. Em condições de estabelecer-me defensivamente ou de prosseguir para L.

Não devo esquecer, que a necessidade de permanência sôbre a linha MORRO DO CAPIM MELADO — MORRO DO

RETIRO, será tanto menor, quanto maior fôr o tempo ganho nas ações retardadoras executadas a L. destas alturas.

**5.<sup>a</sup> Conclusão:** Devo fazer o possível para atingir as saídas L. dos desfiladeiros de BANGŪ, (W. e N.W.), antes dos primeiros elementos do adversário.

**6.<sup>a</sup> Conclusão:** Necessito escolher, de antemão, os cortes do terreno, que favoreçam a ação retardadora do meu D.D..

## B — INIMIGO

### I — QUE INFORMAÇÕES POSSUO SOBRE O INIMIGO?

A Aeronáutica diz:

a) Importantes fôrças inimigas desembarcam na BAÍA DA GUANABARA;

b) Um destacamento, de cobertura foi assinalado na linha: COTA 81, (L. de COSTA BARROS), — MORRO DO SAPE' — MORRO DO JURAMENTO — MORRO DO IGNACIO DIAS;

c) Nenhum movimento inimigo foi observado a W. desta linha, até às 18 horas.

### II — QUAIS AS POSSIBILIDADES DO INIMIGO?

O adversário para levar a sua cobertura mais para W., durante a noite de D-1/D ou na primeira parte da jornada de D, necessita de informações precisas de, pelo menos, MORRO DO CAPIM MELADO — BANGŪ. Não é provável que estas informações tenham sido colhidas. Reconhecimentos não foram realizados. Assim informa a Aviação. As possibilidades do Destacamento de Cobertura se deslocar para W., antes da primeira parte da jornada de D, são nulas.

Entretanto, pode o adversário lançar, desde as primeiras horas de D, elementos ligeiros de reconhecimento. Não se aventurariam, contudo, antes do clarear do dia, através das localidades de REALENGO, VILA NOVA e BANGŪ, cujas populações lhes são hostís, e através dos desfiladeiros a W. e N.W. de BANGŪ.

**7.<sup>a</sup> Conclusão:** É possível que elementos ligeiros inimigos alcancem, ao alvorecer, a linha: MORRO DO CAPIM MELADO — BANGÜ.

**8.<sup>a</sup> Conclusão:** O Destacamento de Cobertura dos desembarques Vermelhos só poderá movimentar-se para W. a partir da segunda parte da jornada de D.

### C — TERRENO

I — Passo ao estudo do terreno. Faço-o objetivamente. Primeiro, de acôrdo com as possibilidades do inimigo. Depois, segundo as facilidades ou dificuldades, que oferece ao cumprimento da missão, que me foi imposta.

#### II — DE ACÔRDO COM AS POSSIBILIDADES DO INIMIGO:

a) Elementos ligeiros inimigos poderão atingir, ao alvorecer o corte do ARROIO SARAPUHY:

##### 1 — Por onde poderão penetrar?

— Pela ESTRADA REAL DE S. CRUZ?

— ao longo da E.F.C.B. — VILA NOVA — MORRO DE S. BENTO — MORRO DO RETIRO;

— COSTA BARROS — R. ALBUQUERQUE — MORRO DO PERIQUITO — CANCELA PRETA — MORRO DO RETIRO;

— COSTA BARROS — ANCHIETA — MORRO DO BANANAL — COL. DO CEMITÉRIO — SERRA DO QUITUNGO.

Os dois primeiros eixos permitem a progressão fácil de elementos automóveis. Os restantes, devido às chuvas, devem oferecer dificuldades mesmo a elementos Q.T.

##### 2 — De onde poderão desembocar por surpresa?

— De BANGÜ,

— do colo entre MORRO DE S. BENTO e COTA 60, (S.W. da COL. DA TORRE),

- passagem entre Col. DO CEMITÉRIO e MORRO DO CAPIM MELADO,
- da garganta entre MORRO DO PERIQUITO e COTA 60, (N.L. de FAZ. DO ENG. NOVO),
- da garganta entre a COTA 60, (S. L. da FAZ. DO ENG. NOVO), e a COTA 50, (N.W. do MONTE ALEGRE),
- REALENGO,
- VILA NOVA,
- ANCHIETA,
- Colo entre MORRO DA BOA VISTA e MORRO DO CARRAPATO,
- Colo entre MORRO DO DENDÊ e MORRO DO JOVINO;
- colo entre MORRO DO DENDÊ e MORRO DA INVERNADA,
- garganta entre MORRO DA JAQUEIRA e MORRO DO JACQUES,
- desfiladeiro entre MORRO DO Tte. ACACIO e COTA 180, (S. do MORRO Tte. ACACIO).

**3 — Onde o inimigo terá facilidade em dificultar a progressão do meu D.D. ?**

- BANGÚ,
- MORRO DES. BENTO — COL. DA TORRE — COL. DO TREM — COL. DO CEMITÉRIO,
- REALENGO — VILA NOVA,
- COTA 60, (S. de FAZ. DO ENG. NOVO) — FAZ. DO ENG. NOVO — MORRO DO PERIQUITO — MORRO DO BANANAL,
- ALTURAS AL. DO ARROIO PIRAQUARA — MONTE ALEGRE — MORRO DO ENG. NOVO — MORRO DO BANANAL.
- COTA 180 — MORRO DO Ten. ACACIO — MORRO DO GIRANTE — MORRO DO JACQUES — MORRO DO CARRAPATO — MORRO DA BOA

- VISTA — MORRO DO NASCIMENTO — ANCHIETA.
- MORRO DA ROÇA — MORRO DOS AFFONSOS — CAPISTRANO — COL. DO ACAMPAMENTO — MORRO DO PAIOL PEQUENO — MORRO DA INVERNADA — MORRO DO DENDÉ — MORRO JOVINO — COTA 40 (N.W. do MORRO de SÃO BERNARDO).
- ORLAS W. de PORTUGAL PEQUENO — COL. CEL. MAGALHÃES — ORLAS W. de DEODORO — MORRO DA ESTAÇÃO — COL. S. JOSE' — MORRO DO RICARDO — MORRO DO NAZARETH.
- MORRO DO SILVEIRA — ORLAS W. DE BENTO RIBEIRO — MORRO DA CRUZ — COL. DO JOSÉ IGNACIO — MORRO DO TERERÉ.

### III — ESTUDO DO TERRENO, TENDO EM VISTA AS FACILIDADES QUE OFERECE AO CUMPRIMENTO DA MISSÃO:

a) A distância entre o córte do RIO GANDÚ-MIRIM e as posições ocupadas pelo inimigo é de 35 Kms. Entre aquele córte e BANGÚ, 20 Kms..

b) **Eixos de progressão:** Verificámos os principais eixos de marcha, quando examinamos o terreno segundo as possibilidades do inimigo.

O eixo da ESTRADA REAL é o mais importante. Oferece grande facilidade ao trânsito. Entretanto passa através de localidades, que devem ser evitadas pelo grosso do D.D.

O eixo do D.D., fixado pelo Cmt. da D.T., é menos favorecido, sob o ponto de vista trânsito. Permite a circulação de veículos automóveis e desborda as localidades.

Os eixos do Norte, que passam por dentro do CAMPO DE INSTRUÇÃO, dado que atravessam vários arroios de margens pantanosas, devem ser imprestáveis para o trânsito dos elementos motorizados, mesmo com lagarta.

c) COMPARTIMENTAÇÃO TRANSVERSAL, QUE PERMITIRÁ A PROGRESSÃO POR LANÇOS:

- CAMPO GRANDE — MORRO DO LUIZ BOM — MORRO DO PEDREGOSO — MORRO DA BOA VISTA.
- MORRO DO SANTÍSSIMO — MORRO DO TAQUARAL — MORRO DA FORMIGA — FAZ. do MENDANHA.
- COTA 60 (S. W. de BANGÚ) — MORRO DO RETIRO — MORRO DO CAPIM MELADO.
- ORLAS L. DE BANGÚ — MORRO DE S. BENTO — COL. DA TORRE — COL. DO TREM — COL. DA BARREIRA.
- ORLAS L. de REALENGO — ORLAS L. de VILLA NOVA — COTA 60 (S. W. de FAZ. ENG. NOVO) — FAZ. DO ENG. NOVO — MORRO DO PERIQUITO — MORRO DO ENG. NOVO — MORRO DO BANANAL.
- ARROIO PIRAQUARA — MONTE ALEGRE — MORRO DO CARRAPATO — MORRO DA BOA VISTA — MORRO DO NASCIMENTO.
- COTA 180 — MORRO TTE. ACACIO — MORRO DO GIRANTE — MORRO DO JACQUES — MORRO DA JAQUEIRA — MORRO DA INVERNADA MORRO S. BERNARDO — ORLAS L. de ANCHIETA.
- MORRO DA ROÇA — COL. CINCO MANGUEIRAS — COL. LONGA — COL. DO ACAMPAMENTO — ORLAS L. DE VILA MILITAR — COL. DA OLARIA — MORRO DO CAPIM — MORRO S. BERNARDO — MORRO DO CHICO FRANCÊS.
- ORLAS L. de PORTUGAL PEQUENO — PALMEIRA — MORRO DA CRUZ — COL. MANOEL DIAS MORRO DO BOTAFOGO.

d) COMPARTIMENTAÇÃO LONGITUDINAL, QUE POSSIBILITARÁ A MANOBRA:

Vejo três compartimentos longitudinais:

- 1 — um ao N. da linha: MORRO DO PEDREGOSO — SERRA DO QUITUNGO — COL. do CAPÃO REDONDO — MORRO DO PERIQUITO — MORRO DO ENG. NOVO — MORRO DA BOA VISTA — MORRO S. BERNARDO — MORRO DE CAMBOATA' — MORRO DO ORATÓRIO.
- 2 — Outro entre esta linha e a que segue: MORRO DO PAPAGAIO — MORRO DO LUIZ BOM — MORRO DAS PAINEIRAS — MORRO DOS COQUEIROS — MORRO DO RETIRO — MORRO DE S. BENTO — MONTE ALEGRE — MORRO DO JACQUES — MORRO DA ESTAÇÃO — MORRO DA CRUZ;
- 3 — e um terceiro compartimento entre a segunda linha e as alturas ao S. da ESTRADA REAL. Este compartimento, ao se aproximar do inimigo, se subdivide em três, em virtude dos maciços do MORRO DOS AFONSOS e CAPISTRANO.

e) OBSERVATÓRIOS IMPORTANTES, CUJA POSSE FACILITARÁ A EXECUÇÃO DA MISSÃO:

- MORRO DO LUIZ BOM,
- MORRO DO SANTÍSSIMO,
- MORRO DOS COQUEIROS,
- MORRO DO RETIRO,
- MORRO DE S. BENTO,
- MONTE ALEGRE,
- MORRO DO JACQUES,
- MORRO DA ESTAÇÃO,
- MORRO DA CRUZ.

#### IV — ESTUDO DO TERRENO, TENDO EM VISTA AS DIFICULDADES QUE APRESENTA A EXECUÇÃO DA MISSÃO:

- a) **Pontos de passagem difícil, por onde deverei transitar:**
- desfiladeiro entre MORRO DO SANTÍSSIMO e MORRO DO TAQUARAL;
  - Vale entre a SERRA DO QUITUNGO e MORRO DOS COQUEIROS; MORRO DO RETIRO;
  - ORLAS S. de VILA NOVA;
  - ORLAS N. de VILA MILITAR;
  - DEODORO.

#### V — CONCLUSÕES

Desta análise detalhada do terreno, concluímos:

**9.<sup>a</sup> Conclusão:** O D. D., para alcançar as posições atualmente ocupadas pelos elementos de cobertura do inimigo, deverá percorrer cerca de 35 Kms. Para atingir BANGÚ, onde as frações ligeiras do adversário poderão estar ao clarear do dia, 20 Kms..

**10.<sup>a</sup> Conclusão:** Existem quatro eixos de progressão na zona de ação do D. D.. Os dois do N. não permitem o trânsito de veículos motorizados.

**11.<sup>a</sup> Conclusão:** Se o inimigo estiver de posse de BANGÚ — COTA 62 (S. L. do MORRO DO RETIRO) — MORRO DO RETIRO, terei grande dificuldade para desembocar sobre o córte do ARROIO SARAPUHY.

**12.<sup>a</sup> Conclusão:** A partir de MORRO DO RETIRO — MORRO DO CAPIM MELADO, devo realizar a progressão em guarda, por lanço.

#### D — MEIOS

Tenho à minha disposição os seguintes meios:

- 1 Esq. Fuz.,

- 1 Pel. Mtrs.,
- 2 Pels. Q.T.,
- 2 Pels. A.M.D.R.,
- 1 Posto Rádio M.5.

## I — POSSIBILIDADES QUE ESTES MEIOS OFERECEM:

### a) Velocidade de marcha:

- Elementos Hipomóveis:
  - de dia 8 Kms.;
  - de noite 4 Kms.
- Elementos motorizados:
  - de dia 20 Kms.;
  - de noite 12 Kms..

### b) Possibilidades de reconhecimento:

1 — Descoberta Aérea Aproximada: Pode fornecer-me informações positivas sobre os movimentos inimigos nos eixos, quando estabelecer as ligações com o D.D determinadas pelo Cmt. da D.C..

2 — Elementos a cavalo: Realizam a busca de informações em qualquer terreno. A rapidez de execução da missão depende da velocidade dos animais. Estabelecido o contacto, têm relativa facilidade em mantê-lo.

#### 3 — Elementos motorizados:

— A.M.D.R.: São aptos a tomar rápida e brutalmente o contacto. Rompê-lo facilmente, para tentar uma nova ação em outro ponto. Entretanto a blindagem não lhes permite parar sob o fogo do adversário. Guardam, com dificuldade, o contacto. As possibilidades de observação nas proximidades do inimigo são muito reduzidas.

Daí resulta, que os A.M.D.R. só devem ser empregados apoiados por frações transportadas, cuja velocidade é suficiente para acompanhá-los, (n. 61 de Notice Provisoire sur l'Emploie des Unités Motorisées et Mécaniques de la Cavalerie). Ou, então, por grupos de duas patrulhas, escalonadas em profundidade, de modo que uma possa proteger

a outra com os seus fogos. Em princípio, um pelotão pode fornecer duas patrulhas, (n. 70 de Notices Provisoire).

A-pesar de munidos de lagarta estão amarrados às proximidades das estradas.

— Elementos transportados: O pelotão é constituído por dois G.C., cada um conduzido em duas viaturas de 6 rodas ou lagarta, (uma esq. com um F.M. por viatura).

São muito vulneráveis.

Apresentam a vantagem de possuir grande velocidade e notável potência de fogo, principalmente na defensiva, (dois F.M. por G.C.).

## II — CONCLUSÕES:

**13.<sup>a</sup> Conclusão:** As velocidades dos elementos hipomóveis e motorizados, por serem diferentes, obrigam-me a empregá-los separadamente.

**14.<sup>a</sup> Conclusão:** Nos terrenos cortados, pantanosos ou cobertos de vegetação devo utilizar frações a cavalo.

**15.<sup>a</sup> Conclusão:** Devo empregar as patrulhas de A.M. D.R. apoiadas por elementos Q.T. ou por outra patrulha A.M.D.R..

**16.<sup>a</sup> Conclusão:** Posso solicitar à Descoberta Aérea Aproximada nas horas previstas para as ligações, informações sobre a presença do inimigo nos eixos de marcha.

## E — SÍNTESE

I — A 1.<sup>a</sup> Conclusão obriga a chegada do D.D., antes de 6 (seis) horas ao MORRO DO RETIRO. A 5.<sup>a</sup> Conclusão exige que eu atinja, antes do adversário, as saídas L. dos desfiladeiros a W. e N.W. de BANGÚ. A 7.<sup>a</sup> Conclusão diz que é possível, que os elementos ligeiros dos contrários atinjam ao alvorecer o córte do ARROIO SARAPUHY. A 11.<sup>a</sup> Conclusão adverte que, se o inimigo estiver de posse de ORLAS L. de BANGÚ — MORRO DO RETIRO, terei grande dificuldade em desembocar para L. dessa linha.

Em consequência resolvo:

**1.ª Resolução:** Atingir a linha MORRO DO RETIRO — MORRO DO CAPIM MELADO antes de alvorecer, às 5 (cinco) horas e 45 (quarenta e cinco).

II — A 1.ª Resolução leva-me a considerar a linha: MORRO DO RETIRO — MORRO DO CAPIM MELADO como o limite anterior da zona de segurança relativa. Obrigame ainda, a uma marcha à noite dentro desta zona.

A 12.ª Conclusão mostra que as velocidades entre certos elementos componentes do D.D. são muito diferentes. Assim decido:

**2.ª Resolução:** Realizar a marcha na zona de segurança relativa em dois escalões:

1.º Escalão: frações a cavalo;

2.º Escalão: frações moto-mecanizadas.

IV — Ao atingir MORRO DO RETIRO, vou necessitar de informações de BANGÚ, do côlo entre MORRO DE SÃO BENTO e COTA 60 (S. W. de COL. DA TORRE e da passagem entre COL. DA BARREIRA e SERRA DE GERICINÓ.

A 10.ª Conclusão afirma que os caminhos do CAMPO DE INSTRUÇÃO são maus para os veículos motorizados.

Considero muito vulnerável o elemento transportado para lançá-lo, como parte de um reconhecimento que vai sôbre uma localidade. Prefiro utilizar nestes reconhecimentos patrulhas blindadas, apoiadas por outras semelhantes.

O R. E. C. C., III parte, n.º 120, recomenda, sempre que se dispuzer de elementos de auto-metralhadoras, que se realize os reconhecimentos no eixo de marcha do D.D. com pelotões de A.M.D.R.. Destarte, prevejo:

**3.ª Resolução:** Lançar, ao atingir MORRO DO RETIRO, reconhecimentos sôbre BANGÚ; côlo ao N. do Morro de S. BENTO e passagem ao N. da COL. DA BARREIRA. Os dois primeiros constituídos por pelotões de A.M.D.R. e o último por um grupo a cavalo.

V — A 3.<sup>a</sup> Conclusão força-me a buscar o contôrno aparente do adversário, repelindo as resistências isoladas ou contornando-as. Só as informações, que forem colhidas, poderão dizer como deverei agir.

A 12 Conclusão comanda a marcha do D.D. em guarda, de corte em corte do terreno. Fixa êstes lanços.

A partir da linha MORRO DO RETIRO — MORRO DO CAPIM MELADO, é possível o encontro com elementos do adversário. Desta região em diante, constitúi o inimigo a variável sob cuja influência vai evoluir a manobra preconcebida. Só poderei regular os lanços do D.D., para além da zona de segurança relativa, depois de obter informações do corte sôbre que me vou arremessar.

A 4.<sup>a</sup> Conclusão amarra a execução dêstes no tempo e no espaço.

Fixo, pois:

**4.<sup>a</sup> Resolução:** A partir do MORRO DO RETIRO, progredir por lanços, que serão sucessivamente regulados de acôrdo com as reações do inimigo de maneira a atingir:

— às 6 (seis) horas e 15 (quinze) a linha MORRO DE S. BENTO — COL. DA TORRE;

— às 7 (sete) horas e 15 (quinze) a linha MORRO DOS AFONSOS — COL. DO ACAMPAMENTO — MORRO DO CAPIM.

VI — A 1.<sup>a</sup> e a 2.<sup>a</sup> Resoluções e a 9.<sup>a</sup> Conclusão obrigam-me a fixar a hora de partida dos elementos hipomóveis e motorizados, de modo que atinjam às 5 (cinco) horas e 45 (quarenta e cinco) a linha MORRO DO RETIRO — MORRO DO CAPIM MELADO.

Assim,

**5.<sup>a</sup> Resolução:** Os elementos a cavalo iniciarão o movimento à 0 (zero) horas e 45 (quarenta e cinco).

Os motorizados, às 3 (três) horas e 45 (quarenta e cinco).

VII — Quando estudei o adversário, formulei hipóteses sôbre as suas possibilidades. Estas podem se realizar ou não. Não devo, entretanto, ser surpreendido. Cumpre zelar pela integridade do D. D. e assegurar a minha liberdade de ação.

6.<sup>a</sup> Resolução: E' indispensável organizar, mesmo na zona de segurança relativa, a segurança aproximada e a segurança imediata do D. D..

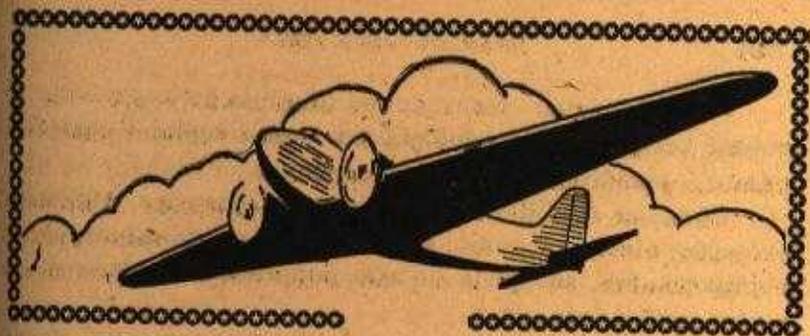
(Continua)



A-pesar-de havermos duplicado o número de páginas da nossa Revista, não é possível publicarmos imediatamente a colaboração que nos é enviada, devido ao fato de nos terem chegado às mãos grande quantidade de artigos, versando os mais variados assuntos sôbre técnica militar e de interesse profissional.

Pedimos, assim, escusas aos nossos distintos camaradas, pelo natural atrazo com que são publicadas as colaborações.





# NOTAS DE TÁTICA AÉREA

Pelo Major NILO GUERREIRO  
Instrutor chefe do Curso de Aeronáutica  
da E. E. M.

## SUMÁRIO

- I — **Organização dos campos de aviação** — Estudo da instalação em campanha de um Grupo em seu campo base.
- II — **Informações:**  
Elementos a ter em uma sala de informações.
- III — **Bombardeio:**  
Modêlo de ordem para uma expedição de bombardeio.
- IV — **Caça:**  
Quadro das missões.
- V — **Artilharia anti-aérea.**  
Notícias atuais sôbre os calibres em uso.

### I — ORGANIZAÇÃO DOS CAMPOS DE AVIAÇÃO

É um dos mais importantes problemas para a Aviação, porque nunca devemos nos esquecer que:

— os aviões custam caro, são de delicada conservação e difícil substituição;

— cada avião destruído ou inutilizado representa ao mesmo tempo, uma diminuição em nossos meios e uma facilidade à penetração da Aviação adversa.

Tôdas as medidas concernentes à segurança, vigilância, proteção, alerta, incêndio, etc., não podem ser esquecidas ou negligenciadas, sob pena de não podermos conservar nossos aviões para a luta aérea.

Vamos pois estudar a instalação de campanha de um Grupo de Aviação em seu campo base.

### OBJETIVO PROCURADO

A instalação de uma base aérea em tempo de guerra deve tender a uma solução ideal, traduzida por:

- 1) dar à base a aparência de não ocupada;
- 2) proteger o pessoal e o material contra os bombardeios (defesa ativa e passiva);
- 3) realizar contra as intempéries a proteção indispensável para assegurar sem dificuldade, a entrada em ação do material e permitir ao pessoal cumprir facilmente suas tarefas.

Para realizar a 1.<sup>a</sup> condição, devemos considerar os três meios de investigação inimiga:

- fotografia aérea;
- observação à vista;
- espionagem.

Para a segunda condição é preciso distinguir os meios ativos e passivos.

Os meios ativos são as formações de D. A. T. que podem ter uma base aérea em seu setor e as Mtrs. e F. M. que pertencem à própria base.

Os meios passivos são:

a) **para o pessoal:**

- dispersão de ocupação;
- trincheiras e abrigos nos locais de acantonamento e trabalho;

- vigilância aproximada;
- roteiros em caso de alerta;
- proteção contra os gases.

**b) para o material:**

- alvéolos;
- para-estilhaços de proteção aos motores;
- afastamento e compartimentagem dos depósitos de munição.

A 3.<sup>a</sup> condição consistirá em medidas materiais variáveis, de acordo com cada caso particular, procurando-se o conforto para o pessoal.

**A) — SUPRESSÃO DOS INDÍCIOS DE OCUPAÇÃO**

**1.º — Proteção contra a fotografia aérea:**

As precauções a tomar são de duas espécies:

- furtar o material à ação fotográfica;
- evitar os indícios de circulação.

A primeira precaução consiste em fazer uso de camuflagem apropriada à vegetação ambiente, destruindo a harmonia das linhas e a simetria. Pode-se variar a forma dos dispositivos de camuflagem para cada avião e até reunir dois aviões em cada abrigo. Dois aviões, por exemplo, colocados de maneira a formar um V com seus planos, mesmo sem nenhuma camuflagem, deixam dúvidas na identificação das fotografias aéreas tomadas à grande altura.

Os veículos serão pintados com cores diversas, assemelhadas a vegetação e ainda utilizarão painéis de madeira ou de tela, devidamente pintados, sobre seus tétos.

Cada veículo em circulação deverá sempre parar sob um galpão, árvore ou, ao menos, na sombra.

As barracas e abrigos do pessoal serão também camuflados de maneira análoga aos veículos.

As marcas distintivos de um aeródromo em tempo de paz. "T", balisas, barreiras, faixas, etc. — devem desaparecer.

Os hangares não podem ser suprimidos. Mas, pintados de uma côr sombria, diminuem sensivelmente a distância em que podem ser percebidos.

O plano de ocupação estabelecido para o material e pessoal deve ser rigorosamente mantido. Limitar-se-á à circulação dos veículos e dos pedestres, estabelecendo-se regras severas completadas por pequenas cârcas de arame destinadas a canalizar essa circulação.

### 2.º — Precauções a tomar contra a observação à vista

As condições atmosféricas ou simplesmente o cuidado de evitar os golpes e as vistas, obrigarão o inimigo a proceder à sua investigação a muito baixa altitude. Logo que o ruído de um motor de avião seja percebido, todo veículo e pedestre se deterá onde estiver e, na medida do possível, procurará utilizar um obstáculo entre êle e a direção d'onde vem o ruído percebido. De uma maneira geral, é necessário evitar tôda a reunião de grupos de homens em espaço descoberto: a alimentação deve ser servida e comida em local que disponha de cobertas; nos acantonamentos os homens não devem circular nas ruas.

No que diz respeito à execução das missões aéreas, os aviões não devem ser retirados dos seus abrigos senão nos momentos de necessidade e neles serão recolocados, uma vez reabastecidos de essência, após a volta de sua missão.

A noite se evitará tôda luz inútil, como o clarão dos projetores de aterrissage que se vê de muito longe. E' indispensável utilizar balisamentos e processos de aterrissage discretos (lâmpadas de giro, L luminoso e meios de bordo) limitando seu uso ao estrito mínimo.

### 3.º — Proteção contra a espionagem

As bases aéreas de campanha se encontram bastante longe da frente e geralmente se situam em uma zona próxima de

localidades com núcleos de população civil mais ou menos importantes. É indispensável observar pois, as maiores precauções: roteiros severos para o pessoal, censura na correspondência, proibição da circulação nos arredores do aeródromo, detenção dos indivíduos suspeitos, etc.

É preciso também que se impeça qualquer ato de sabotagem, maxime hoje em que os paraquedistas são inimigos sempre a temer.

## B) — PROTEÇÃO DO MATERIAL E DO PESSOAL CONTRA OS BÔMBARDEIOS

### 1.º — Meios ativos de defesa

As bases possuem apenas armas automáticas em número limitado. Importa pois não as disseminar em todo o aeródromo, mas ao contrário, de as agrupar em "baterias" suscetíveis de fornecer redes e cruzamentos de fogos nas zonas desembaraçadas dos arredores. Não existe direções mais perigosas a priori: o ataque pode vir do interior como da frente. Entretanto é preciso considerar as máscaras (colinas, grandes bosques, etc.) próprios a favorecer a aproximação de uma expedição em vôo razante e colocar as baterias de maneira que as Seções cruzem seus fogos diante da máscara suspeita.

Em cada bateria um homem munido de binóculo deve vigiar o ceu em permanência e, a cada avião assinalado, os serventes ocuparão seus postos prestes a agir desde que a nacionalidade do ou dos aparelhos percebidos seja precisada.

### 2.º — Meios passivos de defesa

#### a) Trincheiras ou Abrigos:

Sempre que possível os elementos de trincheira situados próximo dos acantonamentos ou dos locais de trabalho, serão completados por abrigos. Deve-se prever em primeiro lugar a conservação do órgão principal do comando: a central telefônica, que deve ser instalada em um abrigo subterrâneo ou ao menos fechado em um "blockhauss" betonado.

Tôdas estas obras são disfarçadas à medida que se realizam. Os acessos devem ser fáceis e bem indicados.

Alguns exercícios de alerta permitirão avaliar se o pessoal conhece perfeitamente a trincheira ou abrigo que deve ocupar em caso de alerta.

#### b) Vigilância aproximada

Independente do serviço de vigilância da D. A. T. a qual todo campo está ligado, é estabelecido um serviço de vigilância próprio da Base.

Colocado num local elevado e de boas vistas, um posto de vigilância munido de binóculos tem por missão vigiar o céu e identificar todo avião percebido. Este posto deve redobrar a atenção se o alerta tiver sido dado pelo serviço geral. Disporá de sinais sonoros para transmissão de alerta.

#### c) Roteiros em caso de alerta

Há interesse em se fazer uso de uma sirene movida a eletricidade ou a ar comprimido. Seu emprêgo faz-se objeto de roteiros precisos, afixados em todos os acantonamentos e locais de serviço e que devem ser bem conhecidos por todo o pessoal.

Pode-se empregar outros meios sonoros (cornetas, clarins, etc.) desde que êles se façam bem ouvir em todo o dispositivo de estacionamento.

Rajadas de metralhadoras atiradas por um dos postos da D. A. T. equivalem a um sinal de alerta imediato.

#### d) Proteção contra os gases

Cada homem conduzirá permanentemente sua máscara.

As turmas de desinfeção devem ser articuladas de modo a poder agir sôbre o aeródromo mesmo e sôbre os locais de acantonamento ou acampamento.

**e) Proteção do material**

A melhor proteção é realizada pela dispersão e a disposição dos aviões no exterior do aeródromo e o mais longe possível da periferia.

Sempre que possível os aviões deverão ser cercados por massas de terra e em todos os casos os "para-estilhaços" serão constituídos por sacos de areia dispostos em tórno dos motores.

No que diz respeito a munições, importa evitar que um golpe feliz faça saltar ou explodir todo o aprovisionamento. É necessário isolar o depósito e constituir lotes separados em compartimentos distintos. Os depósitos devem ser cercados por cercas de arame farpado e guardados muito rigorosamente.

**II — INFORMAÇÕES****DOCUMENTOS A TER EM UMA SALA DE INFORMAÇÕES****A) — Dossiers:**

- 1) Ordens de operações
- 2) Ordens para as transmissões
- 3) Planos de buscas
- 4) Boletins de informação
- 5) Partes de jornadas
- 6) Missões fotos — ordens — partes de superficies cobertas.

**B) — Cartas:**

- 1) Ordem de batalha e frente
- 2) Zona de ação das fôrças aéreas
- 3) Dispositivo e deslocamento das fôrças aéreas e da D. C. A. amigas e inimigas (Bases — Balões — D. C. A. — Caça de Noite — Luzes — Balisamentos — Itinerários, etc.)

- 4) Informações a procurar
- 5) Retaguardas — Circulação inimiga
- 6) Cartas dos objetivos de bombardeio
- 7) Carta da manobra terrestre
- 8) Carta da manobra aérea (posição dos elementos amigos e inimigos, eixo de marcha, informações a proporção que sejam chegados).

**C) — Esquemas:**

- 1) Plano de Transmissões — Rede rádio terrestre
- 2) Rede telefônica
- 3) Organização das forças aéreas (D. C. A. e Aéreo)
- 4) Ordem de batalha da Aviação inimiga
- 5) Transmissão do Serviço Meteorológico e da hora
- 6) Quadro das Constelações (cartas do céu)
- 7) Quadro das fases da lua
- 8) Ligações rádio-aéreas
- 9) Quadro dos sinais de reconhecimento
- 10) Gráfico da atividade aérea inimiga.

**D) — Fichários e Repertórios:**

**Objetivos**

- 1) Objetivos militares
- 2) Objetivos marítimos
- 3) Vias de comunicação
- 4) Centros de produção e estocagem
- 5) Objetivos de represália

**Informações**

- 1) Missões fotos
- 2) Provas estereoscópicas
- 3) Campos de aviação amigos
- 4) Silhuetas dos aviões amigos e inimigos — quadro de suas características.

### III — ORDENS PARA UMA EXPEDIÇÃO DE BOMBARDEIO

Deve-se utilizar o processo de ordens preparatórias pormenorizadas, deixando somente às ordens de execução os elementos suscetíveis de variar no último momento e as modificações eventuais. É necessário com efeito, não esquecer que um bombardeio comporta uma preparação técnica importante que é, em grosso, a seguinte:

- 1.º — estudo do objetivo (dossiers);
- 2.º — determinação:
  - da natureza e quantidade de bombas a empregar;
  - da altura de lançamento;
  - da quantidade de bombas a lançar para atingir, com uma certa probabilidade, o resultado desejado;
  - da carga dos aparelhos (bombas e essência) e do número de aviões a empregar;
  - do modo de tiro e do dispositivo a adotar.
- 3.º — A preparação do material que compreende:
  - providências para o carregamento em essência, se fôr o caso;
  - o transporte das bombas de paiol ao local de carregamento dos aviões, a montagem dos lança-bombas, se fôr o caso o desencaixotamento das bombas, a espoleta e o carregamento das bombas sobre o aparelho;
  - a colocação das metralhadoras e das munições das metralhadoras e dos canhões, dos aparelhos de navegação e de fotografia, e dos artificiais.

#### ORDEM DE BOMBARDEIO

Este tipo de ordem que apresentamos não contém prescrições de caráter geral, nem informações sobre o inimigo. Esses assuntos se fazem objeto de "Instruções semi-permanentes especiais" e dos "Boletins de informações".

Os seus itens são os seguintes:

- 1) **Missão da formação:**
  - objetivos;
  - resultados a obter;
  - demora consentida;
  - objetivos eventuais.
- 2) **Tipos de munições e de espoletas a prever**
- 3) **Altitude provável do bombardeio em função das informações meteorológicas.**
- 4) **Unidades designadas para tomar parte na expedição, efetivo a pôr em linha por unidade.**
- 5) **Carregamento dos aviões (essência e bombas).**
- 6) **Condições de execução da missão:**
  - a) manobra a realizar
  - b) momento do ataque
  - c) partida e reunião
  - d) disposições para franquear as linhas na ida e na volta
  - e) itinerário de ida e volta (altitude)
  - f) dispositivo de rota da formação, dispositivo de rota e ordem de marcha dos grupos e dos Pelotões.
  - g) **Aproximação:**
    - dispositivo
    - altitude
    - ponto inicial de aproximação
  - h) **Ataque do objetivo**
    - repartição do objetivo entre as unidades subordinadas;
    - sentido do ataque ou dos ataques;
    - modo de bombardeio
  - i) **Disposições a tomar para reunião após o ataque.**

- 7) **Aviões esclarecedores**
  - missões
  - horário
  - ligação com a expedição.
- 8) **Destacamentos de segurança** (para as expedições importantes é uma espécie de proteção afastada):
  - composição
  - missão
  - horário
  - ligações.
- 9) **Proteção**
  - Composição do ou dos destacamentos;
  - missões;
  - lugar da expedição
  - ligação.
- 10) **Prescrições particulares concernentes à conduta a manter em caso de ataque ou ameaça da Caça e da D. C. A. inimigas.**
- 11) **Busca de informações:**
  - reconhecimentos à vista
  - urgência
  - fotos.
- 12) **Campos de socorro auxiliares eventuais.**
- 13) **Balisamento e côres de entrada e de saída (sinais) faróis, rádio faróis e indicativos.**
- 14) **Organização das transmissões.**
- 15) **P. C.**
- 16) **Data e hora da tomada da posição preparatória de alerta ou da posição de alerta.**

## IV — CAÇA: QUADRO DAS MISSÕES

Missões em proveito do Exército . . . . .	Cobrir forças aéreas e terrestres amigas	Cobertura a priori
	Proteger e acompanhar os bombardeiros	Proteção alerta
Missões em proveito da Defesa Aérea do Território . . . . .	Proteger a aviação de reconhecimento e observação	Caça livre
	Proteger os centros industriais	Ataque a objetivos terrestres
Missões em proveito da Defesa Aérea do Território . . . . .	Proteger os pontos vitais	Reconhecimentos (excepcionalmente)
	Proteger a população	Cobertura de um conjunto de pontos sensíveis
		Cobertura de um ponto sensível
		Contacto e concentração
		Caça à noite (com a Artilharia e Projétores)

Caça

## V — ARTILHARIA ANTI-AÉREA

## A) — HISTÓRICO.

No início da guerra 1914-1918 os aviões tinham a velocidade de 120 kms. por hora e um tétó de 2.000 metros. Em sua final, os aviões já alcançaram mais de 200 kms. horários e o tétó se elevava a 5.000 e 6.000 metros.

Sòmente em 1929 com o aparecimento do motor à compressão, abre-se de novo vasto campo aos progressos da indústria aeronáutica. De 1933 a 1938 surgem velocidades espantosas de 450 a 600 kms./hora e tétos que atingem 10.000 metros.

A Artilharia Anti-Aérea que havia também começado com pequenos calibres, procurou desde então aumentá-los e tornar-se mais potente. O canhão 75 francês que tão bons serviços prestou na outra guerra é hoje pelas suas características, pouco eficaz.

Para se obter êxito nos tiros contra os aviões modernos é necessário não sòmente um alcance suficiente, mas principalmente um encurtamento no tempo do trajéto do projétil da boca do tubo ao alvo. Estas duas exigências atuais; **aumento de calibre e velocidade inicial elevada** são imperativas e daí a tendência dos grandes países de elevar continuamente o calibre de suas peças anti-aéreas. No lado francês aperfeçoou-se o 75 Schneider de D. C. A. e creou-se o canhão de 90 mm. da mesma fábrica. Este último atirava a 800 metros por segundo um projétil de 11,3 kgs. contendo 1,330 kgs. de explosivo. O seu alcance máximo horizontal é de 17.450 ms., o vertical de 11.600 ms. O seu pêso total com a viatura é de 8.320 kg., pesando a boca de fogo, com a culatra, apenas 1.400 kg. A Artilharia de Costa e os grandes couraçados franceses como o "Dunquerque" e o "Richelieu", possuíam canhões anti-aéreos de 130 e 152 mm.

Os ingleses adotaram o calibre 114 mm. e na artilharia naval e costeira foram até o calibre 155 mm.

O menor calibre alemão é o de 88 mm Krupp, material que deu ótimos resultados não só na guerra da Espanha como na atual. Foi o aparecimento das primeiras baterias de 88 na zona das tropas do general Franco que fez terminar a ação dos ferozes bombardeios aéreos dos legalistas, feitos geralmente à altura de 2.000 e 3.000 metros. Inúmeros aviões de bombardeio foram abatidos então, e, estas perdas, continuaram em tão grande proporção que a Aviação Governamental teve que restringir a sua ação. Por outro lado, tendo a Aviação Nacionalista recebido aviões com grandes velocidades e tetos e não possuindo os governamentais calibres anti-aéreos superiores ao 75 modelo francês antiquado, ponde a mesma agir contra as retaguardas legalistas com uma certa superioridade e segurança, fazendo assim mudar completamente o aspecto da luta aérea.

Os alemães instalaram também em sua marinha e artilharia de costa, canhões anti-aéreos de calibre 150 mm.

Os italianos na atual guerra possuem canhões de 110 mm e a marinha norte-americana calibres de 127 mm.

Parece que os alemães preconizam o emprêgo de Agrupamentos mixtos dos canhões 88 e 150, atirando os primeiros até 90° e os segundos até 60°.

## B) — QUESTÕES TÉCNICAS

Sob o ponto de vista do projétil sobre o objetivo é indiferente, pois o "volume perigoso" cresce com o pêso do projétil.

Para abater um avião, um projétil de 75 ou de 88 serão mais que suficientes. Mas desde que intervenha considerações de balística externa, o interesse dos grandes calibres aparece com evidência.

E' necessário que o projétil possa alcançar a altura do avião. O canhão 75 francês tem o alcance máximo vertical de 7.200 ms. e o 88 alemão de 10.900 metros. Eis já uma diferença formidável e uma primeira conclusão:

— a medida que crescem os tetos dos aviões deve crescer o calibre mínimo da D. C. A.

A velocidade inicial é, com efeito, limitada por diversos motivos, entre os quais a usura. A resistência que o ar opõe à unidade de massa do projétil decresce na razão inversa do calibre. Se não existisse, a resistência do ar, um projétil lançado do zenith com a velocidade de 800 ms. por segundo alcançaria 32.000 ms. Essa resistência do ar decresce também logo acima das primeiras camadas aéreas.

Mas não será suficiente apenas que o alcance vertical do tiro seja superior à altitude de navegação dos bombardeios. O avião é um alvo móvel, de velocidade e direção mal conhecidos. O tiro da D. C. A. se baseia em dados constantes: direção, velocidade e altura. O avião pode deixar de seguir uma rota retilínea, mudar de velocidade, ou direção, etc.

Ora é claro concluir que o erro sobre a posição futura do avião, no qual se vai atirar, será tanto menor quanto menor foi a duração do trajeto do projétil.

O canhão 75 atirando do zenith a 800 metros por segundo, seu projétil leva 10 segundos para atingir 5.000 metros, o projétil de canhão 37 nas mesmas condições leva 19 segundos para atingir a mesma altura. Logo um calibre superior ao 75 levará talvez 6 ou 7 segundos apenas.

Claro que esse aumento não pode ser indefinido, pois se se em outro, demasiadamente o calibre, o peso da munição podem ser a manutenção e o carregamento mecânicos e o ma-

Não se muito pesado.

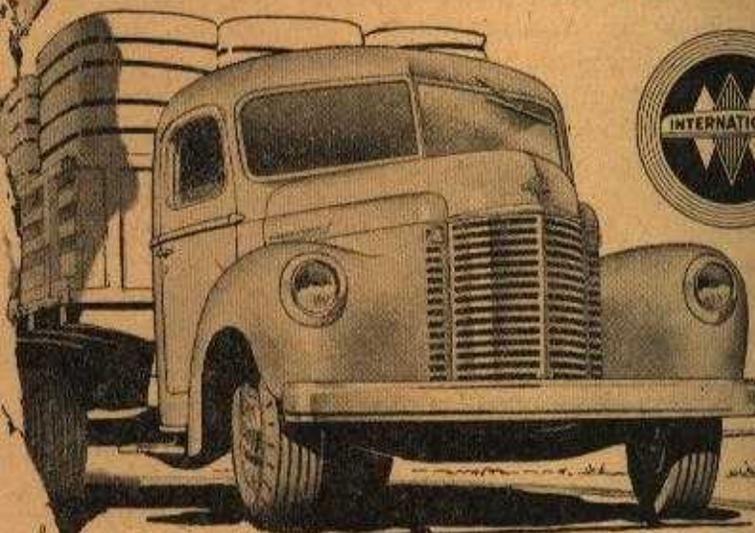
Dai somente os canhões das Marinhas e da Defesa de Costa, que permitem o carregamento mecânico, poderem atingir maiores calibres.

As vantagens do aumento da velocidade inicial se fazem sentir na justeza do tiro contra objetivo móvel e na perfuração de blindagens. O seu inconveniente é a usura: quanto maior a velocidade inicial, menor a vida do tubo.

Na D. C. A. as vantagens na redução da duração do trajeto são tais que parecem sobrepôr-se aos inconvenientes da usura.

# Qualidade e Beleza

## CAMINHÕES INTERNATIONAL



Os caminhões International tornaram-se famosos pela sua alta qualidade e pela beleza de suas linhas modernas.

Em sua nova série "K" a International Harvester oferece, entre outros melhoramentos, o novo motor "Green Diamond" — potente, econômico e de funcionamento suave — fabricado com toda precisão exclusivamente para serviços de carga.

Os novos chassis International após submetidos a árduas experiências, de-

monstraram ser as melhores e mais econômicas unidades de transporte que a International Harvester jamais ofereceu ao mercado.

Verifique pessoalmente as vantagens desses novos modelos e peça-nos informações detalhadas sem compromisso.

INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT COMPANY  
RIO DE JANEIRO SÃO PAULO PORTO ALEGRE  
Av. Osw. Cruz, 87 R. Oriente, 57 R. Val. da Pátria, 430

# CAMINHÕES INTERNATIONAL

P  
A  
de Cret  
percussã  
fornecer

Dur  
senlace,  
em mass  
sensacio  
mente en

Par  
dêste no  
mo fez a  
a favor d

Mas  
propagar  
fundidad  
que em c  
podem se

Não  
de vista  
tado Bra  
lógica da  
sim, dos  
comprome

ção para  
Sob o  
fazer, em  
em relaçã  
riodo de  
sacrifício,

# PARAQUEDISTAS

(REFLEXÕES)

Pelo Major OLYMPIO MOURÃO FILHO

A extraordinária operação estratégica aérea da tomada da Creta, realizada pelas forças do Reich e sua grande repercussão em todo o mundo, através do rádio e da imprensa, merecem material para úteis reflexões.

Durante o assalto, desde sua fase inicial até quasi o desenlace, as manchetes dos jornais anunciavam destruições de massa de paraquedistas que, aos milhares, só faziam o formalista pulo das alturas, para morrerem irremediavelmente em plena descida ou mal tocavam à terra.

Parece que não há mal nenhum em apresentar a atuação deste novo método de combate, de maneira catastrófica, coadjuvada pela imprensa, num simples jogo político de propaganda a favor de um dos beligerantes.

Mas, quem se der ao trabalho de examinar os atos de propaganda veiculada pelo jornal, tendo em vista a profundidade de seus efeitos no tempo e no espaço, verificará que em outros assuntos, como neste, as consequências não podem ser boas.

Não se trata aqui de examinar o problema sob o ponto de vista de zelo pela sábia neutralidade mantida pelo Estado Brasileiro, neutralidade que, sem a preparação psicológica das massas teria um méro caráter formalístico, mas, dos graves efeitos psicológicos exercidos sobre o povo, comprometendo mesmo, em grau elevado, o preparo da Nação para a guerra.

Sob o ponto de vista de propaganda, estamos deixando de ver, em relação às tropas de paraquedistas o que se fez em relação à Aviação de 1914 em diante até um certo período de após guerra, isto é, a apresentação do perigo e do sacrifício, a tal ponto exagerados que criou o complexo do

medo em tôda uma geração, entrvando o progresso de nossa aviação pelo horror despertado nos pais que, em sua maioria consideravam-se infelizes, quando um filho desejava seguir a carreira do heroísmo.

Felizmente êste tempo está passado e a atual geração criada ao som do ronco dos motores, sagrando um notável conceito de Kaiserling,, tem-na como uma das mais naturais manifestações da atividade humana.

Seriam pois de utilidade sem par, medidas que coibissem a difusão de certa propaganda relativa às questões militares, mesmo estrangeiras, e tendentes a criar complexos nocivos no sub-consciente do povo.

Temos diante de nós, mais êste problema que é de natureza inadiável, para resolver, isto é, criar as tropas de assalto do ar, e tôdas as medidas devem ser tomadas para possibilitar em futuro próximo a sua realização.

A preparação psicológica a que aludí atrás, é a mais importante de tôdas e a sua alma é a propaganda, logo, não deve ser permitida algo que a prejudique.



Para nós militares, simples reflexões em tôrno da organização e atuação das tropas referidas, mostram a impossibilidade das catástrofes veiculadas pelos jornais, tais como a morte de milhares de paraquedistas caçados no ar ou em terra ou simplesmente, por não terem funcionado os paraquedas.

O que é verdade e deve ser dito e propagado é que para o homem sadio e jovem, o pulo de paraqueda é um esporte como outro qualquer, apenas mais emocional do que a maioria dos desportos, que o atual material oferece completa garantia, tudo dependendo dos cuidados em terra quanto à fabricação e conservação, e que o emprêgo das tropas em terra não está sujeito a perigos muito diferentes de certas armas.

No caso não se trata de efetuar ações de **mocinho de cinema**, nem de aventuras à **Mandrake** onde operam **homens de fogo** e quejandas fantazias excitantes muito próprias para formar uma juventude nevropata e superexcitada, mais próxima de covardia do que do heroísmo.

\*  
\* \* \*

Sem dúvida que ainda é cedo para se fazer um estudo seguro e minucioso sobre as tropas paraquedistas, sua organização, sua tática em terra e suas verdadeiras possibilidades.

Mas, alguma cousa já se pode colher das notícias trazidas pelos jornais e revistas alemãs que nos têm chegado. E' o que procuraremos expôr, numa rápida compilação, reunindo o material esparso que possa merecer certo crédito.

\*  
\* \* \*

Há um limite de idade que não pode nem deve ser ultrapassado, no recrutamento das tropas de paraquedistas, em vista do seu caráter esportivo emocional, exigindo organismos jovens e perfeitos, além de elevado grau de robustez física indispensável à ação em terra.

Parece que o limite máximo admitido é o de 23 anos, sendo que a idade ótima é a de 18. A aceitação de Max Schmelling, com 34 anos, nas fileiras paraquedistas alemãs, constituiu uma exceção rara em face de suas não menos raras qualidades que o tornaram um excelente **soldado de assalto**.

O uniforme das tropas de assalto do ar, varia, conforme a região onde devam ser empregados e mesmo conforme a estação do ano.

O uniforme usado nas operações da Noruega e da Holanda, não foi o mesmo que em Creta. Ao passo que, na Noruega o frio era intenso e a paisagem (Schneelandchaft)

exigia côr apropriada ao disfarce, em Creta, onde o calor era forte e a natureza diversa, foi necessário usar indumentária que atendesse às condições mesológicas particulares da ilha.

Quanto à organização e armamento, não há diferenças substanciais em relação às tropas de infantaria, a não ser o aligeiramento indispensável numa e no outro, em face do caráter especial das tropas paraquedistas.

A arma automática (Metralhadora com reparo) é servida por um grupo de combate reduzido, cêrca de 8 homens, sendo 4 municiaadores. Os homens do grupo são armados ora de pistola (granadeiros, por exemplo), ora de fuzil (os fuzileiros).

Os grupos se articulam em pelotões, êste em companhias e assim por diante até o Regimento. A Companhia tem um efetivo, de aproximadamente 144 homens computados os oficiais, sargentos e cabos.

Salvo a pistola, o pacote de curativo individual (transportado no bolso de frente da calça) e a ração de emergência, durante o vôo e o salto não transporta o paraquedista nenhum armamento. Êste é lançado numa caixa cilíndrica, dependurada de um paraquedas, uma por grupo, afôra a caixa de munições.

No Exêrcito inglês o paraqueda porta material é preto, para facilitar seu encontro em terra. Aparentemente o paraqueda porta material alemão é igual aos demais, dêles não se distinguindo pelo menos quanto à côr.

A tropa é transportada ordinariamente em aviões apropriados, dispondo a fuselagem de uma larga porta com baustres laterais onde o soldado se firma para dar o salto. Cada avião transporta 12 homens e a formação de vôo para o transporte de uma Companhia é em coluna de aviões por 3, para falar em linguagem de infante, ou sejam 12 aviões ao total. Os primeiros segundos de salto efetuam-se em queda livre depois do que abrem-se os paraquedas.

Durante a descida o paraquedista esforça-se para aproveitar as correntes aéreas, balançando o corpo e os braços,

sempre que necessário. Logo ao tocar o solo, procura se firmar no mesmo e em seguida desembaraça-se o mais rapidamente possível do paraquedas que é abandonado no local de onde é recolhido posteriormente depois da conquista da base.

Todo o grupo se reúne rapidamente no local de queda das caixas de munição e armamento e com a maior presteza, os soldados se armam.

Metralhadora e reparo são retirados e o local previamente determinado é alcançado o mais urgentemente possível.

\* \* \*

A missão geral das tropas paraquedistas é conquistar aeródromos importantes, bases para a intervenção rápida de tropas conduzidas por aviões (tropas que não mais usam o paraquedas, mas que são desembarcadas nos campos já conquistados), impedir a destruição de certas pontes importantes, ocupar certos nós ferroviários e rodoviários de importância estratégica, bem como perturbar e desarticular as forças inimigas à retaguarda imediata da frente.

Só é possível o emprêgo das referidas tropas, desde que se tenha o domínio do espaço aéreo sobre os campos onde as mesmas são lançadas, no mínimo durante o tempo necessário para que as tropas terrestres alcancem as bases conquistadas.

Em casos como no assalto espetacular à Ilha de Creta, é indispensável manter o domínio do ar desde o início até o fim das operações, de vez que todos os reforços e reabastecimentos deverão ser feitos pelo ar.

\* \* \*

A operação de lançamento é precedida de intenso bombardeio aéreo a-fim de destruir as defesas do campo, inutilizando-as para **impedir a caçada** durante o salto.

Em 10 de Maio de 1940 a aviação alemã destruiu metódicamente 72 terrenos de aviação holandeses, belgas e franceses, conquistando o absoluto domínio aéreo.

Os paraquedistas, logo em seguida, entraram em ação, conquistando os pontos já determinados de ante-mão sem que ao inimigo fosse possível qualquer resistência útil.

Em Creta, o Campo de Malemi foi submetido ao mais terrível bombardeio aéreo de que se tem notícia; em seguida, depois de uma noite ininterrupta de preparação, durante a madrugada, foram lançados vários regimentos que ocuparam com facilidade a base referida.

As notícias exageradas de verdadeira chacina em massa, de paraquedistas, não encontram a menor possibilidade de crédito, depois de examinado com cuidado o modo de emprego das referidas forças.



Esquemáticamente, podemos, tomando para exemplo a conquista de Creta, descrever as operações:

**1.ª fase:**

- preparação intensa, pela aviação de bombardeio, com a destruição de aviões em terra, das defesas anti-aéreas (Artilharia anti-aérea, metralhadoras, etc.)
- domínio do ar pela aviação de caça.

**2.ª fase:**

- imediatamente depois, o lançamento das tropas, em efetivo necessário, a-fim de conquistar a base — o campo de aviação ou outro terreno similar. As tropas fazem a limpeza dos hangares e edificios, ocupam os pontos elevados em redor do campo, tomam um primeiro dispositivo de defesa, com o competente plano de fogo.

**3.ª f**

— D

o

2

a

s

O la  
até que a  
em densid  
esteja col

**4.ª fa**

— D

an

de

ba

tu

re

at

O suc  
vator aére

a) mante

o des

b) possu

tes pr

barca

E' obv

gises poss

os alemães

marítima,

nos sacrific

ter o ataqu

esgotassem

tecimentos

**3.ª fase:**

- Lançamento de reforços em homens e material, sobre o campo já agora dominado. A tropa lançada em 2.º escalão, isto é, de reforço, não está mais sujeita aos ataques partidos de baixo, do próprio campo e sua descida é feita nas melhores condições.

O lançamento dos reforços continua ininterruptamente até que a defesa da base esteja assegurada suficientemente em densidade e amplitude — ou por outra — até que a base esteja **coberta**.

**4.ª fase:**

- Desembarques de tropas transportadas, inclusive de artilharia, e estabelecimento da 1.ª corrente regular de abastecimentos e evacuações. As tropas desembarcadas ultrapassam (se fôr o caso) as de cobertura (paraquedistas) e ocupam por sua vez, o terreno, já no dispositivo estudado para passarem ao ataque.

O sucesso dependerá tão somente da capacidade do invasor aéreo em:

- a) manter o domínio do ar de modo absoluto durante todo o desenrolar das operações;
- b) possuir elementos em quantidade e qualidade suficientes para reforçar continuamente as tropas já desembarcadas.

É obvio que, no caso de Creta, por exemplo, se os ingleses possuissem carros de combate em grande número, e se, os alemães não pudessem transportar este material por via marítima, a vitória alemã só seria possível à custo de imensos sacrifícios e assim mesmo, se aos alemães fosse dado manter o ataque até que as reservas de gasolina do inimigo se esgotassem sem que lhes tivesse sido possível receber reabastecimentos.

# ELEMENTOS DE APÓIO AOS ENGENHOS BLINDADOS

Pelo 1.º Ten. AARÃO BENCHIMOL.

Os engenhos blindados de descoberta, reconhecimento ou combate, têm geralmente um apóio.

Esse apóio é dado por elementos:

- a cavalo,
- transportado em viaturas qualquer terreno, motocilistas.

Nos destacamentos de descoberta, reconhecimentos e vanguardas, qual será o elemento de apóio a preferir?

Os engenhos blindados sendo apoiados por **elementos a cavalo**, ficam com a velocidade de progressão reduzida, assim como a etapa de marcha.

A Cavalaria Transportada veiu sanar essa deficiência, mas em compensação ela é dotada de grande vulnerabilidade, principalmente entre nós em que cada G. C. é transportado num caminhão. Se adotássemos pequenas viaturas Q. T. ou caminhonetes por esquadra, como faz o francês, o mal seria em parte remediado.

Quanto aos **motociclistas**, para melhor compreensão darei sua organização:

## VIATURAS:

São adotados motos com carro lateral, mas na falta deste recurso, durante a mobilização, pode-se organizar unidades com motos simples, em totalidade ou em parte. Neste caso cada moto com carro lateral será substituída por duas simples.

## O GRUPO DE COMBATE:

O grupo de combate motociclista é comandado por um Sargento e tem duas esquadras de fuzileiros com a mesma composição.

Motociclista	Chefe de Viatura
Granadeiro atirador	Sgt. Cmt. do G.C.
Remuniador	Cabo
Muniador	Fuzileiro
Remuniador	Cabo
Muniador	Fuzileiro

## RESUMO

- 1 Sargento
- 2 Cabos
- 7 Soldados
- 5 Motos com carro lateral.

**O PELOTAO DE MOTOCICLISTAS:**

O pelotão motociclista é comandado por um tenente que dispõe de pessoal de comando (grupo extranumerário) transportado sobre três motocicletas com carro lateral.

O pelotão é constituído por dois grupos de combate.

**PESSOAL DE COMANDO:**

O pessoal de comando compreende:

MOTOCICLISTAS	CHEFE DE VIATURA
Agente de transmissão	Ten. cmt. do pelotão
Observador	Cabo granadeiro - observador
Depanador	Sargento auxiliar

A reunião do pelotão em coluna terá a seguinte formação:

MOTOCICLISTAS	CHEFE DE VIATURA
Agente de transmissão	Ten. cmt. do pelotão
Observador	Cabo granadeiro - observador
Granadeiro atirador	Sgt. cmt. do 1.º G.C.
Remuniçador	Cabo
Muniçador	Fuzileiro
Remuniçador	Cabo
Muniçador	Fuzileiro
Granadeiro atirador	Sgt. cmt. do 2.º G.C.
Remuniçador	Cabo
Muniçador	Fuzileiro
Remuniçador	Cabo
Muniçador	Fuzileiro
Depanador	Sgt. auxiliar

Resumindo vemos que o Pelotão de Motociclistas

é constituído de

- 1 Tenente
- 3 Sargentos
- 5 Cabos
- 17 Soldados
- 13 Viaturas.

As unidades motociclistas reúnem as vantagens das unidades a cavalo e transportadas.

A velocidade é maior que a da transportada.

Tem grande potência de fogo, pois cada G.C. possui dois F.M..

Grande facilidade de manobra, porque pode se infiltrar em quasi todos os caminhos.

Como meio de ligação conhecemos bem o seu valor.

A-pesar de suas grandes qualidades apresenta as seguintes desvantagens!

São muito ruidosas.

A observação é dificultada pela velocidade de deslocamento.

Fora do caminhos não podemos utilizar sua velocidade máxima.

Os motociclistas são também combatentes.

As viaturas não têm utilidade durante o combate.

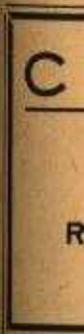
Pela breve exposição acima vemos que a questão de apóio a elementos blindados é ainda muito delicada, merecendo estudo e observação especial.

Por outro lado não devemos nos esquecer que, a rigor não se deve insistir num sistema único de apóio. A situação e o terreno servirão aqui, como em todos os problemas militares da escolha dos meios a empregar. Num terreno cortado, de obstáculos próximos, o transportado pode prestar bons serviços. Os obstáculos naturais facilitam as suas delicadas operações de embarque e desembarque.

Num terreno desprovido de estrada e coberto de vegetação, o elemento a cavalo apresenta incontestavelmente melhores possibilidades para esquadrihar o terreno.

Nos grandes centros de comunicação e cortados de estradas e caminhos em todos os sentidos a vantagem é da motocicleta.

Ne  
plena  
cito em  
mentos  
coadun



Neste sentido os grandes princípios de organização tem plena aplicação. Da mesma forma que se equipa um exército em função de seu teatro provável de operações, os elementos executantes deverão ser dotados de meios que se coadunem às missões que se lhes vai pedir.

## S. A. CORTUME Krambeck

Solas em geral

Representante no Rio:

DANIEL DAVID ANDRADE  
Rua Azeredo Coutinho, 32-Loja  
Phone 43-4586

Fabrica no Bairro Mariano Procópio

Endereço: Caixa Postal 57  
Juiz de Fóra

## CAFÉ APOLLO

*Antonio P. da Fonseca*

Rua Marechal Deodoro, 566 - : Phone, 2070

Juiz de Fóra - Minas

## CASA ZAPPA

PAPELARIA, TYPOGRAPHIA, LIVROS, ETC.

**N. ZAPPA**

Casa Matriz: GALERIA PIO X N. 28

Oficina: RUA MARECHAL DEODORO, 452 - TEL. 2290

JUIZ DE FÓRA

ESTADO DE MINAS

# ESBÔÇO PERSPECTIVO

2.º Ten. FERDINANDO DE CARVALHO

## NOTA PRELIMINAR

O presente trabalho sôbre o esbôço perspectivo conterà os seguintes capítulos:

- I — Introdução.
- II — Construção do esbôço perspectivo.
- III — Emprêgo do esbôço no tiro contra objetivos fugazes.
- IV — Referenciação do terreno com o esbôço perspectivo.

## I — INTRODUÇÃO

No caso particular brasileiro, dada a deficiência de cartas e planos diretores utilizáveis para o tiro de artilharia, bem como a falta nas baterias de instrumentos que nos permitam telemetrar os objetivos, o esbôço perspectivo tem uma aplicação bastante satisfatória. Acresce a isto a simplicidade de sua construção e do seu emprêgo. Com alguma prática, sem ser necessário grandes dotes de desenhista, qualquer graduado estará em condições de construir e obter elementos num esbôço perspectivo.

Um trabalho sumário, mas preciso, pode ser de grande utilidade na execução do tiro.

Em tôdas as Armas, o esbôço perspectivo apresenta importantes aplicações. Na Artilharia o seu emprêgo principal se refere ao tiro contra objetivos inopinados para o qual não poderá ser utilizado com sucesso senão depois de uma preparação prévia de tiro real (referenciação à bala, atualização, etc.).

O esbôço é um retrato sumário do terreno, sujeito a certas deformações, algumas propositais com o fim de ressaltar certos elementos principais, cujos êrros consequentes são inteiramente desprezíveis.

## II — CONSTRUÇÃO DO ESBÔÇO PERSPECTIVO

### 1 — PRINCÍPIO TEÓRICO

Seja **O** (fig. 1) o olho do observador. Suponhamos que a vertical **ZOZ'** seja o eixo de uma superfície cilíndrica de revolução **C**. Tomemos um ponto **A** qualquer do terreno. O ponto **a** em que a reta **OA** atravessa esta será, por definição, a projeção do ponto **A**.

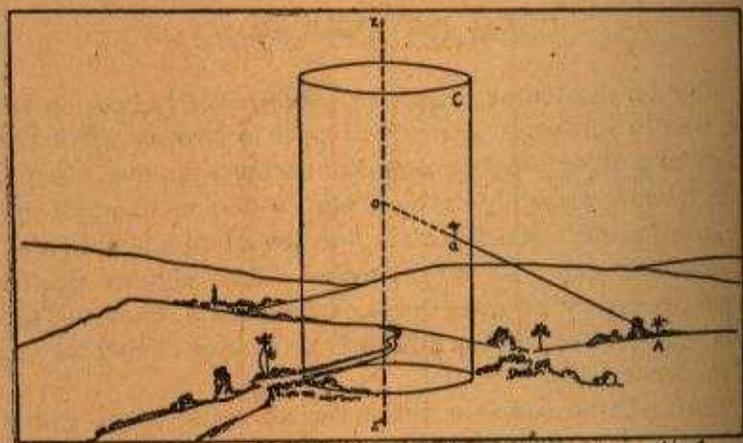
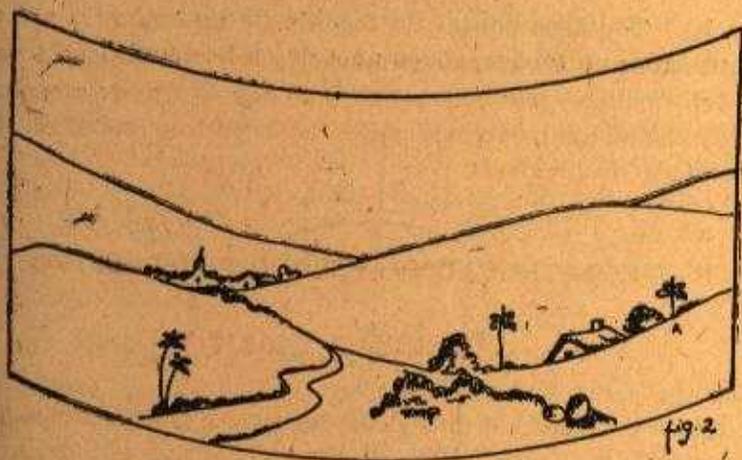
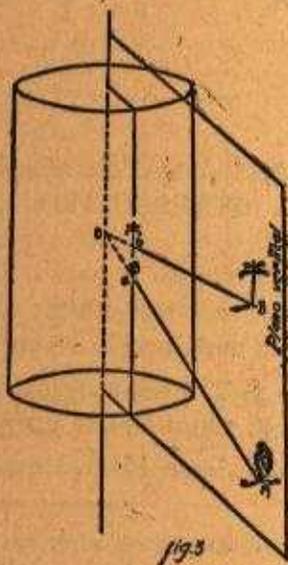


fig. 1

Projetando dêste modo, sôbre essa mesma superfície os diversos detalhes principais do terreno, desdobrando-a depois numa folha retangular obteremos uma fotografia singela do mesmo: o **esbôço perspectivo** (fig. 2).

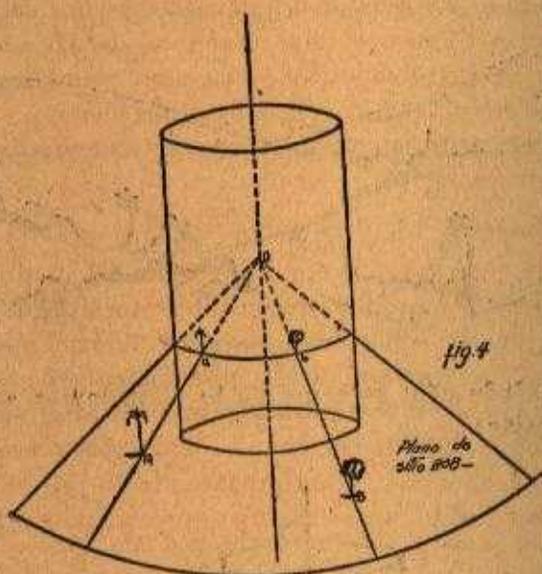


De acôrdo com essa definição observamos as seguintes consequências:



a) Todos os pontos do terreno situados sôbre um mesmo plano vertical passando pelo olho do observador são representados, no esbôço, sôbre uma mesma vertical (fig. 3).

b) Todos os pontos do terreno de mesmo sítio são representados no esboço, sobre uma única horizontal (fig. 4).



## 2 — CONDIÇÕES A SATISFAZER UM ESBOÇO PERSPECTIVO

O esboço perspectivo não é, para o artilheiro, um retrato artístico do panorama, mas sim um meio simples e rápido de obtenção de dados, os mais precisos possíveis.

Não predomina pois, a idéia de arte ou de beleza. Procura-se antes de tudo: simplicidade e precisão.

O esboço, dentro dessa idéia, deverá preencher as seguintes condições:

a) Permitir a obtenção de elementos de tiro dos objetivos que surjam na zona de ação da bateria, com rapidez e precisão satisfatórias.

b) Dar uma idéia aproximada dos detalhes panorâmicos representados, para uma fácil apreensão dos mesmos.

### 3 — CONSTRUÇÃO DO ESBOÇO

Nos ns. 203 e 204 da **Instrução Geral sôbre a Observação** estão expostas as regras de construção de um esboço perspectivo. Em Artilharia porém, quando se encara a necessidade da obtenção de elementos de tiro, com precisão e rapidez, devem essas regras sofrer certas modificações e a construção do esboço será feita nas diversas operações que abaixo exporemos detalhadamente.

#### a) **Material**

Utilizar, para o esboço, um papel quadriculado, seja milimetrado, seja pentamilimetrado, de preferência o primeiro.

O instrumento topográfico para as diversas medidas pode ser um G.B. Na falta dêste, um binóculo poderá servir mas a precisão será naturalmente prejudicada. O melhor instrumento que se pode empregar, dentro dos nossos comuns recursos, é, ao meu ver, a adaptação que se faz do binóculo ao G. B. por meio de um dispositivo especial muito conhecido (girafa).

#### b) **Medida da zona de ação**

Procura-se medir aproximadamente a amplitude da zona de ação, tanto em largura como em altura. Este último elemento corresponde evidentemente, sôbre o terreno, à profundidade.

E' claro que na construção do esboço só esta zona de ação nos interessará representar (zona normal e eventual).

#### c) **Escolha das escalas para graduação da folha de papel.**

A folha de papel deverá ser graduada em milésimos, tanto em direção como em altura.

Se uma dessas escalas é diferente da outra, o aspecto do terreno ficará deformado no sentido da maior delas.

Há, na construção do esboço para o tiro de Artilharia, interesse em que a escala em altura seja a maior possível, não só porque na observação do tiro, as vezes, a um pequeno des-

vio em altura corresponde uma grande variação em distância (observatórios pouco dominantes, terreno mais ou menos plano et.), como também porque a dispersão em alcance é bem porque a dispersão em alcance é bem maior que a em direção.

Usualmente empregam-se as seguintes escalas:

a) em direção: 1 cm. = 10" ou 20";

b) em altura: 1 cm = 1", 2" ou 5".

De acôrdo com as dimensões do papel disponível e o valor em largura e altura da porção de terreno a representar, procurando observar as condições acima, escolhe-se quais as escalas mais convenientes para a graduação do esbôço nas duas direções, dentro da idéia do melhor aproveitamento possível.

#### d) Escolha da origem do esbôço.

Os pontos do terreno são locados sôbre o papel quadriculado, em função de suas coordenadas:

a) — a **abscissa** — representando o afastamento em direção (direita e esquerda, boa direção);

b) — a **ordenada** — representando o afastamento em altura (acima, abaixo, mesma altura ou altura zero).

E' necessário pois, a determinação de uma origem, a partir da qual são contados êsses afastamentos. Escolher-se-á para êsse fim, na zona de ação, um ponto real ou fictício.

Costuma-se geralmente preferir um detalhe nítido e inconfundível do terreno, aproximadamente no meio ou no limite esquerdo da zona de ação, de preferência nesta última situação.

Poder-se-á também escolher um ponto qualquer do terreno para as medidas angulares e arbitrar para êle coordenadas convenientes em relação a uma origem fictícia.

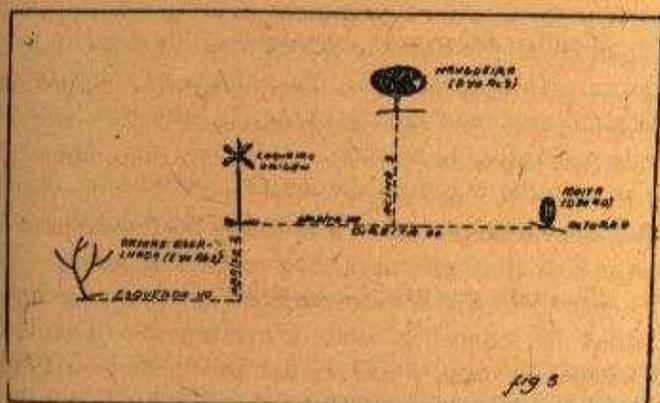
#### e) Graduação da folha de papel

De acôrdo com a posição da origem escolhida, em relação à zona de ação, gradua-se na escala conveniente, a folha de papel destinada ao esbôço.

É prático reforçar com um traço as verticais e horizontais do papel, correspondentes a graduações redondas (de 5" em 5", ou de 10" em 10" em altura e de 50" em 50" ou de 100" em 100" em direção).

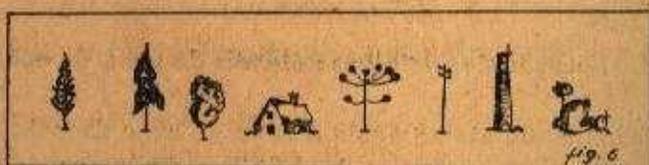
#### f) Locação dos detalhes notáveis da zona de ação

Examinando atentamente a zona de ação da bateria distingue-se um certo número de detalhes do terreno (moitas, árvores, montículos de terra, etc.) de certa importância como pontos de referência durante o tiro. Esses detalhes merecem, por conseguinte, ser representados no esbôço.



Procurar-se-á então medir com o instrumento de observação adotado as suas coordenadas, isto é, os seus afastamentos angulares em direção e altura em relação à origem convenionada. Possuindo geralmente o detalhe certa largura, é conveniente escolher nêle uma parte inconfundível que sirva como referência nas medidas, interessando nos detalhes semelhantes, para evitar confusões, adotar sempre a mesma parte convenionada. Assim, para as medidas feitas sôbre árvore tomar-se-á sempre o pé da mesma, por exemplo; sôbre moita, a direita ou o centro de sua copa (fig. 5), etc.

Convém assinalar no desenho do esbôço o ponto de referência adotado no detalhe com um pequenino traço ou cruz (fig. 6).



É preciso notar para evitar enganos comuns que, só este ponto de referência tomado no detalhe nos servirá para as medidas posteriores e que o desenho do mesmo detalhe, no esbôço, tem por finalidade única a sua identificação no momento necessário. Não nos interessa pois, e seria perda de tempo fazê-lo, medir tôdas as dimensões do detalhe para desenhá-lo na escala do esbôço. Na prática representa-se uma silhueta simples, numa escala qualquer, que nos lembre pela aparência o detalhe do terreno.

Se o permitir o tempo disponível, poder-se-á fazer uma lista análoga a seguinte para confecção do esbôço.

#### g) Fases da construção do esbôço

A construção do esbôço será naturalmente progressiva. É evidente que o trabalho será mais pormenorizado na parte da zona de ação que maior importância tática se nos afigure apresentar, se o prazo disponível não o permitir fazer para toda ela.

Poder-se-á distinguir quatro fases na construção do esbôço:

**1.ª fase** — Escolher um certo número de detalhes notáveis do terreno, distribuídos por toda a zona de ação, de modo a se ter sempre uma referência próxima para quaisquer objetivos que surgirem. Esses detalhes são comumente árvores, moitas de configuração especial, formigueiros, postes, etc.

Locá-los no esbôço por suas coordenadas em relação à origem adotada.

E' oportuno lembrar que a ordenada é o desvio angular em altura relativo à origem e não o sítio do ponto.

Já desde essa 1.<sup>a</sup> fase que aliás é comumente a única que o tempo nos permite executar, deve o esbôço estar em condições de ser utilizável.

Há interesse em não complicar o esbôço, sobrecarregando-o de detalhes sem importância, o que dá naturalmente motivo a confusões.

O esbôço n.º 1 é um exemplo de esbôço contruido até a 1.<sup>a</sup> fase.

**2.<sup>a</sup> fase** — Nessa fase são traçadas as linhas notáveis do terreno, como linhas de crista, orlas de bosques, cortes de estradas, etc., baseando-se nos detalhes locados na 1.<sup>a</sup> fase.

O esbôço n.º 2 é um exemplo de esbôço construido até a 2.<sup>a</sup> fase.

**3.<sup>a</sup> fase** — Representar no esbôço os detalhes de planimetria da zona de ação que se nos afigurem militarmente interessantes.

**4.<sup>a</sup> fase** — Faz-se nessa fase o acabamento final do desenho com o traçado das hachúrias, a figuração das organizações com traços coloridos, etc.

Para as necessidades comuns do tiro, as 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> fases são de pouca importância, prejudiciais até, dentro do ponto de vista de não sobrecarregar o desenho.

## h) Legendas

Como características do esbôço devemos registrar nele os seguintes elementos:

- a) **Observatório**
- b) **Autor**
- c) **Data**
- d) **Observações** (visibilidade, horas dos balisamentos, etc.).

As denominações dos diversos detalhes representados poderão ser inscritas na parte superior do papel, mediante o traçado de linhas de chamada (esbôço n.º 1).

E' também prático, e mvez disso, numerar no desenho os detalhes em correspondencia com a lista do tipo já anteriormente descrito.

(Continua)

# REX HOTEL

---

EDIFÍCIO NOVO

NOVA ORIENTÇÃO

**PREÇOS MODICOS**

---

Rua Halfeld, 213 - Praça da Estação - Phone, 2365

Juiz de Fóra MINAS

## Companhia Brasileira de Petroleo S. A.

---

A UNICA NACIONAL

**PETROLEO**

**E SEUS**

**DERIVADOS**

---

**AVENIDA RIO BRANCO, 50**

RIO DE JANEIRO

Telefones : { Secção de Vendas 43-3617

                  { Geral . . . . . 23-5951

TRAC

PARA

Os fundidos desse sistema da tonalidade e eficiência e os carros elétricos as estações elas deixam facilmente aéreas. proximidade par o motoroso peso um sistema chas de os desloc que a grande temos p

Outra tração trazeira da "Die" gos que a menos c portado dianteira menos p

Nos a tração

# TRAÇÃO DIANTEIRA OU TRAZEIRA PARA OS VEÍCULOS SÔBRE LAGARTAS?

1.º Ten. GLIMEDES REGO BARROS

Os engenhos blindados sôbre lagartas são os mais difundidos. Quasi todos os tipos até hoje idealizados, dispõem desse sistema de rolamento, que permite além da repartição da tonelagem numa maior superfície de apôio, uma boa aderência e facilidade de transposição, não obstante existirem carros lves sôbre rodas. As lagartas, além de danificarem as estradas, tem vida relativamente curta e os rastros por elas deixados, denunciam o emprêgo dos carros, pois são facilmente constatados pelos observadores e pelas fotografias aéreas. O transporte dos engenhos em caminhões até às proximidades das posições de partida, com o objetivo de poupar o material, requer grande número de veículos e numeroso pessoal habilitado. Parece-nos que seria solução ideal, um sistema mixto de rolamento. O de rodas para as marchas de estradas ou superfícies planas e o de lagartas para os deslocamentos através do campo. Tornar-se-ia imperioso que a passagem de um para outro rolamento fosse obtida sem grande perda de tempo. Essa solução já foi tentada, não temos porém informes do seu emprêgo na atual guerra.

Outra questão também muito debatida, é a referente à tração das lagartas. Qual a preferível, a dianteira ou a trazeira? A respeito desse assunto, deparamos num número da "Die Panzertruppe" os desenhos abaixo, sôbre os esforços que são exigidos às cremalheiras nos dois casos. Nos pequenos carros de transporte aquele primeiro sistema, tem se portado de modo satisfatório. Nos veículos pesados, a tração dianteira, ao que nos parece, tem demonstrado resultados menos práticos.

Nos engenhos blindados usou-se durante muito tempo a tração trazeira, isto é, a polia motora ficava colocada na

parte posterior da viatura. Nos últimos anos foi ela deslocada para a anterior.

Vejamos, em rápidas linhas, as vantagens e os inconvenientes que se nos afiguram.

a) **TRACÇÃO TRAZEIRA:** (Fig. 1) Em terreno plano, o deslocamento do carro inicia-se quando os patins da lagarta se põem sucessivamente em contacto com o sólo, sob o primeiro rodete de apoio. Em terreno acidentado, isto é, obstáculos acima do nível ou rampas, a partir do contacto dos patins situados na parte compreendida entre a roda tensora e aquele rodete.

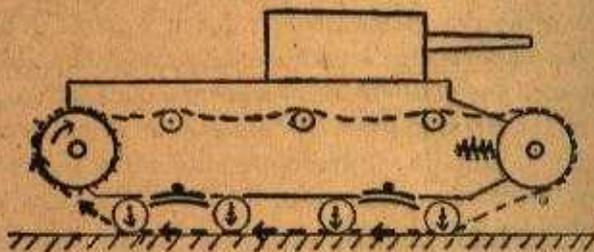


Fig. 1

A força de propulsão é transmitida à lagarta por intermédio dos dentes da polia motora, cujo número deve ser primo com o de patins, permitindo seja cada malha atacada por dentes diferentes. As polias ainda devem ficar localizadas o mais baixo possível, para um melhor aproveitamento do esforço motor. Dos dentes acima referidos, apenas um ou dois que se encontrem na posição antero-posterior, executam sósinhos a transmissão. Assim sendo, na lagarta somente está sob tensão a parte limitada entre o primeiro patim asentado no sólo e o engrenado nos dentes da polia. O restante está completamente frouxo ou sob tensão de um dispositivo eventual, sem contudo lhe exigir grandes esforços.

Do expo  
duração da

1) A  
rodetes, fica  
articulações

2) Con  
garta desloc  
incurvar na r

b) TRA  
apenas não s  
dos entre a p  
de imediato,  
quelas articu  
selhável. No  
tar o inconven  
postos à ação  
carros deve s  
ções a que se  
um quarto de  
pessura, repe  
sequência na  
contendo níqu  
córneo e outro  
trica.

Do exposto, constata-se dois fatores importantes para a duração da cadeia.

1) A parte superior, sustentada pelas corrediças ou rodetes, fica frouxa, o que contribue para a conservação das articulações dos patins e dos seus eixos.

2) Contribue ainda para a longevidade, o fato da lagarta deslocar-se da posição horizontal e apoiada, para se incurvar na roda tensora, ainda sem grandes esforços.

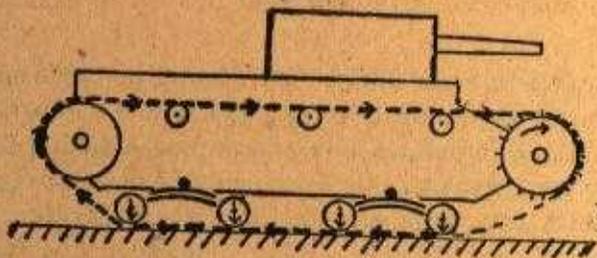


Fig. 2

b) **TRAÇÃO DIANTEIRA:** (Fig. 2) Neste sistema, apenas não se encontram sob tensão os patins compreendidos entre a polia e o primeiro rodete de apoio. Verifica-se de imediato, que sob o ponto de vista do rápido desgaste daquelas articulações e eixos, o sistema anterior é mais aconselhável. No caso de carros de combate, temos a acrescentar o inconveniente dos órgãos de tração, ficarem mais expostos à ação destruidora do adversário. A proteção dos carros deve ser a maior possível. E' porém função das missões a que se destinam. Em geral representa um sétimo a um quarto do seu pêso. Um aumento insignificante na espessura, repercute sensivelmente na tonelagem e como consequência na velocidade. Daí o emprêgo de aços especiais contendo níquel, cromo e as vezes molibidendo, vanadio, zinco e outros e a substituição das cavilhas pela solda elétrica.

Em ambos os casos, a transformação do obstáculo (Fig. 3) se processa com a lagarta tensa, não se constatando para a sua conservação, vantagem neste ou naquele sistema de tração.

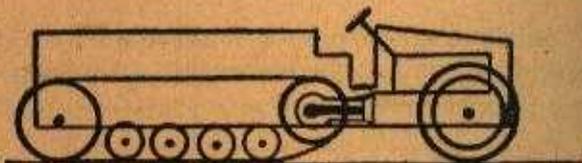


Fig. 3

Na trazeira, mais do que na dianteira, torna-se necessário o tensor da cadeia. O seu esticamento não deve ser excessivo o que impediria que se adaptasse às irregularidades do terreno. Apesar dos inconvenientes apontados, a tração dianteira está hoje em dia bastante difundida, principalmente por permitir uma melhor disposição dos órgãos de transmissão do movimento, direção e freios.

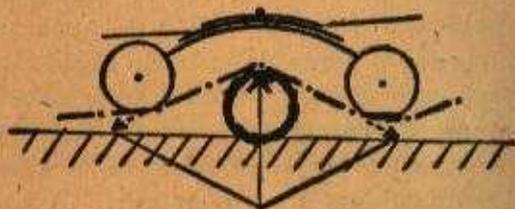


Fig. 4

Os veículos dotados de motor na parte dianteira, dispensam as longas árvores de transmissão e juntas universais. (Fig. 4). Ao contrário, os que os dispõem na parte posterior, permitem ao motorista ter mais à mão a caixa de velocidade e órgãos da transformação do movimento, sendo

Môrm  
ma expos  
manobra e  
nunca serã  
desgaste p  
tração traz

FREZ

todos os  
e taman

Artigos na

que os principais podem ser grupados numa única peça (Fig. 5).

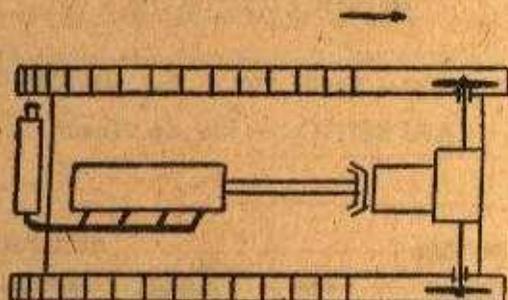


Fig. 5

Mòrmente, nos autos metralhadoras, as vantagens acima expostas são de capital importância para a rapidez de manobra e desenvolvimento de maiores velocidades — que nunca serão demasiadas — superam os inconvenientes do desgaste prematuro das lagartas em relação aos carros de tração trazeira.



FREZAS

todos os tipos  
e tamanhos

FABRICA DE FERRAMENTAS DE PRECIZAO  
**ALM**

CAIXA POSTAL, 1094

**ALM & HEINRITZ**  
SÃO PAULO

Artigos nacionaes que substituem em qualidade os estrangeiros.

COSSINETES  
ALARGADORES  
MACHOS

---

---

# Motorização e guerra

---

---

Pelo Ten. Cel. von OHEIMB,

trad. Jen. KLINGER

No início do século o desenvolvimento do motor, pouco antes inventado, atingira um grau suficiente para se pudesse applicalo em veículos. No fim do primeiro desênio já voavam os primeiros aviões motorizados. Decorrido um lapso de tempo extremamente curto, o motor rápidamente aperfeiçoado permitiu enórme surto da aviação, a qual ao finalizar a pasada guerra mundial alcançara um grau de adeantamento e rendimento verdadeiramente único como progresso realizado em dez anos.

Simultâneamente a mezma guerra determinou larga applicação do motor a toda sorte de viaturas rodoviárias. Entraram a desempenhar papel relevante as novas nosões de velocidade e de redução das distancias. Estava descoberto e desenvolvia-se um meio de guerra ce punha termo á idéa do homem e do cavallo como unidades de cálculo de velocidade na guerra, pois praticamente não comportavam equalcér confronto com a rapidez e o folego do motor.

Junte-se a iso o progresso nos meios de comunicação, como telefone e telégrafo com e sem fio, capazes de vemser quaescér distancias com a maxima presteza. Ce facilidade para o comando! Com ce rapidez podiam xegar as ordems á estrema frente e as comunicações aserca do inimigo aos comandos na retaguarda! imeluzive resultados de descobertas pelo avião com camara fotográfica, lamsado a muintos dias de marcha atraz da frente inimiga.

As nosões de velocidade e durasão, bem como de rapidez nos movimentos, entraram a mudar, no sentido de inopinado

crecimento nos maes diversos domínios. Ce rezultou dai? em primeiro lugar para o alto comando?

A pasada grande guerra mundial durou 4 anos e meio, custou enórmes sacrificios em mórto e feridos, e não trouxe a desizão pelas armas. Eis em rezumo o traso característico capital désa guerra.

Onde se viu aseleração no alto comando? onde se viu efeito sorprendente pelo emprego de maeór velocidade? onde velocidade de movimentos simplesmente aomentada?

Em parte alguma se verificou acrésimo de rapidez, nem no supremo comando em conjunto, nem nas diferentes empresas dos diferentes teatros de guerra. Será ce o motor tenha tido cualcér influêmsia no sentido da velocidade, sér nese referido conjunto, sér nas asões locaes? em ce sentido teria éla atuado? Em sintheze: o motor teve sérta importamsia nas operações, sobretudo do lado do nóso inimigo, para rocada de forsas, isto é, deslocamentos atraz da frente de batalha. Ezemplos: o lamsamento de forsas framsezas na batalha do MARNE, mediante a utilização de veículos aotomóveis, para atralhas de PARIZ; socorro de rezérvas a VERDUN em 1916 e para opor dice ás bréxas praticadas pelos alemães em sua ofemsiva da primavéra de 1918.

Neses ezemplos o transpórte motorizado teve a fumsão de estrada de férro prolongada, ce permitia levar as trópas maes a dentro no campo de asão do inimigo, como ce conduzilhas já desdobradas. A respósta a ese novo recurso éra o próprio veículo motorizado; maz de todo módo éra impróprio para operações puramente ofemsivas, simplesmente utilizavel para ripostar a uma ameasa de envolvimento ou a uma operasão de ruptura da frente. De fórma ce a motorização permitia obstar um movimento, ajudando a tapar com presteza buracos praticados na frente. Tornara-se recurso aproveitavel para a defemsiva, maz não estava adecuado para emprego na ofemsiva em ponto desizivo no campo de combate.

Teríamos assim rapidamente esbosado o papél do motor nos meios de transpórte rodoviário na guerra referida.

Cuanto ao avião motorizado, de influencia teve ele nessa meznia guerra, no se entende com a aselerasão das operações do alto comando e com a desizão das batalhas? Desde o comeso da guerra, em 1914, e durante a penetrasão em FRANÇA todas as descobertas de importancia operativa foram colhidas pela aviasão. Outros meios de colheita de informasões, prezos á terra, não podiam romper os fortes véus de seguransa e envolviam os ezérsitos em marcha ou só o consegiam pelo combate, e então as informasões colhidas zegavam demaziado tarde a destino. Grasa á descoberta aérea, sér na guerra de movimento, sér na de trimxeiras, os movimentos das forsas e as intemsões operativas do alto comando éram desvendadas e obrigavam a este fazer o jogo com as cartas na meza.

Toda comsentrasão de tropas éra descoberta a tempo, e com iso dava lugar a oportunas providencias para aparar o golpe. Portanto os resultados do esclarecimento aéreo aproveitavam maes á defensiva do se ao contendor se se movimentava com os elementos na ofensiva. E' o mesmo fenomeno se asinalamos a respeito da rocada de forsas com emprego do transporte aotomóvel.

Em concluzão, o balansa da influencia do motor aplicado ao veiculo rodoviário e ao avião, no sentido duma aselerasão dos movimentos na guerra, é inteiramente negativo. O motor assim aplicado contribuiu consideravelmente para entibiar o movimento e com iso se cumplise no emcravamento da guerra durante quatro anos na frente osidental, pois se contribuiu para se todo movimento esbosado cuaze imediatamente fosse entravado. Nóte-se, porém, se é apenas cumplise, pois a caoza primsipal da guerra de pozisão rezidiu no formidavel aomento da eficacia das metralhadoras e da artilharia.

Presizamos aci fazer pecena digresão a propózito do aperfeisoamento das armas de guerra: rezultara ele forsóza-mente do alto aperfeisoamento da técnica das armas de fogo e da sua indústria. Apenas fora escesido com iso se se não póde discrisionariamente aomentar o poder duma

fonte luminosa sem produzir concomitantemente mais intensa sombra. Isto é, como em tudo, também na arte da guerra o desenvolvimento precisa ser harmônico.

Desde que se perca de vista semelhante consideração, resulta que, em vez de beneficiar com aperfeiçoamento desequilibrado, se prejudica o alto comando. Resurje então a verdade só conhecida da guerra de fortalezas: a pura guerra de posição e de material não tem sentido, pois não se logra desistência só pelas armas. Tal aconteceu unicamente por aver sido unilateral o aperfeiçoamento, só aplicado a um dos três fatores fundamentais, a eficácia do armamento; não ficou impune a negligência a que ficaram votados os dois outros, o movimento e a proteção contra o fogo das armas.

Exemplo de equilíbrio sempre perfeito entre os três fatores é o navio de batalha: artilharia grossa, courasa capaz e boas máquinas para a marcha.

Pode-se dizer que no exército houve descuido com relação à courasa e às máquinas motrizes.

Com a morte do último cavaleiro, desaparecera a courasa do soldado; e o motor das tropas, ainda como na idade de pedra, eram as pernas do soldado e do cavalo. Cumpre considerar, ainda mais, que apesar de tudo a mobilidade da infantaria no campo de combate ainda teria bastado, mas que a defesa contra o fogo, a courasa, estava descuidada, completa era a dependência da potência de fogo. Daí surgiu naturalmente que, em falta de courasa dotada de mobilidade, o soldado apelou para a courasa natural, imóvel, o chão, e tratou de enterrar-se e agarrar-se ao chão, e com isso, como dissemos, o alto comando que fez bem a rota, pois estabeleceu-se a imobilidade.

Para suplantar essa bem a rota, importava portanto criar um meio de guerra dotado de courasa e de mobilidade, que permitisse progredir no campo de combate. Automóvel courasado falhou na grande guerra passada, porque não oferecia mobilidade para todo terreno, era escravo das boas estradas.

E só a m  
a finalic  
operasô

Foe  
os imgle  
invento  
navio de  
xia conc  
Iso, porê  
O coman  
foe a só  
dêse van  
deriam  
levarmos  
ramente  
framceza  
tarde, cu  
na ESPA  
espírito d

Entr  
creou no  
ce brime  
comando  
conduzir  
casia do  
do ficou  
ziam as v  
derna", d  
violabilid  
de imagin  
é eterno d  
por ezem  
os omens

É só a mobilidade da tropa no campo de combate é que realiza a finalidade e com isto pôde dar lugar á aseleração jeral nas operações de guerra.

Fôe com baze em semelhantes considerações que em 1916 os inglezes appareceram com o tanque, sendo que antes da guerra invento análogo fora rejeitado na ALEMANHA. E' ele o navio de batalha do ezército e já nesse apparecimento preemixia condições capazes de revolucionarem o alto comando. Isto, porém, implicava a condição de ser empregado em massa. O comando inglez não emxergou este ponto, e essa miopia fôe a sorte da ALEMANHA, que então nada possuía que pudesse vantajosamente opor ao tanque. As consecuências poderiam ter sido literalmente revolucionárias, mórmente se levarmos em conta que nasce tempo ainda se achavam inteiramente disponíveis para a INGLATERRA as indústrias franceza e nórteamericana. Não se emxergou isto. E mais tarde, quando se gerreou na AMÉRICA DO SUL, na XINA, na ESPANHA, também ainda prevaleceu em toda parte o espírito conservador no alto comando da guerra.

Entre nós esse espírito fôe vemsido. O gênio militar creou no tanque e no avião de combate instrumentos de guerra que brimcando resolveram o problema do movimento no alto comando, suplantaram a paralização e ao mesmo tempo reconduziram á justa importância o valor do aumento da eficiência do armamento, dantes unilateralmente cuedado. O mundo ficou estarresido quando teve de reconhecer que se desfaziam as velhas noções tidas por imutáveis, da "estratégia moderna", da "inevitabilidade da guerra de trincheiras", da "imviolabilidade de zonas fortificadas permanentes"; eram seres de imaginação, que se dissiparam, pois que afinal de contas só é eterno o valor dos pensamentos de grandes capitães, como por exemplo a sentença napoleônica: "Na guerra nada são os homens: um homem é tudo".



## O cinema a serviço da instrução e da história

Traduzido da "Militär-Wochenblatt" para A DEFESA NACIONAL,  
pelo General KLINGER

*Neta da Redação -- Respeitamos a grafia do autor. Escreve-nos ele: "Com especial agrado fuso para A DEFESA NACIONAL, a tradução de dois artigos do "MILITÄER-WOCHENBLATT" (Semnário Militar), "periódico independente para a força armada alemã", edição de 7 de março último. E' ce esta revista, com 125 anos de curso, fce a ce inspirou A DEFESA NACIONAL, inclusive em seu formato inisial e aspécto estérno e intérno, e na azemisia de anunsios comersiaes. Os primeiros números da nôsa revista, a ezemplo dese seu modelo, saíram, como entáo brejeiramente se dizia, em manga de camiza, isto é, sem capa, aproveitando o espaso: lógo abaixo do cabesalho da primeira pájina, o cual ocupava talvez uma sexta parte da mezma, entrava-se em matéria; e ésta era o editorial, sempre sensasional, altamente oportuno, em ce se brandiam idéas, das ce maes urjia vulgarizar e sustentar e fazer adotar, para mácor bem do BRAZIL, via Ezército. Alégra-me vela oje outravez assim, com editorial assim, e, grasas a iso e á pontualidade, outravez prestijioza, utilisima.*

*Éramos asinantes da M.-WBI, e os primeiros números da DEFESA proporcionaram aos leitores vários estudos de relevo ázretamente trasladados. A M.-WBI, conservou o nome, com-cuento á multissimos anos aparesa trez vezes por semana; e conservou o formato; mas tambem não sae maes em manga de camiza; tem capa, e várias pájinas de anunsios comersiaes.*

Desde antes da presente guerra já as novas forças armadas alemãs uzavam o filme para fins de instrução. Por meio de cenas ábilmente escolhidas e modelarmente realizadas, principalmente de pequenas unidades em combate, ensinava-se aos instruídos como averiam de conduzir-se asertadamente nas diferentes situações. Era poderoso recurso para facilitar a instrução. Em todo caso, eram apenas cenas estudadas, ce não se revestiam de satisfatório poder de persuasão. Oje o caso mudou de figura, pues ce podem ser exibidas filmagens de combates verdadeiros, o ce é de valor infinitamente superior para ajudar de futuro a instrução.

Naturalmente isto não deve significar que se pense em estabilizar imagens para as futuras formas de combate, pois a tática em nossos dias muda tão rapidamente como a técnica, de modo que as coisas de hoje estão certas mas amanhã já estarão erradas. Demais, uma situação tática nunca é inteiramente igual a outra. Mas também não se trata de organizar modelos que bastem imitar mecanicamente: o que se trata é de despertar no soldado sem experiência própria da guerra a compreensão para a realidade desta. Até então nada mais difícil do que isto, entretanto dificilmente averia coisa mais importante. Mesmo a melhor das tropas, enquanto não se acostumar com a ação do fogo inimigo, não produz o rendimento máximo de que é capaz. E esse rendimento se alcança tanto mais cedo, quanto mais radical tiver sido a respectiva instrução, a qual por sua vez encontra o recurso mais eficiente no filme apanhado em combate verdadeiro, pois que este mostra a indiscutível realidade.

Além disso o filme tem o fim de fixar a imagem da guerra para os contemporâneos e para a posteridade. Via de regra é difícil descrever objectivamente ações de combate. A descrição para fins populares facilmente cai no erro da exageração de "eroísmos", dos quais entretanto os protagonistas tão pouco gostam de falar. Por outro lado, a narração científica pela história, que só se atém aos fatos, facilmente péca por frieza. Eis então o filme como natural complemento. Um resumido filme pode ensinar mais do que longa descrição por palavras; e muito melhor fica na memória. E ainda pode registrar os valiosos pormenores que a narração histórica científica despreza.

A Força Armada, com aserto julgamento da evolução esperada, criou uma organização eficiente para o serviço de informação documental por meio de cinematografia; baseada nos primeiros ensinamentos da guerra, determinou seu aperfeiçoamento. E que não se trata simplesmente de dar a sério número de repórteres cinematográficos a missão de tomarem numerosos filmes; cumpre empenhá-los adequadamente, segundo um plano, para que contribuam para um re-

zultado de  
causado c  
na filme d  
é apenas o  
uma vista  
sobre as re  
do materia  
produções c

O obje  
jem da gér  
cinematogrã  
ções, mas a  
riscos iguae  
dúvida tal s  
O sinematog  
pesoal, mas  
de juízo ser  
poes não é t  
tuasão prop  
maior núme  
o que seja es  
pesalizado,  
pria, paralél  
já se realiza

Acumula  
balho do pes  
colher acilo  
constituir, m  
rolar da mez  
bem ele tenh  
formular juiz  
sial.

A pelicu  
ções militares  
junto das oper  
melhor na me

zultado de conjunto. Demonstração de quanto pôde ser alcamsado com semelhante organização,, temola concludente na filme documental do ezérsito "A vitória no oéste". E este é apenas o comeso, ce tem o objectivo limitado de ofereser uma vista de conjunto sobre o desemrolar da campanha e sobre as realizações da trópa alemã. Muinto maeór é a mése do material colhido, e sértamente á de ser explorado para produções de muinto maeór valor.

O objectivo de assegurar para a posteridade uma imajem da gérra justifica plenamente o emprego dos repórteres sinematográfistas, os cuaes não se propoem a casar semsações, maz a ficsar verdades; e se o seu emprego acarréta riscos iguaes aos arrostados pelo soldado combatente, sem dâvida tal se justifica dezde ce o objectivo seja alcamsado. O sinematográfista militar nesesita não sómente de corajem pesoal, maz tambem, como o soldado combatente, nesesita de juizo sereno e claro para apreender o momento propísio poes não é toda situação ce compórta filmajem, nem toda situação proporsiona trabalho útil. Não se trata de obter o maeór número posivel de senas semsasionaes, porém de ficsar o ce seja esensial e instrutivo. Sem dâvida, ese serviso espesializado, com o correr do tempo creará a sua táctica própria, paraléla á do combatente, e é evidente ce nese sentido já se realizaram notâveis progrésos durante ésta gérra.

Acumulada uma porsão de filmes, entra em asão o trabalho do pescizador. Este, por sua vez, não se limita a escolher acilo ce fornese o maes lindo cuadro da asão a recomstituir, maz ce apreente da maneira maes clara o desemrolar da mezma. Evidentemente impórta para iso ce tambem ele tenha esperiemsia da gérra, para ce seja capaz de formular juizo adequado e, por este giado, salientar o esensial.

A pelicula espesial, já antigamente uzada para operações militares, permite patentear o desenvolvimento do conjunto das operações. Semelhantes imajems gravam-se muinto melhor na memória do ce maeór número de filmes parsiaes,

como antigamente eram necessários. Nacele esqueleto imsem-se as senas locaes, ce então lhe dão fôrma e vida.

Com semelhante recurso entra a história militar em nôva era. Imaginemos o ce valeria oje para nós se pudésemos ver em figuras animadas Frederico, o Grande, em Leuten, Napoleão, em Austerlitz, Moltke, em Sedan. Está claro ce o filme não pôde substituir a história militar escrita, apenas viza completala, dando-lhe vida e maes fâsil compreensão. Cem de futuro cizér estudar a nôsa história militar ou admirar os feitos de nósos soldados, emconstrará farto material para iso, o cual emserra a pura realidade e ce tambem permite destruir eficazmente as tentativas de falseamento da verdade histórica.

E o soldado aprendiz resêbe nosões comcrétras insofiz-máveis aserca do ce se pasa na gérra, coeza tão difisil de aprender só dos livros. E tambem nos ezemplos aprende a vemser dificuldades ce doutro módo talvez lhe paresesem insuperáveis, hem como vê desifrado o enigma ce consiste no fato de ce a suprema aodasia é tambem suprema prudem-sia. (Asinado: Ludwig. Pelo indise verifica-se ce é jeneral da artilharia, da rezérva).



**PHARMACIAS**

**SILVA**

**ARAÚJO**

**SERVICO NOTURNO PERMANENTE**

**ENTREGAS RAPIDAS A DOMICILIO**

Tel. 22-1141 — 22-1150

**MATRIZ:**

Rua 1.º de Março, 11  
Ts. 23-3705 e 23-2691

**FILIAL:**

Largo da Carioca, 10-12  
Ts. 22-1141 e 22-1150

Fornecedores do Governo Federal e Municipal

# O exército do trabalho

*Pelo Major Xavier Leal*

Certa vez, em um artigo de "O Jornal", Assis Chateaubriand, afirmou que o Brasil era um vasto latifúndio. A expressão se gravou tão bem na nossa memória, que, no concurso para a Escola de Estado Maior, resolvemos aplicá-la, aduzindo outras considerações de ordem técnica. Na verdade, se retirarmos da estrutura física brasileira a orla marítima e alguns pontos de apóio de São Paulo e Minas Gerais, pouco restará para o interior; o panorama passará a ser dominado pelas vastidões amazônica, goiana e matogrossense. Após quatro séculos de descobrimento, ainda persiste a necessidade de descobrir o Brasil. Uma grande parte desse imenso território que a bravura e pertinácia portuguesas nos legaram para cuidar a fazer progredir, continua em estado de desconhecimento. Precisamos, pois, descobrir o Brasil, explorar e civilizar o seu interior, voltar à época das Bandeiras!

Mas como descobrir, explorar e civilizar? Eis a pergunta que ocorrerá logo.

Não será fácil. Entretanto, o Presidente **VARGAS** — já deu o grito de rumo ao Oeste.

Devemos agir. Começemos a formar as legiões em condições de marchar para os sertões.

Para isso vamos mobilizar cerca de 20 % de homens, mulheres e crianças nas grandes cidades como Rio, São Paulo, Recife, Porto Alegre, etc., e que, nessas grandes cidades, constituem a classe dos sofreadores, dos parasitas, dos habitantes das favelas e casas de cômodo, dos ladrões, dos vendedores de bilhetes de loteria. Vamos eliminar esse mal social crônico e empreender uma tarefa nova. Nas grandes cidades não se encontrará mais remédio para esse mal.

Pelo contrário, com o encarecimento constante da vida, o problema tende a cada vez mais se agravar; chegaremos a uma situação em que o Governo, para manter a sociedade, será obrigado a cuidar de toda essa gente. Enquanto isso, enquanto o problema permanece nas grandes cidades, o interior do Brasil dorme com as suas riquezas.

Resta, pois, a marcha para o Oeste.

A solução, bem sabemos, não é tão simplista como parece.

Surgem logo dois entraves:

Como localizar essas populações no interior, se não temos comunicações?

Como conseguir verbas para uma obra dêsse vulto?

Teremos que voltar ao tempo das Bandeiras. Formar núcleos em determinados pontos, para daí irradiar, abrindo comunicações.

A jornada não deverá ser tão áspera e temerosa como naquele tempo. Os recursos de hoje são outros.

Podemos perceber de início uma diferença. Os Bandeirantes do século XVII e XVIII partiam dos grandes centros, aventurosamente, para um ponto de direção afastado, muitas vezes além-fronteiras, deixando para trás apenas os trilhos através das matas. Os Bandeirantes do século XX partirão para um primeiro objetivo que serão os pontos de irradiação, suponhamos: Cuiabá, Goiânia, Carolina, Parentins, Santarém, Pôrto Velho.

Dêsses pontos, na periferia dessa grande zona interior procurarão convergir para um ponto central da mesma zona, abrindo comunicações. Naturalmente, uma parte ficará instalada nos objetivos iniciais, enquanto a outra, constituindo antenas, será lançada para o interior. Os núcleos dos objetivos iniciais serão deslocados, após, mais para deante com possibilidade de serem substituídos por outros vindos dos grandes centros. Vê-se, assim, a necessidade de que êsses objetivos iniciais, sejam organizados — aparelhados com casas, escolas, remédios, hospitais de emergência e, sobre-

tudo, Ch  
cípulos

Em

multidão

com ela

res da at

professor

nado est

em segu

minhá-la

obra gra

tivo, apr

leira rec

lidade pr

e fazer d

Por

nos venh

Deve

quanto p

dos pass

rúrgica p

ra; o out

base da e

trabalho.

De o

Parec

e necessá

dores.

Estas

utilíssima

e Estatísti

pelo Dr.

a serviço

Preci

tudo, Chefes experientes e destemerosos — verdadeiros discípulos de Rondon e de Morbeck.

Em resumo, o problema se resolveria assim: reunida a multidão de improdutivos dos grandes centros, formar-se-ia com ela e sob a orientação de Chefes capacitados — militares da ativa ou da reserva, médicos, engenheiros, agrônomos, professores — as Unidades de trabalho. Sob um determinado estágio, antes de tudo higienizá-la moral e fisicamente, em seguida dar-lhe instrução profissional e técnica e encaminhá-la para os núcleos do interior, a-fim de reencetar a obra grandiosa das Bandeiras. Para êsse trabalho preparativo, aproveitar também os elementos da Juventude Brasileira recém-creada, pois essa juventude deve ter uma finalidade prática e sadia e não se limitar a nomear Diretorias e fazer discursos.

Por acaso, devemos esperar que algum povo europeu nos venha ensinar a continuação do desbravamento?

Devemos preparar a nossa defesa e o nosso futuro, tanto quanto possível sem a dependência dos outros povos. Um dos passos já está dado — a organização da indústria siderúrgica para forjar os nossos instrumentos de paz e de guerra; o outro será a exploração e posse das nossas riquezas — base da estabilidade econômica — por meio do Exército do trabalho.

De onde tirar as verbas para manter êsse Exército?

Parece que todo capital empregado nessa obra urgente e necessária produzirá no futuro juros mais que compensadores.

Estas considerações são lançadas a propósito de uma utilíssima palestra feita no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística para os oficiais estagiários da turma de 1940, pelo Dr. Teixeira de Freitas, inteligência lúcida e patriótica, a serviço do Brasil.

Precisamos agir!

---

---

## **NOTA**

A DEFESA NACIONAL é uma revista feita para o Exército e a êle pertence. Não visa, como é natural, lucro de espécie alguma.

E' por êsse motivo que continuam a vigorar os antigos preços das assinaturas, a-pesar-de ter sido duplicado o número de páginas de cada número, do valor do papel haver subido em progressão geométrica e do trabalho tipográfico, presentemente, importar em despesa dupla que um ano atrás.

**Cada assinante paga apenas metade do custo de cada número que recebe.**

Mas a Diretoria de A DEFESA NACIONAL não faz milagres: a atual situação foi alcançada, graças, principalmente, a iniciativa que teve dando nova orientação à parte de publicidade, conforme pôde ser bem avaliado pelo quadro abaixo:

### **QUADRO COMPARATIVO DA PRODUÇÃO LÍQUIDA DE "PUBLICIDADE" NOS PRIMEIROS SEMESTRES DOS ANOS DE 1940 E 1941**

<b>Mês</b>	<b>1940</b>	<b>1941</b>
Janeiro . . . . .	3:125\$000	4:935\$000
Fevereiro . . . . .	2:875\$000	9:237\$800
Março . . . . .	3:125\$000	4:191\$900
Abril . . . . .	3:312\$500	6:439\$700
Maior . . . . .	4:375\$000	7:709\$400
Junho . . . . .	4:625\$000	16:227\$200
	<hr/>	<hr/>
	21:437\$500	48:741\$000

## **A PRO MERE**

A nossa a  
merecimento,  
nária, pois, el  
so" pelo estud  
"Fês de offici  
enumerados.

Vejamos  
levado.

Ora, um  
lhendo seus c  
ções" e de "  
involuntariam  
borados em c  
portanto, het

Conclusã  
procedendo c  
rios enganos  
certa inquiet

Acontece  
possite ânimo  
uma campan  
merecimento

Assim, o  
nuamente, ve  
acabará torn  
necessária ad

Há vári  
ao Exército  
anomalia. E  
gela, termina

# A PROMOÇÃO POR MERCIMENTO NO EXÉRCITO

Pelo Major IVANO GOMES

A nossa atual "Lei de Promoções", no que se refere ao merecimento, é, teoricamente, de uma perfeição extraordinária, pois, ela se baseia na organização do "Quadro de acesso" pelo estudo comparativo das "Fichas de informações" e "Fés de officio" dos oficiais que possuem os requisitos nela enumerados.

Vejam os essa procurada perfeição teórica a que nos tem levado.

Ora, um membro da "Comissão de promoções" escolhendo seus candidatos pelo cotejo de "Fichas de informações" e de "Fés de officio", será, como sabemos, conduzido involuntariamente a êrros, pois, irá comparar documentos elaborados em origens, condições e com critérios diferentes e, portanto, heterogêneos.

Conclusão: — os membros da "Comissão de promoções" procedendo como manda a Lei, serão levados a cometer sérios enganos os quais podem ocasionar desestímulos e uma certa inquietação.

Acontece, então, que o oficial preterido — quando não possui ânimo forte, isenção de espírito e bom humor — inicia uma campanha de murmuração na presunção de que seu merecimento fôra injustamente menoscabado.

Assim, o nosso Exército, sistemática, periódica e continuamente, vem fazendo correr em suas veias uma seiva que acabará tornando-o uma "Instituição" sem a sensibilidade necessária ao cumprimento de sua sagrada missão.

Há vários anos, um grupo de oficiais ensâia apresentar ao Exército uma sugestão que, parece, sanará tão grande anomalia. Essa sugestão, que é de execução simples e singela, terminará, de uma vez por tôdas, com as "campanhas

de promoção”, das quais os candidatos, as vezes, consciente e deliberadamente, saem com a sua reputação abalada.

Em resumo, a sugestão que se deseja apresentar, para ser analisada e discutida pelos Chefes do Exército, é a seguinte: — “introduzir-se-á, tão somente, na atual lei, uma pequena prescrição que estipulasse:

1.º — que os membros da “Comissão de promoções”, para a escolha de seus candidatos, deveriam louvar-se, exclusiva ou principalmente, no conceito que o oficial goza no seio de sua classe (alínea “b” do Art. 15).

Esse conceito seria expresso pela livre manifestação da vontade dos pares que, respectivamente, tivessem atingido, na ocasião, por ordem de antiguidade, a primeira quarta parte do quadro (Almanaque Militar), para os capitães, e, para os oficiais superiores, a primeira metade do dito quadro (alínea “a” do Art. 15);

2.º — que os membros da referida “Comissão” poderiam discordar, livremente, da lista final apurada, substituindo um ou todos os nomes dos oficiais aí compreendidos por outros que, pelas informações existentes ou colhidas, fossem mais merecedores.

Em tais casos, os oficiais substituídos seriam cientificados, por escrito, sobre as razões que deram lugar a essas substituições e, se quizessem, poderiam apelar da decisão.

Essa manifestação da vontade dos pares, seria concretizada, uma vez por ano, e, o número de nomes a incluir nas respectivas listas, seria estipulado, com a devida antecedência, pelo E. M. E., conforme as vagas previstas para cada ano, em cada posto e em cada “Arma” ou “Serviço”.

Isto tudo realizado, nada mais representaria que uma COOPERAÇÃO valiosa e indispensável à “Comissão de promoções” que, assim, aumentaria, cada vez mais seu prestígio no seio da classe.

Apontemos agora as PRINCIPAIS vantagens que essa ligeira alteração na “Lei de Promoções” apresentaria:

1.ª) j  
diados pelo  
atendidos o  
ciados;

2.ª) j  
de seus par  
mente arran  
que, no reg

3.ª) j  
tra seus ch  
tuação mor  
acesso”, po  
ria livre de

4.ª) o  
riam profess  
alguns de s  
jogando con  
houvesse de

5.ª) j  
leva tôda u  
— desde os  
truído pelos

6.ª) f  
pela vontad  
mentos com  
ou de quem  
desejasse e

— Os a  
supô-la a m  
ral”, orige  
que termin  
cousas, crei  
vamos, pare  
bejamente r  
— A DISCI

1.<sup>a</sup>) jamais os membros da "Comissão" seriam assediados pelos possíveis impertinentes e ousados pedidos que, atendidos ou não, muito depreciariam os nomes dos beneficiados;

2.<sup>a</sup>) jamais elemento algum tentaria influir no acesso de seus parentes e amigos — o que automática e definitivamente arrancaria a política de dentro do Exército — coisa que, no regime passado, constituía a regra;

3.<sup>a</sup>) jamais o oficial preterido poderia murmurar contra seus chefes e contra aqueles que os preterissem. A situação moral do oficial que entrasse para o "Quadro de acesso", por êste processo, seria inatacável; seu nome ficaria livre de qualquer contumaz maledicente;

4.<sup>a</sup>) os quadros do Exército cada vez mais se apurariam profissional e moralmente, pois, cada oficial, indicando alguns de seus pares para o posto imediato ao seu, estaria jogando com seu próprio sangue e, é certo, escolheria o que houvesse de melhor para seu superior hierárquico;

5.<sup>a</sup>) jamais o bom conceito de seu nome, que o oficial leva tóda uma existência a construir com carinho e desvêlo — desde os tempos de Colégio e Escola Militar — seria destruído pelos possíveis maldizentes solicitadores de promoção;

6.<sup>a</sup>) finalmente, o Exército, dentro de alguns anos, pela vontade expressa de uma grande massa de seus elementos componentes, sem que pudesse culpar falhas da Lei ou de quem quer que fosse, acabaria tendo os quadros que desejasse e merecesse.

— Os adeptos da presente idéia não têm a veleidade de supô-la a melhor solução para tão grande "problema moral", origem de grandes males. Qualquer outra idéia que termine, duma vez por tódas, com o atual estado de cousas, creio, será bem aceita pelo Exército. Continuar como somos, parece, seria persistir deliberadamente num êrro soberbamente reconhecido, em detrimento da nossa viga mestra — A DISCIPLINA.

# GUERRA DE SECESSÃO

1861



1865

Pelo Major Arthur Carnauba  
Inst. da E. E. M.

(Continuação)

## A 2.<sup>a</sup> FASE

Resumo dos acontecimentos que se desenrolaram no período de Julho de 1861 (após a batalha de BULL RUN) a Maio de 1863 (depois da batalha de CHENCELLORSVILLE).

A batalha de BULL RUN havia mostrado a ambos os contendores, particularmente aos Nortistas, a necessidade imperiosa da reorganização e instrução de seus exércitos.

Segue-se, assim, um período de estabilização, de fins de Julho de 1861 a fins de Março de 1862.

E, essa a situação no teatro oriental, onde se desenvolverão, fatalmente, os acontecimentos principais da campanha.

No teatro ocidental e ao longo da costa, entretanto, registram-se fatos de certa importância.

Os nortistas apoderam-se, de fato, do Estado suspeito de KENTUCKY e do TENNESSEE, estado rebelde.

MEMPHIS é conquistada, o que significa a posse do curso médio do MISSISSIPE; CORINTHO cái também nas suas mãos, o que representa o domínio de parte da grande rodada ferroviária MEMPHIS — CORINTHO CHATANOOGA — ATLANTA — SAVANNAH.

Eboça-se, portanto, a grande manobra estratégica que terá por fim certar as comunicações dos confederados com os Estados de W., donde lhes vem tóda sorte de recurso (ce-

reais, gado, etc.) e que dividirá a Confederação em duas partes.

Na costa, vários fortes são ocupados e o Almirante FARAGUT, forçando a passagem do MISSISSIPE, ocupa NOVA ORLEANS, quasi na mesma época em que as fôrças federais se apossam de MEMPHIS.

Não fôra a resistência sulista na poderosa fortaleza de VICKSBURG e os nortistas se achariam de posse de todo o curso do grande rio.

E' interessante observar que a situação de VICKSBURG é muito semelhante a da famosa HUMAITA' na margem oriental do RIO PARAGUAI.

E' indistigável a importância dessa ação contra as comunicações dos rebeldes, — comunicações ferroviárias, dum lado, comunicações marítimas, do outro.

E' o bloqueio que se inicia, por terra e por mar.

\*

\* \* \*

Tôdas essas operações se processaram, como vimos, durante o período de estabiização a que se viram forçados os dois exércitos principais no teatro oriental.

O novo chefe nortista, MAC CLELLAN, se havia consagrado, durante êsse tempo, à reorganização e à instrução do Exército do POTOMAC, que tinha sido completamente destrôado na infeliz batalha de BULL RUN.

A opinião pública, a-pesar da fatal lição da ofensiva prematura de Julho de 1861, começa a inquietar-se com a demora das operações.

Não compreende a inação do Exército do POTOMAC.

E' em vão que MAC CLELLAN explica as razões pelas quais é ainda prematuro o desencadeamento duma nova ofensiva.

Por ou  
de operaçõ

LINCO  
pública e  
dena a ofer  
U. U., a qu  
aniversário

E a aç  
Interv

"Ordem de  
Janeiro, en

Essa i  
operações  
ção delicad  
Surge

MAC  
uma memó

Em 8  
de Guerra  
chefe.

A cor  
pelos sulist  
organizado

Retraç  
para a reg  
Vg. em CU  
por MAC

Consis  
URBANA,  
duma açã

O Ex  
linha do E  
envolvido

Foi, p  
confederaç

Um e

Por outro lado, o Governo não concorda com o seu plano de operações.

LINCOLN cede, mais uma vez, à pressão da opinião pública e de personagens políticos e, em 27 de Janeiro, ordena a ofensiva de tôdas as forças de terra e mar dos E. E. U. U., a qual será desencadeada em 22 de Fevereiro, dia do aniversário de WASHINGTON.

E a ação presidencial vai ainda mais longe.

Intervem na própria forma da operação em sua célebre "**Ordem de Guerra especial do Presidente n. 1**", de 31 de Janeiro, enviada ao Cmt. do Ex. do POTOMAC.

Essa intromissão indébita do Governo na direção das operações cria entre o poder civil e o comando, uma situação delicada.

Surge uma verdadeira crise.

MAC CLELLAN protesta e, em 3 de Fevereiro, envia uma memória justificativa de seu plano.

Em 8 de Março, o Presidente expede uma outra "**Ordem de Guerra especial**"; no dia 11, tira-lhe o título de Cmt. chefe.

A consequência dessa divergência, é o conhecimento pelos sulistas, que têm um serviço de espionagem muito bem organizado, do plano de operações nortista.

Retráem-se, em 9 de Março, das margens do BULL RUN para a região de ORANGE — GORDONSVILLE, com uma Vg. em CULPEPER, furtando-se, assim à manobra projetada por MAC CLELLAN.

Consiste, de fato, êsse projeto num desembarque em URBANA, na embocadura do RAPPAHANNOCK, seguido duma ação contra RICHMOND por WHITE HOUSE.

O Exército sulista, fixado por um esforço frontal na linha do BULL RUN, seria, por essa forma, completamente envolvido e a Capital da Confederação tomada.

Foi, pois, em boa hora, que JOHNSTON, o cmt. do Ex. confederado, ordenou o seu retraimento para o S..

Um ensinamento precioso devemos tirar dêsses fatos.

E' que o **segrêdo das operações**, um dos fatores da **Surpresa**, é um dos elementos essenciais do **Sucesso**.

Ora, a imprensa de WASHINGTON comentava os planos de operações; os bachareis, nos clubs, os discutiam.

Bem difficil e ingrata era a tarefa do Gen. MAC CLELLAN naqueles tristes dias de Março de 1862!...

Impunha-se, portanto, uma modificação no plano primitivo.

E é, por isso, que veremos a manobra nortista ser iniciada, no dia 18 de Março, por um desembarque, não em URBANA, mas, mais ao S., em FORT MONROE.

Não poderemos estudar, minuciosamente, as operações a partir dessa data e nos contentaremos com um resumo histórico dos acontecimentos mais importantes que se desenvolveram até a batalha de CHARCELLORSVILLE (2 a 5 de Maio de 1863) para podermos, em seguida, entrar na apreciação do fato mais palpitante dêsse longo período da luta, que é a famosa manobra ofensiva — admiravelmente concebida e preparada por LEE — iniciada em Junho e que culmina com a célebre batalha de GETTISBURG, a mais importante dessa guerra e que se desenvolverá durante três jornadas (1., 2 e 3 de Julho de 1863).

\*  
\*   \*  
\*

Após seu desembarque em FORT MONROE, as forças nortistas tomam a ofensiva na direção geral de RICHMOND e chegam até a linha do CHICKAHOMINY, que cobre a Capital ao N., onde travam algumas batalhas indecisas (3 de Maio e 30 de Junho de 1862), terminando essa manobra, denominada "campanha da península", pela derrota e retirada dos federais.

Contribuiu poderosamente para o seu fracasso, a repercussão que tiveram em WASHINGTON as operações do Gen. sulista JACKSON no vale do SHENANDOAH.

Tendo a  
tuiu a sua  
ameaça para  
CKERS e FA

A conse  
viam sido de  
mados, às pr  
MAC C

de continuar  
Contava  
entrincheiran  
MAC DOWE  
DERICKSBU

Tendo i  
S., recebe o  
mente para o  
NANDOAH

MAC C  
panha da P  
Um nov  
Trata-se

CHMOND.  
E' dese  
mando de P  
mente batido

As mar  
tistas.

Produz  
a do primeir  
O Gen.

LAN que é  
mais comple

Que faz  
Repeten

çam em per  
E estão  
confusão e c

Tendo atingido WINCHESTER em 25 de Maio, constituiu a sua simples presença nessa localidade uma séria ameaça para a Capital Federal, cuja estrada, por SNI-CKERS e FAIRFAX, ficava aberta aos rebeldes.

A consequência disso é que todos os reforços que haviam sido destinados ao Exército da península, foram chamados, às pressas, para a defesa de WASHINGTON.

MAC CLELLAN ficou, por essa forma, impossibilitado de continuar a operação contra RICHMOND.

Contava, de fato, para atacar os confederados nos seus entrincheiramentos a E. da cidade com o reforço do C. Ex. MAC DOWELL (30.000 homens), que se achava em FREDERICKSBURG.

Tendo iniciado, em 25 de Maio, o seu movimento para S., recebe o C. Ex., de repente, ordem de se retrair rapidamente para o N., em vista da manobra de JACKSON no SHE-NANDOAH.

MAC CLELLAN, em consequência do fracasso da Campanha da Península, é substituído pelo Gen. POPE.

Um novo plano de operações é estabelecido.

Trata-se, dessa vez, duma ofensiva direta contra RICHMOND.

E' desencadeada em Agosto do mesmo ano sob o comando de POPE; mas, no dia 29, os federais são completamente batidos na segunda batalha do BULL RUN.

As margens desse rio parecem funestas para os nor-tistas.

Produz-se, em WASHINGTON, uma emoção semelhante a do primeiro desastre.

O Gen. POPE é destituído e substituído por MAC CLELLAN que é o único que, no meio da desordem geral e da mais completa anarquia, conserva o seu sangue frio.

Que fazem os sulistas vitoriosos?

Repetem o mesmo erro de Julho de 1861... Não se lançam em perseguição do Ex. Federal!...

E estão a 40 Km. da Capital, onde reina uma grande confusão e cuja população se acha quasi tomada de pânico.

O Gen. LEE, a despeito de suas admiráveis qualidades de soldado, é passível das mais severas críticas.

E' a segunda vez que os confederados perdem a oportunidade de se apoderarem da Capital nortista e de obterem, assim, um retumbante e decisivo successo.

\*  
\*   \*  
\*

O Presidente J. DAVIS dá, no entanto, no dia 2 de Setembro, ordem a LEE para invadir imediatamente o Estado do MARYLAND.

Deverá, para isso, contornar WASHINGTON por W.

A guerra, que se vem desenrolando em território sulista, passará a desenvolver-se em território inimigo.

Além disso, há, naquele Estado, grande número de elementos escravocratas.

Talvez a presença do exército confederado provoque uma revolução.

A decisão do Governo é, pois, o resultado de considerações de ordem política.

A iniciativa estratégica cabe, agora, aos sulistas.

LEE põe-se em movimento no dia 3.

O MARYLAND é invadido, mas, depois de ter transposto o POTOMAC, o Gen. sulista choca-se, nas margens do ANTIETAM, com o Ex. federal de MAC CLELLAN.

Trava-se, então, uma batalha indecisa (16 e 17 de Setembro de 1862), após a qual os sulistas vêm-se obrigados a bater em retirada para o S. do POTOMAC pela ponte de SHEPPARDSTOWN.

MAC CLELLAN, seguindo o exemplo dos Generais sulistas, não persegue o adversário além do POTOMAC.

A invasão do MARYLAND, a-pesar do Ex. de LEE ter sido batido, mas não destruído, representa para o Sul um fracasso político e estratégico. Do lado nortista, a inação do Comando causa uma grande decepção.

LEE  
lançado  
LAN não  
18, um  
que deu t  
para o S.  
Tod  
e a rica  
ameaçad

O m  
Setembro  
Seu  
RENTON  
RIDGE s  
Uma  
transposi  
LEE,  
para CUI  
permanec  
Na r  
do sua m  
tuido no  
trigas pol  
O no  
de seu ar  
em FRED  
CLELLAN  
fôrças.  
Estav  
foi, em 21  
maior de  
Após  
chefe do l

LEE consegue salvar o seu Ex., que poderia ter sido lançado contra o obstáculo do POTOMAC, se MAC CLELLAN não tivesse cometido a imprudência de assinar, no dia 18, um armistício de 24 horas para enterrar os mortos, o que deu tempo aos sulistas de se retraírem, na noite de 18/19, para o S. do rio.

Todavia, o adversário foi expulso do território da União e a rica PENNSYLVANIE livre da invasão de que estivera ameaçada.



O movimento do Ex. nortista só começa no dia 25 de Setembro.

Seu objetivo é, ainda uma vez, RICHMOND, por WARRENTON — CULPEPER — ORANGE; o maciço de BLUE RIDGE será contornado por E.

Uma enchente inesperada do POTOMAC retarda a transposição do rio até 2 de Novembro.

LEE, em breve informado e hábil manobreiro, retrai-se para CULPEPER com a sua direita, enquanto sua esquerda permanece no vale do SHENANDOAH.

Na noite de 7/8 de Novembro, MAC CLELLAN, quando sua manobra já se acha em curso de execução, é substituído no comando por BURNSIDE, em consequência de intrigas políticas.

O novo chefe, cujo primeiro ato foi modificar o plano de seu antecessor, é batido por LEE, em 13 de Dezembro, em FREDERICKSBURG, por onde, contrariamente a MAC CLELLAN, havia orientado o centro de gravidade de suas forças.

Estava-lhe reservada a mesma sorte de seu predecessor; foi, em 25 de Janeiro de 1863, substituído por HOOKER, o maior de seus detratores.

Após um período de calma durante o inverno, o novo chefe do Ex. retoma a ofensiva.

Esta consiste numa manobra em direções convergentes.

Enquanto 3 C. Ex. ficam diante de FREDERICKSBURG, o restante das forças (4 C. Ex.) transpõe o RAPPAHANNOCK e o RAPIDAN de N. para S., em três grupamentos, e converge para CHANCELLORSVILLE.

LEE, entretanto, percebe o movimento... Não hesita um segundo... Deixa, na frente de FREDERICKSBURG, apenas uma cortina, lança-se com o grosso de suas forças para CHANCELLORSVILLE e barra ao adversário a saída da floresta, o qual, desorientado, ordena o retraimento.

LEE continua a manobrar: o C. Ex. LONGSTREET permanece diante da localidade, enquanto o C. Ex. JOHNSTON efetua um movimento desbordante pelo S. e depois por W., por forma a se rebater contra as retaguardas de HOOKER.

Acontece, porém, que, enquanto isso se passa, a cortina de FREDERICKSBURG é atacada e desbaratada.

LEE conserva seu sangue frio: reforça-a com 1 D.I. e, depois, com todo o Corpo LONGSTREET, que restabelece a situação, voltando, a 5 de Maio, para CHANCELLORSVILLE, a-fim de tomar parte na batalha.

Os nortistas, atacados simultaneamente por E., pelo S. e por W., são completamente batidos e quasi cercados na floresta.

A batalha de CHANCELLORSVILLE constitue para os sulistas uma vitória tática incontestável, mas incompleta, porque, como sempre, não souberam explorar o êxito.

O adversário poude, assim, transpor o RAPPAHANNOCK e furtar-se à destruição, voltando às suas posições defensivas da margem N., diante de FREDERICKSBURG.

No teatro ocidental, entretanto, a situação da Confederação é bem delicada.

A poderosa fortaleza de VICKSBURG acha-se sob a pressão cada vez maior das forças de GRANT; o desfiladeiro de CHATTANOOGA, ameaçado.

O futuro mostra-se, pois, sombrio para os rebeldes que, bloqueados por mar, estão ameaçados de o serem também por terra.

Cortadas as suas comunicações com os Estados de ARKANSAS, MISSISSIPE, LOUISIANE e TEXAS, ficarão privados de seus recursos (homens, víveres e matérias primas).

Pode-se, pois, considerar a situação como crítica.

Os recursos da União, ao contrário, só poderão aumentar dia a dia, tanto mais quanto o domínio do mar lhe pertence.

Só há uma solução para a crise.

E' procurar, numa batalha decisiva, bater as forças nortistas.

O Governo não hesita em assumir essa tremenda responsabilidade.

Dest'arte, na segunda quinzena de Maio, ROBERT LEE apresenta a J. DAVIS seu plano de operações.

A ofensiva projetada é semelhante a de Setembro de 1862.

Trata-se, porém, de uma irrupção das forças sulistas, não apenas no MARYLAND, mas no território riquíssimo da PENNSYLVANIE, seguindo-se, depois, um rebatimento para o S. na direção de WASHINGTON.

Para isso, deixando na linha do RAPAHANNOCK apenas 1 C. Ex. e o C. C. STUART, orientar o grosso das forças pelo vale do SCHENANDOAH até o POTOMAC.

Transpor êsse rio na região de HARPES FERRAY e lançar-se, pela região a W. das montanhas (SOUTH MOUNTAIN), na direção de CHAMBERSBURG — HARRISBURGO.

O plano é verdadeiramente ousado...

RICHMOND, a capital, abandonada: a marcha de flanco, diante dum exército de 100.000 homens, constitue uma operação arriscadíssima, tanto mais que a transposição do POTOMAC pode retardar o movimento e dar tempo a que o adversário reuna seu Ex. e ataque o flanco direito (E.) do Ex. sulista.

LEE conhece, porém, o cmt. do Ex. do POTOMAC e está, com certeza, certo de sua inação.

\*  
\* \* \*

A manobra compreenderá:

- a concentração preparatória na região de CULPER — COURT — HOUSE;
- o movimento até o POTOMAC;
- a transposição do rio e a irrupção no território unionista;
- a reunião para a batalha.

\*  
\* \* \*

De que meios dispõe LEE para desencadear essa ofensiva de grande estilo?

O Ex. da VIRGINIA, com o qual vai ser executada a grande operação, é de 75.000 homens, dos quais 10.000 cavaleiros.

Reorganizado depois da batalha de CHENCELLORSVILLE, compreende 3 C. Ex.

C. Ex.	{	3 D.I. 5 Btls. Art. (4 bias, cada um), dos quais três fazem parte orgânicamente das Divisões (1 por Divisão) e dois formam a A. C.Ex.
--------	---	--

D.I. — 3 a 4 Bdas. e 1 Btl. Art.

Cavalaria	{	1 C.C. — 5 Bdas. C. e 5 Btls. Art. (1 por Bda). 2 Bdas. C. Independentes.
-----------	---	--

Formado de veteranos, êste Ex. constitue um conjunto homogêneo e uma tropa aguerrida.

Seu chefe é venerado pelos seus subordinados.

Veja  
BURG.

O mo  
Junho.

Deixa  
(LEE e H  
MAC, com  
em vista

No d

De q

Trata  
contre.

Quais

MEA  
nado entr

Que

Três

irromper

MOUNTA

vale do C

Em c

de comun

condições,

pôr as mo

sembocar

GETT

O Ex

char por L

BURG, co

Sua s

Vejamô-lo em ação na famosa manobra de GETTYSBURG.

### A MANOBRA DE GETTYSBURG

O movimento do Ex. da VIRGÍNIA começa no dia 3 de Junho.

Deixando de lado a marcha dos dois exércitos para o N. (LEE e HOOCKER), bem como a transposição do POTO-MAC, começaremos o nosso estudo pelo da sua concentração em vista da batalha.

No dia 28, HOOCKER é substituído pelo Gen. MEADE. De que se trata para o novo chefe?

Trata-se de bater o Ex. LEE, onde quer que êle se encontre.

Quais são as informações sôbre o inimigo?

MEADE sabe apenas que o Ex. inimigo acha-se escalonado entre HARRISBURGO e CHAMBERSBURG.

Que pode fazer LEE?

Três hipóteses: concentrar-se, ao N., em HARRISBURG; irromper a E. do grande maciço montanhoso de SOUT MOUNTAINS ou aceitar a batalha a W. das montanhas no vale do CUMBERLAND.

Em qualquer caso, impõe-se a posse do importante nó de comunicações de GETTYSBURG, onde o Ex. ficará em condições, já de marchar para HARRISBURG, já de transpor as montanhas e lançar-se para W., já de impedir o desembocar do adversário a E. da barreira montanhosa.

GETTYSBURG constitui, pois, seu primeiro objetivo.

O Ex. concentra-se em FREDERICK CITY e deverá marchar por FREDERICK CITY — GETTYSBURG — HARRISBURG, coberto, na frente e nos flancos, por 3 D.C..

Sua situação, a 29, é a seguinte:

- grupamento W. (1.º, 2.º e 11.º C. Ex.) na região de EMMETTSBURG, sob as ordens de REYNOLDS;
- grupamento do centro (12.º C. Ex., sob o comando de SLOCUM) na região de TANEYTOWN;
- grupamento E. (2.º, 5.º e 6.º C. Ex.) na região de FRIZZEBURG — UNION TOWN — NEW WINDSOR.

Dispositivo flexível que, não só cobre WASHINGTON e BALTIMORE, como permite agir em qualquer direção; constitui, além disso, uma permanente ameaça para as comunicações de LEE, que cada vez se tornam mais extensas.

Ele se acha esclarecido e coberto pela D.C. BUFORD, que já atingiu GETTYSBURG.

\*  
\*   \*  
\*

Que se passou, durante esse tempo, do lado sulista?

A situação do Ex. de LEE, a 27, é a seguinte:

O C. Ex. EWELL, Vg. geral do Ex. confederado, borda, desde HARRISBURG e WRIGHSTVILLE, a linha do SUSQUEHANNAH, cujas pontes se acham destruídas e as localidades defendidas pelos milicianos da PENNSYLVANIE.

C. Ex. LONGSTREET	{	na região de
C. Ex. HILL		CHAMBERSBURG

Não há notícias do C.C. STUART !...

As duas Bdas. independentes acham-se com a Vg. (C. Ex. EWELL).

Essa situação bizarra do C.C. é consequência do seu mau emprêgo por LEE:

Senão, vejamos.

Durante a passagem do POTOMAC pelo grosso do Ex., encontrarmô-lo em cobertura na região de SALEM, barrando as passagens do BLUE RIDGE.

Em se  
na guarda  
tes, transp  
passando

STUA  
no dia 25  
FORD, a c  
comboio en  
fêrrea BAL

No dia  
tista KILP

Tenta  
romper o co  
cha noturna  
CARLISLE,

Percorri  
teve a men  
nenhuma in  
pouso à sua

À noite  
lhe dá a co  
GETTYSBU

Pondo-s  
2 de Julho,  
dias, estavan

Tais for  
excêntrico.

LEE não  
campo de b

Explic  
nada de 27.

Nesse m  
transposição

Sentindo  
cham dividida  
sideráveis, ac

Em seguida, recebe ordem de deixar duas de suas Bdas. na guarda dos colos do BLUE RIDGE e, com as três restantes, transpôr o POTOMAC e lançar-se na direção de YORK, passando entre WASHINGTON e o Ex. federal.

STUART, reduzido apenas a 3 Bdas., parte de SALEM no dia 25, transpõe o rio, a 27, na região de ROWSENRS FORD, a cerca de 30 Km. da Capital; apodera-se, a 28, dum comboio em ROCKVILLE, destroi, a 29, duas pontes da via férrea BALTIMORE — OHIO.

No dia 30, choca-se, em HANNOVER, com a D.C. nortista KILPATRICK.

Tenta abrir a passagem, mas a operação fracassa; logra romper o combate e escapar-se para E., por uma penosa marcha noturna. Chega, enfim, a YORK e, no dia 1.º, ganha CARLISLE, que se acha ocupado pelos milicianos federais.

Percorreu 200 Kms. em 48 horas; durante 7 dias não teve a menor notícia do grosso do Ex., não forneceu a LEE nenhuma informação e não pôde proporcionar o menor repouso à sua tropa.

À noite, chega-lhe a primeira informação do Ex., que lhe dá a conhecer que está se travando uma batalha em GETTYSBURG.

Pondo-se imediatamente em marcha, chega, na tarde de 2 de Julho, exgotado, ao campo de batalha, onde, há dois dias, estavam em jôgo os destinos da Confederação.

Tais foram as consequências dum raid completamente excêntrico.

LEE não teve, no momento decisivo, um só cavaleiro no campo de batalha!...

Explica-se, assim, a situação curiosa do C.C. na jornada de 27.

Nesse mesmo dia, o Cmt. do Ex. sulista é informado da transposição do POTOMAC pelos nortistas.

Sentindo a grande dispersão de suas forças que marcham divididas em três massas, separadas por distâncias consideráveis, acode-lhe a idéia de modificar o seu dispositivo.

Trata-se para LEE, como para MEADE, de procurar a decisão pela batalha, a "efusão sangrenta", no dizer de JOMINI.

Sua primeira idéia é a de reunir o seu Ex. na região de CHAMBERSBURG; dá, nesse sentido, ordens a EWELL, que desloca a D.I. JONHSON para aquela região. Durante a noite de 27/28, reflete e modifica seu plano.

Concentrará suas fôrças na região de CASHTOWN, donde atacará, numa direção ulteriormente escolhida, o flanco esquerdo (W.) do Ex. federal, surpreendendo-o em flagrante delicto de movimento para o N.

No dia 28, é informado da nomeação de MEADE e da concentração dos nortistas em FREDERICK CITY.

As ordens são expedidas para a jornada de 29:

- C. Ex. EWELL: — deverá marchar na direção de GETTYSBURG, fará um 1.º lance até HEIDLEERSBURG, donde poderá orientar-se, quer para CASH-TOWN, quer para GETTYSBURG.
- C. Ex. HILL: — marchará para CASHTOWN.
- C. Ex. LONGSTREET: — permanecerá em CHAMBERSBURG.
- Q.G. Ex. — GREENWOOL (12 Km. E. de CHAMBERSBURG).

Tais são as disposições do Cmt. do Ex. sulista.

Que pode fazer o Ex. nortista de FREDERICK-CITY?

Se marchar para o N., como é provável, um encontro poderá dar-se na região de GETTYSBURG — CASHTOWN, isto é, na própria zona de reunião do Ex. confederado.

Não haverá, portanto, tempo para uma reunião das fôrças antes da batalha; a concentração far-se-à no próprio campo de batalha, como no caso de MOLTKE em KOENIG-GRAETZ (1866) e em SAINT-PRIVAT (1870).

LEE parece não ter estudado suficientemente as possibilidades de seu adversário.

E' bem possível que as informações recebidas fossem precárias.

Seu C. C., diminuído de duas Bdas., acha-se para os lados de ROCKVILLE, a mais duma centena de quilômetros do grosso do Ex. e a uns 50 Km. dos grossos inimigos, cuja presença, em FREDERICK-CITY, é ignorada por STUART.

O Ex. sulista encontra-se, assim, privado de seu único órgão de investigação, a sua numerosa e excelente cavalaria, que sempre se mostrou tão superior à sua rival.

Se, ao envez de dispersá-la completamente e empregá-la em missões secundárias e excêntricas, a houvesse orientado segundo o eixo geral da sua manobra, é provável que LEE, nas vésperas da batalha, estivesse mais bem informado a respeito da situação de seu adversário e houvesse — o que seria de incalculável importância — ocupado, antes d'ele, o nó de estradas de GETTYSBURG.

Ao envez disso, "a falta de tóda a cavalaria e de tódas as informações, como disse o Cel. DEROUGEMONT, o lançam bruscamente no desconhecido e jamais um exército se deslocou e agiu em tão profundas trevas".

\*

\* \* \*

Os rebeldes, a 29, iniciam, de acôrdo com as ordens recebidas, seu movimento na direção de CASHTOWN.

Sua situação, em fim de jornada, é a seguinte:

C. Ex. EWELL	{	1 D.I. em GREENWOOD 2 D.I. entre HEIDLERSBURG e CASHTOWN.
C. Ex. HILL (Q.G. CASHTOWN)	{	escalonado de CASHTOWN a FAYETEVILLE, com a Vg. em CASHTOWN.

\*

\* \* \*

C. Ex. LONGSTREET em CHAMBERSBURG.

Q.G. Ex. — Sem alteração.

No momento em que sua Vg. já se acha em CASH-TOWN, o Cmt. do Ex. encontra-se a cêrca de 40 Km. à re-taguarda e, como veremos, só a 1.º de Julho, abandonará seu Q.G. e se deslocará para o observatório de SEMINARY RIDGE.

Encontrará, então, a batalha já empenhada por inicia-tiva de seus subordinados.

\*  
\*  
\*

E' interessante compararmos a situação dos dois exér-citos na jornada de 29:

O Ex. de LEE acha-se com 2 C. Ex. e 1 D.I. escalona-dos ao longo duma única estrada, verdadeiro corredor atra-vés das montanhas.

Tôda essa coluna (60.000 homens) terá de desembocar a E. do desfiladeiro de CASHTOWN na manhã de 30, sem ser esclarecida nem coberta por nenhum elemento de cava-laria, nem mesmo por um simples esquadrão.

O outro C. Ex. (menos uma Divisão) ainda não se re-uniu ao grosso de seu Ex.

A reunião far-se-à no próprio campo de batalha, o que nos faz lembrar o método predileto dos alemães.

MEADE, ao contrário, acha-se com seu exército bem articulado, esclarecido e coberto pela cavalaria.

E' a reunião das forças para a batalha: é o método na-poleônico.

Na jornada de 30, o C. Ex. HILL lança sua Vg. (Bda. PETTIGREW) até GETTYSBURG, a-fim de efetuar uma requisição de calçado, a qual se choca com a D.C. nortista que ocupa a cidade.

Essa Bda. também marchou às cegas, sem nenhum ele-mento de cavalaria na sua frente, sem saber, portanto, a na-tureza e o valor dos defensores de GETTYSBURG.

Resolve, então, retrair-se, pois teme o engajamento com um inimigo, cuja importância ignora.

O Cmt. do C. Ex., informado, toma a decisão de se apoderar da cidade no dia 1.º de Julho.

Acontece, porém, que MEADE também dá, no dia 30, a REYNOLDS, Cmt. do grupamento de W. (EMMETTESBURG), ordem de marchar para GETTYSBURG, ao amanhecer de 1.º, como Vg. geral do Ex., devendo deixar o 3.º C. Ex. em EMMETTESBURG.

O encontro entre os dois adversários dar-se-á, fatalmente, na jornada de 1.º de Julho.

Estamos na véspera da famosa batalha de GETTYSBURG!...



### OBSERVADORES MILITARES

LONDRES, 28.VI.941 — Chegaram à Londres, enviados dos Exércitos Sul-Americanos, a-fim-de observarem a guerra, os seguintes oficiais: Argentina, Cmt. Morengo; Chile, Cmt. Luis Contreras; Perú, Cmt. Furer de Fosta e outro oficial.

(Do noticiário da B. B. C.)



## Retirada da Laguna

Pelo 2.º Ten. José Carlos Moreira

Designado pelo Sr. Ten. Cel Cmt. para fazer uma palestra sôbre a Retirada da Laguna, procurei cingido ao tempo regulamentar, dar um rápido relato do que foi esta retirada, assinalando com traços mais fortes os fatos que imortalizaram aquele pugilo de soldados brasileiros, tentando ainda mostrar a situação que antecedeu êsse memorável feito de nossas armas.

A Guerra do Paraguai é o último ato da epopeia bandeirante que constituiu a Pátria Brasileira. O Meridiano de Tordesilas, limitava a América Portuguesa por uma linha que tocava a embocadura do Amazonas e a ilha de Santa Catarina. O impulso conquistador das Bandeiras heróicas recuou a barreira dos tratados e nos deu, além das terras da Amazônia e dos sertões que se estendem pelo oeste até Mato Grosso, o Território da Vacaria que se alastrava até o Prata. À margem dêsse rio, os colonizadores cravaram como um marco audacioso, a Colônia do Sacramento. Disputados pelos espanhóis e portugueses os limites meridionais oscilaram, até que, depois das campanhas de 1816 a 1820, de 1825 a 1828, de 1852 a 1870, se firmaram de modo definitivo. Invadindo os povos das Missões, reduzidos e organi-

zados pelos jesuitas, os paulistas, puzeram seus pés vitoriosos dentro do Paraguai.

Do núcleo de Laguna, expandiram-se pelos pampas desertos, cobrindo-se de estâncias. A posse de terras e gados por famílias brasileiras nos campos da Banda Oriental foi uma das causas dos choques e contra-choques que ali se travaram pelo tempo afora, entre lusos e castelhanos, primeiro, entre brasileiros e platinos depois. A criação assim, de uma grande América Brasileira trouxe uma componente nova ao problema territorial e político da parte meridional do Continente Americano. Enquanto o Brasil se unificava sob a corôa real e sob a corôa imperial, o antigo vice reinado do Prata se dividia. O Uruguai palpitava no desejo de ser uma nação e o Paraguai segregava-se dos povos Argentinos no isolamento de sua pantana nativa.

Tornada independente da metrópole, a Argentina debatia-se na caudilhagem, lançando províncias contra províncias, sem fôrças para manter unida a si a Banda Oriental que o Império tornou livre já que a não podia conservar sujeita; sem fôrças para conquistar o Paraguay que repelia as tropas de Belgrano e sob a égide imperial teve a sua soberania reconhecida pelas nações da Europa. Os esforços políticos e diplomáticos de Sinimbú não conseguiram criar mais uma república nas terras rebeldes de Entre Rios e Corrientes; elas continuaram a gravitar em tórno das influências locais, como a de Orquiza, impondo a sua vontade à sombra das baionetas imperiais, a Confederação como no tempo da queda de Rosas, ou desertando dela, em face do perigo, como nos dias de Basualdo. Em 1864, mais uma vez éramos obrigados a uma intervenção além das fronteiras do Sul, não como desejo de alargá-las, mas a-fim de impedir que a anarquia dos vizinhos continuasse a prejudicar a vida dos nossos nacionais domiciliados e estabelecidos nas cochilhas orientais. Desde a tirania do Dr. Francia sôbre a qual o Paraguai se tornara independente, através da de Carlos Lopes e da de seu filho Solano Lopes, êsse País se preparava para a guerra, estabelecendo o serviço militar obrigatório, creando arsenais, ar-

mando-se  
trutores

A in  
pimento  
ria ao ex  
ponto ma  
tica, no  
territoria  
mos. Ao  
só home  
leiros de  
no mesm  
ram-se,  
dentes d  
Pátria.  
dio da  
Terra B  
lizado n  
nação, c  
até que  
tino e e  
mesquin  
estados  
no pleit  
raguay  
cia o pr  
o arma  
1856 a  
interêss

Por  
pareça  
pere un  
condia  
raguay  
seu ma  
o mar.  
do a im

mando-se em silêncio, construindo fortalezas e chamando instrutores de fora, mesmo do próprio Brasil.

A intervenção no Uruguay em 1864 determinou o rompimento contra o império. Era a derradeira reação contrária ao expansionismo da América Brasileira que chegara ao ponto máximo e se convertera em simples hegemonia política, no sentido da manutenção do equilíbrio e do contôrno territorial conquistado em séculos de sacrifícios e de heroísmos. Ao ataque imprevisto, todo o Brasil se moveu como um só homem. Nos campos de batalha reuniram-se os brasileiros de tôdas as procedências. A Nação inteira comungou no mesmo sangue derramado. Entremearam-se e conheceram-se, amaram-se e juntos se sacrificaram todos os descendentes dos antigos bandeirantes esparsos no imenso corpo da Pátria. Foi, a Guerra do Paraguay portanto, o último episódio da grande epopéia escrita por todos os quadrantes da Terra Brasileira pelos nossos antepassados. Depois integralizado no seu sentido imperial, com a extensão geográfica da nação, o Brasil pode caminhar vitorioso, livre de inimigos, até que a Proclamação da República viesse mudar-lhe o destino e entregá-lo às lutas estéreis, com ou sem sangue, das mesquinhas hegemonias da política interna dos partidos e dos estados acabados com o advento do Estado Novo. Intervindo no pleito travado entre o Brasil e a antiga Cisplatina, o Paraguay realizava a política de sua expansão para que Francia o preparara na solidão, para que Carlos Antonio Lopes o armara cuidadosamente e que Solano Lopes anuncia em 1856 a Heitor Varela: Entre o Paraguay e o Uruguay há um interesse comum.

Portanto deveriam entender-se. E' o de evitar que desapareça e que se rompa o equilíbrio, ou de prevenir que inpire um outro dos nossos vizinhos. Esse interesse comum escondia o verdadeiro sentido da reação do enclausurado Paraguay. Impelia-o força poderosa e insopitável, atingindo o seu maior desenvolvimento naquela época, uma saída para o mar. Fôra a marcha dos bandeirantes que o fechara, criando a imensa América Brasileira, separando a Banda Oriental

das terras do antigo Vice Reinado, tornando-o independente de Buenos Aires pela mão de Pimenta Bueno, pondo-lhe a cavaleiro Entre Rios e Corrientes, conquistando parte da cunha do território missioneiro. A êsse cêrco geográfico alude o sociólogo paraguaio Cardus Huerta, como alude à necessidade natural de rompê-lo. E conclue com desalento: Lopes, fazia prevalecer a finalidade guerreira do Paraguai, despertando as qualidades ingênicas da raça, quando já era tarde para remediar a desvantajosa posição geográfica de seu País.

Havia desde 1855, quando a esquadra brasileira de Pedro Ferreira fôra até a entrada do rio Paraguai, uma pendência de limites entre o govêrno de Lopes e o govêrno Imperial. A campanha contra o Uruguai, ou melhor contra o govêrno de Aguirre, que terminou com a tomada de Paissandú e ocupação de Montevideu pelas nossas tropas, aliadas aos gauchos de General Flores, foi o pretexto que o ditador de Assunção achou para dar a sua palavra de ordem sôbre o equilíbrio do Prata, que tanto o interessava e sabemos porque. Manifestara-o de público contra o que chamava a auxilio do presidente Mitre, da Argentina, a cruzada libertadora de D. Venancio Flores, declarando por escrito que seu País não podia ser espectador inativo da entrada das tropas do Império no Território Uruguaio. Pouco depois era aprisionado o nosso vapor Marquês de Olinda e como segundo ato de guerra o Paraguai invade o Mato-Grosso. E assim nasceu violenta a Guerra do Paraguai, a maior guerra que jamais assolou o continente americano. Enquanto em 1867, a luta se desenvolvia feroz em tórno de Humaitá, no teatro principal da guerra, no teatro secundário, os nossos soldados escreviam o maior poema épico do continente e quiçá do mundo. Assim que tiveram noticia da brusca invasão do Mato Grosso, ordenára o govêrno imperial que se formasse uma coluna com vários corpos de linha e de policia e que partissem imediatamente com destino aquela Província. Mandava ao mesmo tempo que de Minas e de Goyaz seguissem com igual destino reunidos àquela coluna, outros

partidos. Tropas os i vencer mais nhos próp sujeitas à todos temo ções do co que se pud nas Mato-rano, mas migo enqu dia 10 de mens de S tomar a of veu seguir mentá-la. margens d verno orde distrito de pois de ru do de Cox horrores d destroço e esteve ela as mais cr acampame mandante já evacua meçou a d

Havia Rio de Jar cha descri a terça pa total de p o efetivo a se mais ter miu-lhe o

partidos. Temia-se que fizessem arrefecer a coragem dessas tropas os inúmeros embarços que teriam de arrostar para vencer mais de 400 léguas de sertão deshabitado, sem caminhos próprios e tendo de atravessar vastas regiões baixas, sujeitas à invasão de grandes rios. A expedição pareceu a todos temerária; mas imposta pela natureza e pelas condições do conflito, não havia expediente outro nenhum, com que se pudesse suprimi-la. Era necessário não socorrer apenas Mato-Grosso, e ampará-lo contra a pesada clava do tirano, mas principalmente operar pelo norte do território inimigo enquanto os Exércitos Aliados operariam no Sul. E no dia 10 de Abril de 1865 partia aquela coluna de 3.000 homens de S. Paulo, e como essa fôrça era insuficiente para tomar a ofensiva, o comandante Manuel Pedro Drago, resolveu seguir para Cuiabá onde espera encontrar meios para aumentá-la. Tinha avançado, na direção do nordeste, até as margens do Parnaíba, quando lhe chegaram avisos do governo ordenando que a expedição marchasse em direção ao distrito de Miranda ocupado então pelo inimigo. Mudando pois de rumo chegou a coluna a 20 de Dezembro, ao povoado de Coxim. Iam começar para aquela gente os maiores horrores da jornada: as febres, a fome, a peste e por fim o destroço e a fuga aflitiva sob as balas do inimigo. Em Coxim esteve ela insulada pelas enchentes alguns meses e sofrendo as mais cruéis privações. Logo depois que se levantou o acampamento de Coxim para o Sul, morreu de febre o Comandante da coluna e esta arrastou-se a custo até Miranda já evacuada pelos invasores. Em Miranda o Beri-Beri começou a dizimar a expedição.

Haviam decorrido quasi dois anos desde a partida do Rio de Janeiro e tinha a coluna em sua longa e penosa marcha descrito vagarosamente um imenso circúito de 2.112 km., a terça parte de sua gente perecera, estando reduzida a um total de pouco mais de 2.000 homens. Em Miranda baixou o efetivo a 1.600 homens e teria sido aniquilada pelas febres se mais tempo aí ficasse. No dia 1.º de Janeiro de 1867 assumiu-lhe o comando, o Coronel Carlos de Moraes Camisão, e

a 11 marchou a coluna para o sul, atingindo Nioac a 24. Durante esse tempo os paraguaios retiravam, a medida que avançavam os brasileiros e limitavam-se agora a guardar a sua linha defensiva do Apa. Já se havia pois conseguido alguma cousa: o invasor tinha recuado; e Mato Grosso quasi tôda, estava livre daquela angústia. A 25 de Fevereiro o Exército se pôs em movimento e foi acampar a uma légua de Nioac. Desde aí começou-se a sentir a falta de provisões de bôca e por fortuna daquela gente, um simples homem do sertão, o velho e heróico José Francisco Lopes constituiu-se o guia e o socorro providencial da coluna. No dia 4 de Março chegou o exército ao local que fôra a Colônia de Miranda, onde os paraguaios tinham reduzido tudo a cinza antes de sair. Aí a conjuntura afigurou-se a todos dolorosa e insustentável. O próprio Coronel Camisão que fazia timbre de avançar, agora esmorece, mas passado o primeiro instante de dúvida e hesitação, notou-se que mudara, como súbitamente, o estado normal das tropas, ouvindo-se mesmo no acampamento gritos repetidos de: Ao inimigo! ao Apa! Expediram-se logo partidas de reconhecimento e tudo se pôs em ordem para a avançada. No dia 14 de Abril moveu-se a coluna para o sul, e poucos dias depois já se avistavam as fronteiras do Apa, ao mesmo tempo que se encontrava as avançadas do inimigo, dispersadas por algumas granadas. Tendo se acampado à noite de 19, próximo à confluência do Sombrero com o Apa, já no dia seguinte seguiu-se a marcha pela margem direita dêste rio, indo na vanguarda o Batalhão Mineiro de voluntários que tomou aos paraguaios de Machorra. No outro dia, muito cedo, a expedição passava o rio Apa em frente ao forte de Bela Vista e punha pé em território paraguaio. No dia 23 mandou-se fazer uma grande batida em mais de uma légua de campo, mas sem nenhum resultado. No dia 27 repetiu-se o expediente mas todo o esforço foi ainda inútil. Resolveu então o comandante mandar ordem urgente para que de Nioac lhe remetessem víveres e tudo o mais que era necessário. A falta de gado porém, tornava já insustentável a própria posição de Bela Vista. Urgia

sair daquel  
com espera  
da fronteir  
alvitre que  
praticável  
inquietar-se  
ber que res  
laram nas p  
de Laguna,  
parte dos c  
sobre Lagu

No dia  
indo fazer  
de Bela Vi  
ciência das  
de tristeza  
os corpos  
reerguer-se  
Maio cheg  
completam  
çava a sen  
recoo para  
entanto o  
do-o prece  
mostrar qu  
aquele mo  
presa um  
guas daí e  
pelo conti  
O exército  
guna, o av  
único alvi  
cesso para  
desse asse  
estratégia  
tristeza cr  
gente pre

sair daquela angústia tomando uma resolução: ou avançar com esperança de bater o inimigo, ou retroceder para pontos da fronteira menos desprovidos de recursos. Qualquer dos alvitre que se tomasse não se sabe a custa de que riscos seria praticável. Na dura contingência que se creara, começa a inquietar-se principalmente o ânimo do comandante, sem saber que resolução devia tomar. Foi nesse transe que lhe falaram nas grandes vantagens com que se ocuparia a estância de Laguna, à cêrca de 4 léguas de Bela Vista e que fazia parte dos domínios do ditador e, assim decidiu-se a marcha sôbre Laguna.

No dia 30 de Abril de 1867 levantou-se o acampamento, indo fazer alto nas margens do Apa-mi, distante uma légua de Bela Vista. Os soldados pareciam ressentir-se de insuficiência das rações: a marcha era silenciosa e como anuviada de tristeza. Para animá-la ordenou-se aos cornetas de todos os corpos que tocassem alternadamente e com isso pareceu reerguer-se o ânimo daquela gente exausta. No dia 1.º de Maio chegaram as fôrças à fazenda de Laguna que acharam completamente deserta e incendiada pelo inimigo. Começava a ser aflitiva a conjuntura, e a idéia de um pronto-recuo para a fronteira dominou todos os espíritos. Quiz no entanto o comandante, colorir o desastre da retirada, fazendo-o preceder de um brilhante feito de armas como para mostrar que só uma conveniência de estratégia aconselhava aquele movimento retrógrado. Resolveu pois tomar de surpresa um acampamento paraguaio que se achava à duas léguas daí e o que foi feito pelo corpo de caçadores, pelo 21 e pelo contingente auxiliar dos índios Terenas e Gayeurús. O exército não podia mais permanecer na Estância de Laguna, o avançar pareceu ao comandante uma temeridade, um único alvitre lhe dominou o espírito atribulado: o de retrocesso para a fronteira, a procura de passagem onde se pudesse assentar uma base de operações mais sustentável e de estratégia mais eficaz e segura. Dir-se-ia que uma onda de tristeza caiu sôbre o acampamento, como se aquela mísera gente pressentisse todo o horror dos dias lúgubres que vão

nascer para ela; a jornada de amarguras ia começar, e no dia 8 de Maio de 1867 a coluna se pôs em movimento de retirada. Eram 7 da manhã, quando o corpo de caçadores que estava na vanguarda, rompeu a marcha, seguindo-se-lhe os demais corpos. Avançada a coluna em bôa ordem, depois de haver há muito custo atravessado um riacho cujas águas tinham crescido com as chuvas; ouviu-se de repente uma viva descarga de fuzilaria: era a vanguarda que ao costear um capão fôra atacada por infantaria inimiga que ali se emboscára. Logo que se prosseguiu, cortando uma planície baixa e lodosa, foram sendo os retirantes perseguidos por tiros de um pequeno canhão que os paraguaios iam arrastando. A cavalaria inimiga achava-se em tôda parte. O sol descambava quando se avistou claramente o Sérro da Margarida: tinham andado duas léguas e meia debaixo de um fôgo continuo e um cáos de fumaça e pó. Fechou-se o dia combatendo ainda quasi uma hora. Atravessou-se o Apa-mi acampando tôda coluna na outra margem. Mas já piquetes da cavalaria paraguaia avistavam-se na redondeza. Caíra noite. Ao primeiro albôr da aurora recommçou-se a marchar, sempre debaixo do fôgo inimigo. Nessa manhã acampou a coluna na eminência, à cavaleiro de Bela Vista. Ia deixar-se o território inimigo. No dia 11 muito cedo, atravessou-se o rio Apa, entrando em território brasileiro, mas tendo paraguaios na frente e na retaguarda. Eram 11 horas da manhã e fazia-se a marcha em ordem quando súbitamente, do fundo da escarpa que a estrada contornava, surgiu um corpo de infantaria paraguaia que se lançou sôbre a linha de atiradores e caiu sôbre o Batalhão de Voluntários Mineiros a uns 100 passos de distância. Foi uma confusão terrível em que se combatia a ferro frio em tôda linha. Afinal os paraguaios recuaram, recompondo-se de novo a pouca distância dali. Tinha-se pois certeza de que se ia travar um combate geral. Não demorou a nova refrega, que foi tremenda. Todos os corpos da coluna formaram quadrados, postando-se nos ângulos a artilharia que entrou logo em vivíssimo fôgo. A formidável manobra do inimigo foi outra vez burlada pela nossa

infantaria,  
vas de ine  
tamanho r  
zindo a bo

Foi ês  
marcha. E  
migo que  
frente. Ma  
começou d  
batia-se co  
çavam os r  
contra os in  
taguarda b  
uma noite  
mente de  
exaustas al  
diante junt  
peste.

Para c  
peitos, des  
vagou-se a  
mente pelos  
lados como  
seguintes fo  
ções; e no  
cólera-morb  
alguns dias  
tôdas as pa  
apenas um  
era realmen  
dia porém  
atacados de  
diante foi o  
cumbem.  
cheios de d  
que propaga  
te e quando

infantaria, sobretudo o Batalhão 21, ainda uma vez deu provas de incedível coragem. Os paraguaios assombrados por tamanha resistência, renunciaram a luta, recuando e conduzindo a boiada que corria furiosa pelo campo.

Foi este o maior combate da retirada. Prossegue-se a marcha. Estava a coluna ainda a 24 léguas de Nioac. O inimigo que conhece perfeitamente os caminhos, já estava na frente. Mal se puzera outra vez a coluna em movimento recomeçou dos altos das coxilhas o fogo dos paraguaios. Combatia-se como era usual, sem interromper a marcha. Começavam os retirantes desde o dia 12 de Maio a lutar também contra os incêndios dos campos. No dia 13 já se levava a retaguarda batida outra vez pelo inimigo. Tinha-se passado uma noite terrível, de chuva torrencial, marcada continuamente de trovões, que pareciam trazer àquelas almas já exaustas alguma coisa de sinistro esvaimento. De agora em diante junta-se a êsses o flagelo da fome; e logo depois o da peste.

Para cúmulo da angústia em que se oprimem todos os peitos, desorienta-se o guia no infinito vazio da campanha, vagou-se ao acaso todo dia. A noite foi cortada seguidamente pelos ladridos da matilha dos cães dos paraguaios, colados como uma praga aos flancos da coluna. Os dois dias seguintes foram medonhos, debaixo de tôdas aquelas maldições; e no dia 18 declarou-se produzindo um pânico geral o cólera-morbus no acampamento. Tinham-se acendido desde alguns dias antes, como preservativo enormes fogueiras em tôdas as paradas, mas os soldados supunham que isso era apenas um meio para purificar o ar dos brejos. O silêncio era realmente o melhor preservativo contra o mal. Naquele dia porém rasgou-se o véu do mistério: três homens caíram atacados de epidemia, com gravíssimos sintomas, e dali por diante foi o mal se alastrando. Os três homens atacados succumbem. E dentro em pouco os carros de munição ficam cheios de doentes, e cujos gemidos aterram a gente e como que propagam assim a peste. Os paraguaios andam na frente e quando não combatem lançam fogo às macegas dos cam-

pos. No dia 20, o cólera fez 9 vítimas, e deram-se 20 casos novos. A superstição daquelas calamidades já domina todos os ânimos e a-pesar de tudo puzeram-se em marcha na manhã de 21. Não demorou que o incêndio pela frente e achando-se a coluna à sotavento, ameaçasse envolvê-la. Felizmente pôde ela mover-se dali, mas quasi não podia mais marchar, arrastava-se lenta e pesada, esmorecendo. A ância no entanto, era chegar a Nioac antes do inimigo. A epidemia recrudésce e não cessam as perseguições das armas inimigas, da fome e do fôgo dos campos. Assim se foi penosamente até o dia 25. Na noite dêsse dia, resolve o comandante abandonar os coléricos. Já não era possível conduzir aqueles míseros: e ninguém se manifestou contra essa resolução quando o coronel consultou a oficialidade: longo silêncio acolheu a ordem e sancionou-a. Os próprios enfermos aceitaram mais do que resignados, quasi como um alívio, aquele último golpe do destino. Abriu-se no mato vizinho uma larga clareira, para onde se conduziram 122 coléricos. Numa carta pregada à um tronco à entrada da clareira, escreveu-se um apêlo à piedade dos inimigos: Compaixão para os coléricos; mas êsse apêlo não foi ouvido. Na manhã de 26 continua a coluna a marcha do sacrificio e da sublimidade. Agora andam os paraguaios ainda a vista mas muito por longe, temerosos do contágio. No dia 27 expirava o guia José Francisco Lopes. No dia 29 tomba morto o comandante Carlos Camisão. Assume o comando da expedição o major José Thomaz Gonçalves. Acelera-se a marcha para Nioac, único meio de salvação com que se conta. No dia 4 de Junho pela tarde chega-se enfim à vila, mas encontrando ali só ruínas: os paraguaios que se haviam adiantado à coluna, tudo haviam saqueado e destruído.

Era a mais completa e dolorosa desilusão. Tinha-se de marchar depressa na direção de Aquidauana, ainda 15 léguas dali. No dia seguinte retoma-se o caminho, deixando reduzido a um montão de destroços a formosa e desventurada Nioac.

No dia 8  
11 de Junho o  
tima estação  
invadira o Pa  
mens, agora s  
batentes.

No dia 1  
comandante e  
Soldados, hon  
rio os vossos  
nou a epopéa  
amor aos chef  
tade férrea e  
do, fazendo c  
uma fé ardent  
tria Brasileira

Acompan  
tos sobressair  
cendo atingire  
Guia Lopes. C  
e que, tendo c  
mana, fez con  
tinham nele u  
alguns, e quer  
solidão incom  
longe de tudo  
perdido nos co  
E' lícito proci  
sonho de fcar  
se conhecem o  
e onde baixar  
justiça procla  
os quadrantes  
deria sê-lo, ma

No dia 8 viam-se enfim livres dos paraguaios. No dia 11 de Junho chega a expedição ao pôrto do Canuto. Foi a última estação da trágica jornada. A 21 de Abril quando se invadira o Paraguai, o efetivo da coluna era de 1.907 homens, agora a 11 de Junho, estava reduzida de 1.329 combatentes.

No dia 12 de Junho, resumindo aquela epopéia, dizia o comandante em ordem do dia aos seus bravos comandados: Soldados, honra à vossa constância que conservou ao Império os vossos canhões e as vossas bandeiras. E assim terminou a epopéia magnífica, que, nivelando nossos soldados, pelo amor aos chefes, pela constância e pela disciplina, pela vontade férrea e pela tenacidade aos maiores exércitos do mundo, fazendo com que ao se rememorar essa epopéia, tenha-se uma fé ardente, nos altos destinos que estão reservados à Pátria Brasileira.

---

Acompanhe-se a retirada da Laguna e ver-se-á dois vultos sobressaírem, tomarem formas aos poucos e num crescendo atingirem as culminâncias do heroísmo: Camisão e o Guia Lopes. Camisão foi o chefe, foi o condutor de homens e que, tendo é certo suas fraquezas naturais da espécie humana, fez com que aquele pugilo de soldados sentisse que tinham nele um chefe. Sua fraqueza foi a indecisão, diziam alguns, e quem não as teria naquele êrmo sem fim, naquela solidão incomparável em que o deixaram, longe de recursos, longe de tudo e ainda como responsável por aquele exército perdido nos confins do Mato Grosso. A perfeição não existe. É lícito procurar alcançá-la, mas atingí-la nunca. É um sonho de fcaro. É na balança da Justiça e da Verdade que se conhecem os homens. Pese-se suas qualidades boas e más, e onde baixar o prato da balança, aí está a Verdade e é de justiça proclamá-la bem alto a-fim de ser ouvida em todos os quadrantes da terra. Camisão não foi perfeito, não poderia sê-lo, mas foi um herói e sua figura empolgante proje-

tou-se para o futuro como realidade viva e ardente, porque êle trazia dentro do peito o amor à Pátria, ela confiara-lhe a Bandeira e os canhões e êle os trouxe desassombradamente desde Laguna até o Miranda. E quando nas margens do Miranda a morte já lhe abria os braços, e turvo já se lhe tornava o olhar, num supremo esforço levanta-se apoiado num oficial e pergunta-lhe onde estava a coluna, dizendo: está salva. Pediu depois ao ordenança a espada e o revólver e procurou afivelar ao talim, neste momento as forças lhe faltaram e ainda antes de morrer disse: façam seguir as tropas que eu vou descançar. Curvemo-nos ante o heroísmo de Camisão. A posteridade não regateou aplausos a memória do Guia Lopes. Sua personalidade inconfundível foi um mixto de abnegação e de sacrifício. Seu nome é todò um hino de altivez desassombrada do homem simples do nosso Hinterland.



Cel.  
*Camisão*

Herói de verdade eclipsa todos os heróis de ficção creados pela audácia inventiva dos escritos. Foi êle o anjo protetor daquela tropa em marcha, sua imponente figura de an-

ção era  
tavam to  
isso desd  
figura to  
pela idad  
seu peito  
tocha ace  
rança. El  
todos os c

E' ao  
clides da  
viva da n  
está no ce  
Guia Lope  
to o desem  
passos, foi  
que disse:  
santo varã

ção era a luz incandescente de heroísmo, para onde se voltavam todos os rostos. Ele era o guia, era o condutor, sentiu isso desde o início e sua personalidade desdobrou-se, e sua figura tomou o vulto de um herói de Homero. Já alquebrado pela idade e pelo cansaço, amargurado pela desventura, de seu peito brotou uma chama ardente e viva, que como uma tocha acesa conduziu a noite da retirada ao pôrto da esperança. Ela, era a sua filha predileta e por isso teve com ela todos os desvêlos e todos os carinhos.



Guia  
Lopes

E' ao ver a sua figura heróica que discordamos de Euclides da Cunha, quando diz que no Nordeste está a rocha viva da nacionalidade; não, a rocha viva da nacionalidade está no centro, no norte e no sul, está em todo o Brasil. E o Guia Lopes o comprova. E quando, já estava quasi completo o desempenho de sua missão e a morte já lhe rondava os passos, foi com a voz arrastada, já nos estertores da agonia que disse: Contornem o mato que é muito sujo. Nobre e santo varão. Tua lealdade e tua bravura estão gravadas em

nossos corações. Ocuparás o lugar que te compete no Panteon de Nossa História.

Os povos como os homens, só mostram sua fibra, seu valor, tôdas as reservas morais que possuem, na adversidade. E' ela que os amolda, que os torna duros como o aço, que os faz escrever capítulos imortais na História do Universo.

Folheemos as páginas da História e veremos que só subsistem os povos fortes, aqueles que afrontam a adversidade como o barco perdido afronta a fúria das procelas. Ao lêr-se o capítulo grego escrito pelo saber e pelas armas; por Xenócrates e Alexandre, por Péricles e Leônidas, vê-se que a Retirada dos Dez Mil foi uma epopéa magnífica, que só poderia ser escrita por um povo que se tornaria o mentor da Antiguidade Clássica. Sômente o gênio guerreiro e a mentalidade estupenda de Bonaparte aliada a um núcleo de franceses, filhos da revolução, poderia enquadrar o Grande Exército e levá-lo numa retirada fulgurante, através dos campos gélidos da Rússia. Sômente um povo forte, cheio de vida e energia moral, capaz das ações mais sublimes, poderia escrever a epopéa de Dunquerque. A ofensiva é a esperança e a vida, a retirada é o desespero e a morte.

Foi nos pantanais de Mato-Grosso, contra uma choldra de canibais selvagens, que os nossos soldados escreveram a Magnífica Epopéa da Retirada da Laguna para a História do Mundo, foi ali que os nossos soldados mais estóicos que os Espartanos, mostraram ao Mundo civilizado que no Brasil estava nascendo um povo forte, heróico e sobranceiro, viril e extraordinário, que levantará a Nossa Bandeira acima de tôdas as Nações da Terra, foi ali nos pantanais de Mato Grosso, que aquela coluna em marcha, deixando um rastro de sangue e de moribundos por onde passava, retirando sempre, mas sempre lutando com um denodo formidável e uma fibra imperecível, foi ali que os nossos soldados estiveram acima dos gregos, confundindo o sangue de suas feridas com

o lodo d  
gerações  
teiras fo  
quele re  
Laguna  
em oper  
adversa  
rigores,  
traram  
lável con  
contacto  
der-se da  
a parte,  
Brasil, c  
o heroism  
longas d  
batalhas  
tiva, a r  
meros os  
são os qu  
A indeci  
pela reti

A R  
nos do P  
naqueles  
nos falta  
beber o  
mais árd

Tod  
porque a  
magnífic  
Ali os no  
ram a na  
povos ver  
tirada es  
corpo e d  
cido, Ca

o lodo da terra, como um protesto eloquente que dissesse às gerações vindouras que jamais deixassem que as nossas fronteiras fossem taladas por um invasor estrangeiro. Foi naquele recuo formidável, no meio das maiores privações, desde Laguna até o rio Aquidauana que aquele pugilo de bravos em operações difíceis e perigosas, enfrentando a fortuna adversa que os ameaçava a cada passo com todos os seus rigores, dizimados pelo cólera, tostados pelo fogo, demonstraram uma característica que possui nossa raça, a inabalável confiança no futuro. Durante 35 dias de retirada, em contacto sempre com o inimigo e precisando sempre defender-se da fome, do cólera e do incêndio que lavrava por toda a parte, abraçando os campos, aqueles heróicos filhos do Brasil, conseguiram atingir o rio Aquidauana, atestando que o heroísmo é um axioma da Brasilidade. E' muito mais, nas longas dificuldades de uma retirada, do que nos ímpetos das batalhas, que se evidenciam a firmeza dos soldados, a iniciativa, a resolução e o talento dos chefes. Embora sejam inúmeros os generais ilustrados pelas vitórias brilhantes, raros são os que numa derrota sabem a tentar e salvar sua tropa. A indecisão de Grouchy em Waterloo foi diminuída em parte pela retirada que logo depois realizou.

A Retirada da Laguna é um breviário de Fé nos destinos do País. Nos momentos críticos, nos momentos decisivos, naqueles em que se nos embota a inteligência em que a fé nos falta, é ali na Retirada da Laguna que deveríamos ir beber o estoicismo e colher o entusiasmo para as jornadas mais árduas e difíceis.

Todos os brasileiros, cidadãos ou soldados deveriam lê-la, porque ali os nossos antepassados escreveram uma página magnífica de entusiasmo, de heroísmo, de ordem e disciplina. Ali os nossos antepassados dominaram os perigos e afrontaram a natureza hostil com a resignação e o estoicismo, dos povos verdadeiramente fortes. Ao rememorarmos aquela retirada estupenda um arrepião de entusiasmo nos percorre o corpo e dizemos, o soldado brasileiro jamais poderá ser vencido. Cabe-nos uma missão na América e no Mundo e ao re-

lembrarmos o heroísmo da retirada, podemos afirmar com convicção que nós a cumprimos custe o que custar.

E' calcada no futuro, na tradição nunca desmentida de nossos antepassados, que a Pátria Brasileira marcha impávida e serena, para a frente, para o alto, para a eternidade.

## Industria Brasileira de Diamantes Ltda.

(A PRIMEIRA GRANDE LAPIDAÇÃO DO PAIZ)

Rua Senador Dantas, 15 - 4.º Andar

TELEF: 22-8537

END. TELEG: "IBEDE RIOJANEIRO"

## TAPEÇARIA ECONOMICA

Grande Sortimento de Grupos estofados em Couro, Panno Couro, Gobelim e Veludo

Executa-se qualquer trabalho concernente a arte

**I. BERECHMAN & CIA.**

Rua Pedro Americo, 12

(ESQUINA DE CATTETE)

Telephone 25-6690 - Rio de Janeiro

N. B. - Aceitamos qualquer reformas e concertos - Preços Modicos

TELEFONE 23.1760  
Caixa do Correlo, 422

End. Telegrafico  
"CALDERON"

## Fonseca, Almeida & C., Ltda.

IMPORTADORES E EXPORTADORES

Ferragens, Tintas, Vernizes, Oleos, Lubrificantes, Materiais de Construção,  
Tubos, Gaxetas, Correas, Cabos, Maçameas, Metais, Etc., Etc.

MATERIAL PARA ESTRADA FERRO E OFICINAS

112 - Rua 1.º de Março - 112

Rio de Janeiro

A  
AR

Até a  
lavras de  
sistemas d  
tras" do t  
que a não  
letras em s

Deven  
nos numer  
duas grand

Comp  
cionarmos  
primeiro lu  
letra deter

Para t  
ve numéric  
querda par  
alfabeto.

Em se  
letra, de m  
vemos cifra

# A CRIPTOGRAFIA E A ARTE DO DECRYPTÓLOGO

Pelo Major K.

(Continuação)

## PROCESSOS DE TRANSPOSIÇÃO

Até agora, só tratamos de substituir as letras ou as palavras de uma frase empregando uma grafia diferente. Os sistemas de transposição, pelo contrário, "respeitam as letras" do texto inicial, mas fazem uma tal salada com elas, que a não ser o destinatário, ninguém pode restabelecer as letras em sua ordem primitiva.

Devemos notar que os processos de transposição são menos numerosos que os de substituição. Eles se agrupam em duas grandes famílias: as tabelas e as grades.

## TABELA DE TRANSPOSIÇÃO

Comporta sempre uma "chave numérica". Se convençionarmos uma ou várias palavras-chaves, é necessário, em primeiro lugar, traduzi-las em algarismos atribuindo a cada letra determinado lugar.

Para transformarmos a chave literal TURENNE em chave numérica, numeramos cada letra, sucessivamente, da esquerda para a direita, levando em conta a ordem normal do alfabeto.

T U R E N N E  
6 7 5 1 3 4 2

Em seguida, sob a chave, escrevemos o texto, letra por letra, de modo a constituir uma tabela. Suponhamos que devemos cifrar: "Je vous attends demain soir".

Chave: 6 7 5 1 3 4 2  
 Texto: J E V O U S A  
       T T E N D S D  
       E M A I N S O  
       I R

Para constituir o criptograma, bastará tomarmos as letras da tabela, verticalmente, de baixo para cima, na ordem das colunas 1, 2, 3, etc.

Obteremos grupando 5 a 5 as letras:

ONIAD — OUDNS — SSVEA — STEIE — TMR

A pessoa para compreender seu sentido, construirá uma tabela com um número de colunas igual ao de letras da chave e tantas casas quantas forem as letras do criptograma.

Uma vez terminada essa operação, bastará transcrever verticalmente criptograma por ordem de colunas para aparecer o texto claro.

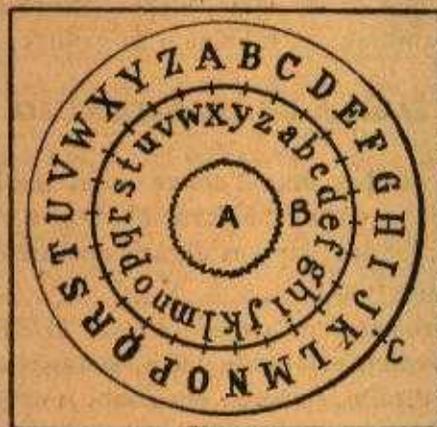


Fig. 3 — QUADRANTE DE CIFRAR — A - botão de manobra do quadrante interior; B - que contem as letras do texto claro; C - letras do criptograma. Esse aparelho é utilizado nos sistemas alfabéticos e no Vigenere

Com algumas variantes na ordem da numeração da chave e no modo de tomarem as colunas (de baixo para cima) — em diagonal — duas a duas, todos os derivados da trans-

posição por  
 pio: "a des

Todos  
 que se colo  
 as palavras

O expe  
 da grade; n  
 entre as let  
 qualquer es  
 niente de t

Fig. 4 — GR  
 colocamos a  
 os quatro âng  
 "janelas". D  
 dos ponteiros  
 nicação nas q  
 etc. A decif

Há um  
 uma grade

Qualqu  
 tro de sime  
 tória. Deve  
 de faça cor  
 que já cobe

A figu

A-pesa  
 rece poucas  
 síveis com

posição por meio de uma tabela, se valem do mesmo princípio: "a destruição da ordem do texto claro".

### AS GRADES

Todos conhecem as grades, essas folhas de papel furadas que se colocam sobre um texto e deixam aparecer as letras, as palavras, cujo conjunto constitui o texto secreto.

O expedidor da comunicação a havia escrito nas janelas da grade; retirada a grade; e preencheram os espaços vazios entre as letras já escritas, com letras sem significado ou com qualquer espécie de palavras. Essa operação tem o inconveniente de tornar o criptograma demasiadamente pesado.

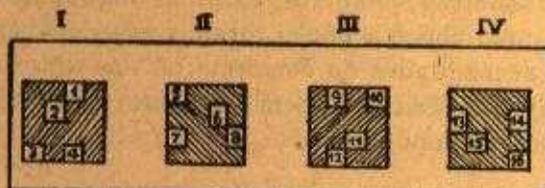


Fig. 4 — GRADE GIRATÓRIA — Para cifrar com uma grade giratória, colocamos a grade sobre uma folha de papel, marcando sobre a folha os quatro ângulos da grade. Escrevemos as letras da comunicação nas "janelas". Depois fazemos a grade girar um quarto de volta no sentido dos ponteiros do relógio. Escrevemos do mesmo modo o resto da comunicação nas quatro posições da grade, obedecendo à ordem 1, 2, 3, 4, 5, etc. A decifração é feita do mesmo modo.

Há um meio de evitar as letras inúteis: o emprêgo de uma grade giratória.

Qualquer polígono regular girando em torno de seu centro de simetria pode fornecer o desenho de uma grade giratória. Devemos ter o cuidado de evitar que a rotação da grade faça com que uma janela fique colocada sobre um lugar que já coberto quando a grade estiver em outra posição.

A figura 4 reproduz um tipo de grade quadrada.

A-pesar-de a primeira vista parecer que o processo oferece poucas combinações, é muito o número de grades possíveis com determinado quadrado. A grade acima comporta

64 combinações diferentes. Mas se em vez de quatro casas, contasse com oito, as diversas combinações que poderíamos imaginar ultrapassariam folgadoamente de um bilhão.

### MAQUINAS DE CIFRAR

Pode parecer surpreendente que tantos meios de disfarçar uma correspondência que desejamos cercar de mistério tenham sido julgados suficientes por certos pesquisadores possuídos do gênio da mecânica. Eles inventaram máquinas que fazem o trabalho do cifrador com rigor matemático. Elas diminuem, para não dizer que eliminam inteiramente, o perigo dos erros.

Seria fastidioso enumerar tôdas as máquinas de diversos sistemas que pouco a pouco foram postas em serviço para atender as necessidades do comércio ou das autoridades militares e diplomáticas que teem interêsse em cercar de discrição sua correspondência.

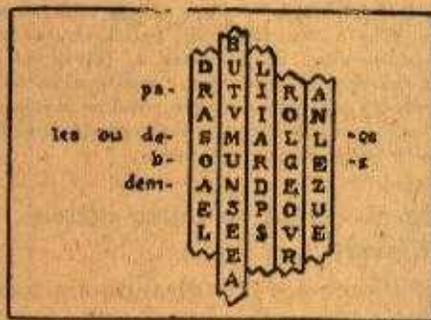


Fig. 5

Alguns tipos de máquinas são realmente engenhosos. O estudo de sua técnica mostra que a base do sistema é uma substituição do gênero Vigenere, cuja chave em vez de comportar algumas letras, é constituída por uma série de valores diversos cujo período é função do número de combinações em jôgo. Certas máquinas, com os mesmos elementos

de com  
sem qu  
que per

A  
tanto, é  
aparelh  
figura,

Se  
registra  
cial a r  
pôsto e  
só capt  
disposit  
entre os  
bações  
modifica  
o cripto  
talvez  
ficiente

Pa  
e indisc  
suas m

Ne  
a trans  
como s  
nova su

A  
tituí a s  
temos a

O  
Nã  
o segré  
frases o

de combinação, podem cifrar mais de 10 milhões de letras sem que o alfabeto utilizado para uma letra seja idêntico ao que permitirá cifrar a letra seguinte.

A aplicação mecânica da criptografia mais feliz, entretanto, é a adaptação do belinógrafo a cifra. Sabemos que o aparelho de Belin transmite à distância qualquer desenho, figura, fotografia, planta, autógrafo, confiados.

Se interrompermos ou reduzirmos a mancha do cilindro registrador, êsse último não poderá reproduzir o desenho inicial a não ser que esteja rigorosamente sincronizado com o pósto emissor. Qualquer outro cilindro de velocidade normal só captará imagens incoerentes. A "chave" é portanto um dispositivo mecânico transformável ao sabor das convenções entre os correspondentes, que provoca determinadas "perturbações" na rotação do cilindro. Mas como não há nenhuma modificação substancial nos elementos do texto claro, o criptógrafo Belin é uma máquina de transposição, a única talvez que, realmente merece êsse nome e que assegura suficiente garantia.

### A SOBRE CIFRAÇÃO

Para complicar ainda mais a tarefa dos decriptólogos e indiscretos que tentassem decifrar uma mensagem caída em suas mãos, combinam-se dois métodos.

Neste caso ciframos pelo método de substituição o texto a transmitir e procedemos com o criptograma assim obtido como se se tratasse de um texto claro, submetendo-o a uma nova substituição, ou melhor ainda, a uma transposição.

A superposição sucessiva de dois ou três processos constituiu a sobre-cifração, cujo emprêgo é necessário quando não temos a certeza de garantir o segredo com um só método.

### O PROBLEMA ESSENCIAL DA CRIPTOGRAFIA

Não basta transpor ou substituir. O essencial é garantir o segredo da correspondência. Em qualquer caso são sempre frases claras que são objeto da cifração.

Ora (em francês), essas frases claras são no máximo a combinação de 6 vogais e 20 consoantes. E as composições são limitadas pela sílaba, elemento essencial da linguagem, que não permite juxtapor as consoantes sem a presença indispensável da vogal.

Tôda a arte e engenhosidade do cifrador se chocam contra essa lei da escrita, e da palavra, que limita consideravelmente sua base de partida e depois tôdas as dificuldades encontradas na elaboração dos processos de cifração assegurando realmente o segrêdo.

Os códigos libertam em grande parte o cifrador dessa servidão, visto como permitem tratar a correspondência a ser cifrada, partindo, não mais das letras, mas das palavras e mesmo das frases correntes que podem ser substituídas por um simples sinal.

Mas, ao passo que é fácil a dois correspondentes guardarem de cor um método e uma chave, um código exige um dicionário, um grande volume, que deve ser carregado e pode ser perdido, roubado ou mesmo copiado. Nesses casos perde todo o seu valor e sua substituição se impõe imediatamente. Mas a confecção de um novo código reclama frequentemente tempo apreciável; é preciso além disso fazê-lo chegar rapidamente às mãos dos correspondentes interessados, o que nem sempre é fácil.

Dêsse modo, durante a batalha, os códigos são proscritos. A-fim-de guardarmos o segrêdo no meio das incertezas do combate, só podemos pensar em processos de fácil utilização: a substituição ou a transposição.

Mas será que êsses processos oferecem segurança completa ?

## A ARTE DO DECRYPTÓLOGO

Os estudos feitos desde longos anos pelos especialistas deram à criptografia o direito de cidade no areópago científico. Tornou-se uma ciência e uma arte. Não é pequena alegria para os que a ela se entregam descobrir depois de

Julho-1941

horas e às  
em alguma

Não n  
tamos acin  
cidade alia  
investigado  
siderado in

O dec  
amadores  
todos de ci  
lei do siste  
que aplica  
lize rigoros

Todos  
lar o pensa  
fissionais o  
quinas mai

Sem d

Quanc  
cuja origem  
ser enumer  
gramas, tri

Com e  
texto claro  
bem transp  
gais que d

Cada  
cia que ou  
gada que a  
do-se A, R  
lecer uma

horas e às vezes de meses de pesquisas um segredo contido em algumas letras ininteligíveis.

Não nos devemos iludir. Todos os processos de que tratamos acima provocaram estudos em que o espírito de sagacidade aliado à rígidas deduções matemáticas, permitiu aos investigadores perseverantes descobrirem um mistério considerado impenetrável.

O decriptólogo é um indivíduo bem perigoso para os amadores de escritos secretos. Ele também conhece os métodos de cifração. Mas se esforça sobretudo por descobrir a lei do sistema, localizar as imperfeições, achar a fenda em que aplicará como uma cunha a ponta aguçada duma análise rigorosa para trazer à luz o que se queria ocultar.

Todos os processos clássicos empregados para dissimular o pensamento estão hoje à mercê dos decriptólogos profissionais que não se cansam em penetrar o segredo das máquinas mais complicadas.

Sem dúvida a arte do decriptólogo é difícil.

### A LEI DAS FREQUÊNCIAS

Quando nos encontramos em face de um criptograma cuja origem e processo ignoramos, o primeiro cuidado deve ser enumerar as frequências dos sinais — monogramas, bigramas, trigramas.

Com efeito, nos sistemas de transposição, as letras do texto claro conservam seu valor alfabético. Um texto normal bem transposto comporta sempre um maior número de vogais que de consoantes raras ou excepcionais.

Cada língua emprega certas letras com maior frequência que outras. Em francês, a letra E é muito mais empregada que as outras, a letra S é 50 % menos utilizada, seguindo-se A, R, I, N, T, U, L, O... etc. Podemos assim estabelecer uma ordem de frequência para todas as línguas:

Inglês: E T A I N R O S H D

Alemão: E N I S R T A H D U

Italiano: I E A O N T R L S C

Quando examinamos um criptograma, estabelecemos a lista das letras mais frequentes. Se obtivermos uma ordem de frequências decrescentes, reproduzindo exatamente **ESARINTULO**, podemos estar certos de que se trata de uma transposição.

Pelo contrário, se a lista das frequências dá, por exemplo, em série decrescente, as letras **XLBEZNCGT**, é necessário procurarmos entre as substituições o processo empregado.

### DECIFRAÇÃO DOS SISTEMAS ALFABÉTICOS

Suponhamos que no exemplo precedente, a série das frequências corresponde aproximadamente às frequências de **ESARINTULO**, isto é, que a letra **X** representa cerca de 14 % das letras do criptograma (frequência de **E**), há grande probabilidade de que o **X** do criptograma represente o **E** do texto claro.

Do mesmo modo, as letras **LBZN** traduzem provavelmente uma das letras **SANT**. Para evitarmos tentativas muito longas, que podem sem dúvida, em certos casos favoráveis, permitir descobrir algumas sílabas, as prováveis, e, pouco a pouco, identificar várias letras do alfabeto de substituição, é mais lógico perseverar estritamente no exame do criptograma a-fim-de determinarmos a frequência dos bigramas.

Em francês, as combinações de duas letras mais comuns são os bigramas **ES** = 30 por mil, **LE** = 24 por mil, **EN** = 24 por mil. Quanto aos trigramas, de frequência muito mais irregular nas transmissões, **ENT** se repete cerca de 12 vezes por mil.

Utilizando a lei das frequências, o decryptólogo não deve perder de vista certos princípios que presidem à formação das palavras. Recordamos acima as características da silabagem: em 100 letras há ordinariamente 40 a 50 vogais. As letras dobradas são quasi sempre consoantes (as mais frequentes são **SS**, **LL**, **TT**, **MM**, etc. . .).

A vogal é quasi sempre a única que é dobrada com certa frequência. As consoantes dobradas são sempre precedidas de uma vogal e seguidas quer de uma vogal, quer de R ou L. Entretanto, se duas palavras estão juxtapostas, podemos encontrar consoantes dobradas sem serem precedidas de vogal. P. ex.: Ils son très...

Finalmente, em francês, não há nunca sequências de 5 letras, sem 1 ou 2 vogais incluídas na sequência.

Aplicamos êsses dados a um fragmento de criptograma em que as frequências individuais: X L B Z N E I C G T foram verificadas.

Suponhamos X = e; L = s

A X Y T C	Z I X Z H	L M T J R
e	e	s
N X H X G	B I I E Y	X X H X L
e e	e e	e e e s
G X N N I	X L X N H	X L R C B
e	e s e	e s
Z L B Z Z	T Z M X L...	
s	e s	

O estudo da sequência

XX	H	XLGN	IXLXNHXL
e e		e s	e s e e s

parece ser particularmente interessante. Começa na hipótese apontada por EE, que devem ser normalmente e final de uma palavra feminina. A letra seguinte, H, é incerta; não está na lista das maiores frequências observadas no conjunto do criptograma, mas entre as 55 letras aqui fixadas, aparece quatro vezes. Algumas letras mais longe, o N dobrado deve ser uma consoante e o I uma vogal, diferentes de A, L ou R. Mas I aparece em outra parte igualmente dobrada; é uma consoante: L ou R.

Considerando a correspondência das frequências "ESARINTULO" com as tomadas no criptograma, I deveria representar R; do mesmo modo, N seria a tradução de T.

Explorando essa possibilidade, obtemos, substituindo as letras do criptograma pelo seu valor presumido:

E E — ES — ETTRESET ES

A sugestão da palavra "lettres" é bastante tentadora para que a verifiquemos no resto do criptograma, tomando G = L. E' também mais ou menos evidente que Et-ES devem significar "et", "des".

Transportemos a título de experiência essas conclusões para o resto do telegrama. Obteremos: -e---ere-ds---tedl-rr-eesdeslettresetdes-l-s----- es.

Prossigamos a decifração com o auxílio da lista de frequências. O grupo re-ds lembra **rends** e del-rr-ee significa evidentemente **del'arrivee**.

Nesse caso, a hipótese ganha em certeza. Cada nova letra que parece exata é logo verificada no resto do criptograma. Imediatamente, pouco a pouco, o sentido claro torna-se evidente: o criptograma está decifrado: "Je vous rends compte de l'arrivée des lettres et des plans annoncés..."

### DECRIPTAÇÃO DAS SUBSTITUIÇÕES MÚLTIPLAS

Tal é em linhas gerais o método a que se deve recorrer, em princípio, em tôdas as substituições. Quasi sempre a busca é mais complicada, porquanto as substituições com múltiplas representações procuraram quebrar a lei da frequência, estabelecendo várias traduções para as letras muito frequentes ou mesmo para cada uma das letras do alfabeto.

A decripção será por êsse motivo mais delicada: mas está longe de ser impossível. Como sempre, precisamos assinalar as frequências, comparar as sequências em que aparecem alguns termos idênticos e lembrar a lei da silabagem: uma vogal pelo menos para quatro consoantes.

São principalmente as repetições que fornecem a base das hipóteses.

Descob  
põe de um  
letra. Preci  
texto claro,  
Com m  
tíferas, che  
substituiçõe

Quand  
nere, não a  
ciada. Mes  
ou quasi m  
mas põe en  
cura desco

Com e  
contram dis  
dão no cri

Devem  
criptogram  
mesmos po  
dos número  
les que são  
da chave.

Supon

C  
T  
U  
V

Notam

S

Descobrem-se, bem depressa, sobretudo quando se dispõe de um texto longo, os sinais que representam a mesma letra. Precisamos sobretudo aplicar-nos a determinar o e do texto claro, que é a base da decifração.

Com muito método, reflexão e muitas tentativas infrutíferas, chegamos a êsse resultado, do mesmo modo como nas substituições simples.

### DECFRAÇÃO DO VIGENERE

Quando se trata de um texto cifrado pelo sistema Vigenere, não aparece nenhuma frequência claramente diferenciada. Mesmo as letras raras teem uma frequência média ou quasi média. Mas a anotação dos bigramas ou trigramas põe em relêvo as repetições cuja periodicidade se procura descobrir.

Com efeito, quando os poligramas do texto claro se encontram dispostos de modo semelhante com relação à chave, dão no criptograma poligramas idênticos.

Devemos, portanto, observar a posição de cada letra do criptograma; calcular os intervalos que separam o início dos mesmos poligramas; procurar os fatores primos de cada um dos números. Há fortes razões para crer que aquele ou aqueles que são comuns a todos os intervalos dão o comprimento da chave.

Suponhamos o criptograma:

CSVUI	SGCCJ	PXGSV
THPRF	BEIMC	IFXSV
UVXOW	AZBTW	SVUVH
VDILI	T	

Notamos nêle vários poligramas:

SVU = intervalo 12 e 24  
fatores primos:  $2 \times 2 \times 2 \times 3$

SV = intervalo 42  
fatores primos:  $2 \times 3 \times 7$

UV = intervalo 12  
fatores primos:  $2 \times 2 \times 3$

E' plausível uma chave de 6 ( $2 \times 3$ ) letras.

Façamos uma experiência, dispondo o criptograma em 6 colunas:

CSVUIS  
GCCJPX  
GSVUVX  
OWAZBT  
WSVUVH  
THPRFB  
EIMCIF  
XSVVDI LI

Examinemos agora as frequências em cada coluna. Na primeira: 2 G. Toda essa coluna foi cifrada com a mesma letra da chave; a lei das frequências poderá portanto funcionar e "esarintulo" retoma seu valor.

Procuramos reportar-nos ao quadrado de Vigenere, representado na fig. 2, em cujo alfabeto-chave, o E do texto claro é traduzido por G.

E' o alfabeto: CDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZAB.

Traduzamos a coluna inteira com essa chave. Obtemos uma série de letras possíveis, a-pesar-de 4 letras serem raras: Q. V. G. Z.

O conjunto é aceitável. Tentemos a mesma experiência com a segunda coluna, supondo que E do texto claro é igual a S do criptograma, no alfabeto O.

Chave:	C	O
	A	E
	E	O
	E	E

Tôdas as  
Muito mais q  
deve ser aba  
da U. Do me  
preciso, porta  
meira coluna,  
é mais prováv

Experime  
gramas norma  
sas vogais rec  
to D dá, entre  
é evidentemente  
tambem letras  
guirmos com  
permite os big

Chegamos  
Trata-se de d  
cessivas, basea

Q	I
R	E
V	T
G	U
Z	E
N	U

Tôdas as letras dessa segunda coluna são possíveis. Muito mais que as da primeira. Além disso o bigrama QI deve ser abandonado, porque a letra Q é sempre seguida da U. Do mesmo modo, VT, ZE e AE pouco plausíveis. E', preciso, portanto procurar um outro alfabeto para a primeira coluna, que devemos rejeitar em vez da segunda que é mais provável.

Experimentemos um outro alfabeto, que provoque bigramas normais com a segunda coluna, em que as numerosas vogais reclamam consoantes na primeira. Ora o alfabeto D dá, entre os bigramas possíveis, a combinação QT, que é evidentemente errada. Os alfabetos E F G . . . , oferecem também letras excepcionais: K. J. W. Z, etc. . . Se proseguirmos com as tentativas, chegaremos ao alfabeto L, que permite os bigramas:

Chave:	L	O
	R	E
	V	O
	V	E
	D	I
	L	E
	I	T
	M	E
	A	U

Chegamos assim a uma série de bigramas plausíveis. Trata-se de decryptar a terceira coluna. Por tentativas sucessivas, baseadas na consideração das letras mais frequen-

tes e a vizinhança dos bigramas identificados anteriormente, limitamos pouco a pouco o campo das hipóteses.

À primeira vista, V, repetido quatro vezes, deve ser uma das letras "esarintulo". Sua posição não permite tomar  $V=E$ , o que daria: *ree, vee, lee, mee*. Nem, tão pouco, são aceitáveis  $V=S$ , ou  $V=A$ , ou  $V=R$ .

Se tomarmos  $V=N$ , o alfabeto I dá na sexta linha ITH, que mereceria ser afastado. Pode-se tratar, entretanto, do fim de uma palavra e do começo de outra. E o que autoriza a não rejeitarmos logo de início o alfabeto I, é a circunstância de que ele dá, na 1.<sup>a</sup> linha e na 2.<sup>a</sup>, duas combinações que podem sugerir uma palavra provável.

REN... poderia significar RENDEZ  
VOU... VOUS.

Verifiquemos a hipótese. As letras U. I. S. dão D. E. Z., respectivamente, nos alfabetos R. E. T., que são precisamente o final de uma palavra: *Loiret*, perfeitamente admissível. De fato, a decipação não apresenta mais nenhuma dificuldade.

Chave: L O I R E T  
R E N D E Z  
V O U S L E  
V E N D R E  
D I S I X A  
L E N D R O  
I T H A B I  
T U E L E M  
M E N E Z P  
A U L.

### DECRIPÇÃO DAS AUTO-CHAVES

A complicação dos processos provenientes do Vigenere é quasi sempre illusória. Dêsse modo, as auto-chaves, quer no

que diz  
resistem

Se  
na sua m  
cederem  
sa de ch  
cifrado e  
de Vigen  
criptação

Se ci  
as letras  
quartos d

Será

serve de  
do texto c

Ora,

cifrando u  
criptogram

Assim

tual, os int  
intervalo m  
da depois

### DECRIP

Quand  
um criptog  
mas deixa c

Este op  
cobertá segu

do em duas

Aproxim

deslize ao l  
mento de tir  
o auxílio de  
da palavra p

que diz respeito ao texto claro, quer ao criptograma, não resistem a uma análise figurosa.

Se ciframos com o criptograma, a chave é conhecida na sua maior parte, porquanto é o próprio criptograma. Procederemos novamente por tentativas, fazendo passear à guisa de chave, as primeiras letras do criptograma pelo texto cifrado e procurando-as letras correspondentes no quadrado de Vigenere, até que descubramos uma palavra clara. A decifração se processará então pouco a pouco.

Se ciframos com o texto claro, bastará lembrar-nos que as letras "esarintulo" representam pouco mais ou menos três quartos do total das letras.

Será pois frequente que uma das letras "esarintulo" que serve de chave poderá cifrar uma outra letra "esarintulo" do texto claro.

Ora, é muito possível encontrarmos duas letras, E e S cifrando uma a outra. Elas darão sempre a mesma letra no criptograma: W.

Assinalaremos portanto, de acôrdo com o método habitual, os intervalos entre duas letras iguais do criptograma. O intervalo mais frequente será a chave inicial que será revelada depois de algumas tentativas.

### DECRIFTAÇÃO DAS TRANSPOSIÇÕES POR MEIO DE TABELA

Quando há apenas mistura de letras claras para fazer um criptograma, a lei das frequências, verifica-se sempre, mas deixa de servir diretamente ao decifrador.

Este opera procurando a palavra provável que será descoberta segundo os recursos de sua imaginação, transcrevendo em duas ou três tiras de papel todo o texto do criptograma.

Aproximando duas dessas tiras, faremos com que uma deslize ao lado da outra, até encontrarmos sobre um fragmento de tira, bigramas possíveis. Procuraremos então com o auxílio de uma terceira tira formar poligramas geradores da palavra provável (fig. 5).

Assim reconstituiremos um canto do quadrado de cifração. A descoberta do comprimento da chave será apenas questão de reflexão atenta.

Essa idéia de palavra provável é uma das mais fecundas em descobertas criptográficas. E' antes fruto da intuição que da análise. Entretanto, na maioria dos criptogramas a decifrar há sempre algumas indicações que circunscrevem as pesquisas.

Mesmo sem indício prévio, há sempre um meio de formarmos a identificação de uma "transposição", sobretudo se dispuzermos de vários textos do mesmo comprimento.

Transcrevendo horizontalmente uns sob os outros textos de igual comprimento, consideramos verticalmente as possíveis alianças de uma coluna com outra. Em suma, devemos esforçar por anagramatizar vários textos ao mesmo tempo, a-fim-de descobirmos uma palavra de que possa desempenhar o papel de palavra provável é facilitar, pouco a pouco, a aparição do texto claro.

Eis quatro criptogramas que devem ser lidos sem que conheçamos o assunto tratado e a chave empregada:

Colunas:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
1.º texto:	N	A	N	V	Z	I	E	T	E	C	O	D	U	S
2.º texto:	R	E	I	J	T	A	N	P	E	R	R	E	A	S
3.º texto:	E	T	N	P	N	G	R	R	R	I	E	V	U	T
4.º texto:	A	R	U	C	R	E	B	T	H	E	N	M	E	E

Examinemos em primeiro lugar em cada criptograma as letras raras.

O primeiro contem as letras Z e V. O segundo contem um J, o terceiro um G, o último, B M H. A letra Z é frequentemente o final de um verbo na segunda pessoa do plural, o que é notável, tanto mais quanto o criptograma comporta um V, que poderia entrar no pronome da segunda pessoa: *vous*.

No segundo criptograma, J lembra Je.

No terceiro, há um G que às vezes se liga à vogal U e às consoantes L N R.

Enfi  
de um T  
vezes inc

Tom  
juntar al

Nos  
cem exig  
quanto q  
lunas 1 e

O qu  
mo, visto  
1 2 7 sug

Não  
palavra "

E' pr  
14, que c  
aceitável  
ordem se

Enfim, no quarto, H poderia ser precedido de um C ou de um T; o encontro de B e de M no mesmo texto é muitas vezes indício de um bigrama muito frequente: M B.

Tomando por base essas particularidades, vamos tentar juntar algumas colunas, que dêem os bigramas CH e MB.

Colunas:	4	9	12	7
	V	E	D	E
	J	E	E	N
	P	R	V	E
	C	H	M	B

Nos dois primeiros criptogramas, nessa hipótese, parecem exigir, à direita, respectivamente, uma consoante, enquanto que os dois últimos pedem uma vogal. Somente as colunas 1 e 10 satisfazem essas condições. 1 dá:

Colunas:	4-9-1	12-7
	V-E-N	D-E
	J-E-R	E-N
	P-R-E	V-E
	C-H-A	M-B

O que é muito satisfatório, mais do que satisfatório mesmo, visto como a aproximação dos grupos de coluna 4 9 1 e 12 7 sugere a palavra "Chambre", no quarto texto.

Não há dificuldades quanto à coluna 5, em que aparece a palavra "Vendez" (primeira linha).

E' preciso agora verificarmos qual das colunas 6 10 13 e 14, que comportam um E na quarta linha, dará uma ordem aceitável às palavras formadas nas linhas precedentes. A ordem se revela sem dificuldades.

VENDEZCAUTIONS  
 JERENTREAPARIS  
 PREVENIRURGENT  
 CHAMBRERETENUE

## UMA CIENCIA DE LÓGICA INTUITIVA

Esse resumo das investigações criptográficas dá apenas uma fraca idéia dos trabalhos árduos mas arrebatadores a que se entregam os decryptólogos. Convenhamos entretanto que o mistério dos escritos ocultos não é tão impenetrável quanto se imagina. Devemos sobretudo eliminar preconceito de que o segrêdo da linguagem cifrada deve ser proporcional às possíveis combinações de um sistema criptográfico.

O verdadeiro labirinto em que se perde o decryptólogo é a engenhosa superposição de processos.

As máquinas de cifras, na maioria dos casos, tornaram muito difícil encontrar-se o texto claro. Isso quer dizer que elas o tornaram absolutamente inacessível? Seria uma grande presunção. O fio de Ariadne é eterno.

No caso, Ariadne é uma qualidade intelectual feita de lógica rigorosa, de paciência perseverante, de imaginação ordenada e de intuição espontânea, espécie de centelha do espírito que ilumina de súbito os arcanos obscuros em que se dissimula a verdade.



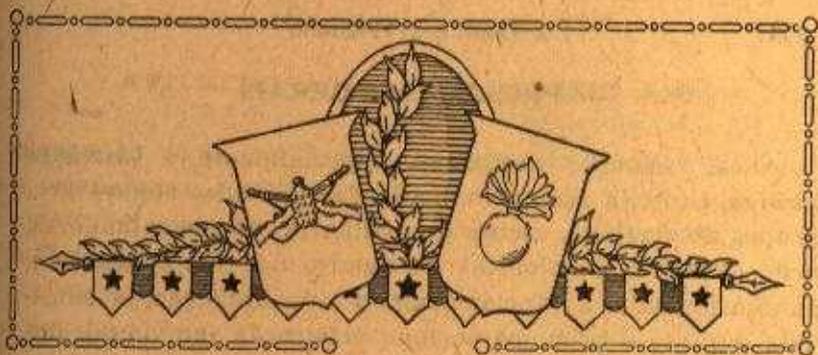
### GODOFREDO CHAVES BAIÃO

MADEIRAS - REPRESENTAÇÕES

Grande "stock" de tacos em geral, notadamente de Peroba de Campos, Roxinho ou Guarabú, Sucupira preta e amarela, Massaranduba roxa, Jacarandá, Braúna, Ipé preto e Peroba rosa ou Sobro.

Representante exclusivo das Serrarias Barbabos e Aymorés, de Baião & Cia. — Recebe diariamente, vigamento e pranchões de Peroba de Campos e Cedro Mineiro, bem como Peroba rosa de São Paulo, em vigamento, pernas, ripas, forro e assoalho. Madeiras do Espírito Santo, tais como Massaranduba roxa, Ipé preto, Sucupira amarela, Oleo vermelho e Lei em pernas, vigamento e ripas.

Deposito e escritório: RUA BARÃO DE UBA, 173 — Tel.: 48-1373  
Endereço Telegráfico: "Baião" — RIO DE JANEIRO



## UM TABÚ - O 2.º PERÍODO

Pelo Major F. D. Ferreira Portugal

### BASES PARA A ORGANIZAÇÃO DOS PROGRAMAS DE INSTRUÇÃO TÁTICA DO 2.º PERÍODO

#### COMBATE E SERVIÇO EM CAMPANHA

O Segundo Período de Instrução é, por excelência, o período dos Capitães.

— Quantos Capitães são capazes de executar um Segundo Período de Instrução ?

As dificuldades que se antepõem aos Comandantes de sub-unidade, no tocante à instrução tática, desse período, são quasi invencíveis.

— Quantos Comandantes de sub-unidade encontram, no corpo em que servem, quem os ajude a vencer tais dificuldades, orientando-os, esclarecendo-os, dissipando-lhes as dúvidas ?

Incontáveis e multiformes, acorrem as respostas a tão graves e significativas perguntas.

— Oferecendo à meditação dos Capitães, as considerações que se seguem, tentarei, também, alinhar uma resposta aquelas graves perguntas.

## I — PRESCRIÇÕES GERAIS

O 2.º Período destina-se, especialmente, à **Instrução Coletiva**, isto é, à ação combinada das unidades elementares (grupos de combate, seções de artilharia, de metralhadoras, ou de morteiros e pelotões) no quadro das sub-unidades e, subsidiariamente, ao aperfeiçoamento da instrução já ministrada durante o primeiro período (instrução individual, dos G. C. das Seç. e dos Pel.).

A **Instrução Coletiva** é realizada por meio de Exercícios de Conjunto, no quadro das Cias., Esqs. e Bias. para que seja possível fazer trabalhar, em ligação, seus elementos constitutivos, isto é, — o **comando** de cada sub-unidade (Cmt. — grupos de comando) — as unidades elementares de que, no momento, dispuzerem (pelotões, seções).

O aperfeiçoamento das unidades elementares (Pel. — Seç. — G. C.) será feito no quadro daqueles Exercícios de Conjunto ou, em sessões especiais, realizadas a critério dos Capitães e consoante as necessidades evidenciadas.

Para que, no fim do Período, as sub-unidades tenham o "preparo de conjunto que as torne aptas a entrar em campanha" é fundamental:

- que os Capitães se hajam exercitado em coordenar a ação de seus pelotões ou de suas seções, por utilização intensiva dos órgãos de comando e dos meios de transmissão de que dispuzerem, etc.
- e que as sub-unidades tenham sido adestradas com relação às operações mais comuns que devam rea-

Den  
mecanismo  
devem es  
com prov  
— c  
e  
— e  
— e  
q  
Esta  
exercício,  
será sua  
de Pel. e

Em s  
Cia., Esq.  
sam const  
neabilidade  
sub-unida  
períodos s  
C. ou Gr..  
denomina

II — E

No 2.  
sub-unidade

lizar no serviço em campanha e no combate. Em qualquer hipótese, porém, é indispensável que, no mínimo, conheçam, perfeitamente, o **mecanismo** dessas operações.

---

Dentro dessa ordem de idéas, cumpre acentuar que o **mecanismo** das principais operações que as sub-unidades devem estar em condições de realizar só poderá ser ensinado com proveito:

- dentro de um **quadro tático** absolutamente simples e quasi esquemático;
- em terreno previamente escolhido e balizado;
- em condições que facilitem a cooperação dos quadros.

Esta última condição é obtida pela decomposição do exercício, **obrigatoriamente**, em duas fases, das quais, uma, será sua realização, no terreno, só com os quadros, (Cmts. de Pel. e de G. C. ou Seq.) e outra com a tropa.

---

Em síntese, os exercícios de conjunto do 2.º período, (de Cia., Esq., Bia.) devem ser de tal forma elementares que possam constituir verdadeiro estágio de transição entre a **maneabilidade**, já realizada, e os exercícios de **aplicação** que as sub-unidades terão que executar quando participarem, nos períodos subsequentes, dos exercícios de conjunto de Btl., R. C. ou Gr.. Para evitar outra interpretação, aqueles devem ser denominados "Exercícios Elementares de Conjunto".

## II — EXERCÍCIOS ELEMENTARES DE CONJUNTO QUE DEVERÃO SER REALIZADOS NO 2.º PERÍODO

No 2.º Período de instrução deverão ser realizados, pelas sub-unidades, no mínimo os seguintes exercícios de conjunto:

## A) — INFANTARIA E CAVALARIA

(Cia. ou Esq. sempre apoiados por elementos de metralhadora e morteiro (Pel. ou Seq.).

- 1 — VANGUARDA, nas proximidades do inimigo;
- 2 — RETAGUARDA, no combate em retirada;
- 3 — POSTOS AVANÇADOS, nas proximidades do inimigo;
- 4 — ATAQUE, enquadrado, contra posição sumariamente organizada;
- 5 — DEFENSIVA, enquadrada, em frente média;
- 6 — (Só para Infantaria) tomada de contacto que impõe ação parcial da Cia. contra resistência isolada, sem profundidade.
- 7 — (Só para a Cavalaria) **destacamento de descoberta**, que opera na zona de insegurança e é levado a realizar uma ação de força para precisar uma informação.

## B) — ARTILHARIA

- 1 — A Bateria na MARCHA DE APROXIMAÇÃO;
- 2 — Idem na TOMADA DE CONTACTO;
- 3 — Idem no ATAQUE;
- 4 — Idem na DEFENSIVA, em frente média;
- 5 — Idem no COMBATE EM RETIRADA;
- 6 — DEFESA APROXIMADA da Bia. DEFESA CONTRA CARROS E ANTI-AÉREA.

## III — EXECUÇÃO DOS EXERCÍCIOS

**Condições gerais de realização dos exercícios**

Os exercícios acima referidos são obrigatórios para todas as sub-unidades. Em princípio, serão realizados na proporção de um por semana.

As sub-unidades de metralhadoras beneficiar-se-ão dos exercícios das demais para, simultaneamente com essas ou, isoladas, poderem realizá-los.

Nas guarnições em que forem invencíveis as dificuldades relativas à escolha de terreno, é preferível executar os Exercícios Elementares de Conjunto em condições mesmo artificiais, à guisa de exercícios de maneabilidade, do que deixar de realizá-los.

Durante os exercícios com os quadros, será vantajoso exigir que os mesmos executem os esboços necessários.

### Distribuição do tempo

Tendo em vista a importância relevante desse período, a 1.<sup>a</sup> semana deverá ser consagrada inteiramente à sua preparação:

- estudo, no âmbito de cada corpo, do programa do período por seus executores diretos — os Capitães — sob orientação do Cmt. do Corpo;
- escolha do terreno;
- montagem dos exercícios de conjunto;
- organização definitiva de cada sub-unidade;
- preparação de recursos materiais de toda sorte.

A oitava semana será consagrada aos exames, em coincidência com a 2.<sup>a</sup> Inspeção Prevista de Instrução.

Cada exercício comportará, obrigatoriamente, em dias diferentes:

- uma sessão com os quadros, no terreno (comandantes de Pel., de Seç., de Gr. de Comando, e de G. C.);
- uma sessão com tropa.

São plenamente dispensáveis, as sessões na carta (1)

---

(1) O ambiente desses exercícios é muito reduzido para justificar tal gênero de preparação. Além disso, é vantajoso habituar os quadros subalternos à contingência normal de falta de cartas.

Os demais dias da semana serão consagrados, à repetição do exercício, a critério do Capitão; às sessões especiais que se impuzerem; à preparação do exercício seguinte; aos outros ramos de instrução.

— E' necessário organizar para vencer.

### Organização das sub-unidades

Como condição de êxito, as sub-unidades devem ter organização **permanente**, durante **todo** o período.

Os Exercícios de Conjunto devem ser realizados com os efetivos **atuais** de cada uma delas. **Não se deve constituir** "unidades de instrução" pela reunião de elementos de sub-unidades diferentes, mesmo que os efetivos sejam exageradamente diminutos, exceção feita para os casos de exercícios especiais (tiro real de artilharia, sob a forma de escola de fogo, demonstrações, etc.).

Todavia, será permitido lançar mão de recursos materiais (viaturas, animais, equipamentos, etc.) de uma sub-unidade, em benefício de outra. De qualquer forma, estas, desde o início do segundo período, terão a seguinte organização:

#### 1) Comando

— Capitão (ou Tenente) Cmt.

— **Grupo (ou Seq.) de Comando**, constituído com os recursos previstos no Efetivo orçamentário, (1 cabo e 3 soldados sinaleiros observadores, 2 sapadores, 3 corneteiros para a Infantaria; 1 cabo e 4 soldados sinaleiros observadores, 4 soldados sapadores e 4 clarins para a Cavalaria, etc.).

— A inação ou a ausência dos grupos de comando, na instrução coletiva, é sintomática: não há comando.

Os grupos (ou Seq.) de comando devem ser completados em primeira urgência. Sua participação é obrigatória nos exercícios com tropa.

E' imprescindível dar chefe aos mesmos, utilizando, para isso, Sgts. retirados de **qualquer** outra função.

## 2) Tro

No  
ou 2 G  
dades.  
tôriame

Co  
des em  
tões cor  
laria) a  
Capitão  
ções".  
G. C., r

Na  
pre, a  
pelotõe  
quadra  
quadra

## 3) T.

O  
do T. C  
isso fôr

F6  
peciais

Os  
nos dia  
to, as s

## Docum

A  
sumir-s

## 2) Tropa

No caso da Infantaria ou da Cavalaria, tantos Pel.<sup>o</sup> de 3 ou 2 G. C., quanto o permita o efetivo atual das sub-unidades. Com relação à Artilharia, as Bias. deverão ter, obrigatoriamente, 2 Seç. de combate.

Compreende-se que, no primeiro caso, nas sub-unidades em que os efetivos não permitam a constituição de pelotões completos (3 G. C., para a infantaria e 2, para a cavalaria) a solução deverá facilitar o propósito de "exercitar o Capitão em coordenar a ação de seus pelotões ou de suas seções". Será, então, mais vantajoso dispôr de 3 pelotões de 2 G. C., na Infantaria, do que de 2 pelotões completos.

Na Cavalaria, os Capitães serão obrigados, quasi sempre, a suprimir as esquadras suplementares e constituir 3 pelotões de 2 G. C., podendo, mesmo, um destes ter sua esquadra exploradores apenas representada, se o efetivo do esquadrão fôr muito fraco.

## 3) T. C.

O presente Estudo não exclue a participação do Grupo do T. C. dos Exercícios de Conjunto, nas unidades em que isso fôr possível.

Fôra dessa condição, deverá haver algumas sessões especiais para o funcionamento dos mesmos.

Os Cmts. de Corpos regularão os serviços de sorte que, nos dias de execução dos Exercícios Elementares de Conjunto, as sub-unidades possam contar com **todo** o seu efetivo.

### Documentação:

A documentação de cada exercício de conjunto deve resumir-se a:

— "Quadro tático".

— “Ficha de Desenvolvimento do Exercício”, que contém a resenha das ações por realizar.

— “Esbôços” representativos dos elementos essenciais das ordens: **direções, objetivos, frentes e procedimento.**

Serão vantajosamente dispensadas as **ordens escritas.**

A referida documentação deve ser arquivada nas sub-unidades para exame por ocasião da 2.ª Inspeção Prevista de Instrução. (1)

#### IV — PREPARAÇÃO DOS EXERCÍCIOS

A título de orientação, seguem-se algumas normas que **poderão** ser aproveitadas pelos Capitães para o estabelecimento do quadro tático e escolha do terreno.

— O grande obstáculo que se antepõe aos capitães, na preparação das situações táticas está na **Situação Geral**, nas **Situações Particulares**, nos **Partidos de Este e de Oeste**. ... Só há uma solução: não pensar nisso.

##### 1) Quadro tático

Os Exercícios de conjunto, como ficou esclarecido acima, devem aproveitar quadro tático de absoluta simplicidade.

Tratando-se, apenas, de ensinar o **mecanismo** de determinadas operações, não haverá necessidade de organização luxuosa de têmeas com “situação geral”, “situações particulares”, etc. etc..

Bastará que, **diante do próprio terreno**, o Capitão que é, no mesmo tempo, comandante da sub-unidade e diretor do exercício, dê, a seus subordinados imediatos, Cmts. de Pel. e Seq., com ligeira indicação da situação os **elementos essenciais** de uma ordem. No caso de um exercício de Postos Avançados, p. ex. seria o seguinte seu “quadro tático” (fig. 1)

(1) Inspeção que deve ser realizada na última semana do 2.º Período.

500 x 700 mt

“A  
Seq. de M  
pertence  
inconfun

E' po  
migo, a q

Fren

Proc

do o cust

Tend  
suprimem

zinkos. N  
calão Cia

Trata-se,  
tões serã

— N  
dos são ó

##### 2) Terro

A esc  
ve ser fei  
pelos Cap

Toda

trabalho,  
terreno pa

operações  
as sub-uni

Exem



Fig. 1

“A sub-unidade, reforçada por um Pel. de Mtr. e uma Seq. de Mtr., deverá cobrir o estacionamento da unidade a que pertence face à direção A-B. (A e B representam dois pontos inconfundíveis do terreno).

É possível a intervenção de elementos avançados do inimigo, a qualquer momento.

**Frente** em que deve ser barrado o avanço inimigo: C-D.

**Procedimento** em presença do atacante: resistência a todo o custo; a sub-unidade será reforçada”.

Tendo em vista, ainda, tornar mais simples o problema, suprimem-se, nesse quadro, o escalão superior e os escalões vizinhos. Não haverá, pois, cogitações de conjunto, fóra do escalão Cia. Esq. ou Bia. nem preocupação de ligações laterais. Trata-se, por enquanto, de ensinar **mecanismo**. Essas questões serão estudadas, posteriormente em outros exercícios.

— Nenhum terreno é bom... ao primeiro exame. Todos são ótimos, depois de iniciado um exercício.

## 2) Terreno

A escolha do terreno para cada um desses exercícios deve ser feita, evidentemente, por seus organizadores, isto é, pelos Capitães, comandantes de sub-unidades.

Todavia, a-fim de atender as naturais dificuldades desse trabalho, é aconselhável que, nos diversos corpos, haja um terreno particular para o estudo de uma, ou de algumas, das operações enumeradas e que servirá, sucessivamente, a tódas as sub-unidades.

Exemplefiquemos:

- a) Para os exercícios de **Vanguarda** e de **Retaguarda** pode ser aproveitada a mesma faixa que deverá ter uns 500 a 700 metros de largura e profundidade variável. (fig. 2).

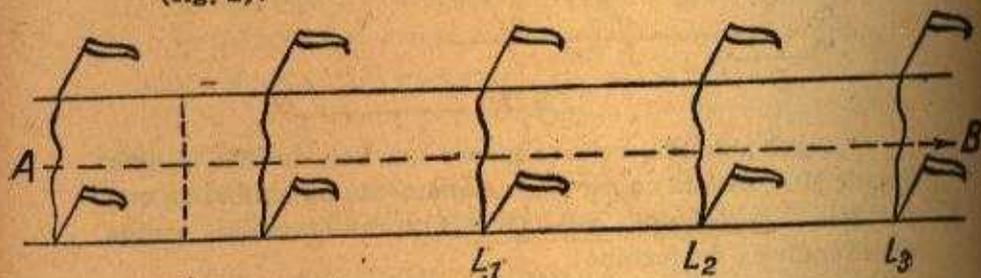


Fig. 2

- b) Para os **Postos Avançados** e de **Defensiva** pode utilizar-se o mesmo terreno (fig. 1). É vantajoso que seja definido por uma crista proporcionadora de amplas vistas e bom campo de tiro, com obstáculo à frente ou sem êle. Deve ter largura de uns 500 a 700 metros.
- c) Para o exercício de **Ataque**, escolher-se-á, se possível, uma faixa de uns 300 a 500 metros de largura que disponha de boa **base de partida**, (orla de mato, margem de pequena linha d'água, etc.) e de transversais que balissem, facilmente, os objetivos (fig. 3).

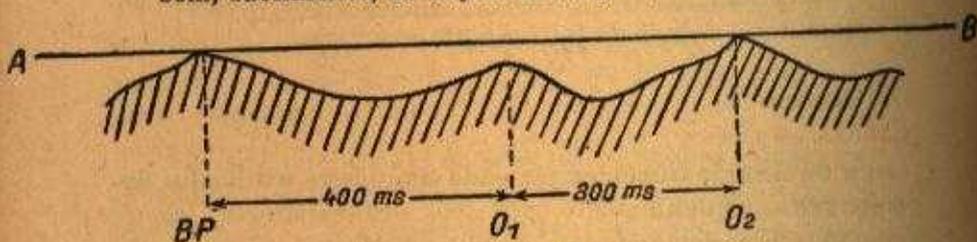


Fig. 3

Só haverá vantagem em que esse mesmo terreno sirva aos exercícios de P. A. ou de Defensiva.

- d) Enfim, as operações do Destacamento de Descoberta devem ser exercitadas, de preferência, a cavaleiro de um eixo e com profundidade (uns 12 a 20 Km.) e largura

(un  
versCom  
vem ter  
deirolas,

4 e 6 kms

Em p  
Capitão o  
cargo de  
exercíciosNas  
determina— Te  
nesses ex“dire  
to” — por  
simples.

(uns 3 a 6 Km.) suficientes para permitir o jôgo dos diversos reconhecimentos.

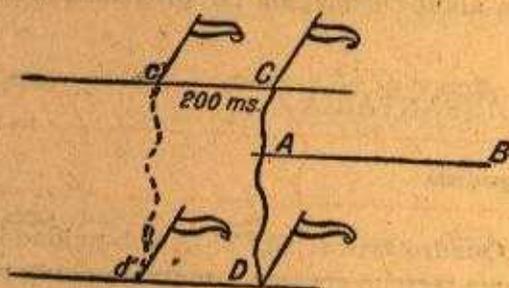


Fig. 4

Com exceção d'êste último, os outros 2 ou 3 terrenos devem ter seus limites laterais demarcados por meio de bandeiras, se não houver delimitação natural.

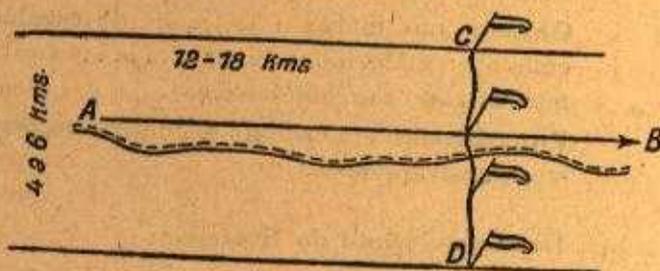


Fig. 5

Em proveito de melhor repartição dos esforços, a cada Capitão ou Cmt. de sub-unidade, poderá ser atribuído o encargo de escolher um dos terrenos que serão utilizados nos exercícios em questão.

Nas unidades isoladas, poder-se-á fazer o mesmo com determinados Tenentes.

— Tôda a complexa ciência da guerra deve resumir-se, nesses exercícios, a quatro palavras:

"direção" — "objetivos" — "frente" — "procedimento" — porque, na instrução, também, só dá resultado o que é simples.

## V — PROGRAMAS DOS EXERCÍCIOS DE CONJUNTO

Seguem-se alguns exemplos de programa desses exercícios.

### A) PARA A INFANTARIA

#### 1) Vanguarda

- a) **Quadro tático:** fig. 2 “A sub-unidade progride em terreno em que o contacto ainda não foi tomado, mas que é batido por fogos de artilharia. Não há cavalaria à frente.

**Direção** geral progressão: A-B.

**Limites laterais:** materializados por..... (ou balizados por bandeirolas)

**Objetivo** que marca o 1.º lance do escalão do combate: materializado por..... (ou mesmo balizado por bandeirolas).

**Procedimento** em caso de encontro: empenhar-se ofensivamente”.

#### b) Desenvolvimento do Exercício:

- Tomada do dispositivo (1 ou 2 pelotões no escalão de reconhecimento) e o restante, inclusive os elementos de reforço — metralhadoras, morteiros no escalão de combate);
- escalonamento dos diversos elementos durante a progressão (distâncias, intervalos);
- missão de cada pelotão (direção, ligações, procedimento);
- ação de cada pelotão do escalão de reconhecimento em face das primeiras resistências isoladas;
- intervenção do escalão de combate;

- emprêgo dos elementos de refôrço (Mtrs., Mrts.);
- ação contra resistência contínua que detem a vanguarda;
- ação do **Grupo de Comando**; transmissões; comunicações rápidas entre os pelotões e o Capitão.

## 2) Retaguarda

### a) Quadro tático (fig. 2)

"A sub-unidade deve cobrir o retraimento da unidade a que pertence e que foi constrangida a desferrar-se em pleno dia.

**Direção do retraimento:** B-A.

**Limites laterais:** definidos por... (ou balizados por bandeiras)

**Linha em que deve resistir:** L 3

**Procedimento:** resistência em L 3 de H a H+2.

A partir dessa hora poderá retrair-se para L 2, se a situação o exigir, e a critério do seu Cmt.". Admite-se que a sub-unidade tenha sido instalada em L 3, com antecedência e regularidade, e que, a H, tenha sido descoberta sua frente. O exercício tem início a essa hora, H.

### b) Desenvolvimento do Exercício

#### Dispositivo em L 3

- escalonamento dos elementos constitutivos da retaguarda no dispositivo inicial, isto é, **grosso da sub-unidade instalado em L 3; refôrço (Mtr. e Mrt.); órgãos de comando**, assim como os elementos de reconhecimento e balizamento de L 2;
- organização da observação;
- organização dos fogos em L 3 (fogos lon-

gínquos; predominância dos fogos frontais para manter o inimigo à distância);

- balizamento dos caminhamentos que ligam L 3 a L 2;
- intervenção de elementos ligeiros do inimigo;

### O retraimento

- intervenção, posterior, de elementos fortes, que obrigam a sub-unidade a retrair-se para evitar o aferramento;
- execução do retraimento para L 2
- instalação em L 2.

### 3) Postos Avançados

- a) **Quadro tático** (ver item IV)
- b) **Desenvolvimento do Exercício**

- ocupação das linhas de vigilância e de resistência;
- organização da observação;
- organização dos fogos;
- utilização intensiva dos meios de transmissão, tendo em vista as ligações entre o P. C. do Cap. e os pontos de apôio ou, eventualmente, os postos;
- ligação dos pontos de apôio entre si;
- ação do escalão de vigilância, pela intervenção de elementos ligeiros do inimigo;
- idem, com respeito a elementos fortes que o façam retrair-se;
- ação do escalão de combate, diante da intervenção do inimigo, etc.;

**4) Ataque****a) Quadro tático (fig. 3)**

“Uma sub-unidade, enquadrada, e em 1.º escalão, vai atacar posição sumariamente organizada ou por organizar.

**Direção geral de progressão:** A-B;

**Objetivos** — 01 crista . . . . ; 02 linha . . . . ;

**Limites laterais:** balizados por bandeirolas;

**Base de partida:** . . . . .

**Procedimento no 1.º objetivo:** progressão, mediante ordem

— **Hora de início do ataque:** . . . . .”

**b) Desenvolvimento do Exercício**

— ordem aos pelotões e aos elementos da base de fogos que estão à disposição da sub-unidade;

— articulação da sub-unidade na base de partida (pelotões do escalão de fogo e de reserva; Mtr. e Mrt.)

— materialização dos objetivos e das direções dos pelotões;

— condições de intervenção e de deslocamento da base de fogos;

— desembocar da base de partida;

— assalto;

— procedimento no objetivo atingido;

— utilização dos órgãos de comando, durante toda a execução da operação;

— remuniciamento.

**5) Defensiva****a) Quadro tático (fig. 4)**

“A sub-unidade, enquadrada, e como elemento de 1.º escalão de um dispositivo defensivo,

tem a missão de impedir que o inimigo tome pé no sub-quarteirão que a mesma acaba de ocupar.

O inimigo póde intervir em fôrça, a qualquer momento. Não há elementos amigos à frente.

**L. P. R.:** C-D.

**Limites laterais:** — definidos por... (ou balizados por bandeirolas);

**Linha de apóio:** c-d

**Direção Geral:** A-B

**Procedimento:** resistência sem espírito de recuo”.

#### b) **Desenvolvimento do Exercício**

##### **Montagem do dispositivo**

- escalonamento da sub-unidade na P. R.: pelotões; elementos de refôrço (Mtr. -Mrt.)
- órgãos de comando;
- organização do plano de fogos;
- organização da **observação** e das **transmissões**;

##### **Funcionamento do dispositivo**

- intervenção progressiva do inimigo (aparecimento dos 1.os elementos; contacto de elementos mais fortes com a posição; ataque, etc.);
- desencadeamento do plano de fogos;
- execução de contra ataques imediatos;
- remuniamento.

#### 6) **Tomada de contacto**

##### a) **Quadro tático (fig. 2)**

(Mesmo terreno do Exercício de vanguarda)

“A sub-unidade progride em 1.º escalão, num

B) — PA

Os m  
-unida  
que p  
ptaçõe

1) V  
v  
a  
to  
p

dispositivo de aproximação. Iniciada a fase de tomada de contacto, é detida, por resistência isolada, sem profundidade, que intercepta sua zona de progressão. Em consequência, é tomado um dispositivo de ataque, com os meios disponíveis. A pressão frontal da sub-unidade é favorecida pelo desbordamento de unidades vizinhas, o que provoca o retraimento precipitado do inimigo”.

b) **Desenvolvimento do Exercício**

- dispositivo de aproximação da sub-unidade;
- mecanismo da progressão;
- ação do pelotão ou dos pelotões do escalão de reconhecimento, detidos diante de resistência contínua;
- montagem **rápida** de um ataque parcial;
- desencadeamento dessa operação;
- retomada da progressão, consequente de retraimento do adversário;
- ação intensiva dos meios de comando, nas diversas fases (parada, ataque, retomada da progressão);
- remuniciamento.

B) — PARA A CAVALARIA

Os mesmos exercícios devem ser executados pelas sub-unidades de cavalaria, completados, porém, com a fase que precede ao apeare. Haverá, pois, as seguintes adaptações:

- 1) **Vanguarda** — Deve ser estudada a ação de um Esq., vanguarda de um R. C., na fase de aproximação a cavalo e de tomada de contacto, até ao apeare de todos os elementos. Continuação, como foi regulada para a Infantaria.

- 2) **Retaguarda** — Deve ser executado o mecanismo de um Destacamento Retardador (1 Esq. Fuz., reforçado por um Pel. Mtr. e uma Seç. de Mrt.) que retrái, sob pressão do inimigo, executando resistências sucessivas em várias linhas do terreno. (Ações a pé, pelo fogo, alternadas com o movimento a cavalo).
- 3) **P. A.** Como para infantaria — e realização de "sistema ligeiro de P. A.
- 4) **Ataque** — Como para infantaria.
- 5) **Defensiva** — Como para infantaria.
- 6) **Destacamento de Descoberta** (fig. 5)

a) **Quadro tático**

"O Destacamento (1 Esq. de Fuz., 1 Pel. Mtr., 1 Seç. Mrt. e 1 posto rádio) deve verificar se a região B está ocupada. No caso afirmativo, deve precisar o valor, a natureza e a atitude dos seus ocupantes. Marcha na zona de insegurança segundo a direção A-B. Ao atingir a transversal C-D, seus reconhecimentos são detidos por linha contínua de fogos. O grosso realiza uma ação de fôrça em um ponto qualquer de C. D. e o inimigo se retrái".

b) **Desenvolvimento do Exercício.**

- marcha do destacamento na zona de insegurança (zona em que é possível encontrar o inimigo);
- mecanismo de progressão dos reconhecimentos;
- idem do grosso (segurança);
- transmissão das informações no interior do destacamento;
- tomada de contacto com a resistência assinalada em C-D;

C) PA

Os  
van  
da  
Ex.

a)

b)

- montagem do ataque (meios, cobertura, direção, objetivo);
- desencadeamento do ataque;
- retomada do movimento, consequente de retraimento do inimigo.

### C) PARA A ARTILHARIA

Os exercícios revestirão, em princípio, a forma acima, levando-se em conta, evidentemente, as particularidades da arma.

Ex.: Caso do ataque.

#### a) Quadro tático (fig. 3)

“Uma Bia., enquadrada em um grupo, vai cooperar no apôio, ao ataque, à posição sumariamente organizada.

**Direção geral do ataque:** A-B.

**Direção dos tiros:** A-B.

**Objetivos da tropa apoiada:** 01..... 02.....

**Horário de progressão dos tiros:** função da progressão da tropa e dos tempos de parada nos objetivos.

**Zona de ação:** Balizada por bandeirolas.

**Base de Partida** .....

**Limite curto dos tiros:** a linha.....”

#### b) Desenvolvimento do Exercício

- reconhecimento da posição por ocupar;
- ordem de reconhecimento;
- ocupação da posição;
- organização das transmissões;
- organização dos tiros;
- organização da observação;
- trabalhos complementares que visam: o disfarce, a organização dos locais de tiro, nichos para munição, etc.;

— disposições referentes às linhas de cargueiros ou armões.

### NOTA IMPORTANTE

- 1) Os programas acima constituem simples exemplificações em que os Capitães poderão inspirar-se para a preparação de seus **elementares exercícios de conjunto**.
- 2) Só depois que as sub-unidades conheçam perfeitamente o **mecanismo** de cada operação, **mercê desses exercícios**, poder-se-á adestrá-las em quadro mais completo, onde apareçam problemas de ligação, dificuldades progressivas de terreno, de situações, etc.
- 3) Não será desarrazoado aproveitarem-se êsses mesmos exercícios na instrução de aperfeiçoamento dos quadros.



## CASA UNIVERSO

Incumbem-se de qualquer encomenda de peixe e camarão tanto para a Capital como para fora.

Encaixotam e despacham peixe para S. Paulo e para qualquer lugar. Encarregam-se de fornecer a hotéis e confeitarias.

**Abonante Francisco & Cia.**

RUA XI, 98 - A 104

TELEPHONE 42-3018

— Mercado Municipal

RIO DE JANEIRO

# CUSTO DE VIDA PADRÃO DE VIDA ORGANIZAÇÃO SOCIAL

## II

Focalizámos a finalidade geral a que atende a organização dos Institutos de Previdência Social.

Sua ação se decompõe em dois aspectos principais:

- assistência imediata ou atual;
- assistência eventual ou futura.

A primeira parte visa assegurar melhores possibilidades ao indivíduo elevando o seu padrão de vida atual; a segunda — de Previdência — objetiva assegurar a continuidade no futuro do gôso das vantagens adquiridas, seja para o próprio indivíduo, seja para sua família, evitando as quebras de padrão que se poderiam produzir em consequência de desemprego, invalidez ou desaparecimento do chefe da família.

Todo êsse vasto programa exige condições especiais para sua realização, e o ponto de partida para a criação dessas condições é a organização das classes. Esta organização é atingida, ora por um processo natural de auto organização e auto defesa (caso das coletividades altamente desenvolvidas) ora, como no caso brasileiro, pela intervenção direta do Estado que as padroniza, estabelece normas para o exercício das profissões e finalmente reúne em organizações específicas os grupos de artífices de atividades congêneres. Tais organizações, que se tornam os órgãos de expressão e de controle das classes, são conhecidas, num e noutro caso, pela denominação de **sindicatos**.

E' mediante o jôgo combinado das atribuições exercidas pelos sindicatos e pelos Institutos de classes que, em nosso

país, se procura a solução do problema social, encarado tal como o situámos em nosso artigo anterior. Aos primeiros cabe a tarefa de organização da classe e de sua defesa, tanto no campo espiritual como no que se refere às suas imediatas necessidades económicas, isto é, cabe-lhes resolver a questão do salário mínimo e de sua adaptação ao custo de vida, ao mesmo tempo que cuidam da manutenção de outros direitos considerados inerentes à dignidade da existência humana como os relacionados com as folgas, diversões e aquisição de conhecimentos.

A ação dos Institutos procura alargar os benefícios colhidos, agindo mais propriamente no campo da elevação do padrão de vida, uma vez que aos sindicatos já ficou delegada a garantia da obtenção de tudo quanto interessa às necessidades básicas da existência.

Para conseguir os seus fins, os Institutos concentram suas atividades no tocante à assistência imediata, nos seguintes pontos capitais:

- 1.º) assistência médica, preventiva e curativa, gratuita e eficiente, inclusive assistência hospitalar;
- 2.º) facilidades para aquisição da casa própria;
- 3.º) facilidades para educação dos filhos.

Oferecendo o conforto de uma moradia estável e conveniente, possibilitando a educação dos filhos independentemente dos recursos dos pais e assegurando uma ampla assistência sanitária, os Institutos concorrem em alta escala para a melhoria do padrão geral de vida de seus associados, cujos recursos, não mais sendo totalmente consumidos nestas necessidades, podem ser invertidos na aquisição de outras comodidades.

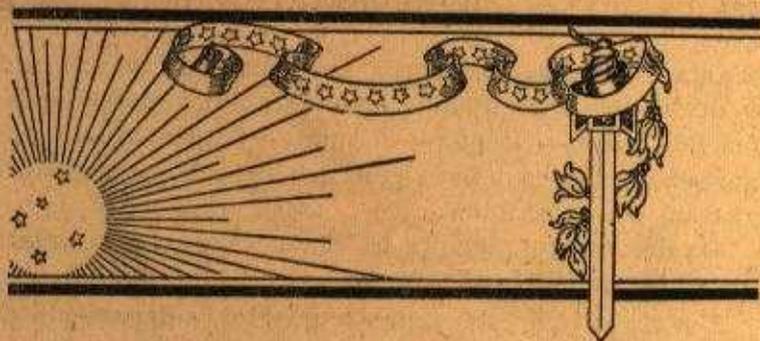
Por outro lado, por intermédio de suas organizações de Previdência, asseguram os Institutos a continuidade de seus benefícios mesmo depois que haja cessado o período produtivo do associado.

Dêverão ser organizados tantos Institutos quantas forem as grandes classes de trabalhadores (tomando êste termo em sua acepção mais ampla) nacionais. Em pleno fun-

cionamento  
ciários, o de  
Cogita-se d  
a fundação  
em vias de  
boça tambe  
os beneficio  
se até agor  
do-a com os  
panha foi  
que em sua  
lho apontou  
mais possiv  
social das c  
reza do tra  
em áreas ex  
vido de ant  
nivel de vi  
nhão nacio  
assegura-nc  
cujo decidi  
para oeste  
garantam à  
sadoras do  
justiça que  
do Estado t  
certamente  
justamente  
governamen

cionamento se encontram vários dêles como o dos Comercia-  
ri-  
os, o dos Industriários, o dos Bancários, o dos Marítimos.  
Cogita-se de ampliar cada vez mais o seu campo de ação com  
a fundação de novas organizações, achando-se atualmente  
em vias de estudo o Instituto das Classes Liberais. Já se es-  
boça também o movimento no sentido de levar aos campos  
os benefícios da legislação social, de modo a englobar a clas-  
se até agora esquecida dos trabalhadores rurais, sincronizan-  
do-a com os progressos realizados nos centros urbanos. A cam-  
panha foi aberta pelo Exmo. Sr. Presidente da República,  
que em sua notável oração comemorativa do Dia do Traba-  
lho apontou os novos rumos a palmilhar, mostrando não ser  
mais possível iludir a solução do problema do levantamento  
social das classes rurais. A dificuldade resultante da natu-  
reza do trabalho rural com a sua característica disseminação  
em áreas extensas, constitue um sério obstáculo que tem ser-  
vido de anteparo, até agora, à cruzada de soerguimento do  
nível de vida das diferentes classes que integram a comu-  
nhão nacional. Esta dificuldade porém há de ser vencida,  
assegura-nos S. Excia., pelo empenho do govêrno nacional,  
cujo decidido programa concretizado no lema da "marcha  
para oeste", só pode encontrar bases sólidas desde que se  
garantam às classes rurais condições de vida mais compen-  
sadoras do que as atuais, e desde que se evite a evidente in-  
justiça que resultaria da concentração de todos os cuidados  
do Estado unicamente nos centros urbanos a qual provocaria  
certamente uma tendência ao deslocamento das populações  
justamente em sentido contrário ao desejado pela política  
governamental.

---



## "DOCUMENTOS..."

*Pelo Cap. José H. Garcia*

Sempre a mesma história, a corrida aos documentos...

Escola é documento. Documento é uma coisa positiva em que o oficial-aluno acredita e tem fé.

Findo o ano letivo o oficial sai da Escola com os seus documentos, que guardará por muito tempo, catalogados com as respectivas cartas cada um dos casos que viveu. Recordação gloriosa de um grau 7, de um MB ou de um triste e inesquecível insuficiente. Tudo isto ele guarda com carinho: — nos seus documentos está a sua ciência.

As observações do instrutor são relidas de tempos em tempos. Das boas até a família toma conhecimento...

Para quem não fez outra guerra que a do papel, estas notas são as glórias, são as medalhas, são os ferimentos...

Estes casos são os nossos "casos vividos", vencidos ou perdidos...

Guerras de Gericinó, Santa Cruz, Campo Grande, Pavuna, Anchieta, guerras do Chibarro, do Monjolinho, de S. Carlos do Pinhal, etc.... são as nossas guerras. Tem os seus veteranos...

Um R.C.D. correndo para o córte do Guandú, uma D.C. retardando o inimigo segundo o eixo Deodoro-Realen-

---

Referimo-nos, neste artigo, aos documentos de instrução, às notas, distribuídas nas escolas correspondendo às aulas dos instrutores, aos documentos modelos.

go-Santa Cruz, uma vanguarda procurando atingir as saídas dos desfiladeiros de Bangú, uma infantaria defendendo a linha Bôa Vista — Dendê — Capim — Capistrano — Cinco Mangueiras, são as nossas recordações que os documentos registram em cada folha...

Os documentos, sempre os documentos, que guardamos como se fossem cartas de amor...

Um curso vale pelos seus documentos, o documento chega a ser reclamado, "nós queremos documentos..."

Há o tabú do documento como há o tabú da corrida ao córte.

Mas qual o valor destes documentos?

Seu valor não discutimos, mas acrescentamos — eles não possuem valor próprio, são como um obstáculo não batido pelo fogo, não têm a propriedade por si só de dar vida a uma instrução de oficiais num corpo, de movimentar esquadrões, companhias, como se fosse no clássico Guaraciaba, nas vertentes do poderoso Jaques ou na região da dupla Acampamento—Capistrano com o célebre campo de tiro das "pastagens". Não valem por si sós, repetimos. Os próprios documentos de instrução, fichas, sessões, progressões, programas não fazem o milagre de levar esquadrões e companhias à glória nos exames e nas verificações noutros campos longe da Palmeira Quebrada, do velho Jovino, das simpáticas Gemeas...

A tática é flexível, cada caso é um caso. A tropa a instruir depende da região onde é recrutada, a própria região impõe as suas características, o temperamento do instrutor, os meios de que dispõe, etc., condicionam o caminho a seguir, exigem o sôpro vivificador do Coronel ou do Capitão em todos estes documentos.

Recordo-me de uma fantasia, a estátua pronta, perfeita, o escultor empolgado grita-lhe que fale. Mas não nos consta que ela tenha atendido à sua súplica. Só a imaginação do escultor ou do observador poderá vêr a obra passear suas formas sutis e harmônicas...

Só a imaginação... mas é preciso a imaginação...

Os documentos podem ser comparados à obra terminada, mas também não falam, não tem vida; necessitam a vontade do chefe, a direção segura, a impulsão firme...

Mais que o documento, vale o exercício do raciocínio.

Saindo do caso escrito no documento o instrutor que não se exercitou, estanca. E a instrução de tática é má porque faz vibrar os "bons sentidos" e estes são curiosos e exigem explicações claras, precisas e lógicas. O "instrutor documento" não os satisfaz...

Diante de um bom-senso perspicaz e curioso, em geral, ouvimos um balbuciar impreciso à guisa de resposta.

Na organização da instrução, que exige a adaptação inteligente, dos flexíveis preceitos regulamentares, às situações mais variadas o comandante, diretor da instrução, capitão ou coronel, é tudo, o documento não é nada...

Esta corrida ao documento, este modo de o ver como uma receita infalível é mais acentuada na Escola das Armas.

Lá onde se aperfeiçoa o comandante de esquadrão ou companhia, o major sub-comandante, mão direita do Coronel na organização, fiscalização e impulsionamento da instrução, o próprio Coronel de R.I. ou R.C. todos que aí chegam desejam voltar com os dados positivos, reais que lhes facultarão fazer milagres.

Voltam ao corpo transformados, transfigurados, onipotentes, com o olhar fixo e o pensamento preciso no objetivo, no documento que traz em seu caixão de livros...

Ei-los no campo da luta, a instrução de quadros, o TEMA, o T. E. M. A. que tanto assombra aqueles que ainda não passaram pela Escola de aperfeiçoamento. Ei-los no cenário dos programas, das previsões, da realidade nua do recruta, madeira bruta à lustrar num tempo determinado quer chova ou faça sol, ei-los no cenário empolgante da prática e eis-nos no fim da nossa crônica...

A tática exigindo que ele "salte fóra" do documento-padrão, do documento-receita, do documento-esquema, pois lá não existem Capistranos, Cinco-Mangueiras, Nascimento, lá não existe a arquibancada imponente do Morro do Enge-

nho Novo donde se discortina a planície verdejante do caudaloso Sarapuí, lá não existem os corredores que conduzem à bacia do Guaraciaba sempre batidos pela artilharia inimiga, lá não existe a garupa camarada do M<sup>o</sup> do Capim dando acesso à linha Carrapato-Dendê-Capim defendida frente ao E. . .

A organização da instrução exigindo que êle deixe o documento fornecido para um caso, pois foi encontrado outro caso, e, comece a adaptação, procurando os preceitos são dos regulamentos, porque gerais, porque princípios, onde estão todos os casos imagináveis, lá onde êle não encontra o esquadrão perfeito, completo, com o seu armamento, com o seu pessoal sempre pronto, com a sua cavahada sempre luzidia. O esquadrão, do documento, a companhia ideal, embrutece-se-lhe o raciocínio.

— E êste documento não me diz nada, não me inspira uma solução. Documento traidor em que depositei grande parte das minhas esperanças de sucessos e glórias! . . .

## Companhia Industrial e Construtora

### PANTALEONE "ARCURI"

#### LOJAS :

Artigos sanitários em geral  
Azulejos, Ferragens, Tintas, Vernizes e outros artigos congêneres

#### DEPÓSITOS :

Madeiras de lei serradas em bruto e em tabóas  
Ferro redondo para concreto armado  
Cimento e outros materiais para construção  
Compensados do Paraná — Cedro e Pnho

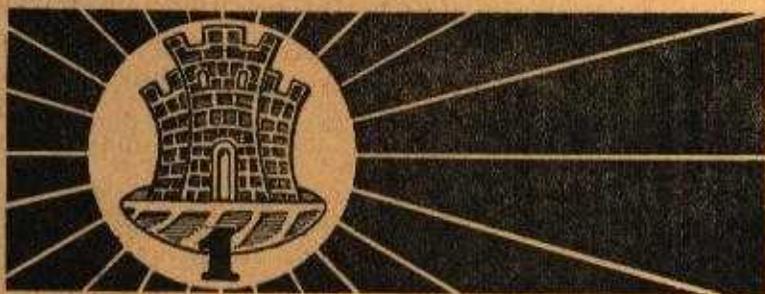
#### FABRICA DE

Ladrilhos hidráulicos, serraria e madeiras beneficiadas

Carpintaria para confecção de esquadrias modernas e madeiras folheadas

#### ENDEREÇOS :

Juiz de Fora - Rua Espírito Santo, 476 - Telefones : 1125 e 1906  
Belo Horizonte - Rua Tamóios, 62 - Sala, 215



# O ENGAJAMENTO

Pelo Major Carlos Coelho Cintra

*Dedicamos estas simples notas aos jovens Tenentes da Ativa e da Reserva do nosso Exército.*

*Propomos apresentar nesta Síntese, uma idéia precisa do que seja a fase de combate ofensivo denominada "ENGAJAMENTO".*

Terminadas as ações sucessivas conduzidas pela cavalaria e as vanguardas, quer se trate de um adversário em posição ou em movimento, terminada portanto a parte da fase preliminar do combate ofensivo, denominada "**tomada de contacto**", em que se chega enfim, ao contacto de resistências mais sérias, mais profundas, terá o comando muitas vezes necessidade de verificar o **valor dêsse contacto**, em outros termos, se está êle diante de resistências sólidas, d'uma verdadeira posição de resistência por exemplo, ou fortes elementos avançados de um grosso.

Essa verificação só poderá ser feita, principalmente diante d'um adversário estabelecido em um sistema defensivo largamente escalonado em profundidade, por meio de **ações de força**, cuidadosamente preparadas, visando pontos importantes do terreno cuja posse venha favorecer a **manobra ulterior do grosso**.

E' um reconhecimento pelo combate, "um golpe de força", o primeiro do ataque.

Esse reconhecimento executado por um efetivo mínimo de infantaria com o máximo de fogos é o que constitue o "engajamento", parte final da fase preliminar do combate ofensivo.

Meios poderosos aí devem ser empregados (infantaria do grosso, carros e artilharia), entretanto econômicos em infantaria; é necessário com efeito, reservar essa arma para o ato precípua que irá seguir-se — o ataque — fim supremo do combate ofensivo.

O engajamento tem, pois, essencialmente, por objeto precisar o valor do contacto tomado; caracteriza-se pela rapidez e principalmente pela centralização e concentração de esforços, em opposição que se dá na aproximação e tomada de contacto onde a descentralização é levada ao máximo em face da natureza das manobras de infiltração e desbordamento.

O último Regulamento de Infantaria Francês insere um artigo especial sobre o assunto (art. 4 — n.º 289 — 2.ª parte — Combate).

É uma definição sob o ponto de vista do comando. Operação de ordinário tomada em mãos do Gen. Cmt. do Corpo Exército, (1) que muitas vezes entretanto, confia esse cuidado aos Cmts. das suas D. I., limitando-se a coordenar suas ações e lhes prestando sempre quando possível, o apoio da sua artilharia de longo alcance.

Em complemento a estas notas daremos para firmar ainda mais a noção do engajamento o seguinte exemplo:

Uma D. I. em primeiro escalão no curso da sua marcha de aproximação e tomada de contacto se acha com sua VG., detida por resistências sérias e contínuas.

As VG. vizinhas também se acham bloqueadas.

Em cumprimento a prescrições do Comando superior, o Gen. Cmt. da D. I. resolve montar o mais rapidamente possível uma ação ofensiva a-fim de procurar romper as resistências inimigas e dá, em consequência uma ordem de ataque.

(1) Porque é elle que dispõe dos meios necessários a esta ação.

Esse ataque sôbre uma parte inimiga judiciosamente escolhida, com um mínimo de infantaria, inclusive um ou dois Btls, do grosso bem colocados, e com apóio da A, e tanto quanto possível dos carros constitue o "Engajamento".

E' um verdadeiro ataque conduzido por efetivos limitados, visando igualmente um objetivo limitado, mas com o **máximo de fogos.**

Ataque montado no quadro da D. I. de modo a assegurar uma convergência perfeita dos esforços de tôdas as unidades em contacto para apoiar e cobrir os flancos, máximo de A. para assegurar o apóio e a proteção da Infantaria e dos carros.



## A INDÚSTRIA DO AÇO

E' muito lisongeiro para o movimento industrial brasileiro, constar a evolução que se opéra na indústria do aço, cuja semente lançada nos rincões gauchos já se começa a colher sazonados frutos.

No Brasil forja-se aço para suprir quasi tôdas as necessidades do nosso Exército, conforme pode-se verificar na opulenta FÁBRICA METALÚRGICA de ABRAMO EBERLE & CIA., situada na próspera cidade de Caxias, núcleo italo-brasileiro do valoroso Estado do Rio Grande do Sul.

Nesse importante estabelecimento industrial, cujos produtos rivalizam com os melhores e mais afamados do mundo, forja-se e tempera-se lâminas de ESPADA tão boas quanto as de procedência estrangeira. Também lá fabricam-se as bainhas para ESPADAS e já está se aparelhando para produzir artefatos de aço necessários ao País.

A firmeza da idéia do Governo Nacional sôbre a Siderurgia no Brasil, vem encontrar em ABRAMO EBERLE um grande e eficiente cooperador na industrialização do AÇO.



# LIVROS DO EXÉRCITO

AUTORES MILITARES

## POESIA ÉPICA

(Continuação)

Pelo 1.º Ten. Umberto Peregrino

*Volto a ocupar-me do poema "Laguna" para completar a minha análise.*

*No terreno histórico também são avultadas as pretensões do autor. Uma "Nota Final" adverte sobre pontos "nos is", como quem temesse que o leitor não os houvesse percebido... Um dêles, o mais importante, apresentado com ares de juro, é a reabilitação do comandante da coluna. Mas onde a necessidade desse esforço? A conduta do Coronel Camisão na desgraçada jornada da Laguna estará, porventura, sujeita a controvérsia ou mal julgada? Pois o sr. Arnaldo Nunes cria o caso de uma forma bastante singular, atribuindo a Taunay prevenções subconscientes contra Camisão. Procura documentar a sua descoberta com duas citações de "A Retirada da Laguna", uma favorável e outra contrária ao Comandante. Ora, é natural que Taunay tenha sofrido, com*

respeito a Camisão, a influência ambiente — as opiniões da época, o ânimo da coluna, o contacto pessoal. Estes elementos, porém, longe de prejudicarem o depoimento do historiador, são valiosíssimos para a composição de um juízo definitivo. É o que ao sr. Arnaldo Nunes, por causa de dois textos aparentemente contraditórios, se afigura luta subconsciente, não é sinão prova da plena "consciência" de Taunay. Ele distingue os diversos aspectos da personalidade do Comandante, uns francamente dignos de louvor, outros criticáveis. Por toda parte da obra de Taunay, não só n' "A Retirada da Laguna", onde aparece Camisão as informações tem o mesmo sentido, formam uma constante, e a sua figura se projeta nítida, compreensiva, humana. Além do mais, Taunay pouco se exprime em julgamento próprio, a sua linguagem é de preferência a dos fatos. Conflito subconsciente havia era em Camisão, como não podia deixar de haver. Oscilava permanentemente entre a máguia dos acontecimentos de Corumbá e a esperança de um feito regenerador da sua reputação. O que fazia por conta desse estado de espírito, Taunay denuncia: "Chegado o dia por ele próprio fixado para a arrancada das forças, achava sempre motivo para o adiamento, embora precisasse invocar as razões na véspera repelidas. Ora oficiava ao ministro que nada podia empreender sem cavalaria, e ora pretendia dispensá-la". (Retirada da Laguna). No início do Capítulo VI novos fatos são narrados documentando essa situação. Adiante (Capítulo VIII) vemos o desespero de Camisão quando começa a encarar a necessidade do retorno: "Poz-se de novo a imaginar a calúnia a abocanhá-lo em toda a provincia de Mato Grosso, sobretudo na capital, e assim, pois, como a refletir, em voz alta, deixava escapar exclamações que debalde tentava sufocar: "Por toda parte me atassalham, dizia, apregoam que até agora nunca tivemos encontro sério com o inimigo e apostam que jamais o teremos". Nunca se conformará com a retirada. Iludê-se talvez a si próprio qualificando o movimento retrógrado "de contra marcha sobre a fronteira do Apa" para ali ocupar forte base "antes de prosseguir na invasão do Paraguai". (Capítulo IX) No "Em Mato Grosso Invasido" refere ainda Taunay fatos violentamente confirmadores do conflito em que se debatia Camisão: "Se não fosse esta continua iminência de fome, dizia a todos o Comandante, eu marcharia já para o Apa, ocupava o forte de Bela Vista e ali ficaria a observar os acontecimentos. Era uma lição para os paraguaios e sobretudo para

os miseráveis de Cuiabá, que tanto me perseguiram com as suas calúnias tentando tirar-me tôda a força moral e prestígio. (p. 52) Outra informação: "Sabia fazer manobrar e mostrava-se bem entendido em artilharia mas faltava-lhe o instinto do mando, a envergadura do chefe. Muito sujeito a profundas cismarias, a verdadeiras ausências, vimô-lo mais tarde, por longo tempo, de binóculo em punho a examinar horizontes em que não havia mistério algum a desvendar". (p. 46) Mas, por outro lado, em diversas ocasiões Taunay vai lançando os outros traços da fisionomia moral de Camisão: "Incutiram-nos confiança as primeiras providências tomadas, a nova organização tática da coluna". (p. 46) "Modesto e criterioso, procurava o coronel Camisão apoiar-se nos conselhos dos oficiais mais graduados e mais prestigiosos da expedição; nele não transparecia vislumbre de vaidade ou inveja. (p. 46) "A nós da comissão de engenheiros, desde o principio, nos inspirava real simpatia e estima. Muito nos procurava prestigiar, dando tôda importância à nossa comissão." (p. 48) "Graças ao comandante apresentava-se o corpo em pé de disciplina, que em qualquer ponto o tornaria notado". (Retirada da Laguna, p. 41) "Neste interim apareceu o próprio comandante. Não vendo voltar nenhum daqueles que à vanguarda mandara, às pressas partira para constatar o que havia. O entusiasmo do acolhimento que neste momento lhe fizeram, e as aclamações dos soldados..." (Obra cit. p. 57) "Caindo um de nossos canhões à água só o tiramos com grande dispêndio de tempo e esforços. Nesta ocasião os ímpetos de sofreguidão do coronel Camisão ameaçaram reproduzir-se. Conseguiu, contudo refreia-los; e desde aí jamais lhe notamos vestígios sequer da antiga agitação; e sim, unicamente, uma solicitude sempre devotada à salvação comum. (Obra cit. p.76) "Crescera o coronel Camisão no conceito dos soldados pelo sangue frio de que dera mostras". (Obra cit. p. 97) "Quanto ao comandante este se reconcentrava em sua dignidade e no sentimento do dever. Aproximava-se a hora em que, a tal respeito, nos daria as mais extraordinárias provas". (Obra cit., p. 130).

De numerosas observações assim, é tecida a figura do desventurado coronel. Nenhum sinal de rancor ou de mágua, nenhuma preocupação de fazer-lhe carga. As contradições não são do depoimento de Taunay, mas da própria alma atribulada a que se refere. E o Gen. Lobo Viana, cujo estudo sobre a Retirada é sobretudo um agudo ensaio crítico, não desmente de modo algum o que ficou indicado quanto à per-

sonalidade do comandante da coluna: "Aceitou o Comando da Expedição que lhe ofereceram, em hora bem difícil, como meio de reabilitar-se perante sua classe e perante a opinião pública. Nestas condições acastelou-se, amurrou-se nas paredes mudas de uma ofensiva a todo transe, de cujo projeto ou resolução ninguém o podia demover". (A epopéa da Laguna, p. 35). "Encontrara êle um officio do Ministério da Guerra em que se recomendava que se marchasse para o Apa, logo que as circunstâncias o aconselhassem, o permitissem. Camisão ergueu essa documento à altura de uma ordem FORMAL e DECISIVA da qual se não podia escusar, sob pena de confirmar-se a acusação que lhe lançaram em rosto". (Obra cit. p. 37) "Precisamente um mês depois da chegada a Nioac, a 25 de fevereiro, a coluna partiu sem que officiais e soldados soubessem qual o rumo a seguir, qual a missão a desempenhar". (Obra cit. p. 39) "Não se marchou. Ao espirito irresoluto de Camisão, tudo ficou num simples ensaio". (Obra cit. p. 49) "Hesitante sempre, impreciso nas ordens e irresoluto nas decisões, querendo inutilmente conciliar as coisas fatais e precisar com o imprevisito". (Obra cit., 53) "Enquanto, por entre a densa escuridão da noite tétrica, Camisão, suspenso como um pêndulo sobre o destino de tantas vidas, se debatia, passeando febril, absorto, atônito à frente de sua barraca; no acampamento adormecido, fervilhavam os comentários, reserviam as interpretações mordazes, recosiam as glozas malévolas, sarcásticas, sobre a conduta oscilante, incerta e dúbia de seu comandante". (Obra cit., p. 53)

Resulta, assim, perfeitamente dispensável a generosidade do sr. Arnaldo Nunes. Não há de que reabilitar Camisão. O seu sofrimento, a sua luta, as desgraças suportadas com tanta dignidade e o seu sacrificio final, conferem-lhe uma glória sem contestação. E nada, seguramente, acrescentam a essa glória tiradas confusas como a que se vai ler, do poema "Laguna": "Não lhe vacila o tato de perfeito Chefe, que o sabe ser. Mas, a despeito disso, a officialidade lhe adivinha a ansia de aproveitar a conjuntura feliz de responder, de pronto e à altura, à insinuação estúpida e mesquinha". (p. 51) Aliás, há menos erro do que incompreensão na atitude do sr. Arnaldo Nunes. Basta reparar que se dá a cerrados argumentos para justificar as hesitações de Camisão ao ter de resolver sobre o avanço da coluna, e assim cuida have-lo salvo, como se a pecha de dubiedade, imputada ao coronel, proviesse desse episódio. Também sinal de incompreensão é pôr na boca de um

homem fechado, de raras palavras, afundado nas suas angústias, um fraseado patético igual a este: "Que amargo (disse, enfim), é o peso desta missão de chefe, trágica e funesta! Mas, seja o que o destino prescreveu... Nada, porém, preocupe os comandados. E só haja, por todos os pecados, um responsável: eu!" (Laguna, p. 113) Não seria preciso convocar Taunay. O feitio de Camisão repele imediatamente semelhante verbosidade. Em todo caso, a pungente conferência em que o comandante deliberou abandonar os coléricos vem assim descrita: "Depois de, em concisas palavras, haver exposto o estado das coisas, e a urgência da avançada rápida, sem a qual estávamos todos perdidos e a impossibilidade, agora perfeitamente averiguada e geralmente reconhecida, de levarmos mais longe os enfermos, declarou aos comandantes que, sob a própria responsabilidade, e em obediência a rigorosos ditames que lhe impunham este dever, iam os coléricos, exceto os convalescentes, ser abandonados nesse mesmo pouso" (Ret. da Laguna, p. 136) Então, o palavrório não tem valor histórico, e é psicologicamente falso. Como recurso poético, pode-se classificar de lamentável. Ainda a propósito deste dramático episódio do abandono dos coléricos, talvez o mais forte de toda a jornada, o sr. Arnaldo Nunes forja uma coisa imprevista: "parece, a muitos, um tanto ou quanto passível de reparo" o procedimento de Camisão. (p. 170) E a-pesar da denúncia, como se vê, vaga e frouxa, entra, sem demora, a exercitar a sua ação protetora... Tudo, porém, que invoca é retirado do Taunay...

Depois desses "casos" criados pela "Nota Final" há umas inocentes retificações a fazer:

"Pouca a cavalaria" (p. 71)

"Contêm-se a custo os árdegos ginetes" (p. 84)

Menos a verdade. Não havia "árdegos ginetes" e a Cavalaria não era pouca, era inexistente. A unidade dessa arma atribuída à expedição foi o primitivo Corpo de Cavalaria de Mato Grosso, sob a denominação de 1.º Corpo de Caçadores a Cavallo. O cap. Barbosa Lima, em monografia sobre os "Dragões de Mato Grosso" reconstitue toda a vida do atual 10º R. C. I. e apresenta-o a pé quando incorporado à coluna do Coronel Camisão. (p. 34) Em Taunay as alusões não deixam dúvida: "A ausência de cavalaria" (Ret. da Laguna, p. 37); "Faltava-nos o elemento primordial da guerra nestes terrenos, a cavalaria" (p. 46); "Que po-

diamos fazer sem cavalaria?" (p.69); "Os nossos soldados de pé e oficiais mal montados (onde os "árdegos ginetes"?) corriam no encalço de cavaleiros" (Doc. n.º 9); "No trajeto até Cochim, aumentavam-se as dificuldades; morrendo e desaparecendo as bestas empregadas no serviço dos transportes, bem como os cavalos do Piquete de Cavalaria, quebrando-se e inutilizando-se nos grandes atoleiros dos pantanais, os carros carregados de gêneros. O piquete de cavalaria em poucos dias achou-se desmontado; os cavalos desapareciam por mortos, extraviados ou cansados". (Em Mato-Grosso invadido, p. 90); "Levamos ao conhecimento do comando das forças a falta absoluta de cavallhada desde o Coxim até os Morros". (Obra cit. p. 130) Ai está. É ponto pacífico esta ausência de Cavalaria. Lobo Viana nem a discute, alude a ela naturalmente, quando precisa. (Epopéa da Laguna, ps. 24, 35, 49, 54) Na verdade a expedição ganhou dez cavalos, os em que fugiram alguns brasileiros, entre os quais o filho de Lopez, e o baio do guia era um dêtes, mas isso não justifica as expressões do Sr. Arnaldo Nunes.

Na p. 81 de "Laguna" a Cavalaria paraguaia é dada como "colossal". Convem indicar que os cavaleiros de Martim Urbietta eram 800, segundo informação de um ferido inimigo. (Ret. da Laguna, p. 95) O documento n.º 5 refere que o 17 de Voluntários, em determinado deslocamento, foi seguido por "três meios esquadrões de cavalaria inimiga". O Ten.-Cel. Galvão, (Doc. n. 15) dando conta de um reconhecimento "pelos acampamentos da Fôrça inimiga" que abandonou o Forte de Bela Vista, diz ter encontrado "vestígios de carros de artilharia, gente a pé, cavallhada e boiada" e que o acampamento, "pela bandeira e profundidade" devia "ser de 300 a 400 praças, o que combiná com o mapa da fôrça existente neste forte".

Sabe-se que do alto do morro da Bela Vista, "ao pé de grandes buritís", os paraguayos se punham ostensivamente a vigiar o nosso estacionamento. Explica Taunay que tinham em vista "subtrair do nosso alcance o gado da campina, sempre que as nossas guardas avançadas pareciam querer capturá-lo". (Ret. da Laguna, p. 62) O sr. Arnaldo Nunes pensa diferente:

"Querem talvez algum entendimento.

Pois que lhes seja dado êsse momento..." (p. 77)

De fato o nosso comando dirigiu aos paraguayos uma proclamação conciliatória. Mas foi uma idéia exdrúxula, sem nenhum fundamento

razoável, por isso que a atitude dêles era francamente hostil, "quasi insultosa". Como conta o poema entende-se o contrário. Talvez culpa do Gen. Lobo Viana que afirma, estranhamente, ter Camisão julgado que os paraguaios queriam acôrdo. (Épopéia, p. 69)

"Homens a agonizar, sangue às golfadas,

Despojos de mulheres profanadas;

Braços, cabeças, seios pelo chão"; (p. 140)

Não consta que houvesse "homens a agonizar", mas sim "muitos cadáveres, todos de brasileiros" quando a expedição entra, de volta em Nioac. E as "mulheres profanadas" também não constam. Sei apenas de uma velha que "nadava no próprio sangue", de "guelta aberta e seios decepados". (Ret. da Laguna, p. 171) Mas o sr. Arnaldo Nunes tomou como modelo absoluto a conferência do Gen. Lobo Viana, onde vem que cadáveres de mulheres indefesas juncavam o solo. (p. 111) Ora, deve-se ter em vista a despreocupação descritiva do ilustre historiador militar. O descritivo no trabalho do Gen. Lobo Viana era tão secundário quanto devêra ter sido cuidado no do sr. Arnaldo Nunes. Entretanto, o autor do poema atrela-se intransigentemente ao cômodo resumo do conferencista... Amontoam-se, por força, traços dêsse parentesco, não só em pequenas coincidências de interpretação, nos detalhes descritivos, mas até na linguagem. Quem não se lembrará do sr. Arnaldo Nunes lendo o Gen. Lobo Viana nestas passagens? — "Caiu a noite sôbre o acampamento, envolvendo-o num espesso véu de quietude". (47); "pelo clangorar estridente dos instrumentos" (p. 44); "aureolados pelos sofrimentos e privações mil (p. 19); "Caiu a tarde, sobreveio a noite". (p.53); "consenso unânime" (p. 96). As gravuras são reproduzidas de "A Épopêia da Laguna" e não foi rejeitada, sequer, aquela de Nioac, em 1867, que representa a vila trepada no cocuruto de uma elevação, contra a sua atual realidade e a descrição contemporânea de Taunay: "De um lado, o povoado e um ribeirão chamado Orumbera; do outro, o rio Nioac, cujas águas confluem cêrca de 900 metros, para trás da igreja, deixando livre, em tórno desta, à direita e à esquerda, um espaço duas vezes maior. Pequena colina fica-lhe em frente, a pouca distância". (Ret. da Laguna, p. 29)

"A sua barulheira, algo bizarra,

Responde a nossa marcial sanjarra" (p. 146)

Isto se refere à definitiva retirada dos paraguaios, o que anunciaram "com uma sanjarra prolongada de clarins". E completa Taunay: "Não se fizeram nossas cornetas rogadas, aliás, em associar-se àqueles toques". (Ret. da Laguna, p. 175) É a que fica reduzida a nossa resposta. Aquilo de "marcial sanjarra" era impossível nos destroços que chegavam à margem do Taquarussú. E equivale a um deplorável esquecimento do que está consignado à certa altura da famosa narrativa de Taunay: "Mas que era feito das músicas de nossos batalhões? Compênhedas das primeiras provações da expedição nos pantanaes de Miranda, ainda luzidas, ao invadirmos o solo paraguaio, não demorava que as dizimasse o fogo inimigo. Logo depois, à medida que as nossas fileiras rareavam, fôra necessário dentre elas recrutar soldados. Viera o cólera acabar a obra destruidora". (Ret. da Laguna, p. 166).

Camisão era careca: "tinha larga testa e belo crâneo, completamente calvo" (Ret. da Laguna, p. 32) No Gen. Lobo Viana a mesma descrição: "fronte espaçosa e o crâneo inteiramente despido de tecido piloso". (p. 33). Os paraguaios troçavam grosseiramente: "Avança, crâneo pelado!" Entretanto, o sr. Arnaldo Nunes compõe esta cena dos derradeiros instantes do Coronel:

"A tropa inteira cerca-o de carinho,  
Olha-o, cabelo e barba em desalinho" (p. 123)

O nome do Lago vem como Antonio Francisco Pereira do Lago (p. 141) quando é Antonio Florêncio.

"Ei-los já em Coxim, a augusta Vila" (p. 36)

Apesar do qualificativo de "augusta", cumpre esclarecer que ao tempo Coxim era Colônia Militar. Só foi Vila em Abril de 1898.

Por fim, uma deliciosa pérola zoológica:

"No pântano, refúgio da cutia" (p. 38)

Ora, a cutia é, sabidamente, animal da mata. "São as cutias animais selvícolas, abrigando-se nos ôcos dos velhos troncos ou nas sapopemas". (C. de Melo Leitão, Zoo-Geografia do Brasil, p. 252).

O inventário foi longo, mas não era possível reduzi-lo, havia matéria... Perguntarão, talvez, porque o meu minucioso esforço na análise de uma obra tão frágil. Não seria dessas que devem passar em rigoroso silêncio? Pois não. Há, em todo caso, elementos circunstanciaes muito importantes. O trabalho do sr. Arnaldo Nunes, pela natureza do tema que versa e pelas condições em que se apresenta, exigia

uma apreciação demorada. Impunha-se demonstrar que a inteligência do Exército não o aceitou senão nas suas exatas proporções. Abusa-se, às vezes, da nossa boa fé intelectual. Se eu não estivesse convencido da do autor de "Laguna", classificaria o seu poema de impostura literária. O poema é tristemente mau. O seu defeito não é ser "passadista", ou o que mais lhe queira chamar o autor. A obra pode ser boa em qualquer género. Ele é mau no seu género.

A literatura brasileira vem vindo pobre em poesia épica: o "Uruguai" (1769) de José Basílio da Gama, contando a guerra travada por Portugal e Espanha com os Sete Povos das Missões; o "Caramuru" (1781) de Santa Rita Durão, comemorando os fastos do país, desde o descobrimento até a expulsão dos estrangeiros; o "Vila Rica" de Claudio Manuel da Costa, relatando a epopeia das Minas; e o "Colombo" (1866) de Porto Alegre. Nenhum, não obstante o colorido, os ritmos de efeito, o calor, é considerado grande poema. Os assuntos também não ajudavam. Mas a retirada da Laguna contém todos os elementos para uma verdadeira criação épica — beleza, luta, tragédia, sacrifício, energia, vitória. A dificuldade é que depois de Taunay só sendo maior do que êle... Tenho as suas páginas como definitivas. Há nelas toda a verdade, toda a beleza, toda a emoção e toda a grandeza do feito glorioso da nossa gente. Não vejo vantagem em maltratá-las sob a forma de derivados réles.

Aqui encerro as minhas observações em torno de "Laguna". Foi fácil formulá-las. As "Notas" do sr. Arnaldo Nunes me deram todo desembaraço. Homem fogoso! Gosta da divergência, de reprová-los nos outros, certamente não levará a mal quando por sua vez seja contestado... Homem de qualidades! Uma pena não ser poeta.

#### JUNQUILHO LOURIVAL — A Cruz de Antonio João

Este outro poema, sem as responsabilidades nem as dimensões do anterior, é de outra qualidade. Não constitui ainda um alto vôo poético, mas contém muito de beleza e emoção. Sente-se do que o autor é capaz. Não fosse êle sangue de Lourival Açucena, uma das mais puras vozes poéticas do Rio Grande do Norte, "poeta arcade, improvisador e seresteiro, batedor de vilão, tenor de serenata, vate palaciano e trovador popular", como recordava outro dia um oportuno estudo de Luiz da Câmara Cascudo.

O sr. Junquillo Lourival, sargento reformado do Exército, tem mais dois volumes de versos publicados e hoje faz jornalismo aqui no Rio.

O defeito do seu poema está em ser muito breve, restrição que, bem pensada, equivale a um elogio, porque indica que se desajaria manter maior contacto com o poeta. Contudo, é certo que consegue o que procurou — transmitir-nos o forte evocativo da cruz que assinala, na fronteira de Mato Grosso, o sacrificio de Antonio João.

Compreende-se que aquele singelo simbolo cristão, fincado no próprio solo que embebeu o sangue dos herois, exprime infinitamente mais que todo o caro bronze da Praia Vermelha. Diante do monumento a gente admira, inflama-se de orgulho; ao pé da cruz, em Dourados, a gente se aproxima, sofre e ama. E como são intensos, nos versos do sr. Junquillo Lourival, alguns instantes de comovida evocação:

"Pesam sôbre a invasão já setenta e cinco anos.  
Mas, no rincão deserto, ainda parece haver,  
Quando o rio se encrespa, ao sôpro dos minuanos,  
A ressonância dos protestos sobrehumanos  
Que o bravo proferiu no instante de morrer".

"Parecem vir de longe enlanguecidas vozes,  
Longos suspiros vãos e anseios torturados.  
Mas é tudo ilusão. São as águas velozes  
Que vão chorando. São as águas do Dourados".

Agora uma pequena amostra da sensibilidade do poeta perante a natureza:

"Ampla, o ceu todo azul sôbre a plaga se arqueia!  
— Divinamente azul! Como é saudoso o ceu!...  
Há vertigem de luz nas estradas de areia,  
Onde o vento conduz folhas sêcas, ao léu!..."

Devemos esperar do sr. Junquillo Lourival contribuição de maior vulto. A sua poesia natural, amena e sincera fixará, certamente, outros episódios da nossa história heróica.

Nota — A remessa de livros deve ser endereçada ao redator desta seção na redação de "A DEFESA NACIONAL".

# DODGE



Cada serie Dodge tem um diferencial especialmente construído. Resiste ao mais pesado serviço.



A carcaça do eixo trazeiro é feita em uma só peça, assegurando um longo e perfeito serviço.

A caixa de mudanças é construída para cada serie Dodge.

Para **TODAS** as necessidades de **CADA** especie do serviço

Para atender às necessidades de cada serviço com a eficiência mais completa, DODGE não se limitou a adaptações externas; construiu 5 motores diferentes com caixas de mudança especiais para cada série. Além disso, a solidez de todas as peças e os importantes aperfeiçoamentos introduzidos garantem excepcional durabilidade aos caminhões DODGE, feitos para os mais arduos trabalhos, com economia sensível em gasolina e óleo por tonelada que transportam. O tipo de caminhão DODGE que lhe convem já está em nosso Salão de Exposição para que o Sr. o examine e... surpreenda-se!



Chassis e cabine Dodge



Chassis com parabriza



Chassis simples

Representantes

## Cia. PROPAC

Avenida Oswaldo Cruz, 95 - Rio

## Instituto de Geografia e História Militar do Brasil

Em sessão solene, presidida pelo Exmo. Snr. General Valentim Benício, realizada em 10 de Maio último, foi recebido como novo membro deste elevado centro de cultura militar, o 1.º Ten. Umberto Peregrino.

A oração de recepção foi proferida pelo Cap. Severino Sombra, que fez o elogio do ilustre oficial que ingressava naquela casa.

O Ten. Umberto Peregrino, após agradecer a honra que lhe era conferida naquele momento, estudou, de forma notável, a personalidade de Euclides da Cunha, patrono da cadeira que ia ocupar.

Essa sessão do Instituto, que aqui registramos pela sua alta significação cultural, vem pôr em relevo a figura brilhante do 1.º Ten. Umberto Peregrino, oficial áste, a cuja competência e sentimento crítico, confiou, A DEFESA NACIONAL, em boa hora, a árdua tarefa de registrar e apreciar os LIVROS DO EXÉRCITO.

## Nosso Editorial de Junho

Do Exmo. Snr. General Pedro Cavalcanti, Comandante da 5.ª Região Militar e antigo Inspetor Geral do Ensino do Exército, recebemos o telegrama abaixo, que publicamos devidamente autorizados por S. Excia:

"Venho cumprimentar Redação pelo editorial do n.º 325 de 10 Junho.

Sempre foi meu pensamento acelerar formação e aperfeiçoamento quadros conforme documentação deve estar I. G. E. E. e E. M. E., jamais propuz qualquer medida em contrário quando Inspetor Ensino. Como Escola Armas não correspondia necessidades atuais propuz antes deixar seu cargo que se considerasse Escolas Artilharia Costa e A. A. Aérea equivalentes à Escola Armas, ampliando-se também capacidade desta. Da mesma forma em relação a Escola Militar. Cordiais saudações".

(a) General Pedro Cavalcanti

CONSULTAS

## CONSULTA N.º 3:

## EMPREGO DOS MORTEIROS NA ABERTURA DE BRECHAS NAS REDES DE ARAME

É de fato indiscutível que os Morteiros estão consagrados como arma essencialmente da ofensiva, e como tal se encontram orgânicamente em todos os escalões da Infantaria, desde o lança-granadas nos Pels. Fzs., Mtrs. de 60 m/m nas Cias. Fzs., Mtrs de 81 m/m nos Btls. e ainda calibres maiores.

Entre nós, só se cogitou até agora dos calibres de 60 e 81 m/m, este último já em serviço na tropa, onde os magníficos resultados alcançados nas simples demonstrações de tiro são por todos conhecidos.

Em vista destes resultados, afirma-se já sua superioridade como Art. de acompanhamento, parecendo-me porém exageradas *certas possibilidades* particularmente atribuídas à sua granada de grande capacidade.

Numa demonstração a que assisti, verifiquei os efeitos de destruição contra um abrigo a céu aberto com esta granada, de fato formidáveis. — Nesta ocasião, explorando os resultados alcançados, foi afirmado ser o seu efeito superior ao da granada de 105 m/m da Art., *principalmente* para o caso de cobertura de brechas nas redes de arame, para o que bastariam 30 granadas para se obter uma brecha de 12 mts. x 12 mts. — Julgando tal efeito exagerado, mormente se o compararmos com o consumo que se exigiria da Art. de 75 ou mesmo do 105, procurei-me esclarecer melhor sobre a veracidade de tais possibilidades, não o conseguindo porém aqui na "Provincia".

Recorro agora à *Seção de Consultas* da A DEFESA NACIONAL para que me esclareça devidamente o assunto.

Caso seja positiva a afirmação desta possibilidade, desejaria saber como se explica a obtenção deste efeito, e bem assim, se não seria o caso de empregarmos sistematicamente o Morteiro com a granada de grande capacidade, em vez de Art., para a abertura de brechas nas redes de arame.

## RESPOSTA

A primeira vista parece realmente exagerado que se possa obter na abertura de brechas nas redes de arame, com a granada de grande capacidade do morteiro de 81 m/m um resultado deveras surpreendente se o compararmos com o que seria obtido com a Art.

E' preciso porém pôr a questão nos verdadeiros termos.

Vejamus primeiramente a questão da distância.

Os dados que citou, se referem à distância de 700 mts., conforme indicação do regulamento Francês sobre Morteiro. Não há indicação para as distâncias maiores, devendo porém o consumo estar em relação com a amplitude da dispersão correspondente à distância até ao máximo de 1500 mts. obtido com a granada de grande capacidade.

Estas indicações do regulamento Francês foram comprovadas em uma demonstração realizada na Escola das Armas, não deixando dúvidas sobre a sua exatidão.

Sendo fácil a instalação do Morteiro bem próximo à frente, não só devido à sua pouca vulnerabilidade comprada com a Art., como pela facilidade de desenfiamento consequente da grande curvatura de sua trajetória, não há inconveniente algum em levá-lo a frente para se obter uma boa distância de tiro.

A questão do remuniamento é que constitui ainda um problema a resolver. — A quantidade de granadas de grande capacidade conduzida no escalão e no T.C. não permitirá o emprêgo corrente dos Morteiros em tal mistér, pois não dispomos, e *não parece se ter ainda cogitado* das "chenillettes", para assegurar o seu remuniamento.

Afóra isto, o emprêgo dos Morteiros na abertura de brechas nas redes de arame é uma questão que merece tôda a atenção, se considerarmos ainda que este engenho não está sujeito à mesma usura do cano como o canhão, que deve ser poupado devido à nossa pequena dotação de Art..

\* \* \*

A granada de grande capacidade produz um surpreendente efeito de superfície que se deve às seguintes causas:

- sua forma e constituição;
- grande curvatura de sua trajetória;
- extraordinária sensibilidade de sua espoleta instânea.

Por sua forma *cilíndrica* alongada, sua constituição de paredes delgadas e forte carga de ruptura, a granada produz um pequeno número de estilhaços dotados de grande força viva, eficazes num raio de 250 mts., a cujo efeito se alia o sôpro considerável.

Devido à *grande curvatura da trajetória* os ângulos de queda são muito próximos de 90°, de sorte que os estilhaços lançados atuam em

tôdas as direções sôbre a rede de arame numa faixa sensivelmente paralela ao solo cuja espessura corresponde ao comprimento da granada.

Devido à *extraordinária sensibilidade de sua espoleta instantânea*, que funciona até mesmo ao contacto com a superfície d'água, grande parte dos estilhaços tem tal efeito rasante que permite decepar as estacas bem junto ao solo.

\* \* \*

Com a Art. será forçosamente necessário um maior número de granadas, bastando lembrar que a parte superior da *gerba* é quasi que inteiramente perdida porque não atuará sôbre a rede em virtude do pequeno ângulo de queda, comparado com o do Morteiro.

Várias opiniões poderão existir sôbre a conveniência ou não de se atribuir aos Morteiros a tarefa de abertura de bréchas nas redes de arame, sendo muito do nosso agrado que sejam aqui ventiladas.

No nosso entender não resta a menor dúvida que sua *cooperação* é aqui preciosa, mas isto não leva a concluir o seu *emprego sistemático* com prioridade sôbre a Art.. À esta sim, cabe normalmente tal tarefa, não só por dispôr de maior número de peças, como também pela questão da distância e maiores facilidades de remuniamento em comparação com os Morteiros que têm ainda êste problema a resolver. Uma vez solucionado seu remuniamento com a utilização das "chenillettes", bem maior poderá ser esta cooperação, com apreciável economia tanto em material (canhões) como em munição, e quiçá em tempo.

Os Mrts. poderão então *cooperar* inicialmente atrás da *Base de Partida* sôbre as rêdes, no limite de seu alcance. Contra as mais afastadas caberá unicamente à Art.

A cada arma cabe uma tarefa distinta, o que não impede que elas se completem, quando possível.

**OBSERVAÇÃO** — A Art. de acompanhamento aqui citada, refere-se à que era posta à disposição da Inf. com a missão de acompanhamento, papel hoje desempenhado pelos Morteiros.

(1) — A denominação de granada de *grande potência* parece aliás mais acertada que a de *grande capacidade*.

#### CONSULTA N.º 4

Pode, Sr. Redator, parecer estranho que eu, um oficial, venha fazer estas perguntas:

- 1.º — Qual o fim da defensiva?
- 2.º — Quais são as características essenciais da defensiva?

Mas se bem compreender o ponto de vista em que me coloco, o Sr., que certamente tem lidado bastante com estes assuntos, vai atender a minha curiosidade.

Não havendo cursado a E. de Armas, mas procurando sempre ficar ao par do que se passa atualmente no mundo e do que estabelecem os nossos regulamentos, estou inclinado a relegar para plano secundário tudo que diz respeito a defensivas e pensar, apenas, nas ações ofensivas. Mas, tenho receio de errar.

E' neste estado de espirito que recorro à "A DEFESA NACIONAL".

#### RESPOSTAS:

##### 1.<sup>a</sup> — *Objetivo da Defensiva:*

— *Repetir os ataques do inimigo, mantendo a integridade do terreno confiado ao defensor.*

A defensiva é, pois, uma manobra que permite ao comando economizar efetivos e material numa parte da frente para impulsionar mais vivamente, noutra parte, as operações ofensivas — únicas capazes de garantir inteiro sucesso. (Princípio da Economia de Forças).

Vale dizer: A defensiva deve ser considerada um "meio", um "recurso" e não um fim, porque não promove, por si só, a destruição completa das forças inimigas, finalidade esta indispensável à obtenção da Vitória.

Em suma, a defensiva é uma manobra preconcebida, portanto fraca, perante o adversário que desfruta a iniciativa das operações.

##### 2.<sup>a</sup> — *Características essenciais da Defensiva:*

Uma vez definido o terreno a defender, a manobra defensiva repousa:

- numa sábia escolha da Posição a defender;
- num bom emprêgo dos Fogos;
- numa judiciosa Organização do Terreno;
- no emprêgo rápido das Reservas;
- num fácil Exercício do Comando.

Desde logo, surgem as seguintes perguntas subsequentes:

- 1.<sup>a</sup> — Como escolher a Posição defensiva?
- 2.<sup>a</sup> — Como organizar os Fogos?

- 3.º — Como organizar o Terreno?  
 4.º — Em que consiste o emprêgo das Reservas?  
 5.º — Como garantir o Exercício do Comando?

## RESPOSTAS:

- 1.º — *Escolha da posição a defender:*  
 (1.º ato da defensiva)

O defensor, Comandante de D.I., tendo recebido do Comando do C. Ex. (ou do Ex.) a porção do terreno deante do qual ficou decidido deter o adversário, seu primeiro cuidado é definir, com nitidez, os limites anterior e posterior da P.R. (Posição de Resistência); isto é, dar aos comandos subordinados o traçado geral da L.P. (Linha Principal) e da L. D. (Linha de Deter), se fôr o caso, também de *diagonais*, sem que, no entretanto, isto implique numa disposição linear das forças.

A *escolha da posição* repousa na missão confiada à Grande Unidade (direção a barrar, observatórios a manter); deve, além disso, pressupôr um estudo *metodico do terreno* tendo em vista aproveitar tôdas as vantagens que o mesmo oferece, principalmente:

- quanto aos *fogos*, que detêm todo avanço;
- quanto aos *obstáculos*, que detêm ou atrazam o inimigo (engenhos blindados, etc.);
- quanto aos *observatórios*, que permitem estar informado sôbre a atividade do adversário e desencadear, a tempo, os fogos;
- quanto às *cobertas* importantes e às *comunicações desenfiadas*, que permitem, mesmo em pleno dia, *sustentar o combate* na sua fôrma estática (munições, reforços) e desencadear a ação dinâmica da defensiva: o *contra ataque*.

- 2.º — *Organização dos Fogos:*  
 (2.º ato da defensiva).

“A defesa é o fogo que detem”.

Esta, a *idéia diretriz do problema defensivo*.  
 Então, o segundo ato essencial do defensor consiste em organizar uma *rede de fogos poderosos*, profundos e eficazes, em coordená-los, ajustá-los, com o intento de bater o inimigo desde o limite útil do alcance das armas e cuja eficácia aumentará até o momento em que o inimigo inicie o ataque à P.R., deante da qual e no interior da qual a *continuidade de fogo* estará plenamente realizada.

A peça mestra do sistema é então constituída pela *barragem geral*, em que participam: — a grande maioria das armas automáticas, tôda a artilharia e entra como complemento uma *barragem principal contra engenhos blindados* conjugada com obstáculos e campos de minas.

### 3.º — Organização do Terreno:

“Uma sábia utilização do terreno é a única base firme do em-  
prêgo tático de tôdas as unidades de infantaria”.

A eficácia dos fogos depende, em grande parte, do terreno. Este deve ser reconhecido, utilizado e organizado para proporcionar a defesa:

- campos de tiro extensos;
- observatórios;
- obstáculos, de modo a atrazar e manter o inimigo, por muito tempo, debaixo dos fogos da defesa.

Quando o inimigo ataca empregando engenhos blindados (carros), o obstáculo natural ou artificial, assume maior importância. Em certos casos, não se hesita mesmo em sacrificar a extensão do campo de tiro da infantaria pela utilização dum obstáculo.

Procura-se combinar os obstáculos artificiais com os naturais de modo a crear *pontos de apôio* impenetráveis aos carros, nos quais se concentram as armas da defesa; os *corredores de passagem obrigatória* existentes entre os *pontos de apôio*, serão batidos por todos os fogos contra-carros disponíveis e pela artilharia.

— Enfim, ainda como elemento importante a aproveitar no terreno, apontam-se as *cobertas e abrigos*, que protegem o defensor contra as vistas e os fogos.

E como não existe terreno ideal que apresente, simultaneamente, tôdas essas vantagens, será preciso organizá-lo; isto é, “modificar artificialmente, pelo menos em parte, suas propriedades e as condições de sua utilização”.

### 4.º — Jogo das Reservas:

No decorrer do combate os sistemas de fogos que devem deter o inimigo podem tornar-se deficientes (destruição, neutralização do pessoal, do material).

Cabe então, às *reservas* dispostas prèviamente no terreno:

- tanto restabelecer a continuidade do fogo numa parte da frente;
- quanto retomar o terreno perdido (contra-ataque).

5.ª — *Exercício do Comando:*

Finalmente, os chefes de todos os escalões, maximé os da infantaria, ocupam P.C. (postos de comando) abrigados em Pontos de Apóio, donde, por meio duma rede de observação e doutra de transmissões (esta enterrada), fazem sentir sua ação.

Releva frizar, neste ponto que, para comandar é indispensável para todo Chefe, um completo e permanente *plano de observação*, servido por uma *rede de transmissões segura*. Do contrário, sem observação, e sem transmissões, o chefe ficará *cego e paralizado*.

## C. I. SOUZA NOSCHESI S/A

Fabricantes de aparelhos sanitarios e domesticos

**RUA JULIO RIBEIRO, 243**

Telegramas: FUNDIÇÃO — CAIXA POSTAL, 920

TELS. 3-1519 VENDAS — 3-3450 GERENCIA — 3-1329 COMPRAS

LOJA: RUA MARCONI, 28 — FONE 4-8976 — S. PAULO

Filial: Santos - Rua João Pessoa, 130 - Tel. 2055 — Filial: São Paulo - Rua Oriente, 497 - Tel. 3-3057

### Representantes

CATOIRA & CIA,  
R. GENERAL CAMARA, 134  
Ed. Teleg. NO-CHESE  
RIO DE JANEIRO

G. NASCIMENTO  
RUA BAIA, 1052  
End. Teleg.: NASCIMENTO  
BÉLO HORIZONTE

## ATOS OFICIAIS DO MINISTÉRIO DA GUERRA

De 20 de Maio a 20 de Junho de 1941

### AERONÁUTICA — (nova denominação)

As Forças Aéreas Nacionais passam a se denominar "Forças Aéreas Brasileiras".

(Dec. Lei n.º 3.302, de 22-V-1941 — D. O., de 24-V-1941).

### ALISTADOS E SORTEADOS — (incapazes)

Os alistados e os sorteados convocados que antes de serem incorporados forem, por junta militar de saúde, julgados incapazes definitivamente para o serviço militar, devem receber, um documento declarando-os isentos definitivamente do serviço militar. A tais indivíduos não se fornecerá certificado de licenciamento militar.

(Aviso n.º 1.548, de 17-V-1941 — D. O., de 23-V-1941).

### BATALHÕES DE CAÇADORES (transferência)

Os 2.º e 22.º Batalhões de Caçadores, a partir de 1.º de agosto próximo e até decisão ulterior, ficarão sem efetivo.

II — São transferidos, naquela data para o 15.º Regimento de Infantaria todos os elementos (oficiais, praças, armamento, animais e materiais diversos), pertencentes àqueles batalhões.

III — O arquivo do 22.º Batalhão de Caçadores será mantido em local a ser determinado pelo comandante da 7.ª Região Militar e o do 2.º, a juízo do comandante do 15.º Regimento de Infantaria, deverá ser recolhido à 1.ª Região Militar.

### BRIGADA MIXTA — (Cria)

É criada, a partir de 1.º de Julho do corrente ano, a Brigada Mixta com sede em Aquidauana e subordinada à 9.ª Região Militar, compreendendo os 10.º e 11.º Regimentos de Cavalaria Independente e o 1.º e 5.º Regimento de Artilharia de Divisão de Cavalaria, sendo o seu Comando exercido por Coronel de Cavalaria.

(Dec. n.º 3.312 de 26-V-941 — D. O. de 28-V-941).

### CAIXA GERAL DE ECONOMIAS DA GUERRA — (Conselho Superior)

O Conselho Superior da Caixa de Economias da Guerra, é constituído dos seguintes membros permanentes:

Ministro da Guerra, presidente;

Diretor do Serviço de Intendência do Exército, tesoureiro e diretor da C. G. E. G.;

Diretor do Serviço do Material Bélico do Exército;

Diretor do Serviço de Engenharia do Exército;

Diretor do Serviço de Saúde do Exército;

Diretor de Moto-Mecanização;

Um secretário, o oficial intendente do que trata o Regulamento do Gabinete do Ministro da Guerra, sem direito a voto.

(Dec. n.º 7.190 de 16-V-941 — D. O. de 22-V-941).

### CIRCUNSCRIÇÃO DE RECRUTAMENTO — (criação)

Fica criada, com sede em Santa Maria (Rio Grande do Sul), a 9.ª C. R.

(Dec. Lei n.º 7.392, de 12 — D. O. de 16-VI-941).

### CODIGO DE JUSTIÇA MILITAR — (recomendação)

Tendo em vista não retardar a ação da Justiça foi recomendado pelo Sr.

Membro:



- a) nenhuma transferência será permitida, para um mesmo oficial, por mais de 2 anos consecutivos;
- b) que, nos casos de conveniência pessoal, qualquer que seja o motivo, a transferência só poderá ser concedida pelo prazo de um ano, perdendo definitivamente o direito à matrícula o oficial que precisar de prazo maior. (Aviso n. 1.324 de 22-V-1941 — D. O. 24-V-1941).

#### ESCOLA TÉCNICA DO EXERCITO — (Oficiais da reserva).

Os Oficiais e Aspirantes da reserva que se matricularem na E.T.E. não perderão seu posto ou graduação, não serão convocados nem nomeados Aspirantes a Oficial estagiários e perceberão os vencimentos fixados no Decreto-lei n. 3.290, de 16 de Maio de 1941. (Aviso n. 1.829 de 14-VI-1941. Diário Oficial de 18-VI-1941).

#### FORÇAS AÉREAS BRASILEIRAS — (Uniformes).

O Diário Oficial n. 130, de 14-VI-1941, publica o Decreto-lei n. 3.323, de 30-V-1941, que aprova o Plano dos Uniformes para uso exclusivo dos oficiais e praças das Forças Aéreas Brasileiras.

#### FORTE DE GRAGOATÁ — (entrega).

Tendo sido resolvida a instalação do Monumento e Museu da Fundação da República, no antigo Forte de Gragoatá, foi autorizada a entrega do mesmo ao Interventor Federal do Estado do Rio de Janeiro, sob cuja direção ficarão os trabalhos referentes àquela instalação. (Nota n. 328, de 4-VI-1941 — D. O., de 6-VI-1941).

#### FUNCIÓNARIOS CIVIS — (Regulamentos das Repartições militares).

O funcionalismo civil, no momento, tem os seus direitos e vantagens, deveres e responsabilidades, regulados pelo Decreto-lei n. 1.713, de 28 de Outubro de 1939, que aprovou o Estatuto dos Funcionários Públicos Civis da União; e o pessoal extranumerário, do mesmo modo, tem a sua situação definida pelo Decreto-lei n. 240 de 4 de Fevereiro de 1938, combinado com o de n. 1.909, de 26 de Dezembro de 1939.

Os regulamentos, portanto, das repartições e estabelecimentos deste Ministério, no tocante ao pessoal civil, não deverão conter disposições que colidam com as leis básicas, nem tampouco, quaisquer outras que contrariem o sistema adotado pela lei n. 284, de 28 de Outubro de 1936.

Fica determinado, portanto, que na revisão dos projetos de leis, regulamentos, etc., não se mencionem dispositivos contrários à orientação trazida em as referidas leis, evitando-se, destarte, discordâncias e conflitos possíveis. (Aviso n. 1517, em 2-6-941 — D.O. de 2-6-941).

#### GRUPOS DE REGIÕES MILITARES — (reorganiza).

Os Grupos de Regiões Militares passam a ter, a partir de 1º de Julho do corrente ano, a seguinte organização:

1º Grupo — 6ª e 7ª R. M.

2º Grupo — 3ª e 5ª R. M.

3º Grupo — 1ª, 2ª e 4ª R. M.

(Decreto Lei n.º 3.314 de 26-V-941 — D. O., de 28-V-1941).

#### INQUÉRITO POLICIAL MILITAR — (recomendação).

Ministério da Guerra — Rio de Janeiro, 11 de Junho de 1941. Aviso n. 1.793 — Just. 1 — Tendo em vista não retardar a ação da justiça, recomendo:

- a) que as autoridades referidas no art. 115 do Código de Justiça Militar, exijam dos encarregados de inqueritos policiais militares a inteira observância das disposições do citado código, referentes à organização desses

processos (Capítulo I, Título, I, segunda parte); e, bem assim, feitas as necessárias adaptações, das do Formulário do Processo Criminal Militar; b) que os comandantes de Região e autoridades equivalentes, façam com que sejam rigorosamente observadas as disposições do art. 18 § 1º, do mesmo código, quanto à nomeação, no início de cada trimestre, dos Conselhos de Justiça, nos corpos, formações ou estabelecimentos. Aviso n. 1.793, de 11 — D.O., de 14-VI-1941).

#### OFICIAIS DA 2ª CLASSE DA RESERVA — (selo).

Os oficiais da 2ª classe da reserva do Exército ficam isentos do pagamento do selo por motivo de nomeação ou promoção. (Decreto-lei n. 3345 de 12-VI-1941 — D.O., de 16-VI-1941).

#### LOCAÇÃO DE CASAS PARA RESIDENCIA DE OFICIAIS — (diretivas)

O Diário Oficial de 6-VI-1941, publica na íntegra as diretivas para a locação de casas destinadas à residência de oficiais, aprovadas pelo Aviso n. 1.690, de 4-VI-1941).

#### OFICIAIS DA RESERVA — (Propostas).

As propostas de nomeação e promoção para ingresso nos quadros de oficiais da reserva devem ser acompanhadas dos seguintes documentos:

- a) certidão de registo do diploma (quando for o caso) nas repartições competentes;
- b) certidão de nascimento, de inteiro teor (*De verbo ad verbum*);
- c) atestado de profissão para verificar-se se ela é compatível com a situação de oficial do Exército. Esse atestado pode ser passado pela repartição ou estabelecimento onde servir o candidato ao oficialato e, no caso de não ser funcionário, por oficial do Exército ou da Armada, da ativa ou da reserva, ou ainda por pessoa de absoluta idoneidade a critério do comandante da Região Militar;
- d) fôlha corrida, passada pela Polícia Civil, no caso do proposto ser civil;
- e) caderneta de reservista (quando for o caso), fôlha de alterações ou certidão de assentamentos;
- f) cópia da ata de inspeção de saúde;
- g) certificado de comandante de pelotão (seção), quando for o caso;
- h) informação do comandante do corpo de tropa, formação de serviço ou chefe do estabelecimento militar onde estagiou o candidato, declarando que o proposto estagiou com aproveitamento. Esta informação será dispensada desde que na proposta do comandante da Região Militar conste a aludida declaração.

2 — Os documentos constantes das letras a, b, c e d devem ser exigidos e apreciados antes da concessão do estágio.

3 — Ficam sem efeito os avisos ns. 177, de 12 de Abril de 1932 e 3.064 de 9 de Agosto de 1940.

— (Aviso r. 1.519, de 17-5-941 — D.O. de 23-5-941).

#### ORDEM DO MÉRITO MILITAR — (nomeação).

Foram nomeados para o Quadro Ordinário do Corpo de Graduados Especiais dessa Ordem os seguintes oficiais do Exército Francês:

— com o grau de "Grande Oficial", o General de Divisão Renné Chadebec de Lavalade;

— com o grau de "Oficial" o Tenente Coronel Pierre Gaussoit;

— com o grau de "Cavaleiro", o Major François Pettier. (Diário Oficial de 16-VI-1941).

## PROFESSORES — (gratificação).

Em solução a uma consulta do Chefe do Serviço de Fundos da 1ª R.M., declara o Sr. Ministro:

a) ao oficial, professor em comissão, no exercício de função para duas disciplinas militares diferentes ou para a mesma em duas séries de curso, de modo a constituir duas aulas distintas, devem ser abonadas duas gratificações;

b) O abono dessas gratificações só é devido a partir do dia da posse do exercício das funções e durante o exercício efetivo das aludidas funções. (Aviso n. 1.795, de 11-VI-1941 — Bol. Int. n. 136, de 13 de Junho de 1941, da S.G.M.C.).

## PROMOÇÃO DE OFICIAIS — (merecimento).

— Por Decreto de 24 de Maio findo, foram promovidos, pelo princípio do merecimento, os seguintes oficiais:

*Arma de Infantaria.*

A Coronel os Tenentes Coronéis Gontran Jorge Pinheiro Cruz e Paulo de Figueiredo;

A Tenente Coronel os Majores Alcides Montenegro Maciel, Eloi da Camara Catão, Alfredo Mena Barreto Ferreira Filho, Liberato da Cruz Barroso e Alexandre José Gomes da Silva Chaves;

A Major os Capitães Severino Antonio da Cunha, Benjamin Arcoverde de Albuquerque Cavalcante, Raimundo Fabricio Ferreira Parga e Adueto Castelo Branco Vieira;

*Arma de Cavalaria*

A Coronel os Tenentes Coronéis João Teodureto Barbosa e Coriolano de Andrade;

A Tenente Coronel os Majores Joaquim Ribeiro Dutra, Ciro Riopardense de Rezende e Misael Cavalcante de Assunção;

A Major os Capitães Frederico Leopoldo de Silva e Oromar Osorio.

*Arma de Artilharia*

A Coronel os Tenentes Coronéis Zeno Estilac Leal, João Carlos Barreto e Nicanor Guimarães de Souza;

A Tenente Coronel os Majores Sebastião Claudino de Oliveira Cruz, Rodrigo José Mauricio, Francisco Afonso de Carvalho, Otávio da Luz Pinto, Djalma Dias Ribeiro, Geraldo do Camino, Leony de Oliveira Machado, Joaquim Justino Alves Bastos e Delso Mendes da Fonseca;

A Major os Capitães Edgard Alvares Lopes, Aluizio de Miranda Mendes, João da Costa Braga Junior e João Garcez do Nascimento.

*Arma de Engenharia*

A Tenente Coronel os Majores Ari Maurel Lobo e Alberto Seggiario;

A Major os Capitães Alcir de Paula Freitas Coelho e Carlos Berenhauser Junior.

## QUADRO DE INTENDENTES DO EXÉRCITO.

A Coronel o Tenente Coronel Alcebiades Ribeiro dos Santos;

A Tenente Coronel o Major Benedito Cesar Rodrigues.

## REGIMENTO DE INFANTARIA — (organização).

— É organizado, para instalação a partir de 1º de Julho do corrente ano, o 14º Regimento de Infantaria, com sede em Recife.

(Decreto-lei n. 3.315 de 26-V-1941 — D.O., de 28-V-1941).

— É organizado para instalação a partir de 1º de Agosto do corrente ano, o 15º R.I., com sede em João Pessoa, Estado da Paraíba.

(Decreto-lei n. 3.334, de 6-VI-1941 — D.O., de 9-VI-1941).

**REGIMENTO OSORIO — (Estandarte).**

E' criado o estandarte distintivo para o Regimento Osorio (3º R.C.E.) de acôrdo com o modelo publicado no D.O., de 29-V-1941.

**REGULAMENTO PARA OS EXERCÍCIOS E O COMBATE DA CAVALARIA.**  
(Título — VI).

O Diário Oficial de 11-VI-1941, publica o Regulamento para os exercícos e o combate da Cavalaria, aprovado pelo Decreto n. 7.166 de 12-V-1941).

**REQUISICÃO DE PASSAGENS — (Litorina).**

Os Comandantes de unidades, diretores e chefes de serviço, que tem autorização para requisitar passagens não deverão fazê-lo d'ora avante, para viagens em "Litorina". (Aviso n. 1.578, de 28-V-1941 — Diário Oficial, de 28-V-1941).

**SECRETARIA GERAL DO MINISTÉRIO DA GUERRA — (Regulamento).**

O Diário Oficial de 24-V-1941, publica na íntegra o Decreto-lei n. 7.182, de 14-V-1941, que aprova o Regulamento para a Secretaria Geral do Ministério da Guerra.

**SERVIÇO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO EXÉRCITO — (Interrupção de curso).**

Atendendo à deficiência de oficiais engenheiros geógrafos para os levantamentos que vão ser efetuados no norte do país, fica o Serviço Geográfico e Histórico do Exército autorizado a interromper o Curso de Geodésia e Topografia de que trata o Decreto 3.055 de 14 de Fevereiro de 1941, e o Aviso 629 de 4-III-1941 a-fim de aproveitar os professores e alunos em trabalhos de campo.

A oportunidade desta medida fica a cargo do Diretor do Serviço Geográfico. (Aviso n. 1.725, de 6-VI-1941 — D.O., de 10-VI-1941).

**SERVIÇO MILITAR — (Quitação).**

Para fins de prova de quitação com o Serviço Militar, determina o Sr. Ministro:

a) que os comandantes de corpos de tropa e formações de serviço forneçam às praças engajadas ou reengajadas, candidatas à inscrição em concurso para provimento de cargos, uma declaração de que a qualquer momento poderão obter o certificado de reservista;

b) os diretores dos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva forneçam os alunos que concluírem o primeiro ano com aproveitamento, uma declaração de que este Ministério nada tem a opor a que sejam admitidos como funcionários. Esta declaração só será válida durante o ano civil em que for passada e deve ser dirigida ao chefe da repartição ou serviço em que o aluno pretenda ser admitido ou ter exercício. Nesse documento deverá constar o prazo de sua validade.

Fornecida tal declaração, os diretores dos C.P.O.R. comunicarão o fato, incontinenti, ao Chefe da C.R. interessada.

Se o aluno for excluído do C.P.O.R. sem ser por terminação do respectivo curso, cabe ao seu diretor, sob pena de responsabilidade, comunicar imediatamente o fato ao chefe a que tenha sido dirigida a declaração, a-fim de ser esta tornada sem efeito.

Fica sem efeito os avisos r.s. 289, de 12 de Maio de 1937, e 691, de 19 de Fevereiro de 1940. — Aviso n. 1589 de 27-5-941 — D.O., de 29-5-941).

**SÓLDADOS CASADOS — (Licenciamento).**

Os Comandantes de Região são autorizados a mandar licenciar os soldados casados logo que sejam declarados mobilisáveis, e, se tiverem sido réus

do crime de insubmissão, depois que a respectiva sentença passar em julgado. (Aviso n. 1.828, de 14 — D.O., de 18-VI-1941).

**UNIFORME — (Alteração).**

E' autorizado o uso, no boné militar — verde oliya, cinza ou do 1º uniforme — da pala de seis (6) centímetros de comprimento, formando com a cinta um ângulo de 130º e cobrindo uma area de 0,24. (Aviso n. 1.692, de 4-VI-1941 — D.O., de 6-VI-1941).

**UNIFORME DA AERONÁUTICA — (Plano).**

O Diário Oficial de 14-VI-1941, publica o plano dos Uniformes exclusivo dos Officiais e praças da Fôrça Aérea Brasileira.

**VANTAGENS**

As guarnições de S. Luiz do Maranhão e Teresina que, em face do Decreto-lei n. 3.310, de 20-V-1941 deixaram de pertencer a 8ª Região Militar, continuam a fazer jús às vantagens de que trata o Decreto-lei n. 2.959, de 17-I-1941. (Decreto-Lei n. 3.322 de 30-V-1941 — D.O., de 2-VI-1941).

### PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A DEFESA NACIONAL recebeu, no periodo de 20 de Maio a 20 de Junho, as seguintes publicações:

“Revista Militar del Peru”, ns. 2 e 3 — Fevereiro e Março de 1941 Lima; “Revista Militar”, n.º 3 — Março de 1941 — Lisboa, Portugal; “Revista del Circulo Militar”, ns. 1 e 2 — Janeiro e Fevereiro de 1941 El Salvador — America Central. “Liga Maritima Brasileira”, n.º 406, Abril de 1941 — Rio. “Revista Municipal de Engenharia”, n.º 2 — Março de 1941 — Rio. “A Aspiração”, n.º 1, Maio de 1941 — Colegio Militar, Rio. “Memorial del Ejército de Chile”, n.º 173, Março e Abril de 1941, Valparaiso, Chile. “Revista de las Fuerzas Armadas”, n.º 3 — Março de 1941, Paraguai. “Tradição”, n.º 99, Maio de 1941, Rio. “Revista del Suboficial”, n.º 267, Maio de 1941, Buenos Aires, Republica Argentina. “Tiro Nacional del Peru”, n. 124, Fevereiro, Março e Abril de 1941, Lima, Peru. “Liga Maritima Brasileira”, n. 407, Maio de 1941, Rio. “Nação Armada”, n.º 19, de Junho, Rio.

# O Problema Siderúrgico Nacional

Neste momento patriótico em que a opinião pública vem prestando a máxima atenção sobre os benefícios que advirão para o Brasil da criação da grande usina Siderúrgica de Volta Redonda, — constituiria flagrante injustiça não acentuar a valiosa contribuição das empresas privadas para o desenvolvimento da indústria de ferro em nosso país.

Várias vezes tem esta Revista procurado fixar de maneira perfeitamente clara dois aspectos da questão: o volume de produção das usinas siderúrgicas já existentes no país, o consumo nacional de artefatos de ferro, e, as possibilidades immensas que se descortinam para o Brasil com o crescimento intensivo da produção siderúrgica.

Referindo-nos à contribuição da indústria privada não poderíamos deixar de relembrar, embora de maneira sintética a obra notável realizada, num prazo relativamente curto, pela Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira.

— Reportando-nos as cifras consignadas em Brasil 1939-1941, publicação do Ministério das Relações Exteriores, verifica-se a posição de destaque que aquela empresa ocupa no parque siderúrgico nacional.

As empresas produtoras de ferro-guza, aço e laminados possuem um capital total de 300.329 contos de réis, para o qual concorre a Belgo-Mineira com 143.597\$000, ou seja cerca de 50 %.

A produção de ferro guza da Belgo-Mineira evoluiu da seguinte forma, no quinquênio 1935/1939:

1935 - 25.594 toneladas; 1936 - 29.518 toneladas; 1937 - 36.296 toneladas; 1938 - 53.271 toneladas, e, 1939 - 72.452 toneladas. O total da produção nacional de ferro guza foi em 1939 de 148.326 toneladas, tendo sido a contribuição da Belgo-Mineira, para aquele total, de pouco menos de 50%.

A produção de aço e laminados também cresceu de maneira auspiciosa nas usinas daquela empresa, no quinquênio em exame:

AÇO: 1935 - 25.935 toneladas; 1936 - 30.811 toneladas; 1937, 31.290 toneladas; 1938 - 40.653 toneladas; 1939 - 59.155 toneladas.

**FERRO LAMINADO:** 1935 - 23.023 toneladas; 1936 - 28.886 toneladas; 1937 - 30.054 toneladas; 1938 - 35.125 toneladas; 1939 - 40.787 toneladas.

Graças ao esforço da iniciativa privada, do qual as cifras referentes à produção das usinas da Belgo-Mineira nos dão aspectos bem nítidos, tem sido possível ao Brasil satisfazer uma série de necessidades indispensáveis ao seu progresso sem ser obrigado a recorrer aos mercados externos.

Embora pequena ainda e menor se a considerarmos em cotejo com as imensas possibilidades do progresso nacional, a indústria siderúrgica existente prestou tão assinalados serviços ao país, que ela se tornou, indiscutivelmente, credora da gratidão e da admiração do nosso povo.

Se não tivesse sido a audácia e o espírito público dos pioneiros que construíram usinas como as da Belgo-Mineira, em Monlevade, estaríamos atravessando uma fase de terríveis dificuldades, dada a carência de cambiais para adquirir manufacturados de ferro nos mercados estrangeiros.

São os pioneiros da indústria siderúrgica em nosso país que demonstraram de forma objectiva a possibilidade da transformação económica dos nossos minerios em aço, ferro laminados e artigos de toda a sorte.

Com uma paciência beneditina, eles foram instalando as usinas, resolvendo problemas técnicos relevantes, entre os quais releva notar o referente ao abastecimento de combustível e ao reflorestamento das áreas devastadas, promovendo a formação de um operário especializado para se libertarem da mão de obra estrangeira. Mas não bastavam paciência e audácia. Era preciso que eles estivessem ungidos de um largo espírito público, porque só assim se lançariam numa indústria cheia de complexos problemas a resolver, mais fácil seria empregar dinheiro em "arranha-céus", com toda a tranquilidade e alto rendimento.

Num país onde o progresso material escasseia, por falta de espírito de iniciativa e pela terrível timidez dos capitalistas, um empreendimento como o que foi realizado pela Belgo-Mineira deve ocupar lugar destacado no apreço da opinião pública.

Graças àqueles que não tiveram medo de inverter capitais e energias em tais empreendimentos é que foi possível criar ambiente para uma obra de vulto da que o governo do Presidente Getúlio Vargas vai realizar em Volta Redonda.

A semente lançada à terra em Monlevade já deu frutos ótimos e a floração que se entreabre agora está cheia de promessas de dias mais prósperos e mais felizes para o Brasil.

# Técnicos de organização e administração

*O Concurso do Instituto Técnico de Organização e Controle (Serviços Hollerith S/A) no preparo de Técnicos nacionais*

Em nenhuma outra época da vida nacional o Brasil careceu tanto do concurso de técnicos, de organização, e administração como agora, nesta fase de sua reconstrução econômica e administrativa.

Em tempos não muito remotos tivemos várias comissões técnicas estrangeiras e contratados para organização de determinados serviços.

O desenvolvimento do comércio e das indústrias, passou porem, a exigir um maior organismo público-administrativo, e os técnicos brasileiros foram surgindo, uns pelo esforço próprio em estudos ou em viagens pela Europa e pela América do Norte, outros em missões oficiais de observação, e muitos agora, pelos cursos técnicos oficiais mantidos pelo Governo. Há porem a salientar-se nessa fase de evolução que o país atravessa, o concurso das instituições privadas, no preparo de técnicos nacionais de organização e administração pública e particular, difundindo os modernos métodos racionais do trabalho. Destacamos do relatório da diretoria do Instituto Técnico de Organização e Controle (serviços Hollerith S/A) publicado recentemente no Diário Oficial, o seguinte trecho sobre o seu Departamento de Educação:

“Numa Organização de caráter puramente técnico, que se desenvolve dia a dia, o nosso Departamento de Educação, subordinado ao presidente, tem o seu papel preponderante, não somente no preparo de elementos capazes de atender as responsabilidades assumidas pelos nossos serviços de prospecção, organização e execução, como também nas obrigações que hoje temos, de prestar nosso concurso ao desenvolvimento técnico em geral no país.

A medida que caminhamos aplicando os nossos sistemas em novos setores, a vasta trilha de realizações, que vamos

deixando, reflete-se como projetando ao longe a luz dos seus resultados e abrindo novos caminhos em um convite a novos empreendimentos.

Aos cursos que vinhamos mantendo e que trouxeram à nossa Organização e aos nossos clientes, novos técnicos, foram introduzidas em Julho de 1940, algumas alterações nos programas de mecanização, Organização e Administração. Convidamos para as preleções deste último, alguns dos mais acatados vultos do magistério superior e da administração do país que emprestam ao nosso Departamento de Educação, um verdadeiro caráter de extensão universitária.

Esses cursos, os mais importantes do nosso Departamento, porque visam o preparo de técnicos de organização e administração pública e particular, tiveram a elevada matrícula de 143 alunos, entre efetivos e ouvintes, e uma frequência média em cada aula de 80 a 160 alunos, atestando desses estudiosos, ávidos de novos conhecimentos, para o mês, o aprêço de tão escolhido auditório, e a tenacidade desses estudiosos, ávidos de novos conhecimentos, para o melhor desempenho de suas responsabilidades.

Foram proferidas, durante o ano, 93 palestras, por 18 professores. As instalações do aparelho amplificador de som, de um tradutor "International" — "Filene-Finlay" e de um projetor com tela especial, tornaram essas aulas ainda mais interessantes e mais proveitosas. Esses cursos, foram encerrados a 29 de Novembro, sendo distribuídos nessa ocasião, 117 diplomas de frequência e 29 prêmios aos alunos que revelaram maior assiduidade. Dos demais Cursos, o de Mecanização teve 114 matrículas, e foi encerrado a 6 de Dezembro, com a distribuição de 50 certificados. A nossa Escola de Mecânicos especializados diplomou nova turma de técnicos eletro-mecânicos para os equipamentos — "International" sistema Hollerith, que foram logo incorporados ao nosso quadro de pessoal para melhor assistência mecânica interna e externa.

As aulas de inglês, tiveram 121 matrículas, distribuídas entre principiantes e iniciados nesse idioma, sendo apreciável o número dos que o frequentaram até 15 de Agosto.

Pelo exposto, verifica-se o grande serviço social inteiramente gratuito que vem prestando o nosso Departamento de Educação, cujos programas para 1941 são ainda mais acurados, antevendo-se um êxito ainda maior no próximo ano letivo, pelo interesse que vem despertando ao grande número de candidatos".



Serviço especial para casamentos,  
batizados e banquetes.

Rua dos Romeiros n. 10 - B e 18 - A

Telefones 30-3073 e 30-1894

Penha — Rio de Janeiro

Marmores - Granitos - Marmorite

**Sociedade Marmifera Brasileira Ltda.**

End. Teleg. "MARLIBRADA" — Tel. 28-0532

Escritório - Oficinas e Depósitos RUA BELLA, 238

RIO DE JANEIRO

EDIFÍCIO PRÓPRIO

Redação e Administração:

**QUARTEL GENERAL DO EXÉRCITO**

Rio de Janeiro — Telefone: 43-6563

**EXPEDIENTE**

Diariamente das 14 às 18 horas.

O Gerente é encontrado diariamente das 14 às 17 horas.

**SECÇÃO DE INFORMAÇÕES**

"A Defesa Nacional" mantém uma secção de informações destinada a atender aos Snrs. Socios e Assinantes que servem fóra da guarnição do Rio-de-Janeiro.

a) Fornecer-lhes todas as informações solicitadas sobre interesses pessoais ou militares.

b) Fazer, mediante encomenda, a aquisição de objetos na praça do Rio-de-Janeiro.

**SECÇÃO DE PUBLICIDADE**

Director: Cel. Orozimbo Martins Pereira

Diariamente — das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas.

**CORRESPONDENCIA**

Tôda a correspondência relativa à Gerência deve ser remetida para a Caixa Postal 32, Ministério da Guerra. As colaborações deverão ser endereçadas ao Ten.-Cel. Djalma Dias Ribeiro, Caixa Postal, Ministério da Guerra, ou Escola de Estado Maior - Praia Vermelha, Rio-de-Janeiro.

**P R E Ç O S**

Officiais e sub-tenentes . . . . .	}	ano . . . . .	30\$000
		semestre . . . . .	15\$000
Sargentos . . . . .	}	ano . . . . .	25\$000
		semestre . . . . .	14\$000

Os assinantes avulsos, caso desejem que a revista siga registrada, e os assinantes do estrangeiro, devem pagar mais 2\$400 por semestre.

Os officiais que desejarem ser socios de "A Defesa Nacional", deverão pagar uma joia de 50\$000 de uma só vez ou em diferentes prestações durante um ano comercial.

**Colaboram neste numero:**

General Klinger  
Ten.-Cel. Floriano de Lima Brayner  
Ten.-Cel. Alcindo Nunes Pereira  
Major Nilo Guerreiro  
Major Olympio Mourão Filho  
Major Xavier Leal  
Major Ivano Gomes  
Major Arthur Carnáuba  
Major F. D. Ferreira Portugal  
Major Carlos Coelho Cintra  
Cap. Luiz de França Oliveira  
Cap. A .C. Moniz de Aragão  
Cap. José Horacio Garcia  
1.º Ten. Umberto Peregrino  
1.º Ten. Moacir Potiguara  
1.º Ten. Aarão Bemchimol  
1.º Ten. Glimesdes Rego Barros  
2.º Ten. Ferdinando de Carvalho  
2.º Ten. José Carlos Moreira  
2.º Ten. L. F. C. Wiedmann



Defesa Nacional

4\$000

RIO DE J

AD

10 DE A  
1 9